HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

TOMO 1

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 1
Rio de Janeiro e Minas Gerais

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 1

Coordenador Regional – RJ e MG
Geraldo Luiz Nery da Silva

Assessor
Aurelio Cordeiro da Fonseca

Capa:
Murillo Machado

Revisão:
Andreza Tarragô
Ellis Pinheiro
Léa Maria da Costa Serpa
Maria Emilia Cordeiro da Fonseca
Nelsimar Moura Vandelli
Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
304 p. – (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: T.1 – Rio de Janeiro e Minas Gerais / Coordenador Regional : Geraldo Luiz Nery da Silva
ISBN 85-7011-298-X

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. 1. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Silva, Geraldo Luiz Nery da, coord. regional. III. Título: Rio de Janeiro e Minas Gerais. IV. Série.

CDD 940.540981

Os textos contidos neste primeiro Tomo sobre a Segunda Guerra Mundial referem-se às dezoito primeiras entrevistas realizadas no período de 26 de janeiro a 23 de maio de 2000, na Coordenadoria do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

Apresentação 7
Considerações Metodológicas 11

ENTREVISTAS

Marechal Waldemar Levy Cardoso 21
General-de-Exército Rubens Mário Brum Negreiros 31
General-de-Divisão César Montagna de Souza 45
General-de-Divisão Domingos Ventura Pinto Júnior 51
General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos 67
General-de-Divisão Médico Geraldo Augusto D'Abreu 81
Major-Brigadeiro-do-Ar Rui Barbosa Moreira Lima 95
General-de-Brigada Plínio Pitaluga 141
General-de-Brigada Helio Duarte Pereira de Lemos 157
General-de-Brigada Helio Richard 169
Coronel Francisco Ruas Santos 187
Coronel José Ribeiro de Miranda Carvalho 193
Coronel Amerino Raposo Filho 195
Coronel Sérgio Faria Lemos da Fonseca 219
Coronel Helio Mendes 231
Coronel Júlio de Pádua Guimarães 247
Coronel Moacir Véras 267
Coronel Sérgio Gomes Pereira 281

Glossário 299

Apresentação

Ao perpassar dos séculos, desde as mais remotas origens de nosso Exército, vêm se acumulando registros de inúmeros episódios relevantes de sua existência, reproduzidos maiormente em estudos, relatórios, informações, partes, planos, ordens, etc. Assim, ao longo de todos esses anos, criou-se significativo acervo documental, hoje ciosamente preservado em grande número de arquivos, bibliotecas e museus. Esplêndido manancial, fonte inesgotável de importantes relatos históricos dos quais pode-se produzir conhecimento racional, uma análise crítica, através da exposição lógica dos acontecimentos e de vidas do passado.

Entretanto, exceto em poucas e, às vezes, frustradas tentativas, não se logrou obter uma construção do passado "pautada em emoções e vivências", lembranças de eventos rememorados à luz da experiência acumulada e das motivações atuais. O depoimento oral teria sido, há mais tempo, outro valioso instrumento à disposição de quantos se interessassem pela riqueza da história da Força Terrestre.

Nas últimas décadas, a partir da década de 1970, passam a ocorrer profundas transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica, com o resgate das experiências individuais e a exaltação das situações vividas em seus aspectos mais singulares. Revaloriza-se, assim, o papel do sujeito na história, creditando-se novos significados aos depoimentos, testemunhos e cortes biográficos, aceitando-se a possibilidade de que o relato pessoal possa assegurar a transmissão de uma experiência coletiva.

Doutrinariamente, a História Oral afirmou-se como um instrumento de construção da identidade de grupos e de transformação social. Dentre muitas de suas serventias, uma está ligada intimamente aos meandros do processo decisório que, nem sempre, é acompanhado com precisão e clareza nos documentos a ele referidos. Freqüentemente, decisões são tomadas através da comunicação oral e de articula-

ções pessoais. Admite-se, também, que os depoimentos orais preenchem lacunas de documentos e são esclarecedores, na maioria dos casos.

O registro oral permite a preservação da experiência histórica de uma organização, refletida na vivência de seus integrantes, e utiliza uma técnica que, usualmente, poupa tempo, espaço e trabalho. Sua reconhecida importância e o considerável interesse pelo passado remoto ou recente de nosso Exército acabaram por definir a necessidade da estruturação de projetos que, em todos os níveis, restituíssem e passassem a acompanhar a trajetória das pessoas, integrantes da Instituição e dos grupos de que fizeram parte. Através da Portaria Ministerial Nº 583, de 26 de outubro de 1999, foi criado, pelo Comandante do Exército, um Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (HOESGM). Implementado a partir de 2 de janeiro de 2000, vem sendo executado sob a responsabilidade de uma Coordenadoria Geral e conduzido por seis Coordenadorias Regionais, localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Fortaleza e Brasília. A supervisão coube, inicialmente, à Secretaria-Geral do Exército; posteriormente ao Departamento de Ensino e Pesquisa, por intermédio da Diretoria de Assuntos Culturais.

Dos principais aspectos que ensejaram a realização desta importante atividade, sem dúvida, um foi primacial – a possível utilização de grande número de colaboradores, ainda não explorados, pelo muito que significam para o contexto histórico da presença decisiva do Exército no evento em questão.

O Projeto tenciona, ainda, tornar mais conhecidos esses marcantes episódios, a fim de que as próximas gerações possam dispor de fontes fidedignas para o estudo dos processos históricos castrenses. Permitirá a formação de precioso acervo, aberto à consulta, ao estudo e à pesquisa, bem como passa a constituir um dos módulos iniciais de uma amplo projeto de História Oral do Exército, inserido no Programa de História Militar, a ser desenvolvido pela Diretoria de Assuntos Culturais. Adicionalmente, serve para esclarecer impropriedades, intencionais ou não, eventualmente praticadas no relato dos acontecimentos dessas momentosas quadras da vida da Instituição e do País. Tal acervo, construído basicamente a partir de entrevistas em vídeo e áudio, que reúne transcrições e textualizações daqueles depoimentos, operacionalizadas segundo metodologia específica, será colocado à disposição de historiadores, professores e estudiosos de uma maneira geral, para a produção de trabalhos de expressivo significado para o Exército e para o Brasil. Nele se pratica a história oral temática, posto que se baseia em assuntos específicos , antecipadamente selecionados. De acordo com as características do Projeto, foram preparados questionários e introduzidas indagações preestabelecidas, fundamentalmente destinados à busca do conhecimento completo, mantendo-se, sempre, as narrativas liga-

das ao tema central. A verdade é perseguida com insistência, verdade de quem presenciou um acontecimento ou dele tenha alguma versão para ser cotejada com a de outras procedências.

De qualquer forma, sempre foram considerados essenciais o dinamismo e a universalidade na condução destes trabalhos. É possível constatar, na maioria das histórias pessoais, os traços comuns que evidenciaram aspectos de destaque para o entendimento do todo – “além das histórias institucionais, casos há em que os indivíduos, isoladamente, colocam-se como narradores e suas estórias ganham significado, tanto pela singularidade quanto pelo coletivo que representam”[1].

Neste projeto, cujos resultados iniciais são dados a conhecer através destas primeiras coletâneas, preparadas nas diversas Coordenadorias Regionais, a preocupação maior sempre esteve orientada para os processos históricos. Os relatos de vida e a participação pessoal do colaborador só foram considerados na medida em que se vincularam ao assunto proposto pelo entrevistador.

General Aricildes de Moraes Motta
Coordenador Geral

---

[1] José Carlos Sebe Bom Meihy, em *Manual de História Oral*.

Considerações Metodológicas

Estas considerações destinam-se, basicamente, a abordar a Metodologia empregada em trabalhos de história oral temática, como no Projeto em tela criado pelo Comandante do Exército, que visa, fundamentalmente, aos seguintes objetivos:

— registrar os relatos das personalidades que, direta ou indiretamente, participaram da Segunda Guerra Mundial;
— recuperar dados e informações sobre fatos e episódios importantes para a História do Brasil, ocorridos no evento supracitado; e
— construir um acervo, adequadamente preparado, para consultas, pesquisas e outros misteres de fundamental interesse para a Força Terrestre.

De certo modo, a história oral carece de uma maior especificação teórica, apesar de já possuir uma apreciável literatura que trata de sua conceituação e bases metodológicas. Podemos afirmar que seu estatuto está mais ligado à prática do que a um pensamento teórico estruturado.

Segundo um dos seus fundadores, Louis Starr, a história oral "é mais do que uma ferramenta e menos do que uma disciplina". Este conceito, que permanece atual, evidencia que a história oral, mais que um campo novo de reflexão, tem servido, a todas as outras disciplinas, como metodologia de obtenção de dados ou, mesmo, como técnica auxiliar.

As mutações que se observam no campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da educação integral, com ênfase no papel do indivíduo no processo social, vêm estimulando o uso das fontes orais e reconhecendo a importância da história oral como método de pesquisa.

No entender de José Carlos Sebe Bom Meihy, "usar a história oral como técnica equivale a dizer que as entrevistas não se compõem como objetivo central e sim como um recurso a mais. No círculo dos usuários da história oral, mais adensado tem

sido o grupo que parte do princípio de que esta constitui um objetivo definido, com procedimentos claros e preestabelecidos que a justificam como um método. Nesse caso, ela encerra o fundamento da pesquisa e, na hipótese de uso de outras fontes, elas se sujeitam ao debate central decorrente das fontes orais. A vanguarda da história oral no mundo busca, contudo, fixar fundamentos epistemológicos capazes de dar forças à proposta da história oral como disciplina".

Pelo prisma dos historiadores da Universidade de São Paulo que se dedicam ao estudo do assunto, Núcleo de Estudos em História Oral da USP – (NEHO), a história oral confunde-se, muitas vezes, com o fazer histórico, respondendo às indagações da história como disciplina. A documentação oral ou escrita, com a qual trabalha, está intimamente ligada à história de vida e, por via de conseqüência, à sua fonte, que é a entrevista, em suas mais variadas interfaces.

Em nossos trabalhos, dividimos a entrevista em três fases: a pré-entrevista, a entrevista propriamente dita e a pós-entrevista.

A pré-entrevista é o planejamento, o plano de entrevista, iniciando-se com os contatos que o pesquisador, no caso também entrevistador, mantém com o entrevistado, chamado, em história oral, de colaborador.

Tais contatos visam primeiramente a prestar ao colaborador informações sobre o tema, a concepção e os escopos do projeto de história oral assim como a forma adotada para desenvolvê-lo e a dimensão e importância de sua participação, sempre com a finalidade de motivá-lo e incentivá-lo a cooperar por meio de seu depoimento.

O entrevistado pode, no primeiro contato, por motivo de idade avançada, estado de saúde ou, simplesmente, por modéstia, subestimar suas experiências, julgando irrelevante a sua contribuição. A nossa postura, na posição de entrevistador, tem se voltado para o rompimento dessas barreiras. É importante encorajar o entrevistado, através de argumentação convincente, bem como oferecer-lhe todo o apoio possível para concretizar a sua participação. Faz-se necessário criar um ambiente o mais descontraído possível para que o colaborador se sinta perfeitamente à vontade, sobretudo no momento e no local da entrevista.

Por meio dos contatos da pré-entrevista, visamos, ainda, a fazer chegar ao colaborador, com a devida antecedência, o questionário contendo as perguntas básicas, preestabelecidas, sobre o tema em pauta, para orientar a preparação da entrevista. Com o questionário, remetemos o modelo de *curriculum vitae* e a solicitação de sua possível observância, com objetivo de padronizar nas seis Coordenadorias Regionais o "Plano de Entrevista", no que concerne à apresentação dos colaboradores. Tal providência avulta de importância por refletir essa homogeneização em todas as Coletâneas, independente do local em que sejam preparadas.

Outro objetivo a destacar na fase da pré-entrevista é alcançado através da remessa pelo entrevistado de outros documentos (livros, artigos, diários, relatórios, cartas, etc) além do seu currículo, o que possibilita ao entrevistador a complementação do questionário, já referido, facultando a preparação de novas perguntas, específicas para aquele colaborador, sobre episódios por ele vividos dentro do tema em estudo, enriquecendo a entrevista e os conhecimentos dela advindos.

Dos documentos referentes à Segunda Guerra Mundial, que permitem a elaboração de perguntas adicionais em proveito da maior eficácia das entrevistas, citamos os relatórios de campanha de subunidades, como o da 1ª Bateria do IV Grupo – "Grupo Montese", relatos de reminiscências de ex-combatentes, Diários de Guerra, Ordens de Operações, livros e artigos sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e o 1º Grupo de Aviação de Caça (Senta a Pua) ou das Forças Armadas na defesa do nosso litoral.

Ao analisar o questionário, na fase da pré-entrevista, sugerimos ao colaborador informar ao entrevistador se irá responder a todas as perguntas ou as questões que deixará de abordar, normalmente por não se referirem a fatos por ele vividos ou de seu conhecimento. Nessa ocasião, entrevistador e entrevistado podem definir o tipo de entrevista a ser adotado, escolhendo entre duas opções:

— o entrevistado faz um relato inicial sobre a sua participação no evento definidor do projeto (Segunda Guerra Mundial) e responde, após sua narrativa, a perguntas selecionadas do questionário, complementando, assim, sua exposição.

— o entrevistado responde exclusivamente às indagações do questionário recebido, às quais poderão ser acrescidas outras, formuladas, como vimos, com base na documentação entregue ao entrevistador. Neste caso, antes de passar às perguntas, é de bom alvitre que o entrevistador dê a palavra ao colaborador para sua mensagem inicial, em que, normalmente, faz breves considerações sobre o projeto e a sua participação.

Após a decisão sobre o tipo de entrevista a ser adotado, ficamos habilitados a confeccionar o "Plano de Entrevista", que se inicia, como mostramos, com a apresentação do entrevistado, através de seu currículo resumido, que pode ser acrescido de algumas informações sobre a sua Unidade (histórico, estrutura organizacional, etc).

O esclarecimento sobre o tipo de entrevista segue-se à apresentação do colaborador, vindo, na seqüência, as perguntas, a que já nos referimos. No "Encerramento do Plano", incluímos o agradecimento ao entrevistado pela participação.

A respeito das perguntas básicas concernentes à Segunda Guerra Mundial, devemos destacar que as duas primeiras referem-se ao ambiente no Brasil, em rela-

ção ao conflito, em 1939 e nos primeiros anos da década de 1940, período de neutralidade, bem como a fase vivida, a partir de 1942, em que se processou a evolução para o estado de beligerância dando ênfase, posteriormente, à organização da FEB.

Seguem-se indagações que, obedecendo a cronologia, se reportam à data, à forma e à função em que o ex-combatente ingressou na FEB; aos exercícios preparatórios para a campanha que se avizinhava; ao transporte da tropa para além-mar; à continuação dos preparativos em solo europeu; ao desencadeamento das operações militares, englobando a Campanha do Vale do Serchio, a dos Apeninos e a do Vale do Pó; influência do clima, notadamente do rigoroso inverno europeu (dezembro de 1944 a fevereiro 1945), no desenrolar das ações; à opinião do entrevistado sobre o desempenho em campanha dos nossos oficiais, graduados e “pracinhas”; ao relacionamento com a população local; ao apoio de saúde e religioso à tropa combatente; à apreciação sobre o soldado inimigo; à impressão do contato com as tropas aliadas na Itália; à qualidade do apoio logístico recebido; aos fatos que mais o impressionaram na campanha da FEB; aos integrantes de sua Unidade, Subunidade ou fração que, pelas qualidades reveladas em campanha, merecem referência especial; à propaganda e contrapropaganda; ao contato com a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) e à atuação do 1º Grupo de Aviação de Caça (Senta a Pua); à rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, da Divisão Itália e dos remanescentes da 90ª Divisão Panzer Granadier (29 e 30 de abril de 1945); à comemoração da vitória dos aliados, nos primeiros dias de maio, em terras italianas; aos preparativos para o retorno ao Brasil; à recepção à FEB pelos brasileiros, bem como no âmbito do Exército; às conseqüências para a Força Terrestre e para o entrevistado da participação no conflito; à mensagem final do colaborador para o Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

A forma de entrevistar varia de acordo com os objetivos propostos nos projetos. Em determinados casos, como na primeira pergunta do Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, referida anteriormente, o entrevistado dispõe de integral liberdade para a sua narrativa. Nessa situação, como em outras semelhantes, em que as questões formuladas proporcionam relatos amplos, a organização cronológica fica,via de regra, a cargo do narrador.

No que concerne à seleção dos colaboradores para participar dos Projetos, vale registrar alguns termos consagrados em história oral, com seus respectivos conceitos, os quais guardam uma relação direta com o universo a pesquisar.

— Colônia: formada a partir do estabelecimento de um grupo de pessoas ligadas por traços comuns. Comunidades amplas, das quais alguns componentes serão entrevistados. No nosso caso, os critérios para a definição da colônia vincu-

lam-se ao tema e ao objetivo do Projeto em andamento. Em nosso Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, a colônia é formada pelos ex-combatentes em geral.

— Rede: parcela da Colônia selecionada para ser entrevistada. No nosso caso, tal decisão foi tomada considerando parâmetros estabelecidos pelos Coordenadores Regionais responsáveis pelo Projeto, com base na Ordem de Serviço (OS) nº 015-SG/3 da Secretaria Geral do Exército, de 29 de outubro de 1999, e no Plano Geral de Projetos, do Coordenador Geral, de 3 de janeiro de 2000. No que tange, ainda, ao nosso Projeto, a rede foi constituída pelos veteranos da Força Expedicionária Brasileira, em condições de serem entrevistados em estúdio ou mesmo em suas residências, priorizando-se os que integraram a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Nesta Rede, incluímos, todavia, participantes do 1º Grupo de Aviação de Caça (Senta a Pua), Correspondentes de Guerra, Componentes dos Órgãos Não Divisionários e personagens encarregadas da defesa do litoral no período de guerra, além de náufragos dos torpedeamentos em nossos mares.

Releva dizer que, escolhidos e contatados os futuros colaboradores, fazemos, também, na fase da pré-entrevista, o preenchimento da "Folha de Endereços dos Entrevistados" e da "Folha Registro de Entrevistas", esta contendo o número da entrevista e o nome dos entrevistados, a data da entrevista, o tipo de projeto e o número de ordem da entrevista dentro daquele e a função do colaborador na época do evento, isto é, da Segunda Guerra Mundial. Este registro fica completo na pós-entrevista, com a duração e com a quantidade de fitas de vídeo e de áudio de cada depoimento. Trata-se, por conseguinte, de oferecer uma visão global de todo o trabalho desenvolvido.

A formação da Rede em história oral muito se beneficia das sugestões dos colaboradores. Por isso, a entrevista inicial não deve ocorrer aleatoriamente. Damos preferência a pessoas que possuam conhecimento sobre a história do grupo, abrangido pelo tema, e que reúnam, por conseguinte, condições de prestar assessoria a respeito da indicação de futuros entrevistados. Em nossos projetos, o primeiro entrevistado (ponto zero) muito colaborou na expansão da rede.

Cumpre assinalar que a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), no Rio, fundamentalmente, e nas suas Seções Regionais, exerceu papel relevante na extensão e na qualidade da Rede do Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

Vistos os aspectos fundamentais relacionados com a metodologia por nós empregada na pré-entrevista, volvemos nossa atenção para a entrevista propriamente dita, que não é mais do que a execução do planejamento elaborado na pré-entrevista.

Entrevista, em história oral, é falar hoje sobre o ontem, permitindo a preservação da experiência histórica de uma organização, instituição ou de um povo.

Cumpre ressaltar que ela não se restringe à possibilidade de confirmar ou desmentir idéias ou acontecimentos. Compreende, especialmente, o registro de como uma pessoa analisa sua vivência.

Na entrevista, é fundamental a disposição de ouvir, o interesse e a atenção pelos pontos de vista dos que se propõem a divulgar suas experiências.

No dizer de Alessandro Portelli, “deve se compreender que, na situação de entrevistador, o oralista não se coloca diante de fontes, mas de pessoas. Não estuda o grupo de colaboradores, mas aprende com eles.” Assim, o entrevistado é o sujeito-colaborador e não somente o objeto do conhecimento.

O estímulo ao entrevistado deve ser uma preocupação constante do entrevistador, não só nos contatos da pré-entrevista, mas durante toda a realização da entrevista.

Em história oral, há dois tipos de entrevista: entrevista única e entrevista múltipla. O nosso projeto vem sendo executado por meio de entrevistas únicas, com duração máxima de quatro horas. Os colaboradores têm utilizado, normalmente, cerca de duas horas, havendo, no entanto, entrevistas mais longas, com três horas, e umas poucas que se aproximam do limite estabelecido.

No que tange ao aspecto valor das entrevistas, há duas correntes fundamentais que adotam posições muito nítidas: a primeira entende que os depoimentos orais preenchem as lacunas deixadas pelas fontes escritas, enquanto outros acham que os depoimentos orais, por si só, bastam para se conhecer a história. Nessa segunda abordagem, atribui-se um papel central às relações entre a memória, fontes orais, e a história.

Quanto à definição de fonte, há também duas posições bem definidas entre os oralistas: os que consideram a fita, com registro de voz ou imagem e voz, o documento básico e original e os que atribuem essa prerrogativa ao trabalho escrito resultante de algum tipo de transcrição da entrevista gravada.

lndependente da posição dos estudiosos no que respeita a definição de fonte, é mister realizar a atividade de transcrição, o que nos leva a uma defrontação com o problema permanente, configurado pela passagem do código oral para o escrito, dadas as naturais deformações da linguagem oral, que se acentuam na mudança para o documento escrito.

O primeiro passo realizado nesse sentido é o que se denomina de transcrição absoluta, com a qual chegamos ao primeiro texto escrito, onde se observam as falhas normais da linguagem coloquial e do informalismo natural da entrevista.

Nesta fase inicial da transcrição (etapa da transcrição absoluta), reproduzimos o que foi dito na entrevista integralmente, palavra por palavra, mantendo a gramática e a ordem dos vocábulos, exatamente como na entrevista oral.

Na segunda fase da transcrição, na chamada transcrição editada ou transcrição com edição, o texto da transcrição absoluta é depurado, tornando-o gramaticalmente correto, inclusive com o aperfeiçoamento da redação, eliminando vícios de linguagem, palavras repetidas, reproduzindo, todavia, fielmente a fonte oral.

lncluímos na transcrição absoluta, assim como na transcrição com edição, tudo que está gravado, perguntas e respostas, inclusive as "muletas" usadas pelo narrador, sendo as mais usuais o "você sabe" ou "veja bem". Não transcrevemos, porém, o gaguejar, na procura de uma palavra. Como regra, tudo o mais figura na transcrição, sendo certo que, na transcrição com edição, não devem constar abusos de palavras como as acima mostradas, nem as expressões muito repetidas como "daí em diante" e "depois disso", que só podem ser mantidas em dose suficiente para o leitor sentir o tipo de narrativa.

Por importante, cumpre assinalar que a transcrição, absoluta ou editada, nada mais é do que o nome atribuído tanto ao ato de reproduzir a entrevista oral em um texto escrito, quanto ao material resultante dessa prática.

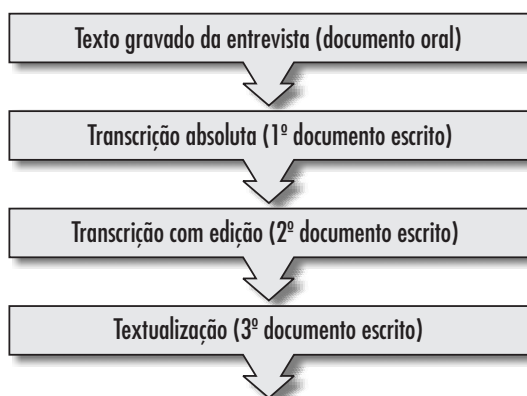
Quando nesta síntese metodológica, bem como em qualquer outro trabalho de nossos projetos, falarmos somente em transcrição, trata-se da transcrição com edição, na qual o texto passou por todas as correções necessárias à busca da melhor redação possível, obedecidas as regras gramaticais e a boa linguagem escrita, observando-se, concomitantemente, os ditames estabelecidos pela história oral, já apresentados nos seus aspectos principais.

Cabe asseverar que uma entrevista de uma hora de duração exige, em média, seis horas para a sua transcrição editada, o que demonstra a complexidade desse trabalho.

O outro passo, após se obter a transcrição editada, é o que se chama, em história oral, de textualização.

Textualização é, pois, a transcrição, com edição, sem as perguntas e com a fusão das respostas, em que se busca estabelecer a unidade de sentido, configurando os mecanismos de coesão e coerência textuais.

Em outras palavras, diz-se que, quando são suprimidas as perguntas e fundidas as respostas, estamos diante da textualização, etapa onde o texto passa a ser predominantemente do narrador.

Apresentamos a seguir a esquematização da passagem do código oral para o escrito, objetivando firmar os conceitos mencionados.

Vale ressaltar, nesta oportunidade, que a presente Coletânea compila entrevistas textualizadas, o que implica supressão das perguntas e a fusão das respostas dos depoimentos orais.

A decisão da Coordenadoria Geral nesse sentido levou em conta que, excetuando-se algumas questões específicas, a maioria das perguntas preestabelecidas para o Projeto de História Oral do Exército foram, praticamente, respondidas por todos os entrevistados, uma vez que se deseja a opinião do conjunto de colaboradores sobre todas as indagações adrede formuladas. Tal procedimento possibilita covalidações das respostas e, portanto, do pensamento de uns pelos outros, do que decorrerá uma resultante muito significativa.

Na fase da pós-entrevista, inserem-se: a assinatura da Carta de Cessão de Direito, que trata da autorização dada pelo colaborador para o uso da entrevista (documentos orais e escritos) pelo Exército, no caso; a conferência, que é a entrega do texto por nós ao entrevistado, para suas observações anteriores à publicação; e as atividades complementares que incluem o recebimento de novos documentos que o colaborador venha a trazer no dia da entrevista ou nos dias imediatos a ela. Esses documentos se diferenciam daqueles que nos são encaminhados na fase da pré-entrevista, porque os remetidos inicialmente influem na entrevista, enquanto que os últimos servirão apenas como subsídio para consultas e trabalhos futuros, a cargo de historiadores, pesquisadores e estudiosos em geral, que também poderão se valer dessas novas fontes, sejam orais ou escritas.

Outra atividade complementar, realizada na pós-entrevista, se refere à confecção da "Ficha Registro de Entrevista" (FRE), que reúne todos os dados e informações de determinada entrevista, a saber: o nº e data da entrevista; função do entrevistado na época do evento estudado pelo Projeto; número de fitas de vídeo e de áudio utilizadas;

informações sobre Carta de Cessão de Direitos; degravação, transcrição e textualização da entrevista; listagem da documentação oral e escrita entregue pelo entrevistado, além do seu currículo. Trata-se, pois, de reunir numa única ficha todos os dados pertinetes a uma entrevista. Há, portanto, tantas FRE quantas forem as entrevistas realizadas.

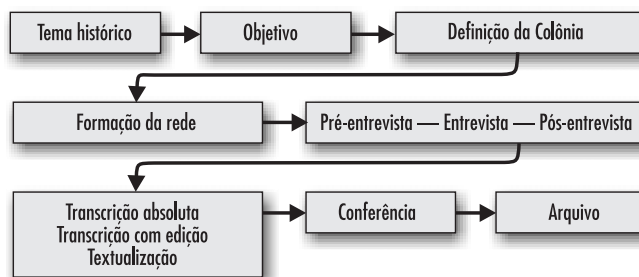
A conclusão do preenchimento da "Folha Registro de Entrevista" é, também, uma atividade complementar da pós-entrevista, como anteriormente mostramos.

A etapa da Consolidação da Documentação, também chamada arquivo ou arquivamento, engloba os procedimentos regulares de guarda e conservação de toda a documentação oral e escrita: "Ficha Registro de Entrevista", "Cessão de Direito", "Plano de Entrevista", currículos, documentação da entrevista (vídeos, fitas-cassete, CD, disquetes, fotografias, textos da degravação, transcrição e textualização), além da documentação oral e escrita complementar entregue pelo colaborador antes, durante ou depois do seu depoimento.

Para a consolidação, optou-se por pastas que permitem o arquivamento de toda a documentação citada nas "FRE". Em todas as Coordenadorias, para efeito de padronização, as pastas de cada projeto são identificadas por cores.

É importante enfatizar que as fitas Super VHS ou Betamax oferecem mais nitidez, legibilidade e riqueza de detalhes do que as fitas comuns, sendo, por isso, as utilizadas nas gravações (Fita Matriz ou Fita Bruta) bem como na edição (Fita Editada), que servirá para realizar toda e qualquer cópia, inclusive a da fita-brinde que o Projeto oferece ao colaborador, como lembrança de sua participação.

Paralelamente, realizamos a gravação da entrevista em fitas-cassete, as quais são utilizadas no processo de degravação, poupando-se, desta forma, a fita de vídeo. Esta gravação representa, portanto, um eficaz dobramento do meio audiovisual.

O Fluxograma de progressão do trabalho, a seguir apresentado, resume as diversas atividades que se sucedem no desenvolvimento de um projeto de história oral temático. Impende salientar que não há história oral sem um projeto, determinado previamente, que oriente e organize a pesquisa.

Pelo que vimos, sobretudo pelas considerações teórico-metodológicas apresentadas, avulta de importância a assertiva que bem sintetiza a relevância dos trabalhos de história oral do Exército, em desenvolvimento nas nossas seis Coordenadorias Regionais:

"A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, os eventos são lembrados à luz da experiência subseqüente e das necessidades do presente."

Rio de Janeiro, RJ, 3 de fevereiro de 2001

Gen Aricildes de Moraes Motta
Coordenador Geral

Gen Geraldo Luiz Nery da Silva
Coordenador Regional RJ/MG

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Francisco Roberto de (Secretário Gen Ex) Metodologia constante da OS nº 015 - SG/3 - Projeto de História Oral, Brasília - DF, 29 de outubro de 1999.

MOTTA, Aricildes de Moraes - Plano Geral de Projetos, Coordenadoria Geral de História Oral do Exército. Rio de Janeiro - RJ, 3 de janeiro de 2000.

NEVES, Eloiza; BRITO, Fábio Bezerra de; TALARICO, Fernando; LIMA, Luiz Filipe Silvério; MOURA, Ricardo e RIBEIRO, Suzam Lopes Salgado. O NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo - e a experiência de pesquisa em história oral.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 3ª Ed. São Paulo, Edição Loyola, abril de 2000.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: história oral, 2ª Ed, São Paulo, Paz e Terra, 1998.

PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral", abril de 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord); ABREU, Alzira Alves de; FARIAS, lgnez Cordeiro de; DIAS, José Luciano de Mattos; D'ARAÚJO, Maria Celina; MOTTA, Marly Silva da; ALBERTI, Verena. Entre - vistas: abordagens e usos da história oral. Editora da Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro - RJ, 1994.

Marechal Waldemar Levy Cardoso*

Natural da cidade do Rio de Janeiro/RJ, pertence à turma de janeiro de 1921 da Escola Militar do Realengo. Em 1944, foi convidado para comandar o I Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, função que exerceu na guerra. Em 1948, foi promovido ao posto de Coronel e assumiu o comando do então 5º Regimento de Artilharia Montada (Regimento Mallet) em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde permaneceu até março de 1949. Em seguida, foi Chefe de Gabinete do Ministro Canrobert Pereira da Costa. Em dezembro de 1950, foi nomeado Adido Militar na França. Em setembro de 1953, assumiu o comando do 2º Regimento de Obuses 105mm (Regimento Deodoro) em Itu, São Paulo. No ano seguinte, foi promovido a General-de-Brigada. Entre janeiro de 1957 e fevereiro de 1960, foi Chefe de Gabinete do Ministro Henrique Teixeira Lott. Em 1964, ocupou interinamente a chefia do Departamento de Provisão Geral e, em novembro, foi promovido a General-de-Exército, permanecendo na função. Passou para a reserva em 1966, no posto de Marechal. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze (Estados Unidos); Cruz de Guerra com Palma (França); e Cruz ao Valor Militar (Itália). Presidiu, nos anos de 1967 e 1968, o Conselho Nacional do Petróleo e, em 1969, a Petrobras.

---

* Comandante do I Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 14 de março de 2000.

Ao tratarmos da estrutura organizacional da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, devemos nos lembrar que as Divisões brasileiras eram organizadas no modelo francês. Para atuar em um Exército norte-americano tinham que sofrer modificações em sua organização. No que concerne às armas de Infantaria e Artilharia, as Divisões eram ternárias: três Regimentos de Infantaria – a três Batalhões cada um – e um Regimento de Artilharia com três Grupos de Canhões de 75mm, de apoio à Infantaria, e um Grupo de 105mm para a Ação de Conjunto. Na organização americana havia uma Infantaria Divisionária, com três Regimentos de Infantaria, e uma Artilharia Divisionária constituída por três Grupos de 105mm, de Apoio Direto, e um Grupo de 155mm, para a Ação de Conjunto. A diferença profunda, como se vê, estava no apoio de fogo, muito mais potente na Divisão norte-americana que serviu de padrão para a nossa 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). As unidades de Artilharia, componentes da FEB, eram: I Grupo / 1º Regimento de Obuses Auto-rebocado, criado e organizado no velho quartel do 1º Grupo de Obuses de 105mm, de São Cristóvão, Rio de Janeiro; o II Grupo / 1º Regimento de Obuses Auto-rebocado por transformação do Grupo de Artilharia de Dorso de Campinho, também do Rio de Janeiro; I Grupo / 2º Regimento de Obuses Auto-rebocado, por transformação do 6º Grupo de Artilharia de Dorso, de Quitaúna, São Paulo; o I Grupo / 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta, oriundo do Regimento Escola do Rio de Janeiro. Essas denominações confundiam os americanos, e os referidos Grupos passaram a ser definidos, na Itália, simplesmente como: I, II, III e IV Grupos. As unidades de Infantaria eram: 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, comandado pelo Coronel Caiado de Castro; 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, São Paulo, comandado primeiramente pelo Coronel Segadas Vianna, e, posteriormente, pelo Coronel Nelson de Mello; 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei, Minas Gerais, comandado pelo Coronel Delmiro de Andrade.

A maior dificuldade que o General Mascarenhas de Moraes enfrentou foi, no Brasil, a de instruir o pessoal, não só pela grande diversidade de funções nas duas organizações, como também, pela diversidade do material americano, cuja existência no Brasil era deficiente para permitir uma rápida aprendizagem pela tropa.

A formação do I Grupo / 1º Regimento de Obuses Auto-rebocado foi diferente dos demais grupos. Enquanto os II, III e IV Grupos tiveram suas origens em Unidades já existentes em tempo de paz, o I Grupo foi organizado com contingentes oriundos de várias Unidades. O Grupo teria que ser formado com base nas especificações constantes do Quadro de Organização de um Grupo de Apoio americano. Para isso, foram estabelecidas relações onde eram indicadas as qualificações a serem obedecidas pelos diferentes contingentes a serem incorporados: os artilheiros vieram do 1º Regimento de Artilharia Montada e os chamados especialistas vieram de várias Uni-

dades e origens – Unidades de Artilharia de Costa, do 1º Regimento de Cavalaria Divisionária e reservistas de 2ª categoria, convocados. Creio não ser difícil avaliar o esforço intenso a ser feito para a homogeneização das diferentes equipes, bem como para criar um "espírito de corpo".

Algumas qualificações, exigidas pelo Quadro de Organização americano, tiveram de ser preparadas pela Escola de Instrução Especializada pois o Grupo, em formação, não dispunha do material de instrução necessário. Vencidas as diferentes etapas da organização, seguiu-se a efetivação do programa de instrução intensivo, objetivando o seu enquadramento dentro dos padrões das unidades americanas. Graças a um corpo de oficiais de escol e muito entusiasmado, não foi difícil, em curto prazo, obter resultados compensadores.

Realizamos exercícios de toda ordem no campo, e já podíamos garantir uma Unidade eficiente e completamente preparada para o cumprimento de missão nos campos de batalha da Itália. Desses exercícios, destaco um, realizado no campo de Gericinó, que se constituiu numa esplêndida prova da capacidade do Grupo, quando foi realizada uma demonstração, com concentrações de tiro de Artilharia Divisionária(AD), comandada pelo Gen Cordeiro de Faria, em apoio direto à Infantaria, realmente instalada no terreno e progredindo de acordo com os fogos da Artilharia. Infelizmente, tivemos a baixa de um soldado, mas isso ocorre...

Para o embarque, a Divisão constituiu três Grupamentos Táticos: o 1º Grupamento ficou localizado na região de Santa Cruz; o 2º Grupamento na região de Nova Iguaçu; e o 3º Grupamento na região do Recreio dos Bandeirantes. Os Grupamentos movimentaram-se, simultaneamente, para as regiões previstas.

Tendo em vista, porém, a manutenção do sigilo, o 2º Grupamento foi dirigido, não para a região prevista, mas diretamente para o cais do porto, onde embarcou, em um navio transporte americano, com destino ao teatro de operações na Itália. O deslocamento para o cais do porto foi realizado em composições de estrada de ferro e foram tomadas todas as medidas para manter o sigilo, tais como carros com as luzes totalmente apagadas e janelas fechadas. Os próprios componentes só se deram conta da mudança de destino quando desembarcaram no cais do porto, onde foram saudados pelo Presidente Getúlio Vargas.

O meu Grupo pertencia ao 3º Grupamento e movimentou-se para o Recreio dos Bandeirantes, em via férrea até Cascadura, e daí, em caminhões, para o Pontal de Sernambetiba. Desnecessário afirmar que, nessa época, não havia na região qualquer edificação. Por diversas vezes, eu me desloquei de jipe do Pontal de Sernambetiba ao Leblon sem encontrar uma "viva alma". A partir desse ponto, não tivemos mais qualquer contato com o exterior, inclusive com nossos familiares, até o embarque.

O meu Grupo, integrando o 2º escalão de embarque, deixou, inesperadamente, a região do estacionamento dirigindo-se para bordo do navio transporte norte-americano *Gen Meighs*, que nos conduziria ao teatro de operações da Itália, sob o comando do Gen Falconière. Era o dia 22 de setembro de 1944. Nesse mesmo dia, e à mesma hora, o 2º Grupamento embarcou, sob o comando do Gen Cordeiro de Faria, no navio transporte *Gen Mann*.

A viagem foi sacrificante para a tropa pela dificuldade do fornecimento de uma alimentação diária completa e pelos contínuos blecautes. Oficiais e praças só faziam uma refeição por dia, com exceção dos militares de serviço e aqueles em serviço especial, entre os quais eu estava incluído, por ter sido designado chefe de polícia de bordo. Realmente era impossível, materialmente impossível, alimentar mais ou menos cinco mil e quinhentos homens, amontoados num porão.

Durante a viagem, até hoje não sei se foi um mero exercício ou fato real, houve uma parada dos dois navios e manobras de lançamento de bombas de profundidade. Creio que foi, realmente, ataque de submarinos. O Gen Falconière, sempre "gozador", indagado por mim sobre o que acontecera, respondeu: – "Não foi nada. Foi a cauda do leão que se enroscou na hélice". O leão era o Regimento Sampaio, que se encontrava no outro navio transporte. Sem qualquer outro incidente, entramos no Mediterrâneo, via Gibraltar, e aportamos em Nápoles, onde desembarcamos. Era o dia 6 de outubro.

Após transbordo para embarcações de desembarque tipo LCI *(Landing Craft Infantry)*, seguimos para Livorno. Daí, em caminhões militares, para o acampamento, já instalado, na *Tenuta Reale di S. Rossore*. A viagem nos LCI foi horrorosa; nem um só homem escapou ao enjôo, botando "cargas ao mar"; daí a denominação dada pelos soldados a essas embarcações de "lança comida inteira". Não preciso dizer que as rações de reserva ficaram intactas.

Em *S. Rossore*, o Grupo foi completamente equipado, recebendo armamento, viaturas e demais materiais constantes dos Quadros de Dotação americanos. Seguiram-se medidas complementares como calibragem dos rádios, experiência nas viaturas em movimento, tiro de regimagem[1] das doze peças etc. Enfim, o Grupo estava pronto para o cumprimento de missões em campanha. No dia 24 de novembro, deslocou-se de *S. Rossore* para a região norte de Porreta Terme, pela estrada 64. Deslocávamos por escalões, em pequenos grupos de viaturas, para mascarar a entrada na área de operações do IV Corpo. A DIE iria agir, centralizada, no vale do rio Reno. Integrando a AD, o Grupo recebeu ordem de ocupar posição na região de Castel

---

[1] Tiro para apurar o desgaste absoluto e relativo dos tubos de um grupo de peças visando reuni-las, uniformemente, pelo Grupo.

Cassio. A missão recebida foi de "ação de conjunto"[2] em benefício do ataque a Monte Castelo pela Força-Tarefa 45, norte-americana. Cumpriu cerca de quinze missões, na sua maioria de contrabateria e de proteção. Foi o seu batismo de fogo. Não tive nenhuma emoção, parecia um exercício.

Os artilheiros brasileiros não tiveram dificuldades em se adaptar às modificações profundas impostas pelos novos armamentos e novas técnicas de tiro. As instruções que receberam, tanto na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como na Escola de Estado-Maior e nos Cursos de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos, facilitaram, sobremaneira, a adaptação às novas condições de combate. Na verdade, o nosso conhecimento, oriundo dos ensinamentos dos artilheiros franceses, trazidos da guerra de 1914-18, nos deixou capacitados para o emprego da Artilharia e da técnica de tiro. Na Itália, em boletim da AD, assim se expressou o Gen Cordeiro de Faria: "Nossa Artilharia entra hoje em linha com a totalidade dos seus meios. O estágio de treinamento na Itália foi dispensado e devemos caracterizar esse fato: ele é o prêmio do nosso esforço de preparação para a guerra". Em verdade, a Artilharia brasileira gozou da confiança dos nossos aliados e do respeito de nossos adversários, registrados nos depoimentos de prisioneiros e em relatórios e boletins inimigos capturados, atestando a sua eficiência.

Na Itália, meu contato com tropas estrangeiras se realizava, praticamente, com os oficiais americanos, muito cordiais e com o desejo recíproco de um bom entendimento. Sempre solícitos, atendiam a todos os nossos pedidos, limitados, naturalmente, pelas normas americanas. Não adiantava, por exemplo, pedir mais munição; não saíam das dotações estabelecidas. Os ingleses, artilheiros vizinhos às nossas posições, foram sempre excelentes camaradas. Certa feita um oficial inglês, Comandante de um Grupo, me pediu um pneu – ele não queria solicitar aos americanos. Eu consegui um jeito de atendê-lo.

Em 18 de dezembro, ocupamos posição na região de Porreta Terme, com a missão de apoio ao Subsetor oeste, do 11º RI. Com a chegada do inverno, a neve modificou completamente a aparência do terreno. Parecia que estávamos em outra região. A AD tinha um plano de fogos minuciosamente estruturado. O V Ex americano mantinha na nossa área uma Cia de Fumígenos para proteger das vistas inimigas os movimentos necessários, uma vez que estávamos desdobrados em um vale dominado por elevações, de onde o inimigo atuava. A ligação Grupo-Regimento de Infantaria era estreita, não só pela presença constante do Cmt do Grupo, no Posto de Comando do Regimento, como também pela presença permanente do oficial de liga-

[2] Missão na qual o Grupo proporciona apoio de fogo à força como um todo.

ção junto ao mesmo. Outros oficiais de ligação permaneciam nos Batalhões e os observadores avançados juntos às Companhias, mesmo aquelas em reserva. Nossos oficiais de ligação e observadores avançados estavam perfeitamente ambientados junto à Infantaria. Viviam num ambiente fraterno, de estreita camaradagem, sofrendo os mesmos riscos, perigos e vicissitudes. Por isso, sempre que possível, mantínhamos os mesmos oficiais junto às mesmas Unidades. Nos rodízios dos Batalhões para repouso, os oficiais de ligação e os observadores avançados acompanhavam as suas Unidades, fazendo jus ao mesmo descanso.

O período de inverno caracterizou-se pelo largo emprego de patrulhas, de lado a lado, em toda a extensão da frente. Quando em missão de reconhecimento as patrulhas eram de pequeno efetivo – valor Grupo de Combate – e atuavam por infiltração. Descobertas, retraíam. Já aquelas com a missão de fazer prisioneiros eram constituídas por efetivos maiores – valor Pelotão – e agiam na forma de golpes de mão. Executávamos fogos de proteção, visando a cobrir o retraimento, e fogos de apoio e proteção nas missões de golpes de mão, enjaulando os objetivos e neutralizando-os. As patrulhas mais penetrantes eram acompanhadas por observadores avançados. A Central de Tiro do Grupo tinha todos os detalhes das patrulhas: roteiros, horários, tipos de tiros previstos e códigos para seu desencadeamento. Preparava todos os elementos de tiro e os enviava às baterias (linhas de fogo). Quando pedido, bastava uma simples indicação do código para que o desencadeamento fosse instantâneo. Como a duração do combate era de 24 horas, havia escala na Central de Tiro e nas Linhas de Fogo, para repouso das guarnições.

Além dos fogos em proveito das patrulhas, o Grupo executava missões de inquietação, quer por iniciativa própria, quer por ordem da AD ou do Corpo de Exército. As missões do IV Corpo, normalmente, eram de contrabateria ou sobre reuniões de tropa. Algumas missões do Corpo eram do tipo HNO (hora no objetivo).[3] A impressão que tínhamos era que a Artilharia do Corpo aproveitava a execução dessas missões para controlar a precisão e densidade dos fogos do Grupo. A dotação de apenas 4 tiros / peça / dia, durante o inverno, obrigava a sermos parcimoniosos no consumo da munição. Gostaria de aqui destacar o funcionamento excelente das comunicações, particularmente com os diversos escalões da Infantaria. A troca de ordens e informações era constante.

O I Grupo participou das ações desencadeadas pela DIE, visando à conquista de Monte Castelo, nos dias 12 de dezembro e 21 de fevereiro. No ataque do dia 12, ao

[3] Tiro cuja execução se prevê ao planejar determinada operação. É preparado de antemão e desencadeado a horário ou a pedido.

Grupo coube a missão de apoiar o III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Às seis horas, o Batalhão iniciou o deslocamento da base de partida. A progressão se fez em perfeito entendimento entre o Batalhão e o Grupo. Após a execução dos tiros previstos para o desembocar do ataque e atendidos todos os demais pedidos de tiro do Batalhão, este aproximou-se bastante do seu objetivo. Entretanto, isolado em ponta, batido por tiros de frente e de flanco, teria de retrair. Comunicou-me o seu Comandante, Maj Franklin, pelo rádio: "Estamos colados ao solo; impossível qualquer movimento; uma pá que se eleve é crivada de balas." Combinamos cobrir seu retraimento com fumígenos – fósforo branco – e ele se realizou com êxito. O ataque, como os precedentes, evidenciou o insucesso de ações isoladas sobre Monte Castelo. A tropa brasileira, submetida à duríssima prova, demonstrou bravura e espírito de sacrifício, evidenciados com as 140 baixas sofridas. Setenta dias após, por ocasião do novo ataque, então vitorioso, os corpos daquele punhado de heróis, insepultos na neve, foram encontrados quase no topo do baluarte-objetivo.

Na conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro, a Divisão brasileira conduziu o ataque com dois Batalhões do 1º Regimento de Infantaria – I e III – em primeiro escalão. A AD estava assim organizada: I Grupo: apoio direto ao I / 1º RI (Btl Uzeda); III Grupo: apoio direto ao III / 1º RI (Btl Franklin); IV Grupo, II Grupo(menos uma bateria) e Artilharia do IV Corpo: ação de conjunto; 248º Grupo de Artilharia norte-americano: reforço de fogos à AD. Por determinação do Cmt da AD, desempenhei dupla função: Cmt do I Grupo e Oficial-de-ligação da AD junto ao Cmt do 1º RI. Na fase do reconhecimento o meu entendimento com o Major Uzeda, meu velho camarada desde o Colégio Militar, foi tão íntimo que, praticamente, juntos idealizamos a manobra do Batalhão. Um Oficial-de-ligação do Grupo, junto ao Batalhão, nos acompanhou no reconhecimento. O plano de fogos da AD estava estabelecido. Tinha-o em meu poder e o conhecia com todos os seus pormenores. Às 5h30min, após o desencadeamento dos fogos previstos, parte o ataque de surpresa. O inimigo, bem organizado, resiste. Lentamente, nossas tropas avançam. Os pedidos de fogos eram incessantes. A Artilharia atirava sem parar, martelando, duramente, as resistências adversárias. O desencadeamento dos tiros no momento certo, nos locais desejados, com a densidade e duração necessárias, foi o papel inestimável da ligação Infantaria-Artilharia durante o ataque. A partir das 15h30min, rearticulou-se o ataque. Foi organizado o apoio de fogo para o assalto final, em entendimento com a AD que atuaria em massa, com todas as Unidades que dispunha, inclusive um Grupo norte-americano. Finalmente, íamos amaciar o inimigo, tirar-lhe a vontade de lutar, obrigá-lo a ceder. Os Batalhões foram avisados dos bombardeios que iam ser desencadeados e de que deveriam partir, decididamente, tão logo fossem suspensos

os fogos. Tal aconteceu. No momento oportuno o Cmt do Batalhão – Major Uzeda – foi avisado pelo rádio do grupo: "Os fogos sobre Castelo foram suspensos." O apelo que então fiz foi ouvido, também, pelo Ten Homero, Observador Avançado junto à 1ª Cia e que se deslocava junto a um dos pelotões, sendo, talvez, um dos primeiros homens a pisar o "cocuruto de Castelo". O objetivo estava coroado. Eram 17h30min. A conquista de Castelo, realizada por duas Divisões de Infantaria, toda a Artilharia com o IV Corpo mais a Aviação, foi árdua e difícil, justificando, por si só, os insucessos anteriores. A conquista de Monte Castelo, como disse o Gen Mascarenhas de Moraes, era um imperativo da nossa dignidade militar.

Após a conquista de Montese, meu Grupo ficou imobilizado por ter constituído, com suas viaturas, uma unidade de transporte para deslocamentos da Infantaria até as regiões de Collechio e Fornovo. Vencidas essas resistências, foi organizado um grupamento tático, constituído pelo meu Grupo; o 11º RI do Cel Delmiro; o 1º Esquadrão de Reconhecimento do Cap Pitaluga e a 1ª Companhia de Engenharia do Cap Floriano Moller, que recebeu a missão de ocupar Alessandria e ficar em condições de progredir nas direções norte e noroeste. O grupamento deslocou-se pela via Emilia, trecho: Modena – Parma – Piacenza atingindo Alessandria após ter realizado, em uma única jornada, um deslocamento de quase 200 km. Atingida Alessandria, foram lançados reconhecimentos nas direções de Asti e Turim. Meu Grupo ficou alojado em um antigo quartel dos pára-quedistas italianos, em Alessandria, quando, então, foram estabelecidas as ordens rotineiras de um quartel em tempo de paz, dando motivo para que as praças comentassem: "Caxias desceu de pára-quedas."

Da campanha realizada pela FEB na Itália, um dos pontos de destaque foi a integração Artilharia-Infantaria. O indissolúvel binário que estabelecemos, aquela união em todos os níveis entre comandantes de Grupo e oficiais-de-ligação com comandantes de Batalhão; entre observadores avançados e comandantes de Companhia ou mesmo Pelotão, foi nosso maior orgulho. Os infantes que apoiamos sempre foram os maiores admiradores da Artilharia, pelo pronto cumprimento da missão solicitada. Caiado de Castro, Nelson de Mello, Delmiro de Andrade, integrando suas ações com os Comandantes de Grupo, conduziram suas Unidades com serenidade, pertinácia, audácia e bravura. Seus infantes, quer pela bravura que demonstraram na luta, abatendo um inimigo tenaz, abrigado em posições fortemente organizadas, as últimas que abririam as portas para o vale do Pó, quer pelo sacrifício a que estiveram expostos, sofrendo pesados bombardeios de artilharia e morteiros, ombrearam-se com os infantes de Sampaio.

Cordeiro de Faria, insígne artilheiro, cativante figura humana, aglutinador, líder nato, com a sua Artilharia precisa e sempre oportuna, conduziu a Infantaria

à vitória. Desejoso sempre de dar o máximo de apoio no ponto decisivo, ousou na organização da Artilharia para o ataque a Castelnuovo, empenhando-se no sentido de contar com o apoio do I Grupo ao 11º RI, deixando a frente defensiva de Lizzano sem Artilharia. Ousou, também, confiando nos seus comandados, por lhe ter sido imposta a condição de só liberar o Grupo para o seu deslocamento às seis horas da manhã, para suas novas posições, distantes 20km, para participar do ataque previsto para as 9h30min. Quando a situação exigiu o rápido deslocamento da Infantaria, Cordeiro de Faria, com seu alto espírito de colaboração, apoiou firmemente a decisão do Gen Mascarenhas de Moraes de utilizar as viaturas da Artilharia nessa nova modalidade de apoio à Infantaria. A supervisão e movimentação dos transportes pelo Gen Cordeiro, disse Mascarenhas, concorreram valiosamente para a esplêndida vitória das armas brasileiras, representada pela rendição da 148º Divisão alemã e da Divisão italiana.

Neste instante em que recordo fatos vividos na campanha da Itália, quero dirigir meu pensamento e render minha homenagem aos meus bravos comandados. Vejo-os todos, oficiais e praças, os das turmas de ligação com seus heróicos observadores avançados, os da central de tiro, os integrantes das linhas de fogo com seus obuses, o pessoal de comunicações, os encarregados do provimento e os da manutenção, todos altamente capazes, animados de um sadio espírito de corpo e de elevado sentimento do dever.

Não posso, também, omitir-me e deixar de invocar um nome: o da excelsa figura do Comandante da Força Expedicionária Brasileira – o Marechal Mascarenhas de Moraes; a ele nossa mais eloqüente homenagem e o nosso mais profundo respeito.

General-de-Exército Rubens Mário Brum Negreiros*

Natural da cidade de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, pertence à turma de 1943, da Escola Militar do Realengo. Na guerra exerceu a função de Adjunto do S/2 (Oficial de Informações) do 9º Batalhão de Engenharia da Força Expedicionária Brasileira. Em 1961, chefiou o Curso de Engenharia da Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1966 foi promovido a Coronel e, no ano seguinte, assumiu o Comando do 2º Batalhão Ferroviário e a Chefia da construção da estrada de ferro para Brasília. Entre 1969 e 1971, foi Oficial de Gabinete do General Orlando Geisel, Ministro do Exército. Nos anos de 1972/73, foi Adido Militar na França. Promovido ao posto de General-de-Brigada, em 1975, foi nomeado, no ano seguinte, Comandante do 1º Grupamento de Engenharia e Construção, no Nordeste. Em 1977/1978, exerceu a função de Secretário de Estado e Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Em julho de 1984, foi promovido a General-de-Exército e, em 1986, comandou o I Exército. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Passou para a reserva em 1987. Na reserva, foi Presidente do Clube Militar, em 1988, e desempenhou funções executivas na Transbrasil S. A., Ericsson Telecomunicações S. A. e Rheem Empreendimentos Industriais e Comerciais S. A.

* Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 12 de abril de 2000.

Minhas declarações serão as mais espontâneas possíveis, para que traduzam um sentimento pessoal.

Em 1939, quando estourou a guerra – eu era jovem, cursava o Colégio Universitário – lembro que não houve surpresa, porque ela já vinha se desenvolvendo, desde 1933, com a subida de Hitler ao poder, mas trouxe comoção pelos reflexos que poderiam trazer ao País. Ocorria dentro do governo, que eu lembre, uma nítida divisão: havia o grupo que era pró-Alemanha, pró-nazistas ou outro título que se queira dar, e outro grupo que seria pró-Estados Unidos, pró-democracia ou pró-liberdade, como, também, se queira encarar.

Quando começou o ano de 1940 – eu entrara para a Escola Militar – não posso esquecer a força que faziam as pessoas do governo que eram pró-Alemanha, para influenciarem o meio estudantil, em particular, os cadetes do Realengo. Certa vez, reuniram quase toda a escola no cinema para assistir a um filme da invasão alemã na Polônia. Após a exibição, em vez dos aplausos que eles esperavam, porque era uma escola militar e a invasão demonstrou o poderio bélico espetacular do alemão, o filme recebeu apupos. Havia uma reação natural da nossa juventude contra as idéias nazistas, que se apresentavam perante o mundo. A manifestação de repúdio dos cadetes foi uma surpresa para aqueles que queriam introduzir, via Escola Militar, essa influência no Exército. Isso me marcou e, passados, praticamente, sessenta anos eu ainda lembro, nitidamente, desse fato. Outro episódio, também muito sintomático, que tenho guardado na memória, foi um discurso que o Presidente da República, na época Getúlio Vargas, fez a bordo de um cruzador, no dia 11 de junho – dia comemorativo da Batalha Naval do Riachuelo – no qual ele atacou a democracia. Disse que estava ultrapassada e que o mundo se voltava para um novo sistema de governo e, embora não tenha afirmado, claramente, insinuava que era o adotado na Alemanha e Itália. Não é preciso dizer que, na época, houve uma reação grande, inclusive, contra o Presidente – como eu ressaltei antes, havia, dentro do governo, grupos favoráveis à democracia – obrigando-o, em uma outra solenidade, alguns meses depois, a fazer um novo discurso, esclarecendo aquelas dúvidas ou incertezas que deixara. Disse que ele não era pró-nazista e nem pró-Alemanha e, sim, pelo bem da humanidade, procurando, então, tirar aquela impressão. Isso caracteriza bem a posição de neutralidade do País, mas havia tendências, dentro do próprio governo, para os dois lados.

Em que pese a guerra submarina continuar intensa no Atlântico Norte e não ter, ainda, se deslocado para o Sul, as primeiras preocupações com a defesa do nosso litoral começaram a surgir. Nós não podíamos ficar atrelados a outros países para efeito de proteção da nossa soberania. O Nordeste, particularmente, tinha uma posi-

ção geográfica saliente muito importante, na época, para os americanos e alemães. Tomou-se, então, a decisão de deslocar tropas para a defesa dessa região do País. Esse movimento ficou gravado na história de várias Unidades do nosso Exército. Eu, como Aspirante, fui para Itajubá, Minas, mas logo depois, promovido a 2º Tenente, fui transferido para Fernando de Noronha, uma ilha oceânica e que tinha um papel muito importante na defesa da costa e do trajeto saliente nordestino-África. Chegamos em 1943, tendo permanecido nove meses marcados pela grande dificuldade de adaptação à alimentação e à vida isolada.

Como registro histórico, é importante caracterizar que "Fernando de Noronha era o destino das pessoas de má-conduta". Com o passar do tempo, ficou claro que o Brasil iria enviar tropas para a guerra, sem se saber para onde. Os convocados, receosos de serem enviados para aqui ou acolá, encontraram uma maneira de ficarem livres da guerra: serem expulsos do Exército. Bastava, portanto, cometer uma falta grave, tipo insubordinação ou agressão contra um oficial ou sargento e estava resolvido – ele ia ser expulso, imediatamente. No entanto, veio a contramedida: "Ninguém mais seria expulso do Exército; todos permaneceriam, mas seriam transferidos para Fernando de Noronha." Meu Destacamento de Fernando de Noronha, que era de transmissões – hoje chama-se comunicações –, tinha um efetivo pequeno, de 110 praças, das quais cem eram de "má-conduta". Às dificuldades naturais de adaptação foram somadas, agora, o enquadramento desse pessoal. Eu não tenho queixa dos meus cem "más-condutas"; até fiquei amigo deles. Nós criamos uma série de atrativos e, para os valentões ou para quem criasse problemas, todo sábado, eles eram obrigados a participar de uma luta de boxe que só parava quando um dos lutadores fosse a nocaute. Não é preciso dizer que os violentos diminuíram bastante.

A Ilha de Fernando de Noronha possuía, na época, uma Base Aérea americana, onde, diariamente, ao fim da tarde, paravam da ordem de cinqüenta aviões que, no outro dia de manhã, levantavam vôo. Ela era ponto de apoio para as aeronaves que faziam a ponte aérea da América para a África. Regularmente e de surpresa, eram realizados exercícios, porque havia a expectativa de tentarem desembarcar. Na realidade, era a presença que fazia valer e respeitar a nossa soberania, nessa ilha oceânica. O efetivo militar, em Fernando de Noronha, chegou a três mil e quinhentos homens. As dificuldades eram imensas. Nós coletávamos água da chuva, porque a existente era salobre, aproveitando trabalho feito pelos portugueses no século passado. A alimentação, pouco variada, vinha do continente – a ilha nada produzia, a não ser peixe. Continente era como chamávamos Natal, Recife, Fortaleza. Por navio, com intervalos de um mês e meio ou dois meses, chegavam os mantimentos que eram descarregados no chamado Porto de Santo Antônio – de porto não tinha nada,

era uma enseada. A esse respeito, existem fotografias de um trapiche que foi feito para receber os navios, mas uma ressaca derrubou tudo, no dia imediato à desatracação da primeira embarcação. Concluiu-se que o melhor não era fazer o trapiche mas utilizar balsas, operadas por uma tropa de Engenharia – Destacamento de Pontoneiros. Outro ponto interessante é que o nosso Destacamento de Transmissões era responsável pela ligação com os navios que passavam ao largo. Muitas vezes não se podia usar o rádio e o contato tinha que ser feito através de semáforo. O nosso pessoal posicionava-se num ponto destacado que se chamava Forte dos Remédios – ficava num penhasco – e lá nos correspondíamos com as embarcações em trânsito pela área.

Com o deslocamento de uma parte da frota de submarinos alemães para o Atlântico Sul, o transporte, via marítima, praticamente, parou. O deslocamento da tropa e de muitos militares passou a ser realizado por meios interioranos: estrada de ferro, via fluvial ou por meio rodoviário. Tive oportunidade de viajar por meio fluvial, quando aconteceu um fato interessante que serve para demonstrar que nem sempre aquilo que parece aos olhos como melhor é a realidade. Nós estávamos – eu e mais três tenentes – em Pirapora para seguir viagem para o Nordeste, e havia no porto – quer dizer, na barranca do Rio São Francisco – dois navios gaiolas: um pequenininho e outro grande, quase o dobro do tamanho. O sargento da Capitania dos Portos nos perguntou em qual navio nós queríamos ir. Logicamente, preferimos embarcar no maior que deveria ser mais rápido, seguro e confortável. O resultado foi que o pequeno levou oito dias, de Pirapora a Petrolina, e, passados quatorze dias, nós, ainda, não tínhamos chegado. Na corredeira onde hoje é uma barragem – Sobradinho – nosso navio subiu numa pedra e furou o casco. Ele era muito grande e o rio estava seco, tornando perigosa a viagem nessas condições e isso não nos foi alertado. Digo isso como registro do passado; não existe mais a corredeira.

Após essa primeira fase, o ambiente, no Brasil, evoluiu para o estado de beligerância, dando ensejo a organização da Força Expedicionária Brasileira. Eu não tinha expectativa de integrá-la. Após o período em Fernando de Noronha, fui transferido para Fortaleza mas, como não me sentia bem – depois foi diagnosticada apendicite –, pedi para vir ao Rio de Janeiro, para tratamento. Em virtude desses fatos – primeiro, porque eu estava em Fernando de Noronha que era outro mundo, outra guerra; depois, esse problema da apendicite – não pude acompanhar o processo de organização da FEB.

Um detalhe bem particular foi a maneira como tomei conhecimento de que ia para a guerra. Havia, na época, no Rio de Janeiro, um jornal chamado *Diário de Notícias* que transcrevia todos os atos do Ministério do Exército. Indo para o hospital para ser operado, li que tinha sido transferido de Fortaleza para a FEB.

Quanto ao Batalhão de Engenharia, minha Unidade na guerra, há que assinalar, de início, que menos de um terço do efetivo que embarcou para a Itália veio da sede, em Aquidauana, Mato Grosso. Diversos motivos como exame de saúde, transferências e outros apresentados com o objetivo de não seguir para a guerra levaram a essa situação. Aliás, eu não sei o porquê da escolha dessa região – Oeste de Mato Grosso – para formar a Unidade. As primeiras notícias sobre a constituição de uma força para a luta de além-mar davam conta de que seriam três Divisões: uma com tropas do Sul, outra do Centro e uma terceira Divisão do Nordeste. Isso fez com que muitos companheiros procurassem se deslocar, de um lugar para outro, para não serem atingidos pela área que teria de formar contingente. Na cidade de Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro, destino final após o deslocamento de Aquidauana, o Batalhão foi recompletado com pessoal de engenharia que servia em quartéis da região, em particular o 1º Batalhão de Pontoneiros, de Itajubá. Essa Unidade tinha sido comandada pelo Coronel José Machado Lopes – nomeado comandante do Batalhão de Engenharia da FEB – quando eu lá servia. Portanto, é bom entender essa ressalva sobre “o Batalhão veio de Aquidauana”, porque se dizia, na época, que cada área do Brasil contribuiria com seus soldados, mas essa não foi a realidade.

Por ter sido incluído no efetivo do Batalhão na etapa final, não participei de toda a fase de preparativos. Porém, posso comentar que os exercícios foram realizados com muito realismo, mas sem estarem focados, por falta de conhecimento, naquilo que iríamos enfrentar. Uma coisa que eu me bato, até hoje, e muitas pessoas não entendem, é que os melhores oficiais e sargentos dos batalhões de engenharia de combate, em campanha, são aqueles oriundos das unidades de construção. Pode parecer uma incoerência, mas é muito simples de entender: cerca de 70% a 80% das missões dos batalhões de engenharia de combate, em campanha, são de conservação, reparação e construção de estradas e pontes; e ninguém mais apto para esse trabalho do que o pessoal que conhece as máquinas e o serviço de estrada, porque eles fazem, na prática, e as unidades de engenharia de combate não tem possibilidades físicas de executar esse treinamento. A reunião dos ensinamentos obtidos nos dois tipos de unidades é fundamental, e isso eu constatei, na realidade.

Dentro dessas atividades de preparação para o embarque, havia um exame de saúde muito rigoroso, procedido por uma junta composta de médicos americanos e brasileiros. Fazia menos de uma semana que eu tinha sido operado devido a uma apendicite, sem maiores complicações. Examinaram-me, viram a situação dos pontos da cirurgia e fui considerado apto. Mas acontece que a vida é diferente. No outro dia os pontos da cirurgia supuraram e foi necessário colocar um dreno, só que a essa altura eu não falei para ninguém que tinha supurado. Meu irmão era médico recém-

formado, olhou e disse: “Isso aí é uma coisa superficial e não deve dar complicação; vamos colocar uns drenos.” Então, indaguei: “E na viagem?”; ele respondeu: “Você todo dia muda o dreno e não diz para ninguém.” Eu embarquei nessa situação e, somente, próximo da chegada a Nápoles os pontos cicatrizaram. Na hora de fazer o curativo, eu me escondia e ninguém tomou conhecimento.

Nesse período pré-embarque, posso dizer que havia, entre os integrantes do Batalhão, boa vontade, interesse e disposição para viajar rumo ao Teatro de Operações italiano. Em 22 de setembro de 1944, meu escalão de embarque – 2º Escalão, com cerca de cinco mil e quinhentos homens – iniciou a difícil viagem, no navio transporte americano *General Meighs*. Os compartimentos, em cada andar, eram estanques para evitar problemas de flutuação, em caso de ser atingido, num ataque. A alimentação era fornecida duas vezes ao dia. O pessoal era distribuído por grupos e quem se alimentasse às sete da manhã, por exemplo, comia a segunda vez ao meio-dia; havia grupo que fazia as refeições às onze horas e seis da tarde, somente. Eu não passei fome, porque era do serviço de polícia que tinha direito a três refeições. Durante o dia, nós podíamos ir para o tombadilho, mas, quando anoitecia, todos eram obrigados a se internarem no navio. Imposto o escurecimento total, sem poder abrir a menor fresta, sob qualquer pretexto, enfrentava-se o calor asfixiante, por não funcionarem os aparelhos de ar condicionado, e a atmosfera poluída, decorrente do acúmulo de pessoas confinadas. Seguidamente, eram realizados exercícios de abandono de navio, diminuindo o tempo gasto para chegar às balsas de desembarque de quarenta minutos, no início, para três a quatro minutos. Havia escadas somente para subida e outras para descida. Durante a travessia, a escolta, que em parte era integrada por navios de nossa Marinha de Guerra, também, realizava seus exercícios – havia dúvidas se eram reais – de bombardeios, bombas de profundidade e evoluções. Embora tenha sido difícil, a viagem possibilitou que cada um de nós passasse a conhecer melhor seu companheiro, agora com a expectativa do embarque transformada em realidade. Tudo isso que acontecia, incutia esse sentimento de que estávamos passando para uma nova fase da luta.

Chegamos a Nápoles ao amanhecer do dia 6 de outubro de 1944 e fomos transferidos para pequenos navios chamados de LCI – *Landing Craft Infantry* – com capacidade para duzentos militares. Eles se parecem com um submarino e quando chegam na margem descem duas escadas pequenas, uma de cada lado do navio. Nosso destino era o porto de Livorno, numa viagem que levaria 36 horas, pelo Mar Tirreno. A flotilha – cinquenta e poucos navios – saiu próximo do meio-dia e, ao cair da tarde desse dia, além da preocupação com a aviação alemã veio se somar uma tempestade, tornando o mar revolto. Os navios pareciam cascas de nozes e balança-

vam mais do que se pode imaginar. As ondas varriam o convés e nos obrigavam a ficar trancados dentro dos compartimentos. Todos enjoaram, terrivelmente, deixando o ar insuportável. Meu navio devia ser do comandante geral da flotilha porque ele era o único que não respeitava a formatura e ficava navegando de um lado para outro. Um fato inusitado foi a tromba-d'água – uma coluna de água que sobe do mar e atinge mais de trinta metros – bem do lado de minha embarcação, assustando todos nós que estávamos no navio. No dia seguinte o mar estava calmo e nem parecia que tínhamos passado por tudo aquilo da véspera. Chegando em Livorno, fomos conduzidos para o acampamento preparado, na *Tenuta di San Rossore*.

A tropa de Engenharia do 1º Escalão, que tinha chegado em julho – nós chegamos em outubro – já estava em operações, no Vale do Rio Serchio. Fora a primeira tropa do Exército Brasileiro a cumprir missão na frente de combate, sob as ordens diretas do IV Corpo de Exército, porque havia muita falta de unidades de Engenharia e a destruição causada pelos alemães era total. No acampamento, passamos a primeira semana que foi de adaptação, depois começaram os treinamentos e recebimento do armamento que estava chegando. Alguns companheiros foram destacados para cursos nas escolas do V Exército, no Sul da Itália.

Com a chegada da totalidade de seus meios, a Divisão brasileira foi reunida e empregada, como um todo, em nova frente. Eu era da Companhia de Comando e Serviços e exercia as funções de Adjunto do Oficial de Informações do Batalhão. Meu batismo de fogo foi quando a minha Companhia recebeu uma missão em Suviana – talvez tenha sido a primeira tropa a seguir para essa nova frente de Porreta Terme – e deslocou-se para a região, chegando no lugar e hora previstos.

Contudo, um dos caminhões da nossa tropa enguiçou e se atrasou em relação ao resto do comboio. Em conseqüência, separado dos demais, essa viatura passou a não receber as ordens referentes a disciplina de luzes e outras que todo o comboio estava recebendo. Então, o caminhão que se atrasou, por iniciativa sua – o brasileiro tem sempre muita iniciativa – onde era determinado blecaute total, isto é, havia proibição de uso de qualquer iluminação, para andar depressa ele acendeu a luz e veio. Por uma coincidência muito grande, talvez um por um milhão ou até mais, porque, nessa fase da guerra, não havia mais aviação alemã, naquele instante que chegava o nosso "belo soldado motorista" com o seu caminhão, de luz acesa, no nosso acantonamento, estava passando um avião de reconhecimento inimigo. O piloto alemão deu umas duas voltas – a gente conhecia bem o som do motor do avião alemão, parecia um zumbido – baixou e nos metralhou. Repetiu mais duas ou três vezes e, depois, soltou bombas incendiárias e foi embora. Isso aconteceu na primeira noite na frente de combate. Por mais rápido que o pessoal fosse para colocar em

posição as metralhadoras antiaéreas, quando tudo ficou pronto, o avião já tinha ido embora. Pelo menos, durante três dias, todos passaram a usar o capacete de aço, recomendação que antes relutavam em cumprir.

Um aspecto de grande valor com relação aos nossos oficiais e graduados é que eles foram para a guerra conscientes. Ao contrário, se aqueles que, inicialmente, estavam no Batalhão, lá em Aquidauana, e que não eram pessoas responsáveis, tivessem vindo, talvez o desempenho fosse outro. Nosso pessoal era ávido por conhecimento do material, da situação e da sua função e aproveitava todas as oportunidades para treinar. Além disso eram destemidos, decididos, incansáveis, o que deu satisfação e prazer aos seus comandantes. Cumpriam suas obrigações sem receio. Nós, oficiais, tínhamos até que refreá-los para evitar que eles se arriscassem além do necessário. Já tive oportunidade de expressar a minha admiração pelo soldado de Engenharia no prefácio que escrevi no livro *Quebra Canela*, do General Raul da Cruz Lima Junior, Comandante da 2ª Companhia de Engenharia.

O grande problema, que todos nós enfrentamos, foi a questão do clima; saímos de uma região quente, como a nossa, para um clima frio, pois, em novembro, quando nós fomos para Porreta Terme, a temperatura estava próxima de zero grau.

O fato marcante do emprego da Engenharia numa guerra, em particular, na frente da nossa Divisão, que chegou a ter uma largura de 15 quilômetros – nenhum vade-mécum tem essa medida –, é estar em todos os lugares. Na campanha da FEB, o General Cordeiro de Faria – Comandante da Artilharia Divisionária – fez uma referência a esse respeito, dizendo: “A Engenharia, nessa campanha, tem realizado o milagre da multiplicação dos pães – está em toda parte.” Enquanto a Infantaria tinha perto de dez mil homens e a Artilharia, também, um número grande, aproximadamente, cinco mil, nossa Unidade tinha menos de novecentos homens, e, não obstante, onde tinha um Tenente de Infantaria, tinha um Tenente de Engenharia. Aliás, para caracterizar esse aspecto de proximidade com os infantes, em Montese, que na minha opinião foi o combate mais duro e sangrento, a Engenharia fez prisioneiro alemão antes da Infantaria.

Em que pese essas missões de acompanhar o ataque, levantando campos de minas, 80% de nosso trabalho eram de conservação, reparação e construção de estradas e pontes, como já disse. Isso nos obrigava a continuar empenhados em trabalhos, nos períodos em que as outras Armas estavam com intensidade pequena de missões. Existe, ainda, uma particularidade: no inverno, a ordem terminante era manter as estradas principais sem neve. Bastava começar a nevar e a Engenharia tinha que ir para a estrada. Às vezes, a Companhia, o Pelotão ou a Fração de Engenharia tinha passado o dia trabalhando na reparação de uma estrada ou outra ativi-

dade específica da Arma; se recolhia, um pouco, para descanso, na retaguarda e, em seguida, começava a nevar; o alarme tocava e eles, “nem tinham sentado para descansar”, entravam de novo no caminhão e iam retirar a neve da estrada. Isso aconteceu durante todo o período do inverno porque, constantemente, caía neve. Deve-se destacar, portanto, numa campanha com intempéries, como foi a da Itália, que a tropa de Engenharia não tem descanso. Nós tínhamos que nos desdobrar, ininterruptamente, para atender aos pedidos de apoio.

Quando começou a fase da guerra de movimento, em particular a Perseguição, após a ruptura da linha germânica dos Apeninos, cresceu a influência das estradas. Estrada significa Engenharia trabalhando. Os imprevistos apareciam a todo momento e nosso trabalho era dobrado. A própria Divisão ficava surpresa com a agilidade das Companhias de Engenharia na realização dos trabalhos. Eu posso falar, porque eu era da Companhia de Comando e Serviços, portanto, eu não estou me auto-elogiando. Mais de uma vez, as tropas ficaram paradas; formavam-se grandes colunas de viaturas impedidas de prosseguir, à espera de que a Engenharia lhes desobstruísse o caminho. Esses casos eram reparados com meios de fortuna, uma espécie de socorro, de assistência, para a coluna seguir em frente. E foi essa velocidade que permitiu o cerco, lá em Fornovo, que redundou na rendição da 148ª Divisão alemã.

Uma particularidade dessa fase é a indefinição das linhas, dos contatos; a gente não sabe onde está o inimigo e, às vezes, nem mesmo onde nós estamos. Na Perseguição, nós pegávamos o mapa e desconfiávamos que o inimigo estaria em tal lugar; quando chegávamos lá, não encontrávamos ninguém. Nós passamos por eles e não vimos. Eles, também, não sabiam onde nós estávamos. Eu não gosto de citar nada pessoal, mas esta colocação que vou fazer é interessante. Nessa fase final da guerra, eu recebi a missão de me deslocar com destino ao Vale do Rio Pó, para realizar trabalhos de reconhecimento. Disseram-me quais as estradas que deveria passar para chegar ao destino e identifiquei-as no meu mapa. Tudo pronto, iniciei o movimento e, menos de dez quilômetros à frente, fui detido por tropas americanas que impediam a passagem porque, sem saber onde, havia forças inimigas na região.

Relatei ao militar que me interceptou – era um sargento – a minha missão e ele disse: “Tenente, o senhor tem que ir por outro caminho porque, por essa estrada, o senhor não passa daquele ponto” e, apontou para uma casinhola. Diante disso, me afastei e, examinando o mapa, verifiquei que poderia utilizar uma série de estradas vicinais. Decidi alterar o planejamento inicial e seguir viagem por aqueles caminhos menos conhecidos, e então passava por aquelas vilas – *paese*, como os italianos chamam os vilarejos – sendo o primeiro combatente aliado que chegava no lugar. Era recebido pelas pessoas da região, cerca de cem, muitas famílias, com saudações de

"viva o *liberatori!*", "viva o *liberatori!*" e com presentes do tipo flores, frutas, vinho, que a gente colocava nos jipes – nós éramos, além de mim e dos dois soldados motoristas, cinco sargentos. Eu tive sorte de encontrar, logo no começo de meu deslocamento, um *partigiani* conhecedor da região e que me prestou valiosas informações sobre as estradas que deveria seguir.

Foi assim que, dando uma volta completamente diferente daquela que estava planejada, e com incerteza (porque onde se dizia que não havia inimigos, estava "cheio" deles, e os lugares indicados para não passar devido à presença alemã estavam totalmente livres), nós fomos avançando, sempre, na direção do Rio Pó. A cidade mais importante dessa região era Piacenza – notável cruzamento de rodovias – que, praticamente, tínhamos que cruzar para chegar às margens do Pó.

Ninguém sabia informar se havia inimigo em Piacenza. Resolvemos prosseguir, entrando na cidade, e quando atingimos, mais ou menos, o meio dela, passamos a sofrer pesado fogo cerrado inimigo, de todos os lados. A dúvida era saber para que direção deveríamos seguir: se para a frente ou recuar – o perigo era igual, qualquer que fosse a decisão tomada. Partimos para a frente e tivemos sorte: passamos por lá e chegamos ao nosso destino, o Rio Pó. Fizemos o reconhecimento que estava previsto e voltamos por outro caminho diferente do que tínhamos usado na ida.

Foram jornadas difíceis, cercadas de muita incerteza, pois os dados disponíveis eram muito tênues em relação à realidade. A missão fora prevista para ser cumprida em um dia e acabamos por levar duas jornadas e meia. A sorte nos protegeu em Piacenza porque ficamos cercados por todos os lados e por cima, também, por tiros de arma pesada, enquanto cortávamos aquelas avenidas destruídas. Os soldados e os sargentos que estavam comigo eram pessoas com coragem, dizendo o tempo todo: "Vamos em frente! Vamos em frente, que a gente chega lá!"

Quando retornei ao meu acantonamento, um dia e meio depois da data marcada, me dirigi satisfeito ao comandante da minha Companhia – na época era o Capitão Lúcio de Moraes Caldas – e passei a relatar que tinha sido "*liberatori*" de várias pequenas *paeses* e que a alegria era tanta que me cumularam de presentes. Aí ele, muito sarcástico, me disse: "Isso é o que sobrou da despedida dos alemães. Eles acabaram de sair de lá e levaram de presente frutas e flores e o que sobrou deram para você." Isso demonstra a incerteza... a maneira como as populações reagem diante de cada fato.

O contato entre as tropas aliadas em ação na Itália foi de cordialidade. Havia a 10ª Divisão de Montanha, que foi lançada junto com a nossa Divisão no ataque de 21 de fevereiro a Monte Castelo e era uma tropa treinada, exclusivamen-

te, para operar, como seu próprio nome indica, na montanha e no inverno. Essa Divisão fez coisas inacreditáveis e seus homens eram superespecializados e supertreinados. Tenho a impressão, exagerando logicamente, que o mais baixo devia ter dois metros de altura. Era gente de primeira linha. Também nossos vizinhos, a 1ª Divisão Blindada, que já vinha combatendo há muito tempo, desde o Norte da África e mesmo antes, era constituída de pessoal, também, altamente profissional. Essa Divisão colaborou na tomada de Montese. Eu estava no observatório e ouvi o diálogo entre o Comandante do Pelotão de Blindados e seu superior, que estava nesse mesmo posto de observação. Ele dizia: “É preciso que a Infantaria venha, porque nós não agüentamos mais o ataque dos alemães contra os nossos carros.” A Infantaria encontrava dificuldades – a gente tinha a facilidade de ver e o combate estava intenso, difícil, ninguém podia se mexer – e o americano continuava com seu apelo: “Não tenho mais como suportar isso, daqui a pouco vou ter que recuar e eu não quero recuar.” Esse episódio, se não me engano, foi em Monte Buffone e, no fim, se resolveu.

Assim, o relacionamento com as tropas aliadas era bom; se havia alguma disputa eram pelas *signorinas;* mas isso era coisa de retaguarda.

A respeito do apoio logístico, ele era de primeira qualidade, com tudo programado a tempo e a hora. Agora, tem uma particularidade: os americanos tinham tudo muito bem organizado, as quantidades de suprimentos seguiam tabelas, tudo perfeito, mas, também, não escapavam de uma boa conversa. O nosso Capitão S/4 do Batalhão – Oficial de Suprimento – sempre conseguia além do que estava estabelecido, como padrão. Qual era o jeito que ele dava, eu não sei, mas nós recebíamos a mais.

Respeitando e admirando o trabalho de todos, sem dúvida, eu não posso deixar de ressaltar o trabalho incansável da Engenharia, na Campanha da Itália. Ela não teve sossego nem antes, nem depois, na volta. Quando a Divisão foi ocupar posição na frente de combate ou quando chegou o momento do regresso, nós sempre éramos os primeiros a serem acionados. No fim da guerra, a partir de maio, quando todas as tropas tiveram permissão para visitarem cidades da Itália e França, nós continuamos trabalhando na recuperação das estradas, visando, já, o tempo de paz. Eu mesmo, percorri três vezes o trajeto de Alessandria para Francolise, ajudando a preparar o acampamento da nossa Divisão, nessa última cidade, antes do regresso. Nós entendíamos esse sacrifício a que fomos submetidos.

Chegamos ao final da Campanha com um saldo muito bom – não digo excelente porque nada consegue atingir esse ponto – e que nos deu satisfação e orgulho de ter servido no 9º Batalhão.

O que mais me impressionou na Força Expedicionária Brasileira foi o desprendimento e a dedicação do pessoal e o destemido soldado brasileiro. Ele não tinha medo de nada; você tinha que cuidar, ao dar uma ordem que envolvesse risco de vida, para que ele não se excedesse.

Apesar de ter recebido o material na Itália, nosso homem, rapidamente, venceu as dificuldades decorrentes desse fato. Logo que chegamos à Itália, alguns oficiais e praças foram enviados para as escolas americanas, na retaguarda, algumas situadas perto de Nápoles e outras, de Florença. Com relação ao material de pontes, somente o V Exército possuía esse equipamento e quem precisasse dele deveria solicitar, especificando qual o tipo de material, e recebia, em seguida. Fui destacado para cursar o *Bailey Bridge*, numa escola perto de Nápoles. Mais de uma vez, outras turmas foram selecionadas para fazer esse curso – a ponte *Bailey* era a grande solução e continua sendo até hoje – e, no fim de determinado período, todo o pessoal estava especializado, isto é, sabia trabalhar com o material, porque a escola era fantástica. O curso de minas também era extraordinário, e o pessoal, após o treinamento, vinha repassar o resultado das instruções para nós e, também, para os integrantes do Pelotão de Minas da Infantaria. Resta, ainda, considerar que o pessoal oriundo dos Batalhões de Construção já tinha experiência de trabalho com as máquinas de manutenção e reparação de estradas, aqui no Brasil.

Aliás – já fiz essa ressalva antes – o pessoal da Engenharia de Combate não possuía esse tipo de material e, chegando na Itália, fomos encontrar aquelas máquinas de terraplenagem. Eu costumava dizer que aquilo – os equipamentos mecânicos – "não era bicho para o pessoal dos Batalhões de Construção, mas era bicho para o pessoal dos Batalhões de Combate". Muitas pessoas não concordam com o meu ponto de vista, mas acho fundamental essas duas especialidades, que são complementares. Não vou desfazer de ninguém, mas na minha opinião, o melhor tenente do Batalhão era oriundo de uma unidade de construção, que muitos chamam de "batalhão de paisanos". Por quê? Porque as máquinas não eram "bichos" para ele; sabia empregá-las. Eu sempre lutei para que todos os oficiais passassem ora por batalhão de combate ora por batalhão de construção; não é que os comandantes de batalhão de combate não fossem bons, é porque eles não têm meios de fazer o treinamento de construção, que é caro.

Quero fazer referência especial ao Coronel José Machado Lopes, Comandante do 9º Batalhão de Engenharia da Força Expedicionária. No fim de sua carreira teve alguns problemas políticos, mas foi um excelente Chefe. Ele soube se impor não só aos seus comandados como diante dos poderosos comandantes de regimentos de infantaria. Para controlar uma tropa dispersa numa frente de 15 quilômetros, como

a nossa, o comandante tinha que ser bom, caso contrário não conseguiria. Quando se está nessa situação de isolamento, os comandantes de Companhia não gostam de receber ordens. O Coronel Machado Lopes se fez respeitar. Ele foi um belo comandante do meu Batalhão.

Com relação aos demais integrantes é difícil ressaltar alguém, em particular, mas repito que o melhor tenente era oriundo de um Batalhão de Construção. Serve para chamar a atenção daquela tese, que costumo destacar, de que é preciso servir nos dois tipos de batalhões.

Na Campanha, não me lembro de ter assistido ou confortado qualquer integrante de minha Unidade, mas aconteceu uma tragédia em Porreta Terme, sede do Quartel-General da Divisão Brasileira. Num bombardeio alemão, por acaso uma bomba caiu num prédio de poucos andares, cujo pavimento inferior era usado como presídio de italianos. Na verdade, era um posto de triagem para os refugiados provindos da frente de combate, a fim de prestarem informações, visto que poderiam ser espiões. A explosão provocada pela bomba, que caiu, exatamente, em cima da casa, fez desmoronar todo o prédio. Por uma coincidência trágica, o presídio estava cheio. Nós fomos chamados para socorro e desobstrução e foram resgatados corpos espatifados de encontro às paredes, braços e pernas arrancados pela violência da explosão e, apesar dos esforços para afastar as pessoas, havia aqueles italianos perto. Foi uma situação difícil, triste e que nos abateu bastante.

Tive uma grande decepção ao chegar ao Brasil, porque eu havia lido no jornal que, na chegada do 1º Escalão, tinha havido uma recepção apoteótica. A minha Unidade veio no navio brasileiro *Pedro II*, que partiu de Nápoles cerca de vinte dias depois. Aí, a recepção foi uma tristeza. Foi tão ruim e mal preparada, que o Coronel Machado Lopes recusou-se a sair do navio conforme programado, junto com os demais. Saiu sozinho e foi embora para casa, sem cumprimentar ninguém. No cais do Porto do Rio de Janeiro, onde nós encostamos, ninguém podia chegar perto do navio e nós saímos direto de dentro dele, como se prisioneiros fôssemos, para um trem, que já estava estacionado ali, sem poder conversar com ninguém, sem falar com ninguém. As famílias estavam entre cinqüenta e cem metros de distância e não se podia falar com elas. Quando o Machado Lopes viu isso, ele foi embora. Disse que não ia para Realengo – Escola Militar do Realengo – que foi o local para onde nos levaram, de trem.

Eu vi a minha família, meu pai, minha mãe, mas não pude falar com eles! Isso foi terrível! Em Realengo, não houve recepção, não houve nada. Tudo se assemelhava àquelas cenas de filmes em que os judeus eram embarcados como gado.

Um fato positivo, voltado para a divulgação dos conhecimentos adquiridos em campanha, foi a classificação, na Escola Militar de Resende, de um grupo de

vinte tenentes com efetiva participação no combate. Foi uma demonstração de reconhecimento do nosso valor e que a experiência que trazíamos era válida. Mas, fora isso, mais nada.

Gostaria de concluir este depoimento sobre a história de nossa Força Expedicionária Brasileira dizendo que ela cumpriu com galhardia e desprendimento as suas missões. Teve experiências inusitadas, percorreu regiões e enfrentou clima nunca imaginados e se saiu bem. Tudo isso foi possível porque o nosso combatente estava consciente da sua obrigação e demonstrou destemor e patriotismo, no cumprimento de suas missões.

General-de-Divisão César Montagna de Souza*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, pertence à turma de 1934, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu, no posto de Capitão, a função de Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira. Entre 1949 e 1955, foi instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, sendo que no ano de 1952 freqüentou o Curso de Artilharia em Ft. Sill, nos Estados Unidos. Em 1962, foi promovido a Coronel. Nos anos de 1964 e 1965, desempenhou as funções de Subcomandante da Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1966, comandou o Grupo Escola de Artilharia, sediado no Rio de Janeiro. Promovido ao posto de General-de-Brigada, em 1967, foi nomeado, a seguir, comandante da Artilharia de Costa da 1ª Região Militar. De 1969 a 1972, exerceu as funções de Adido Militar nos Estados Unidos. Em 1973, promovido ao posto de General-de-Divisão, foi nomeado comandante da 3ª Divisão de Exército, no Rio Grande do Sul. Passou para a reserva em 1977. Entre 1979 e 1982, foi Vice-Presidente e Presidente do Clube Militar. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze (Estados Unidos); e Cruz ao Valor Militar (Itália).

---

* Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 9 de maio de 2000.

Até ser convidado pelo General Cristóvão Barcelos para ser seu Ajudante-de-ordens, minha vivência militar dera-se em Unidades de Artilharia de Costa. O convite veio em boa hora, pois eu não estava bem adaptado ao ambiente do Grupo onde servia. Nessa mesma ocasião, desenrolava-se o processo de organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e comentava-se muito sobre a mobilização de uma segunda divisão, à qual eu pretendia me incorporar. Mas, logo verifiquei que seria pouco provável a organização de outro contingente e, como tinha sido aberta uma vaga de S1[1] no Estado-Maior da Artilharia Divisionária (AD), me interessei em ocupá-la. Dirigi-me ao Capitão Edmundo da Costa Neves, que me informou que a vaga já estava preenchida, mas havia necessidade de um oficial para servir no Quartel-General (QG) da AD.

Deixei claro que, pelo fato de ser Ajudante-de-ordens, não me interessava ir para a guerra nessa função. O Capitão Edmundo insistiu, dizendo que eu deveria ir e, de imediato, falou com o General Cordeiro de Faria – Comandante da Artilharia Divisionária – que, por sua vez, telefonou para o General Cristóvão Barcelos e falou-lhe: "Convidei o Montagna, mas ele não está querendo vir porque é o seu Ajudante-de-ordens." O General Barcelos, após a conversa com o General Cordeiro, me chamou e disse que eu deveria aceitar o convite, acrescentando: "Estive na 1ª Guerra; agora, você vai para a Segunda Guerra Mundial."

Integrado, tardiamente, à Artilharia da FEB, não cheguei a participar, no Brasil, dos exercícios preparatórios visando à campanha que se avizinhava. Apenas, assisti a um exercício de tiro de AD, que era um conceito novo, na época, realizado quando o Grupo de São Paulo[2] chegou ao Rio de Janeiro. Foi muito útil e válida a realização desse treinamento.

Meu escalão, da ordem de cinco mil homens, embarcou no imenso navio *General Mann*, e partiu para a Itália numa viagem que transcorreu de forma agradável. A bordo, tive a sorte de ser chamado pelo Coronel Miranda para auxiliá-lo no serviço de policiamento e pude, nessa condição, percorrer o navio, inspecionando os compartimentos, os *decks*, sem ter que permanecer trancado, durante as noites. Chegando a Nápoles, nosso primeiro destino, fomos transferidos para as LCI[3] – embarcações de fundo chato – para prosseguir viagem para o norte. Todo o efetivo, da ordem de duzentas pessoas, que estava na barcaça, enjoou, exceto o General Cordeiro.

Por fim, fomos para um acampamento já montado, com barracas americanas, chamado de *Tenuta Di San Rossore*, protegido por uma Bateria de Artilharia Antiaérea estrangeira.

---

[1] Chefe da Seção de Pessoal do Estado-Maior, nível Unidade (Batalhão, Grupo).

[2] III Grupo de Obuses organizado em Quitaúna, São Paulo

[3] *Landing Craft Infantry* – barcaça de desembarque de infantaria.

Embora classificado como Ajudante-de-ordens, na realidade eu era “mais um oficial” na Artilharia. O Coronel Miranda – E/4[4] da AD – precisava de um ajudante para proceder ao controle do material que estava sendo entregue e conseguiu, junto ao General Cordeiro, a minha liberação para que fosse auxiliá-lo. Fiquei trabalhando como Adjunto do E/4 durante a entrega de todo o material às Unidades. Quando terminou, retornei ao QG e, após um determinado período sem uma atividade específica, recebi a missão de fazer a ligação entre a AD e o Destacamento do General Zenóbio, que combatia no Vale do Rio Serchio. No fim do mês de outubro, já estava exercendo essa função de Oficial-de-ligação, quando a tropa brasileira sofreu contra-ataque alemão e foi obrigada a retrair. Aí, praticamente, ocorreu o meu batismo de fogo.

O General Cordeiro decidiu localizar o seu QG afastado da área de estacionamento da Bateria Comando, para que pudesse ter mais liberdade, ou seja, para que o funcionamento do QG ficasse desvinculado das peculiaridades da tropa. Ele recebia muitos comandantes, além da visita de outras pessoas, o que, de certa forma, exigia um lugar adequado, com apoio logístico específico, particularmente, de alimentação. Coube a mim a missão de realizar os entendimentos com a população local para a ocupação das casas escolhidas para o QG e, nessas oportunidades, pude constatar o ótimo relacionamento e compreensão que havia entre brasileiros e italianos.

Duas atividades muito importantes, sob o ponto de vista da assistência ao combatente e com reflexos no moral da tropa, são os apoios de saúde e o religioso. Ambas, na minha opinião, funcionaram muito bem. Desde o início, quando embarcamos, tivemos o acompanhamento de um padre católico que se mostrou muito acessível. O trabalho dele começou, ainda na viagem, com pessoas que ficaram perturbadas, necessitando desse apoio espiritual.

Nosso médico, na AD, era o Capitão Luís da Silva Tavares – Doutor Tavares – que foi apelidado de “Dr. Morte Certa”. Ele receitava a sulfa, medicamento antiinfeccioso da época, sem dizer o nome do remédio, mas denominando os comprimidos de “macho” e “fêmea”. Às vezes receitava dois comprimidos: “um macho e uma fêmea”. Deu certo, porque quase não tivemos problemas de saúde.

Sobre o combatente alemão, devo dizer que foi eficiente, “não dava sopa”[5]. Suas viaturas eram bem cuidadas. Seus bombardeios de canhão 170mm e morteiros eram precisos, compensando a falta de munição.

---

[4] Chefe da Seção de Apoio Administrativo do Estado-Maior.

[5] Gíria militar que quer dizer não facilitar as coisas. No texto, indica que era difícil observar um soldado alemão. Ele estava sempre no interior de seu abrigo.

Um fato singular na campanha da FEB aconteceu após a vitória de Montese, em abril de 1945, quando não restou outra alternativa para os alemães senão a de retrair. O Pitaluga[6] foi lançado em busca do contato e, em determinado momento, era preciso que as Unidades de Infantaria cerrassem à frente, a coberto do Esquadrão. Nós estávamos em Zocca e o General Cordeiro foi chamado ao QG da Divisão; no seu regresso reuniu os oficiais e disse: "Tenho uma notícia para vocês que é a seguinte: nós vamos deixar os nossos canhões parados e ceder as viaturas, com os motoristas, para transportar a Infantaria." A primeira reação do Ribas[7] foi de contrariedade com a decisão anunciada. Eu estava presente e vi quando o General Cordeiro assim se expressou: "Se vocês não querem fazer, eu faço com os meus capitães." Diante dessa situação, todos fizeram a vontade do Chefe. Nessa fase de movimento, sem dúvida, o Pitaluga, com aquele espírito de cavalariano de que é possuídor, foi o grande homem, fazendo muito mais do que se esperava. Na execução de suas operações, ele sentiu a necessidade da Infantaria ao seu lado.

O apoio logístico recebido foi ótimo. Em matéria de alimentação, não havia qualquer dificuldade no suprimento de gêneros; os depósitos estavam sempre abarrotados. O Brasil, inclusive, enviou quantidades expressivas deles para confecção de refeições, consoante os nossos hábitos alimentares. Eram comuns os contatos entre o nosso pessoal e os italianos para realizarem aqueles "negócios" de trocas, envolvendo as latas de refeições – *scatolletas*[8] – o que proporcionou uma integração muito boa com a população. Um fato curioso e engraçado, dentro desse aspecto que estamos abordando, era a dificuldade para descongelar o frango, que chegava muito duro, naquele inverno rigoroso.

A respeito do Estado-Maior da Artilharia Divisionária, antes de mais nada deve-se destacar a qualidade de seus oficiais. Eram militares de primeira ordem que, inclusive, tiveram êxito, posteriormente, galgando os postos mais elevados da carreira. Com relação ao funcionamento, foi tudo perfeito, sem qualquer dificuldade.

A organização da FEB foi a oportunidade de se proceder a uma completa mudança no ambiente militar da época, com a chegada dos novos materiais, técnicas e processos de combate. Nós lidávamos até então com muares e carroças, para se ter uma idéia. Essa capacidade de adaptação e versatilidade do nosso homem para com os novos materiais foi impressionante.

Gostaria de fazer uma referência especial ao General Cordeiro de Faria, nosso Comandante da Artilharia. Ele era formidável; não tinha defeitos. Nos momentos de

---

[6] Comandante do Esquadrão de Reconhecimento – Capitão Plínio Pitaluga.

[7] Coronel Emilio Rodrigues Ribas Jr, Chefe do Estado-Maior da AD.

[8] Uma pequena lata, em italiano.

dificuldades, estava sempre presente. Tinha carinho por todos os seus oficiais de Artilharia, inclusive das outras Armas. Era, sem dúvida nenhuma, um grande líder. Possuía uma vantagem que era ser amigo do General Mascarenhas e do Coronel Castello Branco, Chefe da Seção de Operações da nossa Divisão, o que ajudava a manter, entre eles, um entendimento perfeito, transmitindo segurança para todos nós. Outra característica do General Cordeiro era a coragem. Ele não ficava, somente, na retaguarda, em seu QG, mas se deslocava para a frente de combate para visitar os comandantes de Infantaria, além do contato permanente com os de Artilharia

Existem momentos, sem dúvida, em que é necessário dar o apoio moral, confortar o companheiro. Certa vez, se designou um tenente, que estava à retaguarda – em Pistóia –, para as funções de observador avançado, na primeira linha da Infantaria. Preocupei-me com a escalação que fizemos, porque ele não estava acostumado em ocupar posição tão à frente. Consegui um jeito e, no dia seguinte à sua chegada à Unidade, para o exercício de suas funções, estive conversando com ele. Aliás, minha presença acabou não sendo boa, porque, quando me retirei, o alemão atirou muito sobre a região, provocando uma morte.

A propaganda que mais influiu no ânimo dos nossos soldados era a transmitida por rádio. Eles chegaram a espalhar prospectos entre nós, mas aquela voz no rádio dizendo: “vocês estão aqui...a situação no Rio de Janeiro está...” era a que mais “apertava” o coração do combatente. Foram muitas as mensagens transmitidas pela rádio alemã dirigidas aos nossos combatentes. Agora, houve, também, “convites” nossos, lançados em projetis, para que eles se rendessem. A propaganda era de ambas as partes.

Na fase de ocupação militar[9], foram distribuídas áreas de responsabilidade para as Unidades. O congraçamento com a população, então, foi geral, sem que tivesse ocorrido qualquer incidente. Quando trafegávamos de caminhões por aquelas avenidas, logo apareciam pessoas para nos saudar com os gritos de: *Liberatori!* O tedesco[10] que havia se retirado não era benquisto pelo povo.

A FEB voltou da Itália distribuída por escalões de viagem – eu não vim no primeiro deles – e soubemos que o desembarque do contingente inicial fora uma grande festa. O Clube Militar, por intermédio de seu Presidente, General José Pessoa, participou ativamente das homenagens realizadas. A partir do 2º escalão, a recepção foi diferente, sem aquela apoteose do povo, mas fomos, sempre, muito bem recebidos. Quando cheguei, por exemplo, havia uma verdadeira festa na minha rua, aqui no Rio de Janeiro.

---

[9] Ato ou efeito de guarnecer com tropas um território conquistado.

[10] Alemão.

Sei que alguns companheiros acham que a FEB não foi tratada como merecia, pelo Exército, quando retornou ao Brasil, mas eu, pessoalmente, nunca senti qualquer tipo de discriminação. Na minha percepção, ninguém agiu, de forma deliberada, para diminuí-la. É claro que minha avaliação fica um pouco prejudicada pelo fato de eu ter sido aprovado, no ano que cheguei da guerra, em dezembro, para a Escola de Estado-Maior e, com isso, fiquei dedicado, durante três anos, aos estudos escolares, afastado, portanto, das atividades de comando e da tropa. Numa certa época, começaram a falar sobre aumento de vencimentos exclusivo para o pessoal da FEB, em detrimento dos demais, e fui contrário a isso porque não deveria haver diferença entre os que foram para a guerra e os que permaneceram no Brasil. Todos são iguais.

Sem dúvida, o Exército ganhou muito com a sua participação no conflito mundial. A transformação básica e fundamental foi o surgimento de uma nova mentalidade. Diversos oficiais integrantes da FEB, entre os quais o Coronel Castello Branco, ao chegarem da Itália foram nomeados instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior e adaptaram-na aos novos conceitos da guerra, introduzindo as modificações que se faziam necessárias.

Quanto à vida familiar, a minha mulher, quando leu minhas alterações, ficou sabendo que eu tinha ido para a Itália como voluntário e não gostou. Reclamou que eu a tinha deixado sozinha, abandonada. Mas isso foi só no início. Na volta, reencontrei a minha filha que não me conhecia. Eu trazia uma boneca enorme para agradá-la e ser bem recebido. Porém, ela disse: “Mamãe, aquele homem está te chamando, está te chamando.”

Sob o ponto de vista financeiro, tivemos grande vantagem porque as famílias, aqui no Brasil, recebiam dinheiro, além do pagamento ao combatente, na Itália.

A guerra ofereceu a oportunidade de realização profissional para um militar. Como tal, quando ela surgiu, achei-me na obrigação de me apresentar, como voluntário. Aquilo que aprendi, particularmente os trabalhos relacionados com o escalão Artilharia Divisionária, foram repassados ao longo de minha carreira. Houve dois momentos que ressalto, por serem bem significativos: o período de instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, entre 1949 e 1955, quando se passou a estudá-la, e mais tarde, como Comandante de Divisão – 3ª Divisão de Exército –, em que tive a oportunidade de executar um “tiro de AD”, incorporando todos os procedimentos aprendidos na guerra.

General-de-Divisão
Domingos Ventura Pinto Júnior*

Nascido em 27 de junho de 1915, no Estado do Rio de Janeiro, RJ, verificou praça em 1º de março de 1933 e pertence à turma de 1935 da Escola Militar do Realengo. Como Capitão, foi designado para integrar a Força Expedicionária Brasileira, nas funções de Comandante da Companhia de Obuses 105mm do 11º RI (Regimento Tiradentes), com a qual embarcou, no 1º escalão, para o Teatro de Operações da Itália, em 2 de julho de 1944. Foi pioneiro em comando de subunidade de Regimento de Infantaria guarnecida com obuses de 105mm, tendo, por isso, permanecido como adido ao 3º Grupo de Obuses, Grupo Souza Carvalho, de março a julho de 1944, para fins de aprendizagem técnica e de emprego da Artilharia. Por determinação do General Zenóbio da Costa, o Capitão Ventura combateu, na guerra, com o 6º RI (Regimento Ipiranga). Alcançou os diversos postos da carreira sempre por merecimento. Promovido a General-de-Brigada em abril de 1965, chegou, na reserva, ao posto de General-de-Divisão. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 22 de maio de 2000.

As causas da Segunda Guerra Mundial envolvem um fato singular: um fanático patriota e chefe de um partido operário alemão, Adolf Hitler, conseguiu elevar a Alemanha à condição de potência mundial e, ele próprio, arrastá-la, mais tarde, ao desespero, à sucumbência, ao nada. A derrota da Alemanha e o conseqüente Tratado de Versalhes motivaram Hitler para o soerguimento do país, do povo germânico, como afirmou em seu livro *Mein Kampf*. Para alcançar seu objetivo de vingança, em face da humilhação imposta pelos vencedores, filiou-se, em 1919, um ano após o término da guerra, ao Partido Operário Nacional Socialista Alemão, do qual passou a ser, no ano seguinte, um líder autêntico, um aglutinador de massas e chefe do Partido. De dentro da organização partidária, viu a maneira como reestruturar a força armada alemã, tanto assim que procurou contato com o General Von Seeckt, de quem disse saber ser um patriota e que, por isso, incumbia-lhe renovar as forças armadas alemãs – "reorganização do grande exército alemão" – motivando os companheiros, de tal maneira que eles compreendessem que o país só se reergueria pela força. Assim, o General Von Seeckt pôs mãos à obra e foi procurar os seus antigos companheiros, para então dar início à reorganização sub-reptícia das forças armadas.

Em 1927, nove anos depois do final da Primeira Guerra Mundia, o Marechal Foch, comandante do Exército francês que derrotou, com os aliados, a Alemanha, fez uma declaração para o mundo, afirmando que, decorridos esses nove anos, a Alemanha estava totalmente desarmada. Falou isso, sem observar que a Liga das Nações não estava fiscalizando devidamente o trabalho de Adolfo Hitler, e disse mais: "Daqui irei para o meu torrão, a França." Para Hitler foi uma maravilha, porque, assim, adquiria condições de fazer mais alguma coisa para a recuperação do seu país.

A Alemanha estava ainda revoltada com a derrota e com os termos do Tratado de Versalhes e, por isso mesmo, o Rei Guilherme II, Imperador da Alemanha e Rei da Prússia, o Cáiser, abdicou. O Marechal Hindenburg, Comandante do Exército nas forças armadas alemãs, retirara-se da vida militar para a civil. Mas o seu povo, que também estava revoltado pela humilhação que sofrera, foi buscá-lo e o convidou para candidatar-se ao cargo de presidente da República. Hindenburg, um patriota, aceitou, mas teve como opositor em sua chapa Adolf Hitler, chefe do partido, que obteve nas urnas 13 milhões de votos contra 19 milhões de votos do velho soldado. Hindenburg, em face das 232 cadeiras que Hitler obteve – a maioria das cadeiras do Congresso – sob a pressão dos militares e mesmo dos operários do partido, foi obrigado a designá-lo Chanceler da Alemanha, como Bismark fora anteriormente. Isso em 1933. Em 1934, Hindenburg morreu. Não demorou para Adolfo Hitler assumir a presidência da República, onde permaneceu, como ditador, até 1945, quando foi derrotado pelos aliados. Como presidente da República e ditador, pôs à mostra sua

capacidade, criou o partido nazista, a juventude nazista, introduziu o serviço militar obrigatório, elevando o efetivo a mais de um milhão de militares, quando o Tratado de Versalhes estabelecia somente cem mil, e quase totalmente desarmados . Dessa forma, Hitler já ficou com nítida vantagem, isto é, mesmo com a presença da Liga das Nações e de todos os adidos militares, ninguém disse nada. Foi quando sentiu estar em posição de força. Nesta fase, morreu Hindenburg.

Em 1938, anexou a Áustria à Alemanha, anexou simplesmente. Em 1º de setembro de 1939 invadiu a Polônia e anexou Dantzig, cidade do corredor polonês. Acabou com a Polônia em uma semana, pondo em prática a *blitzkrieg*, a guerra relâmpago. Em 1940, invadiu a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, logo depois, a França. Em 1941, a Iugoslávia e a Grécia e, em seguida, a Rússia, tendo chegado às portas de Moscou, quando o "general inverno" e o próprio povo russo fizeram-no recuar até Stalingrado. Nesta cidade, cujo sítio fora comandado pelo Marechal Von Paulus, o chefe militar alemão foi obrigado a render-se com os seus milhares de homens, desmentindo o próprio Hitler e sua afirmação de que um marechal-de-campo alemão não se rendia a um inimigo. Aí começou a derrocada do exército de Adolf Hitler.

Em 1941, Roosevelt, acompanhando a expansão da Alemanha, da maneira como ocorria, impressionado e amedrontado por isso mesmo, organizou a reunião dos chanceleres em Havana, para resolver essa situação. Ao término do conclave, foi pública uma declaração ao mundo de que todo e qualquer país não-americano que atacasse um país americano, ameaçasse a inviolabilidade do seu território, que agisse contra a soberania e a independência política de outro estado americano, estaria praticando uma afronta e um ato de agressão contra os 28 países que ali estavam e assinavam a declaração. O Brasil foi um dos signatários.

Em setembro de 1942, Pearl Harbor, base aeronaval dos Estados Unidos no Havaí, foi arrasada com a maioria das belonaves – navios, cruzadores, torpedeiros e outras que lá se encontravam. Grande número dos habitantes da ilha e de militares da base foi vitimado.

O Brasil, como país signatário da convenção de Havana, solidarizou-se com os Estados Unidos e, dessa forma, acabou a neutralidade de nosso País.

Antes do fim dessa neutralidade, os brasileiros estavam acostumados a ver no cinema a rigidez do Exército alemão, a postura dos seus soldados, o "passo de ganso", que muito impressionava, tanto os civis quanto os militares. Bem me lembro, lá no meu Regimento, no meu 11º RI , onde servia nessa ocasião, tínhamos cerca de 30% ou 40% de elementos que eram favoráveis à Alemanha, eram chamados germanófilos.. Mas eles mesmos deixaram de sê-lo, quando notaram, na segunda

invasão, na Europa, não na primeira, a da Polônia, mas nas seguintes, Dinamarca, Bélgica, Holanda, França, Iugoslávia, Grécia a Rússia, que a Alemanha queria tomar conta do mundo.

Então o ambiente melhorou, o pessoal começou a sentir que a Alemanha era um perigo para o Brasil e para a América, como Roosevelt já havia constatado. Mudou o entendimento, que passou a ser favorável aos aliados.

Quando Roosevelt dirigiu sua atenção para o Brasil, possuidor de matéria-prima necessária à guerra, fez, em 1943, uma visita ao nosso País e, em Natal, encontrou-se com o Presidente Vargas. Na fala que o Presidente Vargas fez ao povo brasileiro, disse que era possível enviar uma tropa experimentada para o velho mundo, para cooperar com os exércitos aliados. O General Dutra, Ministro da Guerra, fez uma visita aos Estados Unidos. Ele declarou, peremptoriamente, que o Brasil iria mandar uma divisão de infantaria expedicionária para combater ao lado dos aliados, no velho mundo. Daí então, depois dessa fala, é que começamos a nossa mobilização. Uma mobilização, isto é, um mobiliamento do território nordestino e das ilhas oceânicas, como Fernando de Noronha. Em Natal, Recife, Belém do Pará, foram alocadas novas forças militares. A tropa, o 11º BC, de Jacutinga, lá perto do meu Regimento, e o 12º BC foram para Natal. O 11º RI não foi porque já estava previsto seguir para a guerra. Entretanto, no final de 1942, enviaram tropa para organizar o 34º BC de Belém do Pará e o 35º BC, em Bragança, perto de Belém.

Antes de abril de 1943, ainda como tenente, pois sou capitão de abril, fui, com cerca de 30 oficiais, sargentos e soldados, integrar o 34º Batalhão de Caçadores, junto à Base Aérea de Val-de-Cans, naquela ocasião, uma floresta que estava sendo desmatada. O Brasil cedeu a área aos Estados Unidos, enquanto durasse a Segunda Guerra Mundial. Essa Base serviu para levar, inclusive, mudas de seringueira para os Estados Unidos e outros lugares, bem como ferro, alumínio, tudo isso.

Afinal, fomos para aquela região, a fim de organizar o 34º BC. Permaneci na Unidade durante um certo tempo, inclusive observando o comportamento do povo paraense, o que já fizera, antes de seguir para lá. Foi época de invasão de casas de italianos, alemães, japoneses, em virtude da traição do Império japonês aos Estados Unidos , assim como pelo término da neutralidade rompida na ocasião da reunião de Havana. Assisti a tudo isso em Belém do Pará. Tudo aconteceu como primeiro revide aos países do eixo.

O General Zenóbio da Costa era o Comandante da 8ª Região Militar, não me conhecia, mas me via jogar basquete, voleibol, pelo Remo de Belém do Pará, sempre contra o Paissandu. O General Zenóbio era atleta, gostava disso e não saía lá da quadra. Certa vez ele perguntou para o genro: “Quem é aquele lá?”, o genro disse: “É

o Tenente Ventura que serve no 34º.” Não fiquei sabendo desse diálogo, a não ser mais tarde. No dia seguinte, estava no meu quartel, trabalhando na construção da pista de atletismo, já que a Unidade não possuía instalações apropriadas. Na verdade, tratava-se de antigo hospital que fora adaptado para receber o Batalhão. Eu era oficial de educação física, possuía o curso. Junto com o pessoal, uniforme de ginástica e picareta na mão, na mesma faina, para dar exemplo. Bem, o General Zenóbio, no dia seguinte, chega ao quartel e me vê. O Ajudante-de-ordens chamou minha atenção e indicou o general que se aproximava. Quando chegou, apresentei-me, e ele disse: “O que é que o senhor está fazendo?” – “Eu estou aqui tentando construir essa pista de atletismo” – “Está ótimo, está certo, eu já conheço o senhor! Já sei quem é o senhor. Eu vou visitar o quartel, quando for dado o toque de oficiais, o senhor não vai não, continua com o seu serviço aqui.” Falou assim, seguiu seu caminho e, depois da reunião com os oficiais, foi embora.

No dia seguinte, encontrou-me no Clube do Remo e falou comigo – “você está jogando bem” e aquelas outras coisas. O general admirava muito um atleta e eu, modéstia à parte, naquele tempo, com os meus 28 para 29 anos, gostava muito de jogos, correr cem metros, lançar o peso, disco...

De outra feita, fomos chamados ao QG. Ele chegou, dirigiu-se a mim e disse: “Por que o senhor saiu de São João Del Rei?” – “Eu vim porque sou solteiro e me designaram para servir aqui”. “O senhor pretende ficar muito tempo?” – “Pretendo ficar até que Vossa Excelência me tire daqui e possa voltar.” Eu não era muito bobo nessa ocasião, não.

Era Tenente, Capitão só em abril de 1943. O Gen Zenóbio foi chamado ao Rio e movimentado para a Diretoria do Pessoal. Antes de sair, chegou perto de mim, despediu-se e disse: “Olha, agora eu vou, mas quando chegar lá, você vai receber um rádio, com sua transferência para o 11º RI, preciso de você no Regimento.” Eu não estava sabendo por que; naquele tempo, o oficial, capitão, tenente não sabia o que se passava, nem se metia a saber. Não tinha idéia de que a gente ia e para onde ia. Aquela fala a que me referi, a do Presidente Getúlio, só vim a saber depois que desembarquei no Rio. Quando publicou a minha transferência e cheguei, fui ao Departamento Geral de Pessoal, falar com o general e agradecer. Ele disse: “Olha, vou precisar muito do senhor lá no 11º RI, porque a Unidade vai comigo para a guerra, eu vou ser o comandante da Infantaria Divisionária.” Fiquei tranqüilo, fui para o meu Regimento e, um mês depois, o general lá chegou, para inspecionar a Unidade. Durante a inspeção, já na reunião de oficiais, ele dirigiu-se ao Coronel Delmiro de Andrade, Comandante da Unidade, e disse: “Coronel, desejo dizer ao senhor que o Ventura vai comandar a Companhia de Obuses 105mm que foi colocada, agora, no

Regimento de Infantaria. Ele vai aprender e vai fazer tudo para que nós ganhemos essa guerra." Falou isso e disse mais: "Queria que o senhor o mandasse escolher os homens que vai comandar, alfabetizados, porque na Artilharia não existe analfabeto." Depois que o general saiu, o Cel Delmiro falou: "O senhor pode escolher quem quiser." Então, escolhi; escolhi quem? Eu tinha dois cunhados sargentos que estavam fazendo o estágio na Unidade, além de um irmão, também sargento. Os três iam fazer exame para a Escola Militar e foram os primeiros que vieram. Além deles, chamei antigos colegas meus do ginásio Santo Antônio. Minha Companhia ficou uma subunidade de parentes e amigos, uma verdadeira beleza. Eu não comandei, eu estava junto com os meus amigos. Por isso, fiquei muito feliz com a minha Companhia de Obuses. Quando o Gen Zenóbio verificou que o navio comportava duas companhias, mandou um mensageiro ao morro do Capistrano e determinou que embarcássemos, eu e minha Companhia. Então, fui para lá e embarquei. Quando cheguei a Nápoles, ele falou: "O senhor agora é do 6º RI." Publicou em boletim a nossa transferência para o 6º RI e pronto.

Dessa maneira fui para a guerra.

Foi curiosa a forma como participei de exercícios preparatórios, ainda no Brasil. Quando estava no 11º RI, colocava uma carroça, aquelas "carrocinhas" que a gente tinha, para fingir que era canhão, para fazer "ordem unida de artilharia junto do canhão". Veja bem, as flechas das peças eram os varais da carroça

Quando chegamos ao morro do Capistrano, pensei: "Mas não posso fazer nada, como é que vou fazer, não sei nada dessa Artilharia." Aí alguém disse: "O Capitão Valmiki Erichsen está aqui perto, no Grupo Souza Carvalho." Então, fui lá falar com o Souza Carvalho e disse: "Coronel, eu não entendo nada, vou para a guerra com seis obuses, as Baterias de seu Grupo têm quatro só, a minha tem seis. O que é que vou fazer com seis obuses que não sei operar?" Ele chamou o Valmiki, que chegou em seguida. Conversamos sobre o meu problema, e pronto, o Valmiki resolveu logo. Tanto assim que deu férias à Bateria dele, justamente quatro dias antes do Presidente Getúlio Vargas ir ao Campo de Instrução de Gericinó. Getúlio foi lá para assistir a uma demonstração de tiro de Artilharia. Quem é que fez a linha de fogo? A minha Companhia de Obuses fez a linha de fogo de bateria, porque o pessoal de Artilharia estava fora. Mas, antes disso, no dia 17 de maio, não esqueço essa data, eu já fizera um exercício conjunto com o Valmiki, com meus soldados nas peças da linha de fogo e meus homens no observatório de Monte Alegre. Naquele tempo, ainda não havia a central de tiro, era outro sistema, depois é que mudaram. O Valmiki me ensinou tudo e não deixei escapar nada. Aprendi a técnica de artilharia, porque a tática nem sei o que é. Eu era capitão, não tinha nada de tática, tinha mais é que saber regular, saber

atuar como observador avançado. Na minha companhia, 2ª Companhia, no primeiro ataque que fizemos, atuei como observador avançado ligado à linha de fogo.

Esse treinamento foi a coisa mais importante que se fez para um oficial, no meu caso, excepcionalmente, pelo fato de uma Companhia de Obuses, dentro da Infantaria, apoiar com fogos de Artilharia a sua própria tropa. Um fato inusitado e motivo de orgulho.

A minha viagem começou no dia 2 de julho. Antes do embarque, dia 1º, o Presidente foi despedir-se da "moçada". No dia 2 de julho, às sete horas da manhã, já estávamos saindo no navio *General Mann*, comboiado por três contratorpedeiros brasileiros e um cruzador americano. Levamos dezesseis dias para chegar lá , o que aconteceu no dia 18 de julho; desembarcamos e fomos direto para o acampamento, em um lugar chamado Agnano, distante de Nápoles cerca de 20 minutos de automóvel, onde existia um vulcão já extinto, excelente área coberta de bosques, que oferecia ótimas condições para instalação do acampamento e armar barracas de dez praças.

Ao longo do percurso marítimo, participamos de exercícios de salvamento, quase todas as noites ou durante o dia. Uma sirene tocava, anunciando inimigo à vista. Colocávamos os coletes e nos dirigíamos para junto dos botes, ficando em condições de descer. Mas era somente um treinamento. Jamais ocorreu qualquer surgimento de inimigo ou de outra qualquer ameaça ao navio *General Mann*.

A alimentação, durante a viagem, constava de uma refeição diária, somente, porque o navio transportava 5.600 homens. A capacidade para alimentar aquele pessoal não era grande. Então, quando terminava o almoço já estava na hora do jantar, eis porque só poderia haver uma refeição. Mas eles faziam sanduíches e esses sanduíches eram entregues à tropa, que os consumia nos seus alojamentos, ficando muito bem alimentada.

Não considero batismo de fogo minha Companhia atirar na regulação de um tiro, realizar um tiro de inquietação ou de destruição. Batismo de fogo a gente considera quando há o tiro das armas portáteis ou recebe uma contrabateria do inimigo, sobre nossa posição, o que aconteceu uma vez. Graças a Deus não recebemos, nessa oportunidade, contrabateria sobre nós.

No dia 15 de setembro, à meia-noite, substituímos dois batalhões americanos na zona de Vechiano. Trezentos metros atrás estava a minha Companhia de Obuses, com as seis peças em linha, protegida por uma boa massa cobridora. Lembro-me, também, que o Grupo Da Camino estava lá, cerca de 800 metros à esquerda, igualmente atrás de uma boa massa cobridora, para fazer a regulação do seu tiro. O Tenente Coelho Netto, que o senhor conheceu, ficou na linha de fogo e para o observatório mandei o Tenente Antorildo, meu oficial de reconhecimento. Bem, pros-

segui ao lado do Capitão Tavares, comandante da 2ª Companhia do I Batalhão. O Batalhão estava com a missão de atacar Bozzano e Massarosa, que eram as duas regiões mais importantes. Massarosa era um entroncamento de estradas, uma ia para o Mar Tirreno, na direção de Viareggio e a outra para San Lucas, a cidade de Lucas. Então, pedi ao Tenente Antorildo, no observatório, que, com sua carta, procurasse regular o tiro sobre Massarosa. Como estava claro, ele regulou o tiro para aquela região. O inimigo que se encontrava na área retraiu quando lá chegamos para substituir os dois batalhões americanos.

O Cap Tavares, Alberto Tavares da Silva Junior, irmão do Anacleto Tavares, comigo a seu lado – como procede o observador avançado na artilharia, apoiando todos os pelotões – era um sujeito meio audacioso, estava na frente mesmo. Permaneci ao lado dele, para atender a algum pedido de tiro. Se fosse o caso, ligaria para o Coelho Netto, na linha de fogo, ou para o Antorildo, no observatório. Cheguei a dar ordens para, enquanto não houvesse missão, desencadearem tiros de inquietação sobre Massarosa e Bozzano, porque era para lá que iríamos. No trajeto, ao chegarmos perto do Monte Comunale, recebemos tiros daquelas alturas, que ficavam a uns 800 metros de Bozzano. O Capitão Tavares, que já estava com a Companhia bem adaptada ao terreno, procurava movimentar-se sem ser visto. Nós ainda usávamos o método francês. Não vi o método americano na Itália, porque os nossos soldados, os meus e os das demais companhias de fuzileiros, eram das classes de 1942, 1943 e 1944. Essas três tiveram instrução de combate e serviço em campanha pela escola francesa. Para o ataque, usavam quatro perguntas: "Para onde vou?" "Por onde eu vou?" "Como vou?" "Quando vou?" Quatro perguntas capitais, consagradas. A progressão, aprendemos com o francês, deveria ser feita se arrastando no chão, sem levantar o calcanhar, para não levar tiro e morrer. Para se proteger do arrebentamento de granada, pois esta avisava com um sibilar característico, a gente sabia: deitar no chão, a fim de escapar do estilhaço. Foi essa a instrução que tivemos e foi com essa instrução que continuamos a guerra.

Resumidamente, tudo que a minha Companhia aprendeu, aprendeu no Grupo Souza Carvalho, com o máximo de boa vontade, tanto da parte do Comandante de Bateria, quanto do Comandante do Grupo. O pessoal de nossa Companhia não sentiu qualquer diferença, até porque jamais tinha visto um canhão, nem mesmo em retrato. Foi ver no Capistrano e, depois, quando chegou em Vada, Tarquinia, ao recebermos o material. Só conhecemos o obus 105 na Itália. Antigamente era o 75. Estudei com o 75.

Quanto ao armamento de infantaria, tínhamos o fuzil Mauser 1908, de repetição. O fuzil americano era o Garand, automático. Para atirar era só apertar o

gatilho. Interessava, em termos de armamento, saber atirar, desmontar e fazer a manutenção simples. O que era necessário saber mais, o americano ensinou, tanto sobre o fuzil quanto sobre as metralhadoras .30 e .50. Ensinou a manutenção também, embora nem sempre precisasse fazê-la, porque o pessoal brasileiro procurava,"fuçava" e acabava encontrando a solução, com louvável iniciativa. Já era armeiro por natureza.

Não posso falar sobre os outros soldados, mas sobre os que estiveram comigo, e já comentei esse particular, eram amigos, parentes, companheiros de escola, de maneira que faziam tudo pelo "bem querer".

Certo dia, no mês de junho, um enfermeiro tratou mal um companheiro e este o agrediu com um soco. O camarada que deu o soco era metido a machão. Como estava perto, vi o sangue no rosto do agredido e perguntei o que tinha havido. Na verdade, quando vi o sangue, fiquei meio doido e fui prender o cabo responsável. Eu era bom atleta e fiquei aguardando que ele viesse. Entretanto, ele levantou chorando, fez a continência, pediu desculpas e alegou que não pensara em fazer aquilo. Quer dizer, ele possuía disciplina consciente. Todo o pessoal era disciplinado. Mesmo quando permanecemos no acampamento geral em Francolise, perto de Nápoles, antes do regresso ao Brasil, todos se comportaram muito bem.

Sofremos um inverno de 18º abaixo de zero. O meu motorista era também corneteiro, em obediência ao quadro de organização. Esse soldado sentia um frio danado e quase teve pé-de-trincheira. Os meus comandados não padeceram desse problema porque, com aquela reconhecida criatividade, souberam se defender. O *combat boot* americano era todo forrado, mas o nosso pessoal colocava jornal ou papel. Por isso estavam sempre com os pés secos, em condições e evitavam o congelamento. Enfrentavam isso e muito mais, tanto que aceitavam, por exemplo, a comida de "latinha".

Vivemos a fase defensiva na ocasião do inverno. Foi época das nossas patrulhas e das alemãs. As patrulhas saíam com as véstias brancas, às vezes se enfrentavam. Se não se encontrassem, tentavam trazer prisioneiros e informações sobre o inimigo. Só reconhecimento. Tínhamos contato com a população civil durante as patrulhas. Era quando aparecia a oportunidade de vê-los. Na defensiva foi muito difícil fazer contato com os populares. O povo vivia quase na miséria, queria comer. Os que moravam nas redondezas se juntavam, faziam fila, debaixo de um frio danado, primeiro as crianças, depois as mulheres e os velhos. Todos se alimentavam com o que sobrava do rancho. Mas dava para eles comerem, depois que as Companhias recebiam as etapas, esquentavam e serviam as refeições para o seu efetivo. Sem dúvida, isso aumentou a integração.

O serviço religioso na Companhia de Obuses, com o pessoal de São João Del Rei, era levado muito a sério. Não só a Companhia que comandei, mas de uma maneira geral, a maioria era muito religiosa. Na minha subunidade, esse aspecto foi mais acentuado, porque alguns de seus integrantes já tinham estudado para padre. Meu pessoal conseguiu fazer uma cruz que colocou, num caminhão de 1 1/2 tonelada, viatura tratora do obus 105 M3. A viatura tracionava muito bem, diga-se de passagem. O Nilton Melo amarrou a cruz na carroceria do caminhão. Já havia o lugar da missa, todo o pessoal do Regimento ia assistir ao culto, bem como os que se encontravam nas redondezas. Havia uma natural devoção. O Frei Orlando, muito querido por todos, era do 11º RI e celebrou missa em nossa área. Era, também, meu amigo.

Tive mais contato com o soldado alemão no destacamento do General Zenóbio. No livro que escrevi, refiro-me ao fato do aprendizado na escola francesa. Quando um objetivo era conquistado, para que não fosse retomado pelo inimigo, em contra-ataque, eram preparados planos de fogos, abrigos, etc. Em relação a esse cuidado, para evitar que o inimigo contra-atacasse com sucesso, vou relatar o seguinte: o Capitão Tavares, a quem já me referi, era muito meu amigo e ficou mais amigo ainda, durante a ida para Bozzano. Eu estava, nesse dia, na torre de uma igreja, fazendo a observação do dispositivo que havia realizado o ataque, para chegar a Castelnuovo di Garfagnana. Então vi um movimento, o pessoal recuando, recuando até que dei ordem à Companhia para não atirar naquela direção, pois não sabia o que estava sucedendo. O Major João Carlos Gross, Comandante do I / 6º RI, chamou-me: "Ventura!" Aí, desci as escadas, e ele me disse: "O Tavares quer falar com você." Coloquei o fone no ouvido, música tocando, falei: "Tavares, o que é, você está escutando música? E o alemão?" Ele respondeu: "O alemão não é de nada." Mas o que houve foi o seguinte: O alemão, que era muito vivo, colocou na frente a tropa italiana – eles tinham uma companhia de italianos – e quando nós atacamos o italiano levantou a mão com a maior facilidade. Atacamos, conquistamos o objetivo e trouxemos cerca de quarenta ou cinquenta prisioneiros. Eram cinco horas da tarde, botaram música, aquela coisa toda, daqui um "bocadinho" o alemão atacou. Um camarada que estava dentro de uma casa, pulou pela janela e foi metralhado. Era inverno, então o corpo ficou cerca de seis meses debaixo da neve. Em maio ou junho, já não estava mais fazendo frio, o corpo foi encontrado inteirinho, conservado na neve. Era um Tenente que, em vez de estar junto com a sua subunidade, vendo se estavam cumprindo a missão de manutenção do objetivo, estava lá dentro do quarto. Eu não quis falar nada, mas depois o próprio General Zenóbio chegou, chamando todos de covardes: "De cima para baixo todos são covardes aqui." Foi assim, ele era duro. Não podia admitir que acontecesse uma coisa daquela. Na verdade, não retraímos além da linha que ocupávamos e, no dia seguinte,

voltamos para as nossas posições que acabamos reconquistando. Não foi covardia, foi indisciplina. Acharam que estava tudo bem. Falta de atenção, falta de maturidade, ainda não eram veteranos. Mostraram despreparo.

E o alemão era realmente um grande soldado.

Na parte da defensiva propriamente dita, eu faria um destaque. Gostaria de mencionar isso. Uma patrulha foi organizada em Montese, que já tinha sido conquistada. Mas havia Montelo e mais outra região, porque Montese era um agrupamento de pontos fortificados: Montese, Montelo, Monte Bufone. Em uma daquelas patrulhas que foram feitas depois, encontraram uma cruz fincada no solo, com a seguinte inscrição: "Aqui estão sepultados três bravos brasileiros." Camaradas de uma patrulha nossa. Os outros desgarraram e voltaram. Esses três, com certeza, encontraram uma patrulha alemã, a munição acabou e eles, para não morrer, partiram para o combate corpo-a-corpo. Aí os alemães acabaram com eles. Para o inimigo, três heróis brasileiros. Abriram a cova e enterraram os rapazes, colocaram uma cruz, onde escreveram "aqui jazem três bravos brasileiros". Demonstração de humanidade e respeito ao adversário. A 148ª Divisão só aceitou a rendição incondicional porque se tratava de uma tropa brasileira! Os alemães mesmos repetiam "os brasileiros são dignos de confiança".

A rendição é fato que desejo destacar, porque, para mim, foi a coisa mais importante que fizemos. Collechio-Fornovo tinha acabado de cair. Fornovo ficava cerca de 8 a 10 quilômetros a nordeste de Collechio. Estávamos lá, eu e a minha Companhia, bem como o I Batalhão. O Coronel Nelson de Mello, Comandante do 6º RI, chamou-me e disse: "Foram localizados cerca de quinhentos alemães que estão tentando atravessar a linha Gaiano, Segalara e Talighano". Essa tropa, considerada como pertencente à 148ª Divisão alemã, queria atravessar essa linha para dirigir-se a Parma, no Vale do Rio Pó, e retrair, na verdade, fazer uma retirada. "Necessitamos que o Batalhão vá com a sua Companhia de Obuses. Vocês estão em condições?" Eu só precisava ver se havia carta. Encontrei no S3. Estudei como faria o deslocamento, porque queria ir embora de uma vez! Sair antes que desse qualquer coisa errada. Realmente, eu não poderia sair, pois minha subunidade, praticamente de artilharia, não dispunha de qualquer apoio. Entretanto, tinha certeza de que o meu pessoal, bem armado, iria. Arranjei a "coisa toda" e me desloquei. Cheguei à linha de alturas de Gaiano, Segalara e Talighano, uma extensão mais ou menos de uns quatro quilômetros. Segalara era o mais importante. O meu pessoal de reconhecimento procurou uma posição, com uma boa massa cobridora, quinhentos ou seiscentos metros atrás de Segalara, onde colocamos os nossos seis obuses. Duas horas depois, chegou o Valmiki, que se colocou lá do outro lado.

Bem que fiz isso, porque, se não tivesse feito, o Batalhão, quando chegasse, não encontraria um acidente do terreno que lhe permitisse fazer um ataque coordenado. Não havia segurança na linha de partida. A sorte deles foi eu ter chegado uns cinqüenta minutos antes. As peças entraram em posição, o Coelho Netto foi para cima do Morro Segalara, para observar, e deu o sinal para nós. As peças estavam prontas! Atiramos à frente de Segalara, atendendo ao pedido de tiro do Coelho Netto. Os alemães da 148ª estavam vindo para conquistar aquela elevação, a única que eles iriam encontrar, porque lá era um descampado. Deparariam com as minhas primeiras posições. Mas, logo em seguida, chegou o I Batalhão, do Major Gross. Desse I Batalhão fazia parte o Capitão Ernani Airosa da Silva. Bem, sei que o Airosa era um dos melhores que tivemos lá, foi um sujeito formidável. Mas teve uma infelicidade, porque, quando chegou com o Batalhão, foi reconhecer o Morro Segalara. Fez o reconhecimento e viu, com o binóculo, os alemães se movimentando na frente. Voltou para fazer o relato ao Major Gross, que estava no PC. Quando regressou, em vez de tomar a estrada que eu tomei e pela qual ele veio, a que fazia uma curva para subir a elevação, continuou na direção do inimigo. A Polícia do Exército não fora chamada, embora sua missão em campanha fosse guarnecer os pontos críticos para impedir movimentos não autorizados. Mas ela lá não estava, eu também não sabia de nada, queria cumprir a minha missão e o Batalhão executar a dele. Então, quando o Airosa chegou, escutei a explosão. Sua viatura passara em cima de uma mina anticarro. Foi feito prisioneiro, mas, pela madrugada, os alemães já tinham mandado os parlamentares para cá, de maneira que o Airosa voltou, transportado como ferido.

Estabelecemos muitos contatos com militares de outras nações. Particularmente, nos exercícios, nos testes finais que realizamos. O General Mark Clark, Comandante do V Exército, não permitiu que a nossa tropa entrasse em combate sem ter sido testada por eles. Colocou 270 árbitros americanos entre oficiais e sargentos, e providenciou um teste final – uma marcha para o combate, de 36 quilômetros, com tiro real. A marcha foi executada, o ataque desencadeado e figurado o assalto. Os árbitros americanos, unanimemente, consideraram a tropa brasileira bem adestrada, com capacidade e iniciativa de combate. Por isso, o General Mark Clark abraçou o General Zenóbio, que era o Comandante do Grupamento Tático empenhado no teste.

Convivemos também, uma semana antes, com a 88ª Divisão, que era constituída de filhos de japoneses. Fizemos o nosso estágio com eles, na frente de Florença, perto de onde nos encontrávamos. A minha Companhia de Obuses ficou junto à Companhia de Obuses do 42º Regimento. Foi um estágio que providenciaram para

nós. Uma beleza, fiquei ao lado do capitão, um oficial de artilharia. Era um sujeito formidável. Levou-me para o PC dele. Falava espanhol muito bem e me explicou tudo sobre central de tiro. Ficamos lá dois dias. Vimos que eles queriam nos ajudar, particularmente os da 88ª Divisão. Também o pessoal que deu instrução de armamento foi formidável, gente muito boa, tratou-nos como se fôssemos irmãos.

Certa feita, o nosso jipe enguiçou. Perto, havia uma viatura de transporte inglesa, também enguiçada. Mas quando o nosso teve a pane, eles largaram o transporte deles e vieram nos ajudar. O nosso era um jipe e o deles um transporte 3/4 tonelada, daquele menor. Depois voltaram e foram tratar da viatura 3/4. Foi um gesto de grande solidariedade.

O apoio logístico funcionou muito bem. Vestuário, por exemplo. O General Zenóbio teve a coragem de nos mandar com aquela roupa "jegue", sem recorte, uma coisa feia. A gente desfilou com "aquilo". Entretanto, ao ver a polícia do Exército americano – nós éramos 59 soldados –, mandou buscar alfaiates em Nápoles e determinou que confeccionassem, para cada um, dois uniformes "traquejados" e outras peças; havia tudo. Era só fazer o pedido na central de abastecimento e a entrega era imediata. Combustível havia na estrada, nos postos de combustível, sem precisar coisa alguma. Era só chegar à bomba e abastecer. Quanto à munição, só diminuíam a dotação quando o consumo estava exagerado. Eu não tive esse problema, porque o americano deixou a Companhia de Obuses deles perto da Torre de Nerone, abandonando uma grande quantidade de munição. Mandei, depressa, o sargento de munição, meu irmão Aderbal, fazer mais de 20 "viagens" e trazer toda a munição.

O apoio de saúde foi perfeito. Quando estávamos em combate, os enfermeiros funcionavam muito bem. Havia sempre um posto de saúde nas proximidades. As ambulâncias faziam a evacuação do ferido, tudo muito bem entrosado.

O companheirismo, a união, a vontade de bem cumprir a missão, isso tudo fez com que a minha Companhia se destacasse. Outros que poderiam falar sobre a minha Companhia já morreram. Seriam o General Zenóbio e o Coronel Souza Carvalho, que até me fez um elogio em boletim, depois que passei à disposição do Grupo. O Valmiki Erichsen também poderia falar. Realmente, sempre gostei das minhas subunidades. Antes de comandar a Companhia de Obuses, era Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do Batalhão. Era uma beleza de Companhia que, por exemplo, nenhuma outra, mesmo de fuzileiros, conseguia superar na ordem unida.

Quanto às missões de tiro, primeiro só recebia os pedidos de tiro das subunidades do Batalhão. Fiquei na central de tiro somente depois que o 2º escalão chegou. Nessa última situação, as subunidades pediam tanto para mim quanto para o Grupo de Artilharia Da Camino. Pediam o apoio diretamente para minha Compa-

nhia quando não havia ainda um escalão superior de artilharia. Depois fui guarnecer a central de tiro com os meus sargentos. A Companhia atuou de forma descentralizada, primeiro, e centralizadamente, após a chegada do Grupo.

Gostaria de fazer referência a dois comandantes que tive: Coronel Nelson de Mello e Coronel Segadas Vianna, dois excelentes camaradas; não se pode afirmar qual o melhor. O Coronel Segadas Vianna, que era o mais velho, ia à minha Companhia, lá nas posições de tiro. Havia um Pelotão que ficava mais desgarrado, porque eu dividia a Companhia em dois Pelotões de três peças. Para mim, ficava melhor ter dois observadores avançados. Um outro ficava na linha de fogo. O Coronel Segadas Vianna, todo o dia, de manhã cedo, tomava o café e ia visitar as Companhias, assim como o General Zenóbio da Costa. O General Zenóbio da Costa, ninguém pense ao contrário, não ficava no PC. O pessoal preocupava-se com suas "andanças", porque, na Torre de Nerone, por exemplo, lugar perigoso demais, "botava a cabeça de fora, voava tiro de morteiro". No dia 19 de novembro, dia da Bandeira, ele foi a todos os lugares mais perigosos, de jipe. O pessoal dizia "general, não pode". Ele retrucava: " Vocês estão com medo, não precisam ter medo não."

Então, visitava, cumprimentava um e outro. Mas era aquele "camarada" destemido, o General Zenóbio. Destemido mesmo.

O Coronel Nelson de Mello não foi só fundamental na rendição. Usou de um artifício no qual o alemão caiu. Na verdade, a Divisão não estava absolutamente cercada. Ele falou que estava cercada e o inimigo aceitou, o que não era real. Eu estava ali vendo tudo. Foi um artifício que ele usou propositadamente. Sabia que os inimigos desejavam se entregar. Foi psicológico.

Havia um posto de recolhimento do armamento aprisionado, à margem de uma estrada. Fiquei ali, naquele lugar onde, ao passarem, descarregavam as armas. Não podiam parar, continuavam o deslocamento. Os alemães vieram entoando canções de guerra, com aquele passo firme. Quando chegavam perto das posições onde estávamos, davam "passos de ganso". Eram audaciosos, como se fossem vencedores. A um quilômetro dali, fui ver o campo de concentração, onde permaneceram até o dia seguinte, quando foram mandados para Modena, campo de concentração do V Exército. Mas tinham o moral elevadíssimo. E o nosso pessoal, com pena, distribuía cigarro e dava chocolate.

O que mais me chamou a atenção na campanha da FEB foi o cumprimento da missão que recebemos. Fomos preparados para a guerra, portanto o cumprimento da missão foi a coisa mais importante que fizemos.

Costumava confortar meus comandados em certas oportunidades. Por exemplo, perguntar se estavam bem alimentados, verificar se não se encontravam ao

relento, e se a linha de fogo, em geral, estava próxima de um barranco, bem abrigada atrás dos morros, em posições isoladas. Ou então confortá-los, quando não recebiam notícias de casa. Comentava que também não havia recebido uma só carta, explicava que a correspondência atrasava, enfim, a gente "embromava". Era uma espécie de conforto que se podia dar. Tivemos feridos por estilhaços de granada de uma contrabateria. A granada explodiu, pegou um companheiro na linha de fogo e mais uns cinco ou seis. Morreu um só.

A propaganda alemã, propriamente, foi feita por intermédio de panfletos lançados pela Artilharia. As granadas explodiam espalhando os folhetos, alguns com o seguinte teor: "O que é que vocês estão fazendo aí? Os seus chefes estão dormindo lá no Brasil!" Os nossos eram lançados dos aviões.

Os preparativos para a volta foram singulares, pelos aspectos que os cercaram. Estávamos voltando lá do Norte da Itália, de perto de Gênova. Regressamos para as cercanias de Nápoles, a poucos quilômetros da cidade, num lugarejo denominado Francolise. Ficamos em barracas de 10 praças, num acampamento que os americanos montaram. Fazia um calor terrível. Vivíamos os meses de junho e julho, época de forte verão na Europa.

O americano já deixara tudo preparado para nós. Não tivemos que armar barracas, pois as encontramos todas arrumadinhas. Lá ficamos, reunimo-nos e foi organizada a associação dos ex-combatentes do Brasil, lá em Francolise.

Quando chegamos ao nosso País, o cais do porto estava apinhado de gente, muita gente, foi bastante difícil atravessar aquele povo, para entrar em forma. Iniciamos o deslocamento da Praça Mauá e seguimos pela Avenida Rio Branco. Perto da Avenida Rio Branco, a tropa ainda alinhada, os populares entraram por dentro da formação, aplaudindo-nos e abraçando-nos.

Muita gente queria ter ido e não foi à guerra. É claro, nem todos que desejaram puderam ir. Contávamos 25 mil homens na Itália, em condições de combater. Era grande o número de voluntários. Mas muitos não foram. De qualquer forma, após nossa chegada, diversos ex-combatentes foram mandados para Centros de Instrução, Escola Militar etc. Os oficiais e os sargentos tornaram-se instrutores e monitores nessas organizações. Foram bem aproveitados. Foram úteis para o Exército o conhecimento e a experiência adquiridos pela FEB. Por isso, os ensinamentos foram ministrados nas escolas, principalmente na Escola Militar.

Eu me sentia como um veterano. Depois que embarcamos no navio, tive a felicidade de ser chamado pelo General Zenóbio da Costa que também convocou o Coronel Nelson de Mello e disse: "Coronel, entregue esse braçal MP, *Militar Police*, para o capitão Ventura que vai ser o chefe de disciplina neste navio – o *General*

Mann. O comandante do navio veio falar comigo e me cumprimentou. Cheguei ao Rio, nessa condição. Deixei de ser MP para, mais tarde, comandar a minha PE, aquela PE que fez a guerra.

No que diz respeito a uma mensagem final, posso deixar pelo menos três: a primeira é que a melhor e a maior homenagem que se faz a um combatente morto é dar assistência ao combatente vivo; a outra mensagem é "se estiverdes servindo às Forças Armadas devereis saber que estareis sendo preparados para a guerra, se não fordes bem preparados podereis ser mortos"; a última mensagem é que "deveis cultuar os gloriosos feitos dos ex-combatentes da guerra do Paraguai e da Segunda Guerra Mundial".

São as mensagens que deixo.

General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos*

Natural do Estado de São Paulo, pertence à turma de janeiro de 1936 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu a função de Oficial-de-Ligação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e, em curto período, o comando da 2ª Companhia do I/11º Regimento de Infantaria. Foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Nos anos de 1961-62, exerceu as funções de Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, General João de Segadas Vianna. Em agosto de 1963, foi promovido a Coronel. Comandou o 16º Batalhão de Caçadores, em Cuiabá, e o Batalhão de Guardas Presidencial, em Brasília. Foi Vice-Chefe do Gabinete Militar do Presidente Castello Branco. Em 1965, comandou o Destacamento Brasileiro na Força Interamericana de Paz (FAIBRÁS), na República Dominicana e, em 1966, o Batalhão de Polícia do Exército, em Brasília. Em 1968, foi promovido a General-de-Brigada e, no ano seguinte, nomeado Comandante da AMAN. Em novembro de 1973, foi promovido a General-de-Divisão e, em 1975, assumiu o cargo de Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa, em Washington. Passou para a reserva em 1977. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze (Estados Unidos); e Cruz de Guerra com Palma (França). Autor de vários livros e trabalhos sobre Geopolítica.

* Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I / 11º RI da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 22 de fevereiro de 2000.

Por ser um país pacífico, não havia no Brasil, uma consciência de guerra, no final da década de 1930. Quando as figuras de Hitler e Mussolini e seus projetos políticos expansionistas ganharam força, na Europa, surgiram, no Brasil, os grupos pró-nazistas, inimigos ferrenhos dos pró-comunistas. Esses grupos provocaram o despertar de uma consciência democrática, natural no povo brasileiro, e que estava, vamos dizer, semimorta.

Caracteriza esse período, por exemplo, a expansão dos alemães com espírito nazista, em Santa Catarina, que obrigou uma série de providências, inclusive a organização de associações civis, para contê-la. No Rio de Janeiro, foram organizados grupos ligados a uma tal Aliança Nacional Libertadora, com o objetivo de introduzir, de maneira branda, sub-reptícia, as idéias marxistas e recrutar adeptos. O chefe da Aliança, no Rio, era o Prefeito Pedro Ernesto, e quem pesquisar vai encontrar suas ramificações perigosas. Eles não se diziam PC – Partido Comunista; declaravam-se democratas, reformistas, mas, atrás disso, estava, inclusive, o financiamento da Internacional Comunista. Começaram a surgir, depois, os grupos integralistas.

Em 1935, irrompia em Natal o movimento armado chamado de Intentona Comunista, secundado pelo de Recife e cujo epílogo se registrou no Rio de Janeiro, com as revoltas no 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, e na Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos.

Começava a se formar, no País, um ambiente de bipolaridade: de um lado, as idéias de uma elite democrática que se formou, ativa, e do outro lado, a propaganda de direita nazista e de esquerda comunista. Mais tarde, depois de 1935, essa dualidade de posições se manifestou nas campanhas eleitorais do Clube Militar. Havia a chapa azul, dos militares democráticos, e a chapa amarela, dos que acreditavam – havia os crentes em vários graus – nas promessas do socialismo, do marxismo.

O fato principal desse período anterior à eclosão da guerra foi o pan-americanismo. Os Estados Unidos, pensando na guerra com muito mais acuidade estratégica para os problemas mundiais, foram preparando as nações do continente americano para um futuro conflito. Realizaram-se diversas conferências com o objetivo de formular uma estratégia de defesa conjunta, como a de Lima, no Peru, em 1939, e a realizada em Havana, Cuba, em 1940, ambas muito importantes. Até que, em dezembro de 1941, houve o ataque japonês em Pearl Harbor.[1] Os Estados Unidos estavam vacilando em entrar na guerra. O Presidente Roosevelt, que era favorável, pessoalmente, aos ingleses, que estavam sofrendo todas as agruras da guerra, mas tendo, no seu país, uma reação contrária à entrada no conflito ou à sua participação direta, recebeu

---

[1] Base Aeronaval americana do Pacífico atacada de surpresa e arrasada.

de “presente” o ataque japonês. Essa agressão mudou, completamente, a consciência do povo americano e, já no dia seguinte, toda a opinião pública queria a guerra e Roosevelt passou a ser o comandante da preparação do país. Ele foi o grande estimulador do pan-americanismo visando a uma resistência ao nazi-fascismo.

No Brasil, pouco antes de Pearl Harbor, já tinham sido tomadas algumas providências. Uma delas, por exemplo, visava a fortalecer a capacidade defensiva do Nordeste brasileiro. Mas, a partir da agressão japonesa aos Estados Unidos, as medidas se aceleraram. O efetivo militar dessa região, que era de cerca de 12 mil homens, passou para cinqüenta mil em um ano. O General Mascarenhas de Moraes, na época General-de-Divisão, Comandante da 7ª Região Militar, com sede em Recife, foi encarregado da mobilização, tendo realizado um trabalho extraordinário. As três Forças reforçaram seu dispositivo e seus efetivos no Nordeste. Com base em Acordos Militares assinados, os Estados Unidos instalaram bases militares aéreas, em Natal e Belém, e naval, em Recife. Não foi efetivado o Comando Conjunto para a região, e os Comandos Militares das três Forças ficaram localizados em Recife, onde estava a base naval americana comandada pelo Almirante Jonas Ingram. Houve um perfeito entendimento e harmonia de procedimentos entre os altos chefes militares que exerceram comando na área – eram, além do General Mascarenhas e do Almirante Ingram, o Brigadeiro Eduardo Gomes, no comando da Zona Aérea, e o Almirante Soares Dutra e, em seguida, o Almirante Dodsworth Martins, no comando da Força Naval do Nordeste. Foi uma fase de grande aproximação militar entre os dois países. Foram planejadas e realizadas várias operações conjuntas de segurança do Atlântico Sul – missões de defesa do litoral brasileiro, de patrulhamento aeronaval, de escolta e proteção de comboios e de vigilância. Havia uma expectativa de que os alemães realizassem ações de comando no Nordeste do Brasil, que só desapareceu quando os aliados invadiram a França, em junho de 1944. Até essa data, nada impedia que os alemães pudessem utilizar uma base da Marinha francesa situada no Senegal, então colônia da França, defronte ao litoral brasileiro. Não se imaginava que o alemão pudesse montar uma operação de vulto aqui, mas desembarques isolados, em Natal ou Recife, em operações tipo comando, eram perfeitamente previsíveis, na época. Essas foram as razões essenciais para o fortalecimento do Nordeste. Sua importância foi tão grande que recebemos a visita do General Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército americano, para estimular a colaboração e a participação do Brasil e do Presidente Roosevelt, que esteve em Natal e referiu-se à importância da ponte estratégica Natal-Dacar.

O problema da adesão à causa democrata, defendida pelos países ocidentais, contra o nazi-fascismo, encontrou dificuldades, principalmente na classe militar.

Havia militares de alta patente que eram simpatizantes da Alemanha; eles admiravam o militarismo alemão. Talvez, não admirassem o sistema político mas, por admirarem o Exército alemão, eles achavam que ele ia ganhar a guerra. Esses oficiais relutaram muito em favorecer a adesão do Brasil à Segunda Grande Guerra. Quem lê o livro *A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, do General Estevão Leitão de Carvalho, que participou, diretamente, dos entendimentos com os americanos e sentiu as reações internas, poderá se assenhorear de que essa situação não foi fácil.

A grande figura do Brasil, que fez com que o país pendesse, definitiva e formalmente, para o lado do Ocidente, que tomasse uma atitude clara, que saindo da obscuridade e das evasivas, foi o Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha. Enfrentou, com muita coragem, o grupo que, dentro do Governo Getúlio Vargas, era contra o engajamento do País na guerra. Foi a favor de uma participação direta, concreta, militar e inquestionável. No final, os entendimentos previam que o Brasil iria organizar um grupamento de forças de valor Corpo de Exército, composto de três Divisões, mas as providências se retardaram e a guerra foi chegando ao seu final. Acabamos enviando uma Divisão. A segunda, chegou a ser preparada em Recife, pelo General Nilton Cavalcante, mas não embarcou.

Meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira foi através da relação de conhecimento que tive com o General Mascarenhas, iniciada na 9ª Região Militar, que compreendia o território de Mato Grosso, onde eu servia, como 2º Tenente, e o Mascarenhas foi comandá-la. Mais tarde, voltamos a nos encontrar no 4º Regimento de Infantaria, em São Paulo, onde eu estava servindo – no posto de Capitão – e ele, como Comandante da 2ª Região, foi inspecionar a Unidade. Passou por mim e disse: “Olha! Você aqui! Aguarde que eu vou lhe chamar.” Pouco tempo depois, fui comandar a Companhia do Quartel-General (QG) – na organização francesa, corresponde, hoje, a Companhia de Comando.

Eu estava nessa função, quando chegou o rádio cifrado do Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, consultando-o se aceitaria o comando da Força Expedicionária Brasileira. O rádio foi decifrado por mim e pelo, também Capitão, Edson Figueiredo, e levamos ao seu conhecimento. Ele respondeu no mesmo momento, na mesma hora: “Estou à disposição; aceito o comando.” Essa mesma mensagem foi enviada a quatro generais, sendo que o único que respondeu, prontamente, foi ele. Os demais pediram tempo para responder; um disse que tinha que fazer uma cirurgia… ninguém respondeu negativamente, mas a resposta positiva, aceitando de imediato, ninguém deu. Então, ele foi escolhido e convidou um grupo pequeno para acompanhá-lo para o Rio de Janeiro. Viemos eu, o Celso Daltro Santos e o Edson Figueiredo, todos capitães servindo na 2ª Região; o Major Aguinaldo José Senna Campos, que tinha o

curso de Estado-Maior e era muito amigo dele, também veio. Eram cerca de oito a dez pessoas e nos instalamos no Quartel-General – atual Palácio Duque de Caxias – numa sala onde hoje tem o retrato do Mascarenhas.

Quando o designaram, não se tinha idéia de como iria ser organizada a Divisão. Existia muito pouca coisa sobre a Força e ele veio para criar, quase que do nada. Estabelecemos ligação com o Estado-Maior do Exército e começamos a trabalhar. Disseram ao Mascarenhas que seus oficiais de estado-maior estavam realizando curso em *Ft. Leavenworth*, nos Estados Unidos, preparando-se para atuar segundo a organização e doutrina americanas. Era a primeira turma saída daquele curso. Assim, ele não escolheu seus oficiais de estado-maior a não ser o Senna Campos, que já o acompanhava. Foram expedidos os atos do governo organizando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, com as Unidades sendo dotadas de material americano e motorizadas. Em cada organização foram entregues determinadas quantidades: dez jipes... dez caminhões de uma e meia tonelada... fuzis... metralhadoras... obuseiros de Artilharia... tudo modelo americano, para que o pessoal fosse se habituando com o material que iria receber, mais tarde, no Teatro de Operações. Na época, nossas Unidades eram hipomóveis. A preparação foi, inicialmente, na área de cada Unidade, onde eram inspecionadas, até que se decidiu pela concentração numa região entre a Vila Militar e o Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. A seguir, foram programadas as viagens para a Itália, e, em tempo recorde, a FEB – 1º Escalão – se transferiu para o acampamento de Tarquínia, onde recebeu o material e, em 15 de setembro de 1944, já estava ocupando posição na linha de frente.

É interessante esclarecer o porquê de o 6º RI ter sido o primeiro a embarcar para a Itália. Foi realizado um teste dos grupamentos, veladamente, devido ao sigilo que era necessário sobre qualquer notícia relativa à presença do Brasil na guerra, tipo embarque de tropa, por exemplo, que poderia provocar a ação de submarinos para impedir nossa chegada na Itália. Nesse teste, o Mascarenhas achou que o 6º RI estava em melhores condições, e o General Zenóbio, o 1º RI, tendo, inclusive, adiantado para o Coronel Caiado, comandante da Unidade. No dia do embarque, os três grupamentos vieram até a região portuária, mas apenas o 6º RI embarcou. Isso deve ter contrariado o General Zenóbio, mas é coisa de menor importância; o pessoal ligado ao general considera o fato mais grave que ele próprio.

A viagem para a Itália foi penosa, pelo desconforto, em primeiro lugar, e perigo. Os navios de transporte tinham o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto *deck* e você ficava em um deles, isto é, no de cima, ou um abaixo, ou outro mais abaixo, até o último. As camas eram macas e nós tínhamos que permanecer o dia inteiro com o salva-vidas – dormir... comer... – que era uma das prescrições que o

comandante do navio exigia, com rigor. Durante o trajeto para a Itália, houve vários exercícios de alarme de ataque de submarino e que nos obrigava ao cumprimento de uma série de prescrições de salvamento. As regras eram as seguintes: as balsas eram arriadas no mar e a turma do primeiro *deck* embarcava, enquanto a turma do segundo passava para o primeiro, a do terceiro para o segundo, e a do quarto para o terceiro. A seguir, eram arriadas as balsas do segundo *deck* para o embarque de sua turma e, sucessivamente, até todos terem embarcado. Você pode imaginar a realidade, debaixo de tiros com o navio querendo afundar. Nessa viagem, a Marinha brasileira nos escoltou até Gibraltar, quando a missão passou para a dos Estados Unidos e a da Inglaterra. Alguns não agüentaram aquela pressão permanente, durante 15 dias, até Nápoles, e aconteceram as primeiras perdas, por neurose de guerra. Outro desconforto desses grandes navios de transporte é o problema da alimentação. No refeitório, não cabiam todos os cinco mil e quinhentos homens e, por isso, o pessoal era dividido em turmas: o primeiro café da manhã era às 7 horas; a segunda turma às 8 horas; a terceira às 9 horas; e a quarta às 10 horas. Aí, acaba o café da manhã e começa, às 12 horas, a primeira turma do almoço. Havia gente que ficava desesperada, com fome, vendo os outros já alimentados.

Quando nós chegamos – eu me lembro – uma coisa que aborreceu os americanos foi a imprudência dos nossos motoristas. Começaram a surgir muitos acidentes de automóveis e anotações por excesso de velocidade. São problemas de adaptação que somente com o tempo seriam corrigidos. É preciso não esquecer que nós chegamos num Teatro de Operações em que a tropa que ali estava vinha lutando desde a Campanha da África, pelo menos, a partir de 1942. Havia o V Exército americano, do General Mark Clark, e o VIII Exército inglês, de Montgomery, enquadrados pelo XV Grupo de Exércitos, comandado pelo famoso Marechal inglês *Sir* Harold Alexander. Eram veteranos de três anos de guerra e nós chegamos, completamente, recrutas. Nosso último conflito, vamos dizer, guerra mesmo, foi a Guerra do Paraguai, que terminara em 1869. Não se pode exigir de uma tropa recém-chegada em um Teatro de Operações que faça tudo certo. Aprende-se muito durante a campanha na guerra.

No Estado-Maior da Divisão eu era o Oficial-de-Ligação com o IV Corpo de Exército, isto é, com o comando superior. Havia, ainda, oficiais responsáveis pelas ligações com as duas Unidades vizinhas – da direita e da esquerda. Nós três éramos, diretamente, ligados à 3ª Seção do Estado-Maior – Seção de Operações – e morávamos na unidade onde estávamos destacados; eu, por exemplo, morei no IV Corpo de Exército durante quase toda a guerra. Cada Oficial-de-Ligação possuía uma gaveta – a minha era *Brazilian Liaison* – onde as pessoas colocavam as informações que tinham e que poderiam nos interessar. Minha função era ouvir o “*meeting*” diário do

IV Corpo, às sete horas da manhã, que começava com o E2[2], dizendo o que tinha acontecido nas outras frentes e na nossa, o E3[2] sobre as operações realizadas, o E4[2] sobre o apoio logístico, o E1[2] com os problemas de pessoal: mortos; feridos; recompletamentos etc, o pessoal dos Serviços que tinha alguma observação e, por último, o General fazia um comentário e encerrava. Depois, eu apanhava os documentos na gaveta e levava para a nossa Divisão. O Capitão Celso de Azevedo Daltro Santos fazia ligação da Divisão com o flanco, ora com a Divisão indiana, ora com a sul-africana.

Precisei deixar essa função no Quartel-General porque houve uma crise no 11º RI. O General Octávio Costa, que era Tenente do Regimento, na época, fez uma conferência na Escola de Estado-Maior contando, muito bem, essa crise. O que aconteceu foi o seguinte: um Batalhão do 11º RI foi tomado de pânico e abandonou sua posição, à noite. É um clima de alucinação, gritaria, em que as pessoas vêem fantasmas, se propaga e é difícil conter, principalmente à noite. Existem vários livros sobre esse tema e pode acontecer com as melhores tropas do mundo. Bem, em virtude desse pânico, três capitães de infantaria foram destituídos do comando e submetidos a Corte Marcial, havendo necessidade de substituí-los. Mas, o Depósito de Pessoal, órgão encarregado do recompletamento, ainda não tinha chegado na Itália. A solução lógica foi deslocar oficiais que estavam lá e eu fui indicado. O Mascarenhas disse: "Eu dou um Capitão e o Zenóbio dá o outro." Então, eu fui da "cota do Mascarenhas" e o Capitão João Tarcísio Bueno foi escolhido na "cota do Zenóbio".

Logo após a Companhia ter deixado a posição, assumi o comando. Os homens estavam dispersos, perdidos e as armas abandonadas, o que exigiu um esforço para recuperá-las. O Capitão que eu substituí era muito benquisto pelos seus subordinados e eles não se conformavam em vê-lo submetido a Conselho de Guerra. Não tinha sido ele quem provocou o pânico e sim outro Capitão que se acovardou, começou a ver fantasmas e aí se propagou. Sobre os duzentos homens que eu comandei posso dizer que apenas um chegou para mim e disse que tinha medo. Logo que assumi o comando ele me procurou e falou: "Capitão, pelo amor de Deus, eu tenho medo, mas o senhor me deixa aqui, porque vim com a minha gente de São João Del Rei e quero voltar com eles; se o senhor me mandar embora, vou para o Depósito e, depois, não sei para onde vão me mandar." Deixei-o como meu auxiliar. Era a única pessoa que tinha um medo nervoso, neurótico e perdia a cabeça.

Um sentimento do soldado brasileiro e que o estimula a cumprir as missões mais perigosas é a hombridade. Quando o espírito de corpo é alto, a Unidade consegue sucesso porque o soldado raciocina da seguinte maneira: "Se o João faz, porque

---

[2] Designação dos oficiais chefes de Seção de Estado-Maior de um grande comando operacional.

eu não faço." Explorei muito esse sentimento de hombridade que possui uma força extraordinária. Eu dizia: "O pelotão tal faz; será que o seu não faz?", "Os americanos são capazes de cumprir essa missão; será que vocês não são?"

Sobre o batismo de fogo, eu tenho uma teoria – não sei se está certa – que é a seguinte: a pessoa que está no comando e sente a responsabilidade da função, não tem tempo de passar por isso. É tanto problema para resolver, ao mesmo tempo, tantas dificuldades, que o seu pensamento fica concentrado na solução dessas questões e não dá tempo para ter essa crise psicológica que é o batismo de fogo. O soldado sente o problema porque ele só é responsável por si próprio; o cabo é responsável por uma "meia-dúzia"; mas, no comando de uma Companhia, você tem duzentas pessoas sob sua responsabilidade.

Antes do embarque da FEB, na fase da sua organização, quando eu estava no Estado-Maior do General Mascarenhas e, ainda, não tinham chegado os oficiais que foram fazer o curso em *Ft. Leavenworth*, eu recebi uma missão especial. Examinando a estrutura organizacional americana, apareceram alguns tipos de elementos que nós não tínhamos, no Exército, como a Companhia de Polícia, enfermeiras e a capelania. O General Mascarenhas me deu a missão de orientar a formação dos dois primeiros. Para a polícia, foram recrutados quarenta voluntários da Guarda Civil de São Paulo, famosa, sempre bem-fardada. Houve um contato com o governador que me pôs em ligação com o comandante da corporação e eu trouxe esse primeiro grupo. Quanto às enfermeiras, orientei muita coisa pelo bom senso e acho que acertei, porque todas elas ficaram muito gratas a mim.

Com relação ao desempenho em Campanha dos nossos oficiais e sargentos, ouvi alguns veteranos da FEB dizerem que nós chegamos na Itália sem saber nada, completamente ignorantes, o que não é verdade. Os nossos quadros, com a instrução recebida no Brasil, só tiveram que se adaptar ao material e mais nada. Todos sabiam quais eram suas atribuições. Você pode perguntar ao Pitaluga – Comandante do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB – se alguma vez ele precisou de conhecimento militar para comandar. Agora, nós tivemos que nos adaptar a uma organização e equipamentos diferentes. Quanto ao treinamento, ele foi atropelado, porque a formação normal para a guerra, começando com a instrução individual, depois a das pequenas unidades, a seguir exercícios em que essas frações operam juntas, mais adiante, instruções e exercícios de batalhão e regimento, não foi seguida.

Costumo dizer que a FEB está consagrada pelos resultados obtidos na campanha. Não adianta discutir, mas comparar com as tropas das nove ou dez nacionalidades que estavam no mesmo Teatro de Operações – americana, francesa, australiana, indiana, polonesa e outras. Devemos comparar os resultados de Unidades iguais à nossa,

isto é, Divisão de Infantaria. Os índices do tipo: quantos dias de combate? Quantos mortos? Quantos feridos? Quantos inimigos aprisionou? vão mostrar que ninguém teve uma performance melhor do que nós. A FEB passou quase um ano em efetivo combate, sem rodízio, porque o Mascarenhas dizia: “O dia que a Divisão sair da linha de frente, vão dizer, no Brasil, que fomos derrotados; ninguém vai entender.” Tivemos que “inventar” uma maneira de dar certo “recreio” à tropa, sem tirar a Divisão da frente. Não adianta analisar que o homem era ignorante, analfabeto, do setor rural e que nunca tinha visto a cidade; essa argumentação morre, porque – como diz muito bem o General Dwight D. Eisenhower – não há substitutivo para a vitória.

Quanto ao desempenho operacional, a atuação inicial e feliz da FEB, no Vale do Serchio, fez com que ganhássemos a confiança do General Mark Clark, Comandante do V Exército. A missão dessa frente de combate era cobrir as operações principais que se desenvolviam mais para leste, no eixo da estrada 64, que desembocava em Bolonha. Localizava-se próximo ao litoral do Mar Tirreno. Embora fosse um flanco secundário, não poderia ficar para trás e teria que progredir, acompanhando o avanço das tropas principais. Acontece que o V Exército estava com problemas de efetivo, pois sofrera a retirada de divisões a fim de efetuarem a invasão da França meridional. Como os alemães estavam sem aviação e pouco ativos, Unidades antiaéreas foram transformadas em infantaria, com a revolta de seus integrantes que, indignados com esse tratamento, passaram a não levar muito a sério suas atribuições e estavam parados, enquanto que a idéia era progredir. Nesse quadro, chegou a tropa brasileira e entrou em ação, em 15 de setembro, progredindo, sem parar, até o dia 29 de outubro, portanto, um mês e meio. No final das operações, fomos surpreendidos com o lançamento de um contra-ataque inimigo, em Castelnuovo di Garfagnana, e tivemos que recuar. O General Zenóbio ficou “danado da vida”, porque ele já tinha incorporado a glória daquela vitória, inclusive recebido elogios do Major-General Willis D. Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército. Não obstante esse revés, a tropa tinha provado que era boa e foi transferida para o Vale do Rio Reno. Ela “fora promovida ao primeiro time do V Exército”, consoante declarou o próprio General Mark Clark.

Observe-se que a FEB foi empregada por partes, na medida da chegada dos escalões. O Comando americano não esperou a concentração de toda a Divisão e lançou-a na frente de combate para suprir a grande falta de efetivos. Acho que foi o único caso, no Teatro de Operações, de uma Divisão não se concentrar para ser empregada. Quando houve o emprego, no Vale do Rio Serchio, só havia chegado à Itália o primeiro escalão, composto do 6º RI com o 2º Grupo de Obuses e frações de reconhecimento, engenharia, saúde, comunicações e outros elementos de apoio.

Esse grupamento tático foi chamado de Destacamento FEB, sob o comando do General Zenóbio da Costa e representava um terço da Divisão – não era a Divisão que estava sendo empregada.

Havia uma expectativa muito grande com relação à atuação da nossa tropa. Ninguém a conhecia direito e a última experiência de combate, para que se pudesse fazer uma avaliação, tinha sido, como eu falei, a Guerra do Paraguai. Sob esse clima de esperança, o Destacamento começou a cumprir sua missão e, ao longo de um mês e meio, mostrou grande impulsão e surpreendeu os americanos. Essa frente, caracterizada pelo confronto de patrulhas, estava estacionada, sem progredir, e, quando a nossa tropa chegou, ela avançou uns quarenta quilômetros, naquele período. Uma qualidade muito importante para os americanos é o espírito ofensivo e essa ação demonstrou a vontade de progredir do Grupamento.

Quando chegamos ao Vale do Rio Reno, nos Apeninos, em novembro de 1944, a tropa americana estava detida. O terreno montanhoso da área condicionava as operações em força, de modo que se ficava limitado aos eixos. O objetivo do V Exército era chegar em Bolonha, antes do rigor do inverno – estávamos em fins do outono, começo do inverno. Para realizar essa ofensiva era necessário limpar os alemães das montanhas que flanqueavam, completamente, a estrada 64, que de Porreta conduz a Bolonha. A visibilidade que desfrutava o inimigo sobre essa importante via de comunicação exigia, como medida de disfarce, a produção intensa de cortina de fumaça. Caminhava-se de dia como fosse noite. Monte Castelo era o baluarte desse sistema montanhoso e sua ocupação representava, praticamente, a abertura do eixo da estrada 64. Inicialmente, lançaram-se à conquista, por duas vezes, forças sob o comando americano com a participação de elementos brasileiros, postos à disposição. Diante dos reveses, chegou-se à conclusão que o objetivo era muito forte para batalhões e foi atacado por dois regimentos que, também, fracassaram. A chegada do inverno fez suspender as operações e teve início a fase das patrulhas. Trouxe, também, as instruções de esqui, a neve nas estradas, retirada através de máquinas que trabalhavam o dia inteiro, e as correntes nas rodas das viaturas para evitar que deslizassem na pista, que ficava como pedra de gelo. Em determinada oportunidade, pude presenciar um caminhão, com soldados, escorregar e cair num precipício.

Terminado o inverno, na preparação para a grande ofensiva da primavera, Monte Castelo foi alvo de um novo ataque feito por duas divisões: a 10ª de Montanha, americana, precedendo a Divisão brasileira, conquistou Mazzancana, e nós atacamos o objetivo principal, naquela manhã memorável de 21 de fevereiro, e fomos vitoriosos. Acho que houve, do ponto de vista operacional, uma má avaliação de Monte Castelo. Ele não podia ser atacado por um batalhão, como aconteceu várias

vezes. A conquista teria que ser feita por duas divisões. Uma coisa que deve ser consignada é que, quando conquistamos Monte Castelo, foram encontrados corpos de soldados nossos, do primeiro ataque, no alto do morro. Eles chegaram lá em cima, mas não tinham força, estavam diluídos; morreram lá em cima. Dominado Monte Castelo, as operações visando a abrir o caminho da estrada 64 se tornaram mais fáceis. Um ataque brasileiro conquistou Castelnuovo, elevação mais próxima da rodovia mas que não tinha a importância da anterior.

A fase seguinte das operações visava à ruptura das posições alemãs estabelecidas sobre os últimos contrafortes da cadeia dos Apeninos. Coube à nossa Divisão atacar o importante maciço de Montese, onde se localizava a cidade de mesmo nome cuja torre da igreja via-se de longe. Havia muitos campos minados que causaram número expressivo de feridos. Em Montese, aconteceu um fato singular: um tenente resolveu se infiltrar, com muita garra, seguindo um riacho – nas montanhas eles se apresentam fundos, com vertentes altas –, e, de surpresa, entrou na cidade, alcançou a torre da igreja e começou a metralhar os alemães que, confusos, recuaram. Esse tenente – Iporan Nunes de Oliveira, mato-grossense, era da Companhia que eu havia comandado e que agora estava sob a direção do Capitão Darci Lázaro. A conquista de Montese foi muito elogiada pelo Major-General Willis D. Crittenberger, numa das reuniões diárias do IV Corpo de Exército, quando disse: “Os americanos precisam aprender com os brasileiros como se conquista uma localidade.” Embora ache que aquela ação foi de muito valor, penso ter sido um acaso o tenente descobrir aquele caminho. O alemão não esperava que alguém se infiltrasse por ali.

Quando ingressamos na vasta planície do Rio Pó, sentimos que a desorganização reinava nas fileiras alemãs. O planejamento alemão era constituir uma posição defensiva nesse vale, mas não havia mais essa possibilidade. Lançamos o Esquadrão de Reconhecimento na direção oeste, e não norte-sul, a fim de retomar o contato com o inimigo. O General Mascarenhas, vendo a morosidade do deslocamento da Infantaria, emprega os caminhões da Artilharia em proveito da maior mobilidade dos infantes. Ele não teve alternativa porque as Unidades de Infantaria não eram motorizadas; apenas possuíam alguns caminhões para seus serviços. Nesse quadro, o Esquadrão fez contato com tropa inimiga, em Collechio, e o Pitaluga – comandante da Unidade – com pouca gente, solicitou reforços, enquanto iniciava o cerco da cidade. Os alemães não esperavam e ficaram assustados. Convém ressaltar a ousadia do nosso Esquadrão de Reconhecimento que se lançou a grandes distâncias em busca do inimigo, encontrando-o e possibilitando, com isso, que a Divisão, com o emprego dos Batalhões, detivesse o retraimento inimigo. Sem condições de prosseguir, a não ser com luta, o General alemão – Fretter Pico – enviou um emissário para discutir a

rendição. O Coronel Nelson de Mello, comandante do 6º RI, informa que só a aceitaria de forma incondicional. Finalmente, os detalhes foram acertados e, em 29 de abril, tem início a rendição. Esse episódio da capitulação seguiu um cerimonial que consistiu na deposição das armas – fuzis, metralhadoras – em locais já designados e uma formatura de despedida dos comandantes de batalhões, companhias e pelotões, quando se separavam, oficiais, sargentos e soldados, cada grupo para um lado, onde eram presos. Costumo dizer, repetindo o Marechal Mascarenhas de Moraes, que foi a operação mais espetacular da Força Expedicionária Brasileira.

Com a rendição de todas as tropas alemãs em operações na Itália, recebemos uma área de ocupação, numa região rica, que tinha como centro a cidade de Alessandria. O Quartel-General da Divisão foi transferido para essa cidade. A idéia do comando aliado era que continuássemos na ocupação – a tropa aliada ficou na Europa cerca de três anos, depois da guerra –, mas o governo brasileiro não concordou e, depois de um mês de efetivo cumprimento da missão, iniciamos os preparativos para o retorno.

Um aspecto sobre a campanha, que me deixou muito impressionado, foi a capacidade do americano, que assumiu toda a logística da guerra. Passei pela África, depois fui para a Europa e tudo estava funcionando rigorosamente bem, em termos de transportes, sendo que o alemão, quando saiu, tinha destruído tudo. Os aliados chegaram e encontraram destruídas as pontes, aeroportos, estações ferroviárias, usinas elétricas, e o americano recompôs tudo. Os grandes hotéis em Roma, Turim, Bolonha, das grandes cidades, eram administrados pelo americano. Isso foi uma das coisas que mais me impressionou: a capacidade do americano, que fez tudo sozinho; todas as tropas, de todas as nações, dependeram de seu apoio. O Exército americano possuía, no início da guerra, para se ter uma idéia de seu esforço de mobilização, trezentos mil homens e, ao final, estavam com 11 milhões. Essa é a razão porque alguns consideram que o homem mais importante da guerra não foi o Eisenhower, mas o Marshall, que não combateu, mas montou a logística relativa à mobilização.

Atualmente, preocupa-me o estado de espírito do soldado brasileiro. Será que hoje, se nós tivermos uma outra guerra, a nossa tropa irá se conduzir tão bem como a que combateu na Itália? Não tenho dúvidas sobre a oficialidade e os quadros de sargentos, que são muito bem preparados nas escolas, mas sobre a tropa tenho dúvidas porque ela é o reflexo da sociedade; que hoje, está com uma mentalidade muito destrutiva; a mentalidade não é de defender a pátria, não é de luta, não é de civismo, não é nada, compreendeu! A mentalidade da juventude, hoje, é profundamente universalista; e isso me preocupa.

Os homens que nós levamos para a guerra não foram da elite; essa ficou na rua gritando que queria a guerra, mas na hora de ir, não foi, compreendeu! Contam-

se pelos dedos os estudantes que nós tínhamos na FEB, agora, aqui na rua, gritando que queria a guerra, era só estudante. Foram para a Itália o agricultor de Minas; de São Paulo; o pessoal da Baixada Fluminense; comerciários; bancários; essa era a massa da FEB. A quantidade de gente que nunca tinha visto o mar – ou melhor, nunca tinha navegado – que levamos foi uma barbaridade. Havia nesses homens menos cultos uma consciência nacional. Eles tinham uma consciência de dever, de responsabilidade para com o País e a Pátria, um sentido de hombridade, porque não poderiam ser inferiores aos outros. Esse é o problema que me preocupa. Igualmente, os americanos têm dúvidas se conseguirão, agora, fazer uma mobilização igual à que fizeram; se a juventude responderá da mesma maneira que na Segunda Guerra Mundial.

Quando terminou a guerra, com a vitória aliada, e a FEB regressou ao País, pudemos perceber duas situações distintas. A recepção popular foi extraordinária; todas as cidades se engalanaram e receberam os soldados como heróis. Foram homenageados quando desembarcaram no Rio e, depois, nas capitais de seus estados, nas suas cidades de origem e, se fossem de um vilarejo, eram lá, também, homenageados como heróis. Essa fase acabou rapidamente e eles tiveram que enfrentar a dura realidade de suas atividades e profissões – carteiro, empregado do comércio, agricultor – e foi muito dura a readaptação, surgindo o desajuste – cuja principal causa estava exatamente nesse aspecto.

O outro lado foi o tratamento dentro do Exército. Pesou o fato de que a maioria não foi para a Itália. Essa parte maior não queria a concessão de vantagens para o pessoal que integrou a FEB e, então, houve uma preocupação de desmobilizar a Força, de imediato, em vez de manter algumas unidades, como padrão. Mas, muita coisa se aproveitou, em termos de pessoal. O Coronel Humberto de Alencar Castello Branco – promovido no fim da guerra – foi aproveitado na Escola de Comando e Estado-Maior, como Diretor de Ensino, e preparou a Escola para a nova doutrina militar, que não poderia mais ser a francesa, derrotada na guerra; o Coronel Bizarria Mamede foi designado para a mesma função, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; eu, que tinha experiência de combate de Infantaria, fui designado Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria da Academia Militar das Agulhas Negras. O Exército não soube aproveitar a Força como um todo, mas deu-se o aproveitamento individual; havia medo e receio político de que a FEB derrubasse o Governo.

Na verdade, existia uma contradição muito grande: nós chegamos como heróis que lutaram pela restauração da democracia e, no Brasil, o regime era ditatorial. Esse contraste, situação antagônica que se criou, produziu um receio de que a FEB, quando aqui chegasse, fosse lutar contra o Governo. Acho – opinião pessoal – que

foi por isso que houve uma preocupação de acabar, desorganizar, desestruturar e mandar cada um para um lado. E estabeleceu-se esse contraste com aquela recepção popular apoteótica.

Concluindo meu depoimento, gostaria de afirmar que a atuação da Força Expedicionária Brasileira foi, indiscutivelmente, uma consagração. Ela lutou e venceu. Cometeu falhas e teve que aprender na dureza do combate, mas toda força incorre em erros. Soube enfrentar as dificuldades e superá-las, como mostra o resultado consagrador de uma campanha vitoriosa. Nós tivemos a sorte de sermos comandados pelo então General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Não havia um comandante mais adequado para a Força Expedicionária Brasileira. Porque aconteceu que tivemos que nos enquadrar num dispositivo militar muito grande e não adiantava ter gente de arroubos, querendo fazer estratégia. Estávamos num conjunto de 24 divisões atuando no Teatro de Operações, e cada uma recebia um pedacinho da missão que vinha dos escalões superiores. Essa era a realidade, e não adiantava você achar que era um grande estrategista ou um grande tático, porque você tinha que atacar Monte Castelo, no dia e hora determinados, que precisavam ser respeitados pelo reflexo que traziam em outra operação, cujo desencadeamento, por sua vez, influiria numa terceira e, assim, sucessivamente. Entendo que a grande qualidade do Gen Mascarenhas de Moraes foi a seriedade, e os Comandos americanos logo viram que estavam tratando com uma pessoa íntegra, de palavra, na qual podiam confiar. Ele conduziu muito bem a tropa, sem arroubos e exageros, com uma disciplina férrea.

General-de-Divisão Médico Geraldo Augusto D'Abreu*

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, RJ, diplomado em Medicina em 1939, já no ano seguinte concluía o Curso de Formação de Oficiais Médicos da Escola de Saúde do Exército. Paralelamente ao curso da faculdade de medicina, freqüentou, nos anos de 1935/36/37, o CPOR/RJ, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria. Como 1º Tenente Médico, serviu no 5º Grupo de Artilharia de Costa, em Santos, SP; no 5º Regimento de Cavalaria, em Castro, e depois em Guarapuava, PR; e no 12º Regimento de Infantaria, em Juiz de Fora, MG. Na guerra exerceu a função de Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, tendo embarcado para a Itália no 1º escalão. Após a guerra, como Capitão, entre outras funções, desempenhou as de Comandante do Corpo de Alunos da Escola de Saúde do Exército. Como Oficial Superior, ocupou vários cargos de destaque, entre os quais os de Chefe de Seção Técnica de Ensino e de Instrutor-Chefe da Escola de Saúde do Exército; no QG da 2ª RM; na Diretoria de Saúde e no Estado-Maior do Exército. Comandou o I Batalhão de Saúde (Batalhão Oswaldo Cruz). Além do Curso de Formação da Escola de Saúde do Exército, freqüentou os de Técnica de Ensino; de Saúde da EsAO; da ECEME; e o Superior de Guerra, da ESG. Diplomou-se, também, em diversos cursos de especialização médica. Em 1971, assumiu o cargo de Diretor do Hospital das Forças Armadas, que organizou e estruturou dentro dos modernos conceitos de administração hospitalar. Em 1975, como General-de-Brigada, foi nomeado Diretor do Hospital Central do Exército, cargo que ocupou até sua promoção a General-de-Divisão, quando passou a desempenhar as importantes funções de Diretor de Saúde do Exército. Foi transferido para a reserva em 8 de maio de 1979. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 23 de maio de 2000.

Em 1939 e no início de 1940, tínhamos a impressão de que o Brasil estava muito longe do Teatro de Operações, no outro lado do Atlântico, e de que aqui não chegariam as conseqüências dessa Segunda Guerra, que tanto custou à humanidade. No entanto, nos antecedentes da Segunda Guerra Mundial, vale a pena relembrar que, aqui no Brasil, havia muito interesse, por parte dos órgãos de comunicação, sobre o que acontecia na Europa e no mundo. Exemplificando, a ascensão do nazi-fascismo foi algo que deixou muita gente deslumbrada. Mesmo em nosso Exército, vários companheiros passaram a admirar esta doutrina política, tendo concorrido para isso a guerra da Espanha, que serviu, também, como uma espécie de treinamento para a Segunda Guerra Mundial, entre as forças do nazi-fascismo e as democráticas, vamos assim dizer, embora não fossem exatamente democráticas.

Houve, ainda, aquela campanha na Abissínia, conduzida pela Itália. Numa Sexta-feira Santa, vimos este país tomar a Albânia. Tudo isso era divulgado pela imprensa e cada um apreciava e julgava a seu critério, do que decorreu a formação de várias correntes de opinião.

Nossa posição era de neutralidade, não tínhamos tomado partido. No início de 1941, realizou-se no Brasil uma conferência de chanceleres dos países sul-americanos. Quase por unanimidade, porque houve uma exceção, ficou resolvido que todos os países de nosso continente dariam apoio às forças democráticas que estavam em guerra. A exceção, não estou bem lembrado, foi a Argentina, cujo chanceler hesitou em dar esse apoio e declarou, posteriormente, ser possível o seu governo aderir à expressiva maioria, quase totalidade, dos países sul-americanos.

Isso deve ter provocado o ódio das nações nazi-fascistas que, como represália, começaram a torpedear navios mercantes brasileiros, dentre os quais alguns poucos que faziam transporte de tropas, o que provocou indignação da população. Os brasileiros ficaram revoltados e participaram de repetidas manifestações à frente do Palácio do Catete, pedindo ao Presidente Vargas que o Brasil entrasse na guerra. Há até fotografias bem interessantes da época, que mostram a quantidade de pessoas de todas as camadas sociais que exigiam que o Brasil declarasse guerra ao Eixo. De característico, também, nas fotos publicadas, a expressão de espanto da senhora Darci Vargas, diante daquela multidão.

A declaração oficial de guerra deu-se em agosto de 1942. Como os Estados Unidos da América eram aliados, o Governo brasileiro concordou com a utilização do saliente nordestino por aquele país. Foram instaladas bases aéreas americanas, no Nordeste, estrategicamente próximas da África.

Após essa primeira fase de neutralidade, em que o Brasil procurava manter uma distância prudente, não acreditando que a guerra chegasse ao nosso continen-

te, ocorreu, como disse, o torpedeamento dos nossos navios. Seguindo-se à declaração de guerra, no governo Vargas, passamos a viver uma outra fase, a da organização da Força Expedicionária Brasileira.

Neste particular, há um aspecto que considero muito interessante; o Exército Brasileiro tinha sido, durante muitos anos, orientado por uma missão militar francesa. Essa assessoria foi muito útil, ajudou bastante todo o tempo em que aqui permaneceu. Mas veio a derrota para a Alemanha e a ocupação do território continental da França. O modelo militar deste país passou a ser questionado e todos se voltaram para um outro paradigma, agora oferecido pelo modelo militar dos Estados Unidos, um novo conceito. Da concepção basicamente defensiva para a ofensiva. E, mais do que isso, é preciso considerar outros fatores e aspectos diferenciados, como os referentes ao material. Lembro-me de um filme que retrata a guerra de posição, de trincheiras – *Sem novidades no front* – se não estou enganado. Reproduz o campo de batalha da Primeira Guerra Mundial. Um ambiente diverso do que passaríamos a conhecer no último conflito mundial. Os nossos pracinhas e os nossos chefes procuraram, imediatamente, adaptar-se à nova doutrina e inovações técnicas, por assim dizer. Nesse filme, que cito como exemplo, no que se refere ao serviço de saúde, vemos a ambulância hipomóvel, isto é, tracionada a cavalo, com os inconvenientes facilmente previsíveis. Ou então, um grupo de padioleiros divisionários, modelo do Exército francês, com um carrinho porta-padiola empurrado à mão. Tudo isso mudou, foi deixado de lado e o ferido passou a ser apanhado no Posto de Socorro do Batalhão por uma ambulância motorizada e trazido para os órgãos de evacuação e triagem. Foi o que mudou completamente.

O Batalhão de Saúde teve origem na Formação Sanitária Regional, com sede em Marquês de Valença, no Estado do Rio de Janeiro. Essa Formação Sanitária seguia os moldes do Exército francês. Foi transformada em Batalhão de Saúde, segundo modelo norte-americano, na própria cidade de Marquês de Valença. Transferiu-se depois para a cidade do Rio de Janeiro, já mais ou menos organizado, embora sem os efetivos completados. Permaneceu acantonado no antigo Jardim Zoológico, em Vila Isabel, e, posteriormente, foi deslocado para a Vila Militar.

Quando ocorreram os embarques dos escalões da Força Expedicionária Brasileira, o Batalhão não seguiu como um todo. Foi fracionado. Realizaram um sorteio, de forma que, no 1º escalão, com o 6º RI e outras Unidades combatentes, embarcaram a 2ª Companhia de Evacuação e o 2º Pelotão de Triagem. No 2º escalão foi o restante do Batalhão.

Deixando a modéstia à parte, fui voluntário. Servia no 12º Regimento de Infantaria (RI), em Juiz de Fora, e trabalhei com um chefe que me ensinou muito. Na ocasião, ele era Tenente-Coronel. Mais tarde, chegou a General, Chefe do Serviço

de Saúde, General Generoso de Oliveira Ponce. Servindo na Diretoria de Saúde, pedi que se interessasse por minha designação para integrar a Força Expedicionária. Dessa maneira fui classificado na FEB.

Inicialmente, fui incluído no 1º escalão do Depósito do Pessoal. Depois, transferiram-me para o Batalhão de Saúde.

O transporte da tropa foi realizado nos navios *General Meighs e General Mann*, embarcações de grande porte, que comportavam cinco mil pessoas, aproximadamente. No entanto, as condições de transporte de cinco mil pessoas não eram simples. Os americanos resolveram o problema de alimentação nos navios de maneira muito prática, seja pelas rotinas seja pelas instalações. Por exemplo, os frigoríficos do navio eram perfeitos.

A adaptação da tropa àquele transporte não foi fácil. Estranhamos as condições dos porões, os beliches e a alimentação duas vezes por dia, a não ser para aqueles que estivessem de serviço. Neste caso, faziam jus a três refeições.

Para atendimento ao pessoal, durante a travessia, montaram dois postos de saúde no navio, um a vante e outro a ré. Eu fazia parte do posto a vante. Passava-se a visita médica e a afluência era grande, por causa de enjôo, perturbação digestiva; alguns tinham gripe, naso-faringite, mas caso grave não houve, somente rotina.

No Brasil, participamos de exercícios com outras Unidades da FEB. O General Gustavo Cordeiro de Faria era Comandante do Centro de Instrução Especializada, localizado em Deodoro, na Vila Militar. Mais tarde, transformou-se na Escola de Instrução Especializada (EsIE), em Realengo, mas, naqueles tempos, era na Vila. Ele estabeleceu um programa de treinamento para todas as Unidades. No que diz respeito ao Serviço de Saúde, tive o prazer de ser um dos oito escolhidos para estudar o material norte-americano, completamente diferente do que nós conhecíamos, pois só manuseávamos o equipamento francês. Passamos a instruir os enfermeiros e padioleiros das Unidades, pois não só o Batalhão de Saúde, mas todas as outras Unidades possuíam pessoal de saúde. Lamento dizer que, desses oito, só eu estou vivo. Todos os demais “já foram”, é uma pena. Estes fatos eles contariam melhor do que eu, inclusive o Chefe que era, ainda na época, Capitão já antigo, Humberto de Albuquerque Martins Pereira, líder do grupo, também já falecido.

Na Itália também houve preparação, antes do efetivo desempenho do Batalhão. O material de saúde, que recebemos no Brasil, não estava completo. Lá, foram distribuídas as famosas canastras, números um, dois, quatro, sessenta. Esta última era a de odontologia. O material possuía excelente qualidade, inclusive as barracas de enfermaria para montagem dos postos. Todo esse equipamento foi distribuído em território italiano.

Os americanos pensaram em tudo. Nessa etapa, houve um complemento de instrução, porque, digamos, do material da canastra – você sendo dentista, tinha que montar tudo – o motor era acionado pelo pé, o que bem atesta tratar-se de coisa muito delicada. As canastras um e dois, de material cirúrgico, tinham medicamento e tudo mais, bem como a de número quatro com instrumental que nós não conhecíamos. Lá, pela primeira vez, vimos a penicilina, muito utilizada. Com a penicilina, o plasma e outros medicamentos, aquelas complicações dos ferimentos de guerra, que aconteceram durante a Primeira Guerra Mundial, praticamente deixaram de existir. Feridas supuradas, tétano não nos preocupavam, porque a vacinação produzira excelente resultado. O Instituto Militar de Biologia, hoje Instituto de Biologia do Exército, fabricava uma vacina, a TETAB, vacina para tétano, tifo A e B, para ser aplicada em três doses, no contingente. Também não houve gangrena – pode até ter havido algum caso de que nós não tivéssemos tido conhecimento. Outra complicação de ferimento de guerra, que se dava quando a mosca pousava e deixava a larva de um parasito, também não ocorreu. Então, essas complicações de ferida de guerra, comuns na Primeira Guerra Mundial, não existiram na Segunda Guerra, graças às medidas preventivas.

O batismo de fogo foi uma decorrência do apoio dado pelo Batalhão ao 6º RI e aos combatentes de artilharia e engenharia, integrantes das Unidades que compunham o 1º escalão da FEB, no Vale do Serchio. Iniciado ali, veio depois a mudança para os Apeninos, no Vale do Rio Reno. O Batalhão já estava integrado à Divisão, como um todo.

Há fatos interessantes, até jocosos, que devem ser lembrados: O Batalhão se encontrava em Porreta Terme, que estava em um ângulo morto, logo as granadas de artilharia não iriam atingir a área em que nos posicionamos. Passariam por cima. Eventualmente ouvíamos o barulho, coisa assim como um pássaro esquisito, batendo asas, era o ruído da granada de artilharia em sua trajetória. Havia a casa de um italiano, com três andares. A 1ª Companhia de Evacuação, que era comandada pelo Capitão Mário Victor de Assis Pacheco, estava acantonada naquele lugar e eu me encontrava em reserva. Um dia, o Pacheco disse não estar gostando daquele pessoal lá de cima, no terceiro e segundo andares. Então mandou todo mundo descer, sair de lá. Embora soubéssemos que as granadas alemãs devessem passar por cima. Nessa noite, eu não sei, não sou de artilharia, parece que a granada perdeu a força e arrebentou, acabando com dois andares. Foi considerado, vamos dizer, um milagre, pois não pegou ninguém. Outro fato curioso, a que me referi, diz respeito a um oficial psiquiatra, convocado, muito bom, "muito amigo e tal", mas bastante pitoresco, como quase todo psiquiatra. Ele conseguiu convencer a "chefia" de que o pessoal portador de neurose, problemas psíquicos, adquiridos por causa da guerra,

ficassem ali próximos da frente, ouvindo o barulho das granadas que caíam, e, por isso, ocupou um pequeno castelo do outro lado da praça de Porreta. Um dia, "acertaram lá" o castelo e deu-se até a morte de um sargento. Durante a noite, o Newton Gabriel de Souza, que era o comandante do 2º Pelotão de Triagem, recebeu ordem do Capitão Vaz, Comandante da Companhia, para tirar o pessoal daquele local. Bem, esse oficial psiquiatra, capitão, chamava-se Mirandolino José Caldas. Antes desse fato, costumava levar o pessoal baixado para as termas de Porreta, para tomar banho. Botava todos em forma, coluna por três, não sei se por altura, "aquela história"; e ele, na frente, marchando. Acontece que, naquela praça, um dia, caíram várias granadas. Quando o médico olhou para trás, estava todo mundo rastejando e ele era o único em pé. Esse episódio virou piada. Coisa de psiquiatra, todo mundo rastejando e ele era o único em pé...

O clima foi um fator determinante para salientar a capacidade de adaptação, testada no desempenho da tropa. Tínhamos gente do Nordeste, da região Centro-Oeste, zonas de clima quente... e esse pessoal chega lá e pega neve. O que aconteceu então? É o início da improvisação: começaram a adquirir pele de coelho para forrar o *combat boot*. Aqueles que ficavam nos *fox hole*, soldados de infantaria, adotavam um procedimento de "fortuna" para se protegerem ainda melhor das conseqüências do clima frio, das "geladuras e tal", o chamado "pé-de-trincheira". Sabe como? Envolvendo os pés com jornal, colocando, em vez do coturno, o "galochão" que era maior e permitia envolver os pés com jornal ou palha. Não chegaram a acabar com o pé-de-trincheira, mas reduziram muito a incidência. Parece que os americanos estudaram essa solução, intrigados com o fato: "Como é que a coisa estava acontecendo? Como é que os brasileiros não apresentavam tantos casos de pé-de-trincheira?"

Eu acho que o desempenho de nossos quadros não poderia ter sido melhor, mesmo que o treinamento fosse intensivo, de maior duração e o período de adaptação muito maior. Com tudo isso, ainda creio que o sucesso alcançado foi exemplar. Eles se superaram, essa é a verdade. Nosso soldado demonstrou criatividade, senso de humor, vamos dizer, levava, às vezes, as coisas na brincadeira, embora com noção de responsabilidade. Um fato ocorrido, que é importante lembrar: o alemão utilizou vários processos para tentar desmoralizar a nossa tropa, inclusive jogavam folhetos com imagens provocativas do tipo: "Enquanto você está aí sofrendo, sua mulher está lá no Rio, nessas condições..." e colocava um desenho imoral. Sabe o que acontecia? Os soldados achavam graça da propaganda. O próprio soldado dizia que eles faziam aquilo "para ver se a gente ficava desmoralizado". Mas a propaganda era intensa. O próprio rádio era utilizado: "Olha, enquanto o fuzil de vocês dá um tiro assim – pá!; o nosso faz boom!" Felizmente, ninguém caiu nessa.

O apoio de saúde começou na fase de preparação, com a vacinação da tropa, aliás muito bem feita. Quem chefiou a vacinação foi um oficial médico, Capitão Saulo Theodoro Pereira de Mello, que não pertencia à FEB, mas levou muito a sério a incumbência que lhe deram. Na verdade, a vacinação foi completada durante a viagem e alguma coisa no Teatro de Operações, porque houve trocas de última hora. Diversos militares que já estavam vacinados se acidentaram e não embarcaram; outros embarcaram sem terem sido vacinados. A preparação do pessoal, a instrução na EsIE serviu para mostrar grande parte do material que deveria ser usado. Houve até elogios por sua utilização: eu me lembro de um, no 7º Hospital de Livorno. Uma fratura de fêmur, com a colocação de um *sprinter* americano, tudo como foi aprendido nas instruções preliminares – botar a padiola, "não sei o quê", pôr o estribo, fazer a tração, colocar a goteira, depois a bandagem... Tudo bem feito. Então, quando chegou o americano, que estava na recepção do hospital, ficou admirado pois o atendimento fora primoroso. Fez até uma referência por escrito.

O alemão era treinado para a guerra, não é novidade. Muito bem treinado para a guerra. Ninguém pode contestar a capacidade deles como profissionais da guerra. Lembro de um amigo meu, o Sylvio Christo Miscow. O Miscow talvez se lembre o que confidenciou a mim e a um grupo. Disse ele: "Esses alemães desgraçados sabem fazer a guerra."

Os trabalhos de enfermagem são um capítulo à parte. Tínhamos os padioleiros e enfermeiros – soldados e graduados – que pertenciam à tropa. Um aspecto de destaque foram as enfermeiras. Muitas vezes caluniadas, injustiçadas, posso afirmar, pois vi nos hospitais, no 32º Hospital Cirúrgico Móvel, no 7º, em Livorno, afinal, em todos os hospitais, que a atuação das enfermeiras foi simplesmente impressionante, pela eficiência, carinho com que cuidavam dos soldados, do nosso pessoal ferido. O trabalho delas foi exemplar sob todos os aspectos.

A estrutura do apoio de saúde diz respeito ao apoio à Divisão, como um todo. A Divisão possuía suas Unidades, seus Regimentos de Infantaria, Grupos de Artilharia, Batalhão de Engenharia e outras. Cada uma tinha o seu Posto de Socorro. Na Infantaria, por exemplo, o de Batalhão. Não havia no Regimento. Do Posto de Socorro do Batalhão para a frente, atuavam os padioleiros, que iam buscar os feridos e traziam para o Posto de Socorro. As Companhias de Evacuação do Batalhão de Saúde, com as suas ambulâncias, iam buscar os feridos no Posto de Socorro do Batalhão, trazendo-os para o posto de evacuação divisionário que apoiava o Regimento. Aí era feita a segunda triagem, porque a primeira acontecia no Posto de Socorro do Batalhão. Deste último, então, havia dois caminhos a seguir: os feridos, vamos dizer, transportáveis eram levados para o posto de triagem; os "intransportáveis", com

ferimentos graves, eram levados para o hospital. Mas, do posto de evacuação ao posto de triagem divisionário, funcionavam, também, as ambulâncias do Batalhão de Saúde. Agora, do posto de triagem divisionário para a retaguarda, já entrava em ação uma Companhia de Ambulâncias do V Exército. O Hospital Cirúrgico Móvel ficava muito próximo do posto de triagem divisionário. Aqueles casos mais graves eram levados para lá.

Gostaria de citar um fato relacionado com o apoio de saúde em Montese. Nas operações que redundaram na conquista desse maciço houve muitas baixas. As informações que nos chegaram eram em torno de quinhentas baixas. As trinta ambulâncias da Companhia do V Exército não foram suficientes para o trabalho de evacuação do posto de triagem para os hospitais – o 16º Hospital, de Pistóia, e o Hospital Cirúrgico Móvel. Era preciso improvisar. E, aí, veio a improvisação do brasileiro, o "quebra-galho", como se diz. O Capitão Elpídio Praxedes de Oliveira, que era o Comandante da Companhia de Triagem, mandou colocar padiolas nos caminhões de 2,5 toneladas. Foram dezoito padiolas em cada viatura. Esses caminhões desceram a serra de Pistóia com seus feridos, até a cidade de mesmo nome, e assim foi evitado o engarrafamento, ou melhor, o posto de triagem não ficou superlotado, na madrugada de 14 para 15 de abril de 1945.

Pode-se afirmar que a nossa ligação com a população foi excelente. Havia uma integração total. Basta lembrar que, após o término da guerra, os escalões superiores concederam, em rodízio, uns dias para passar na França. Emprestavam uma viatura com motorista e nós íamos passear, não me lembro mais quantos dias, em grupos organizados. Enquanto a viatura circulava na Itália, todo mundo satisfeito; ao ultrapassar a fronteira, entrando pelo Sul da França, ficava todo mundo calado. Explica-se pelo seguinte comentário de um sargento, quando saiu da França e entrou na Itália: "Ah!, agora nós estamos em casa."

Até na questão de alimentação, a gente, como diziam, "se virava". Arranjava-se, na cozinha da Unidade, aquele ovo em pó do americano, a farinha de trigo e levava para a "madame" italiana que fazia um macarrão, para mudar um pouco a rotina. E eles participavam da refeição. Isso aconteceu bastante, além de outros fatos semelhantes. Realmente houve uma integração grande entre nossa gente e o povo italiano, que permanece até hoje; quem volta lá é recebido com muito carinho. Em todas as regiões, em Monte Castelo, Lizzano, Montese, os brasileiros deixaram sua marca.

No dia da tomada de Monte Castelo, quem olhava dizia que aquilo era um vulcão, tantas foram as granadas de artilharia, tantas as bombas de avião que caíram lá. O dia 21 de fevereiro impressionou, quando Castelo caiu definitivamente. Em

Belvedere, houve um fato que me deixou chocado. Os alemães abandonaram lá um cemitério. Viam-se nomes de soldados e as idades, 14, 15 e 16 anos. Integravam o Exército alemão e estavam sepultados no cemitério de Lizzano in Belvedere.

Quanto ao meu Pelotão, no posto de triagem, normalmente, o ferido já chegava sedado, o emprego da morfina era rotina, pois, para evitar o choque, aplicávamos sulfa, morfina etc. O ferido tinha o curativo revisto e melhorado, no posto de triagem. Certa vez aconteceu um fato muito interessante: um subtenente estava sedado, dormindo sob a ação da morfina; feito o curativo, mesmo antes que fosse completado, ele acordou, olhou e exclamou: "Onde é que está a minha Companhia?" Levantou da mesa e saiu correndo com uma tripa de atadura pendurada. Bonito, ver o apego do militar por sua subunidade, por sua Companhia. Ficou aquele rabicho de gaze, de atadura, e tivemos que sair atrás para segurar o rapaz.

Outro fato engraçado. O Batalhão tinha um capelão muito bom sujeito, o Padre Jorge Brito, que, mais tarde, deixou a batina. Os americanos entregavam o material próprio ao serviço religioso dentro de uma mala portátil. Colocada sobre uma mesa qualquer e aberta, lá estavam os paramentos do capelão que celebrava a missa para os católicos da Unidade. Esse padre tinha um sacristão, que era um cabo da Unidade. Não me lembro o primeiro nome; o sobrenome era italiano. Um dia o padre descobriu o seguinte: naquele inverno lá dos Apeninos, havia uma encosta coberta de neve. O sacristão, o cabo sacristão por assim dizer, resolveu usar a mala como prancha e deslizar ladeira abaixo. Uma transgressão, um desrespeito, não sei o quê, mas no fundo a turma achou graça. E ele não foi excomungado por essa peraltice. Talvez até o Padre Brito tenha achado graça, porque tinha um gênio muito bom.

Durante todo o tempo, a prazos regulares, chegava um ferido alemão; recebia o mesmo tratamento que o nosso ferido, a mesma atenção. Agora, então, vou rememorar aquela noite que precedeu Collechio-Fornovo, já durante a famosa "corrida", aquela correria para o Vale do Rio Pó, a Perseguição, depois daquela fase de estagnação do inverno, que se seguiu à tomada de Monte Castelo e de Montese. A "turma", desculpe o termo, "desembestou" para a frente, saiu correndo, porque tinha que sustar a retirada alemã.

Naquela noite, admissão, cirurgia, feridos e dispensário, só labuta. Acabada a arrumação, já quase à meia-noite, todo mundo foi dormir nas padiolas. Graças a Deus, o tempo nessa época estava bom.

Estávamos sempre juntos, todo o pessoal. Isso aumentava a liderança.

Meia-noite, cansados, exaustos, deitados nas padiolas para dormir; por volta das três horas da madrugada, disso me lembro bem, acordo com uma luz nos olhos e uma voz dizendo assim: "Você está dormindo?" Respondo: "Estou". Era o Chefe do

Serviço de Saúde da Divisão, um excelente chefe na época, o Tenente-Coronel Gilberto Fontes Peixoto. “Você não sabe que vão chegar oitocentos feridos?” “Não sei; ninguém me disse nada.” “Pois é, vêm aí oitocentos feridos alemães.” Comento: “Oitocentos, bom, ninguém dorme mais.” Significou montar o resto do posto todo no campo de futebol. Acontece que não foram oitocentos coisa nenhuma, se não me engano foram cento e oitenta e dois e chegaram às três horas da tarde, ou melhor, começaram a chegar às três horas da tarde do dia seguinte, no dia 29, quando começou a rendição da 148ª Divisão alemã. Pois aí há uma curiosidade. Foi a primeira vez que vi, na Campanha da Itália, feridas supuradas. Os alemães não tinham penicilina, não tinham sulfa e a atadura era de crepom, de papel. Foram cerca de cento e oitenta e dois, dos quais revisamos todos os curativos, muitos infectados. Nessa oportunidade, houve um fato que considero emocionante, uma coisa incrível. Na hora do jantar, o subtenente da Companhia chegou e me disse: “Tenente, estou aqui com uma banana; o nosso pessoal não quer jantar, prefere dar a comida para os prisioneiros feridos.” Veja o que é o nosso pessoal! O espírito, alma, coração brasileiros, coisa formidável. Caridoso, fraterno, magnânimo. Queriam alimentar os prisioneiros porque tomaram conhecimento de que os alemães não haviam comido ainda. Diga-se de passagem que aquele subtenente, mais tarde, mais tarde da noite, conseguiu arranjar alguma coisa com a intendência para o nosso pessoal. De qualquer modo, um fato emocionante, uma coisa espontânea.

O apoio logístico foi o melhor possível, com suprimento de todas as classes a tempo e a hora; nunca faltou nada.

A capacidade de adaptação do brasileiro é uma coisa impressionante. Muita gente não sabe que a FEB embarcou para a Itália quase que ridicularizada. Pois os pracinhas chegaram lá, cumpriram a missão, pode-se dizer, com a maior dignidade e brilho.

Quanto aos companheiros que se superaram, posso destacar diversos. Primeiro, o comandante da FEB General Mascarenhas. Num domingo, saí com o Álvaro Menezes Paes, irmão do Walter Menezes Paes. Nós estávamos em reserva e fomos visitá-lo. O Walter Menezes Paes era do 1º RI. Estávamos conversando, quando chegou um jipe com o General Mascarenhas. Foi cumprimentado, cercado, conversou, sempre procurando elevar o moral da tropa. Lembro de uma frase dele: “Não tenho dúvida de que Bolonha vai cair.” Era um objetivo importantíssimo. Tudo indicava que a FEB deveria ir para lá, mas acabamos indo para Fornovo, por determinação superior. Mas Bolonha seria nosso objetivo maior. Bolonha e Vergato. Mas, voltando ao Gen Mascarenhas, foi um chefe excepcional. Todos tinham muita admiração e respeito por ele, embora tenha sido publicado um livro cheio de inverdades, co-

mentários levianos e precipitados. No Batalhão de Saúde não houve o menor problema de adaptação dos oficiais convocados. Mas, nesse livro, de alguns oficiais da reserva, foram cometidas muitas injustiças, disseminadas asneiras, como por exemplo, dizer que um deles reclamou que a munição não tinha chegado e o Gen Mascarenhas teria retrucado: "Vocês não têm munição, então lutem com facas." O Gen Mascarenhas jamais diria isso. No entanto, não sei, a gente cita coisas assim, muito desagradáveis, mas que devem aparecer exatamente para desmascarar declarações daquele teor. Uma enfermeira, que era exceção, escreveu um capítulo desse livro dos oficiais da reserva. Pois ela transmitiu sífilis para um médico. Mas faço questão de repetir, ela era exceção, as enfermeiras eram excepcionais. Em toda coletividade sempre há os desgarrados.

Outro companheiro que se superou foi a grande figura do, então, Coronel Médico Dr. Emanuel Marques Porto, Chefe do Serviço da Saúde da FEB. Integrou a Comissão Militar Brasileira que esteve no Norte da África, em dezembro de 1943, lá permanecendo, junto com outros oficiais, para assegurar as ligações de comando para assuntos relativos ao Serviço de Saúde. Nessa ocasião, estagiou num Batalhão de Saúde norte-americano, vindo a comandá-lo, como treinamento, por cerca de um mês. Na Itália, depois de assumir a chefia do Serviço de Saúde da FEB, ele se deslocava até o Posto de Socorro do Batalhão, organização mais avançada dentre todas do Serviço de Saúde. Não era sua atribuição, mas ia lá ver as necessidades. Todos, até hoje, guardam um respeito muito grande, uma bela lembrança dele. Pouco antes de sua morte, eu estive em sua casa, na Rua Conde de Bonfim, 621, na Tijuca, no Rio de Janeiro, e fiquei até as três horas da madrugada, conversando com ele. Possuía um acervo extraordinário. Perguntei: "Marechal, por que não publica?" Ele respondeu: "Ah! Já não é mais época." Quando faleceu, no dia do enterro, eu disse ao Magella Bíjos, que era o Presidente da Academia Brasileira de Medicina Militar: "Pega este acervo do Marques Porto para a Academia, antes que se perca." Não sei se foi feito. Existe um busto dele no Hospital Central do Exército, feito pela Elsa Cansanção.

Quanto a conforto psicológico prestado a subordinado, sabemos que essa questão varia muito. Primeiro, quanto à educação, uns são mais compenetrados e outros mais desleixados; de vez em quando se chamava alguém à ordem, mas nunca se precisou tomar medida drástica, punir, nada. Mas conforto psicológico em situações difíceis, para alguém com moral abatido, não tenho lembrança. Se houve, foi coisa muito leve, não deu para guardar, para fixar na memória.

Apreciaria falar alguma coisa a mais sobre os chefes, por uma questão de justiça. Vou citar um do Batalhão de Saúde, o Major Subcomandante do Batalhão. Mais tarde chegou a General. Entrou para o Exército como soldado recruta, em Santa

Catarina, fez cursos de cabo e de sargento, veio para o Rio de Janeiro, tornou-se instrutor do Tiro-de-Guerra da Faculdade de Medicina, que existia na época. Lá, fez vestibular, cursou a escola e, depois, prestou exame para o Exército e chegou a General-de-Brigada. Figura extraordinária, estava em todos os lugares vendo tudo: General João Maliceski Junior. Faleceu há pouco tempo, com 90 e tantos anos, um exemplo a ser seguido. Na verdade, sobre isso, poderia me estender bastante. Eu tinha, vamos dizer assim, muito afeto pelo João, porque, no Regimento de Cavalaria de Castro, em que servi como tenente, ele era o Chefe da Formação Sanitária; dois meses depois ele foi transferido. Depois encontrei-o na FEB, no Batalhão de Saúde. Mais tarde, na EsAO, ele era Instrutor-Chefe do Curso de Saúde. Por fim, servi com o Maliceski na Diretoria de Saúde, quando ele era Fiscal Administrativo do General-de-Brigada. Tinha estima particular pelo amigo e o apreciava bastante. Agora, isso não desmerece qualquer outro, porque havia muita gente boa....

Quanto à exploração psicológica dos êxitos obtidos, claro que quase todos os êxitos eram coletivos, mas dava a impressão de que cada um se sentia dono daquele feito.

No que diz respeito ao regresso ao nosso País, aí não posso fazer muitos elogios. Aqueles que estiveram na Itália devem se lembrar que a tropa foi instalada nos arredores de duas vilas, duas aldeias, chamadas Francolise e Sparanise, próximas de Nápoles. Ocorreram fatos desagradáveis; primeiro o clima, muita poeira, um calor tremendo; o pessoal passava o dia seminu, não agüentava aquilo. Calor de julho, no meio da Itália, embora nas proximidades do mar. Como a permanência foi demorada, de vez quando a gente tinha uma pequena folga. Conseguia-se um jipe, para dar um passeio em Nápoles, assistir a uma ópera no teatro São Carlos; via aqueles músicos chegando com o sapato amarrado com cordão comum, mas que orquestra, que beleza! Assisti a diversos espetáculos de ópera e bailado clássico.

Já no Brasil, basta consultar os jornais da época. Muita festa! Lembro-me que, no dia em que acabou a guerra, quando correu a notícia, meu pai escreveu que o estoque de fogos havia acabado no Rio de Janeiro. O povo nos recebeu com um grande e afetuoso abraço. Foi uma beleza! Até o desfile foi quase interrompido na Avenida Rio Branco. Coisa de carnaval no Rio de Janeiro.

Quanto à forma com que o Exército nos recebeu, só faço um reparo. Acho que houve uma certa precipitação em dar baixa aos soldados. Foi uma medida antipática, com repercussão negativa.

O Batalhão de Saúde continuou organizado e voltou para Valença.

Aqui no Rio, foi criada a Companhia-Escola de Saúde, com a finalidade de apoiar a instrução e demonstrações para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

A curto prazo, as conseqüências para o Exército foram positivas. Ganhou notoriedade, não tenho dúvida, inclusive a imprensa "se esbaldou". Infelizmente, hoje estão todos calados, quase ninguém fala em Monte Castelo... Ninguém fala em nada, e isso é muito triste. Só se abre espaço para as Forças Armadas para denegrir, essa é a verdade. Parece até que não são brasileiros e que as Forças Armadas não são do Brasil.

Meu filhinho, de dois anos, quando embarquei, ficou com uma gagueira. No meu regresso, ele estava no portão de casa, no colo da minha irmã mais moça e, então, disse para mim: "Papai ninguém me levou para esperar você." Acabou a gagueira dele. Ele hoje está com 57 anos. Mas não se formou em medicina. Foi para o Banco do Brasil.

Para quem viu tanta coisa, a gente só pode pedir ao bom Deus que aquilo não aconteça mais. É o que a gente espera. Procurar viver em paz, embora se saiba que isso é utopia. Mas não tenho dúvida de que a missão foi cumprida e cumprida brilhantemente. A FEB deixou exemplo digno a ser seguido pelas novas gerações.

No futuro temos a certeza de que nos farão justiça.

Major-Brigadeiro-do-Ar Rui Barbosa Moreira Lima*

Natural da cidade de Colinas, Estado do Maranhão, ingressou na Escola Militar do Realengo, como Cadete, em 31 de março de 1939, onde cursou os dois primeiros anos, escolhendo a Arma de Aviação. Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 20 de janeiro de 1941, foi transferido em março desse ano, para a Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Concluiu o Curso em 30 de setembro de 1942, sendo promovido ao posto de Aspirante Aviador. Como 2º Tenente Aviador, servindo na Base Aérea de Salvador, inscreveu-se como voluntário para servir no 1º Grupo de Aviação de Caça. Neste período, cumpriu 19 missões de Patrulha e Cobertura de Comboio. Realizou o treinamento de Piloto de Caça em Aguadulce, Panamá, em aeronave P-40, repetindo o treinamento na Base Aérea de Suffolk, Nova York, agora no avião que iria combater na Itália, o P-47 – Thunderbolt. Na Campanha da Itália, realizou 94 missões de guerra, sendo atingido pela Artilharia Antiaérea alemã em nove dessas missões. Obteve todas as promoções, a partir de Capitão-Aviador, pelo critério de merecimento. Durante os anos em que permaneceu na Aviação de Caça, exerceu todos os cargos exigidos para um Piloto de Caça, desde Ala de Esquadrilha até Comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça. Desempenhou o cargo de Comandante da Base Aérea de Santa Cruz e do Grupo de Transportes Especial. Pertenceu ao Conselho Nacional de Segurança e à Comissão Aeronáutica Brasileira em Washington, EUA. Recebeu as seguintes condecorações como Piloto de Caça em combate: Cruz de Aviação, Fita A, com três Estrelas; Medalha da Campanha da Itália; Cruz de Aviação, Fita B; *Distinguished Flying Cross* (Cruz de Bravura dos EUA); *Air Medal* com quatro estrelas; *Croix de Guerre Avec Palme*, da França; Medalha da Confederação de Ex-Combatentes da Europa.

---

* Integrante do 1º Grupo de Aviação de Caça, da Força Aérea Brasileira, entrevistado em 17 de maio de 2000.

Em primeiro lugar, em minhas considerações iniciais, desejo dizer da grande honra de estar aqui presente, nessa sala, de história oral, para registrar o meu depoimento para a posteridade. Alguém vai tomar conhecimento dele e se interessar pela história do 1º Grupo de Aviação de Caça.

Como veículo de comunicação do 1º Grupo de Caça, cito o livro *Senta a Pua*, que a BIBLIEX publicou para minha grande alegria. Fui honrado com a confecção de 43 mil exemplares na 1ª edição.

A 2ª edição, da qual exibo um exemplar, o Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, o nosso INCAER, foi quem fez. Por que a 2ª edição? Porque anos depois, o Grupo de Caça recebeu a Medalha Presidencial do Governo dos Estados Unidos da América, com a aprovação do Congresso norte-americano, condecoração que, em inglês, denomina-se de *Presidential Unit Citation*. Essa comenda nos foi outorgada 41 anos depois. Por que 41 anos depois? Porque, na fase final da guerra, o nosso Grupo de Caça, Esquadrão na organização americana, contando apenas com 22 pilotos, realizou 44 surtidas por dia, ou seja, quarenta e quatro vôos para atacar o inimigo diariamente, o que significa a impressionante média de dois ataques por dia por piloto.

Lembro-me que, antes da Ofensiva da Primavera – 4 de abril a 2 de maio de 1945 – o Comandante do 350º Grupo de Caça americano, que possuía três Esquadrões e mais o nosso, que era o 1º Esquadrão de Caça Brasileiro – *1st Brazilian Fighter Squadron* – reuniu os Comandantes dos quatro Esquadrões e declarou: "Nós vamos fazer, agora, o esforço máximo na Ofensiva da Primavera. Para tanto, recebemos ordens do Comando Superior para que cada Esquadrão voe 44 surtidas diárias e você, Coronel Nero, que, no momento, somente tem 22 pilotos em seu efetivo, e seus homens, que já chegaram ao limite da resistência humana, proponho que parem de voar. Considerando que o "350º" dispõe de cerca de noventa pilotos de recompletamento em Nápoles, prontos para o combate, gostaria que você considerasse a possibilidade do meu Grupo poder usá-los durante o esforço máximo na Ofensiva da Primavera, voando os aviões brasileiros e, se possível, contando com a colaboração de alguns homens de apoio do *1st Brazilian Fighter Squadron*.

De imediato, Nero Moura, ponderadamente, dentro de sua característica de decidir com rapidez, disse: "Coronel Nielsen, vou consultar os meus pilotos. Todos eles são voluntários, como eu, tenho o dever de ouvi-los antes." E foi. Em uma reunião-relâmpago conosco, menos de 15 minutos, respondemos, por decisão unânime: "Vamos voar até o fim, não importa que seja uma, duas ou até três missões diárias. O Brasil não vai fechar a porta do Grupo de Caça por falta de gente. A missão será cumprida." Ele voltou, repetiu o que ouvira de nós e o Coronel Nielsen, que já deveria estar esperando por essa resposta, sem mais ponderações, encerrou o assunto. Os

pilotos brasileiros voaram nesse final da guerra – de 4 de abril até o dia 2 de maio, quando findaram as operações bélicas na Itália – algumas vezes até três missões por dia. É importante observar que nem sempre havia 22 pilotos disponíveis, considerando que, nessa fase, tivemos dois companheiros mortos em combate, um prisioneiro de guerra e mais dois abatidos que saltaram de pára-quedas atrás das linhas inglesas.

Para que não haja dúvida sobre a atuação do 1º Grupo de Aviação de Caça e seus remanescentes 22 pilotos que se engajaram na batalha da Ofensiva da Primavera, farei um resumo das baixas que sofremos naquele período. Nosso maior inimigo foi a Artilharia Antiaérea dos alemães. O recuo ou retirada dos alemães fez com que aumentasse a concentração de fogos contra seu inimigo maior – a aviação de ataque aliada. Tivemos duas perdas fatais: a do Santos, no dia 13, e a do Dorneles, em 26 de abril, aumentada com mais um prisioneiro de guerra, o Coelho, no dia 22, cuja história é boa, porque ele acabou se tornando Comandante de um hospital alemão. Deixamos, ainda, de contar por alguns dias com mais quatro pilotos: dois que saltaram de pára-quedas, o Armando, creio que no dia 9, e o Goulart, no dia 30, recolhidos nas linhas inglesas por uma de suas patrulhas, além do Pessoa Ramos e do Menezes, feridos em combate. Vários companheiros tiveram seus P-47 atingidos, inclusive o meu D-4, que perdeu metade do profundor no dia 23.

Tudo isso que foi narrado acabou sendo reconhecido pelo Governo americano, 41 anos depois, através de um fato concreto, a concessão da comenda – *Presidencial Unit Citacion* – proposta em 17 de maio de 1945 e a nós entregue em 22 de abril de 1986, na Base Aérea de Santa Cruz, com a presença de dez generais da USAF, do Secretário da Força Aérea dos EUA, representando o Presidente Reagan, do Presidente Sarney e de uma dezena de veteranos do “350º”.

Ainda sobre a Ofensiva da Primavera, registro um fato que revela o grau de eficiência de nossa Unidade. A Esquadrilha Azul, sob o comando do Capitão Horacio Monteiro Machado, encontrou uma coluna de tanques americanos, que abrira uma brecha nas linhas alemãs, entrando fundo no território inimigo. Quando ia iniciar o ataque, identificou-a e imediatamente comunicou o fato ao Centro de Controle de Radar (CCR). Descreveu os tanques como alaranjados com uma estrela americana, detalhando o número de tanques e onde se encontravam. Assim mesmo recebeu ordem para atacá-los, alegando o CCR que ele estava equivocado, pois o que descobrira era uma coluna inimiga. E veio a ordem: “Atacar!” Horacio retrucou: “Negativo, não vou atacar, porque são americanos.”

Diante da recusa, o CCR o pôs em contato com o próprio Comandante do 350º, que lhe ordenou: “Pode atacar, não há notícia de americanos nessa área. Ataque!”. Ele respondeu: “Negativo, são tanques americanos.”

A essa altura foram consultar Florença, onde se encontrava o General Thomas Darcy, Comandante do XXII Comando Aerotático. O General falou diretamente com Horacio e sem mais preâmbulos disse: "Aí não tem americano. Está aqui comigo o Comandante dos nossos blindados. Quero que ataque os tanques agora." Horacio respondeu: "Então, o Senhor vai me prender porque eu não vou atacar." "Está bem, conversaremos mais tarde." Realmente, pouco tempo depois, os tanques foram identificados como americanos.

Por causa desse incidente, nós passamos, já na fase final da guerra, a ser sempre consultados pelos americanos antes que se modificasse a "Linha de Bombardeio", a *Bomb Line*, a linha que definia a terra de ninguém. Nosso prestígio cresceu entre os companheiros da Força Aérea Aliada no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Registro aqui que a previsão de perda de pilotos em um Esquadrão de Caça era de três por mês, estatística de guerra americana, que se mostrou bastante real. O piloto tanto podia morrer em combate, como cair prisioneiro, como sofrer um acidente, como saltar de pára-quedas e não conseguir, de imediato, retornar às nossas linhas, mantendo-se na situação de fugitivo, além do sério problema causado pela estafa aérea. Foi uma aritmética cruel, a perda média de três pilotos por mês, no 1º Grupo de Caça. Justamente por não havermos recebido substitutos suficientes, iniciamos o mês de abril com 22 pilotos.

Representa, pois, grande distinção para a Força Aérea Brasileira, especialmente para o 1º Grupo de Caça, haver recebido essa comenda, quando se sabe que apenas três unidades estrangeiras tiveram o privilégio dessa exceção – o nosso "Senta a Pua" e dois Esquadrões da RAF australiana.

Para encerrar, devo dizer que no processo da proposição da comenda, constante de 48 documentos, destaco o seguinte: Durante o período de 6 a 29 de abril de 1945, o 1º Grupo de Aviação de Caça voou 5% das surtidas executadas pelo XXII Comando Aerotático e, no entanto, dos resultados obtidos por este Comando, foram oficialmente atribuídos aos brasileiros 15% dos veículos motorizados destruídos, 28% das pontes destruídas, 36% dos depósitos de combustíveis danificados e 85% dos depósitos de munições danificados.

O presente texto foi lido pelo representante do Presidente Reagan – Sr. Edward Aldridg Jr – Secretário da Força Aérea dos EUA, durante a cerimônia de 22 de abril de 1986, em que nossa Unidade foi condecorada, na Base Aérea de Santa Cruz. Esperamos 41 anos por esse reconhecimento. Valeu. Em tempo, em 1988, no dia 10 de junho, o Gen Ariel C. Nielsen inaugurou um monumento no Museu da Força Aérea dos EUA, em homenagem aos nossos companheiros do "350º", onde incluiu o *1st Brazilian Fighter Squadron*, citando-o como aliado na conquista da vitória final e destacando, também

no bronze, aqueles 85% de depósitos de munição creditados aos brasileiros. O Museu citado está localizado em Dayton, Ohio, na terra dos *Irmãos Wright*, que reivindicam a primazia do primeiro vôo do mais pesado que o ar. Glória a Santos Dumont, este sim, ainda hoje – até quando? – reconhecido como o Pai da Aviação.

Após essas considerações sobre o nosso 1º Grupo de Caça, que oferecem uma primeira idéia do que ele representou e representa para a Força Aérea, vou relatar o meu ingresso nessa Unidade. Quando me formei, em 1942, na Escola de Aeronáutica dos Afonsos, fui designado, como Aspirante, para instrutor de vôo da Escola, mas sempre querendo ir para o Nordeste, porque lá estavam os aviões de guerra – o P-40, o Hudson, B-25 e outros – e também porque para nós aviadores era lá o local mais próximo da guerra.

A motivação para eu ser voluntário a fim de lutar contra o nazi-fascismo nasceu, a partir de 1934, em minha terra, São Luiz, Maranhão, onde existia uma grande quantidade de estudantes e intelectuais integralistas, organização política paramilitar radical; com eles, não tinha conversa, quem fosse contra às suas idéias, "o pau comia"; eles davam pancada e brigavam para valer. Levei muita corrida e também dei muita corrida; a pancadaria comia solta, de lá para cá e daqui para lá.

Cheguei ao Rio em fevereiro de 1937 e nessa época o Presidente Vargas implantou o Estado Novo no Brasil. Era a ditadura onde se destacaram na repressão o Cel Felinto Müller, o Inspetor Borer e o Comandante Queiroz. Os integralistas tentaram depor Getúlio, em 1938. Foram vencidos. Seu chefe Plínio Salgado recolheu-se. Nessa ocasião, houve um acirramento de ânimos muito grande, sobretudo no bairro do Flamengo, paraíso dos estudantes, onde havia gente de todas as ideologias. Morei na Rua do Catete, perto da Faculdade de Direito. Não havia dia em que não se constatasse a presença da famigerada Polícia Especial – os bonés vermelhos do Cmt Queiroz – prendendo e dando pancada nos estudantes.

Criei-me no Maranhão sob a orientação de meu pai, que foi Juiz e mais tarde Desembargador, para quem a lei era tudo. Embora não haja tempo para falar dele, creio que ele merecia, aqui, uma citação. Foi Juiz de verdade e, como cidadão, um defensor intransigente da soberania do Brasil. Lutou pelo monopólio estatal do petróleo anos a fio; sete juízes brasileiros não se omitiram nessa luta. Ele é citado nominalmente no livro *O Petróleo é Nosso*, da Dra Maria Augusta Tibiriçá, junto com Osni Duarte Pereira, grande jurisconsulto e escritor consagrado, com dezenas de livros sobre temas brasileiros, e mais cinco juízes, espalhados por nosso País. Foram, portanto, apenas sete juízes que, no Brasil, se engajaram na defesa do monopólio estatal do petróleo. O curioso é que, como Capitão, muitas vezes conversamos sobre a Petrobras, mas nunca soube que sua posição fora tão

destacada nessa luta. Meu pai tinha uma boa formação jurídica e dele recebi uma carta quando ingressei na Escola do Realengo que vou ler para você. Esta carta se tornou o *vade-mecum* de minha vida militar.

"Caxias, Maranhão, 31 de março de 1931

Rui

És cadete, amanhã, depois, mais tarde... general. Agora deves dobrar os teus esforços, estudar muito... Obediência aos teus superiores, lealdade aos teus companheiros, dignidade no desempenho do que te for confiado, atitudes justas e nunca arbitrárias. Sê um patriota verdadeiro e não te esqueças de que a força somente deve ser empregada ao serviço do Direito. O povo desarmado merece o respeito das Forças Armadas. Estas não devem esquecer que é este povo que deve inspirá-las nos momentos graves e decisivos. Nos momentos de loucura coletiva deves ser prudente, não atentando contra a vida dos teus concidadãos. O soldado não pode ser covarde e nem fanfarrão. A honra é para ele um imperativo e nunca deve ser mal compreendida. O soldado não conspira contra as instituições pelas quais jurou fidelidade. Se o fizer, trai os seus companheiros e pode desgraçar a nação. O soldado nunca deve ser um delator, se não quando isso importar em salvação da Pátria. Espionar os companheiros, denunciá-los, visando interesses próprios, é infâmia, e o soldado deve ser digno. Aí estão meus pontos de vista.

Deus te abençoe

Bento Moreira Lima"

Depois dessas palavras sobre meu pai, vou dizer-lhes como ingressei no 1º Grupo de Aviação de Caça.

Quando estava em trânsito na Base Aérea de Natal, saiu um "zumzumzum" entre os oficiais durante o almoço. "O que é que está havendo aí?" "É Secreto!", responderam. "Secreto, mas eu estou aqui, e quero saber o que é que há?" "É para dar o nome como voluntário para o Grupo de Caça." Então, fui ao Comandante da Base de Natal e lhe disse que também era voluntário. Ele, inicialmente, não queria aceitar a minha inscrição, porque eu servia na Bahia. Mas, depois de ouvir meus argumentos, concordou que eu passasse um rádio cifrado para o Major Geraldo Guia de Aquino, meu comandante na Base Aérea de Salvador. Isso aconteceu em 16 de outubro de 1943, ou seja, dez dias antes do meu casamento, que se realizou a 26, no Rio de Janeiro. Aí está como eu fui parar no 1º Grupo de Aviação de Caça.

Nero Moura foi indicado para comandar a Unidade e adotou o critério do voluntariado para recrutar seus subordinados. De posse da relação de voluntários,

escolheu, entre eles, os seus Comandantes de Esquadrilha, dentre os quais existia um tenente que, somente dois meses depois, foi promovido a capitão – o Lagares, que servia na Base Aérea do Recife. Nunca o tinha visto antes e ele me conhecia por saber que eu fazia acrobacias a baixa altura e outras manobras arriscadas. Como ele fazia o mesmo em Recife, me escolheu para ser o seu *ala* na guerra.

O Lagares foi um dos 32 homens-chave do Grupo, pertencente à primeira turma que iria para Orlando. Quando ele passou pela Bahia rumo ao exterior, perguntou ao Major Aquino: "Quem é o Tenente Rui?" "É aquele cara ali." "Vem cá rapaz, você está na minha Esquadrilha!" E eu disse: "Que Esquadrilha? Quem é o Senhor?" "Eu sou o Tenente Lagares." "Quer dizer que vai sair mesmo o Grupo de Caça?" Quatro meses depois nos encontramos na Base Aérea de Aguadulce e iniciamos nosso treinamento de piloto de caça.

Tivemos a sorte de ter à frente do treinamento o Capitão de West Point Gabriel P. Disosway, comissionado no posto de Coronel, designado para comandar o 30º Grupo de Caça, Unidade responsável pela instrução do 1º Grupo de Aviação de Caça no Panamá. Disosway era um líder e a ele como Instrutor e a Nero Moura como Comandante o Grupo de Caça muito deve, inclusive o lugar que conseguiu ocupar na Campanha da Itália. Não foi por outro motivo que o designaram para preparar-nos para o combate. Depois do Panamá, acompanhou-nos para a Base Aérea de Suffolk, em Nova York, mantendo sempre a mesma postura. Foi sempre exigente e justo. Até o último dia de instrução não deixou de repetir: "Esta é a última oportunidade de aprender que vocês ainda têm antes de entrar em combate. Aproveitem-na." Era duro e não aceitava desculpas se alguém errasse em uma manobra crítica, mas, no entanto, era afável e humano no trato, nas horas de lazer. Seus oficiais instrutores, às vezes, exigiam um pouco mais da conta. Certo dia, terminamos exaustos a instrução de Alerta no Solo em Aguadulce – operação real com os aviões armados e prontos para o combate – após várias decolagens e interceptações de alvos que cruzaram o espaço aéreo da Zona de Defesa do Canal do Panamá – os alvos referidos eram aviões em trânsito, que vinham dos EUA com destino a Natal por exemplo. No final da tarde, como dissemos, todos nós cansados – Lagares, Assis, Meira, eu e o instrutor – este resolveu fazer um treinamento de tiro de pistola 45. Após o exercício em que ele se classificou em último, ordenou – ele não pedia, ordenava – que limpássemos as armas. Ponderamos que as limparíamos na barraca. "Quero agora." Com isso, pedi ao Lagares que lhe dissesse que a 45 era de minha propriedade e que eu a limparia quando quisesse. Foi o bastante para ele aumentar a voz e levantar o dedo acima de meu nariz. Segurei seu dedo e torci um pouco. Andou uns dias com o dedo enfaixado. O fato gerou uma má vontade entre nós que permaneceu até o fim do curso.

No final do curso, tornei a me indispor com o mesmo instrutor. Em várias ocasiões nós nos desentendemos durante as instruções. Eu dizia abertamente para que ele soubesse que eu não estava interessado em aprender inglês, meu objetivo era aprender a guerrear contra o alemão. Pensamento errado de um jovem tenente mal orientado. Durante o Curso percebi que, se não aprendesse a falar inglês, não poderia ser Comandante de Esquadrilha em combate, pois a língua oficial era o inglês, os controles de comunicação eram em inglês e se não falasse a língua não podia fazer nada. A culpa da minha resistência em aprender a língua eu credito a esse instrutor. No final do Curso, com o Diploma de Piloto de Caça na mão, resolvi brigar com ele. Fui ao Cel Nero Moura e perguntei-lhe: "Coronel Nero, o fulano me perturbou o Curso todo, se eu brigar com ele o que me acontecerá?" "Você vai preso, vou lhe tirar a diária de vôo." "Mas não vai me mandar para o Brasil?" "Não, você vai ficar conosco."

Deixei o Coronel Nero, chamei o Torres e pedi: "Avisa ao fulano que eu quero brigar com ele." Acho que ele pensou que eu não ia brigar, porque na verdade não havia motivo. Era uma imbecilidade de minha parte. Quando ele se levantou para me enfrentar, erguendo os braços à frente do rosto, naquela atitude de lutador, meti-lhe um soco entre os braços, atingindo o seu nariz, que começou a sangrar. Em conseqüência, o Cel Nero determinou: "Recolha-se preso ao seu alojamento." Nesse instante, chega o Cel Disosway: "O que é que houve?" "O Lima brigou e o Nero está bravo?" "Oh, Nero, americano gosta de brigar, isso é natural, você não conhece esse troço, aqui todo mundo briga. Não, não vai prender o garoto, não." E, pela sua intervenção, eu não fui preso. Mais tarde, lá em Cannes, depois do dia 8 de maio de 1945, eu e ele nos encontramos, tomamos um porre juntos e fizemos as pazes definitivamente.

Quanto ao relacionamento com o Coronel Nero Moura, devo dizer que, quando ele chegou ao Panamá, era Major e foi logo promovido a Tenente-Coronel. O seu Oficial de Operações, Capitão Pamplona, o número dois dele, tinha vindo da Marinha e havia sido, também, Ajudante-de-ordens de Getúlio Vargas. Ele propôs ao então Maj Nero: "Vamos adotar aqui o sistema da Marinha; você é o Comandante e eu fico sendo seu Imediato, fico com todos os embates, todos as conversas com os subordinados, prisões, todas essas providências de natureza administrativa e fica preservada a imagem do Comandante." "Está bem Pamplona, vamos tentar." Com isso, ele se afastou de nós, ficou num trono, mas não passou uma semana em tais condições. Ele percebeu que algo estava errado com a sua maneira de comandar. Afinal, sua origem era o Colégio Militar, a Escola Militar do Realengo, o Exército e a Força Aérea. Aprendera no Glorioso a jogar futebol com as praças, levar canelada, reclamar com o juiz, tratar de tudo que diz respeito ao seu pessoal; resolveu, então, mudar rapidamente;

passou a jogar voleibol conosco, beber cerveja com a gente, chimarrão e, em uma semana, ele tomou conta do Grupo e assim permaneceu até o fim.

Para se ter uma idéia mais precisa da personalidade e do caráter de Nero Moura, vamos falar da censura sobre as cartas enviadas da Itália para o Brasil, censura realizada na Força Aérea e, também, no Exército, principalmente em relação à correspondência dos soldados. O Coronel Nero Moura acabou com a censura, mas antes chamou os oficiais e disse: "A segurança não é minha, é de vocês. Se vocês forem dizer que bombardearam Verona, bombardearam Trento, fizeram isso, fizeram aquilo, tanto o americano como o alemão vão saber de tudo. A carta que vai para a mamãe e dela para a titia acaba sendo interceptada por um espião, o quinta-coluna, e alguém, que não estava previsto, termina sabendo. Se você cair prisioneiro, você está liquidado."

Diante dessa orientação, resolvemos fazer uma autocrítica do que estávamos escrevendo, uma autocensura. Assim, líamos e relíamos nossas cartas, antes de postá-las, lembrando que ninguém deveria citar lugares, comentar sobre as missões realizadas, os contatos mantidos locais etc.

Mas, no meio disso tudo, houve um problema pessoal com ele, envolvendo quatro pilotos – o Dornelles, o Horácio, eu e, parece, que o Assis. Uma pena que os três já morreram, mas eles conheciam bem essa história. Escrevemos cartas para casa, no meu caso particular, para minha mulher, fazendo críticas ao Coronel Nero, críticas que ele, realmente, não merecia. Os áulicos, aqui do Gabinete do Ministro, entretanto, mantinham a censura, e no caso presente, nem as censuraram, fotografaram as quatro, naquele tempo eram fotocópias, e enviaram as cartas para ele. O Comandante nos reuniu e foi dizendo: "Embora eu já tenha determinado ao Gabinete que não faça censura nas cartas dos meus oficiais, ele não só as censurara, como mandara as próprias cópias das cartas para cá. O que vocês estão dizendo de mim, não me atinge. No entanto, vou dar-lhes um conselho. Os moços são irreverentes, pensam que são donos do mundo, donos da verdade, mas não são coisa nenhuma.Vocês escreveram isso e isto está errado. Não estou pedindo que pensem bem ou mal de mim, mas não escrevam, porque vocês não estão livres de que os áulicos, de mau caráter, façam o que fizeram com vocês." Procurou um cinzeiro: "Vamos encerrar esse incidente." E queimou as cartas na hora. Que grande lealdade a desse homem! Foi, realmente, um comandante excepcional!

Sobre a seleção para se chegar a Piloto de Caça, devo dizer que, em qualquer Força Aérea do mundo – ainda hoje funciona assim –, o piloto selecionado como caçador pode voar todos os tipos de avião: o de ataque, o de transporte, o de reconhecimento fotográfico, o de patrulha ou qualquer outro. A recíproca, porém, não é

verdadeira. A qualidade mais notável que tem o piloto de caça, que o diferencia dos demais, é a capacidade de decidir rapidamente, poder de decisão consubstanciado em reflexos muito rápidos; em suma, o avião é dele; o sistema é função de ações imediatas, que caracterizam o piloto de caça. Hoje, já existem os monitores lá atrás, que fazem quase tudo para ele em uma missão de guerra: navegam, atiram, lançam bombas e foguetes inteligentes nos chamados bombardeios cirúrgicos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, "guerra romântica" que vivemos de 1939 a 1945, o piloto de caça fazia tudo: conduzia o avião, bombardeava, navegava e atirava. Assim, ele se encarregava de tudo e muito rapidamente. Nesse aspecto fundamental reside a diferença para os outros pilotos. O sujeito que é mais lento, que pensa mais, que é mais tranqüilo, não dá. Acaba deixando de ser selecionado. É comum, entre os pilotos, brincarmos, dizendo que o piloto de caça não é melhor nem pior do que qualquer outro, mas diferente. Isso é uma troça que a gente faz. Mas realmente, falando sério, o piloto de caça é diferente. O 1º Grupo de Caça levou grande vantagem sobre as outras Unidades estrangeiras, porque seus homens foram escolhidos entre grande quantidade de voluntários e ainda porque ouve uma segunda seleção, realizada no 30º Esquadrão de Caça, durante o Curso em Aguadulce, sob o comando do exigente líder Disosway. Outra razão está no excesso de missões que realizamos no Teatro de Operações, tornando-nos experimentados combatentes, tudo isso contribuindo para que a Unidade adquirisse um invejável espírito de corpo, que, no nosso "Senta a Pua", começou, na realidade, no Panamá.

Quando lá chegamos, nós éramos poucos e os americanos os donos da instrução. Queríamos mostrar para eles o que a gente podia fazer. Saímos daqui com uma mentalidade da FAB, fusão da aviação militar com a aviação naval. Todos bons pilotos. Qualquer piloto, seja francês, inglês, chinês, é bom, porque, se ele não for bom, ele morre, em conseqüência de não reunir as condições necessárias para estar pilotando. Por isso, ele é ou não é selecionado. Assim, quando nós chegamos em Aguadulce, sabíamos tudo de avião, mas não sabíamos nada do que o avião podia fazer como elemento de destruição, de guerra. A equipe de Disosway se encarregou de nos ensinar exatamente isso.

Na disputa que mantínhamos, no Panamá, com os Esquadrões americanos de outras bases começou a nascer o espírito de corpo. Havia várias bases, como a de Chorrera I, Chorrera II, Rio Hato, David, Albrook e a nossa, que era a de Aguadulce. Cada base tinha um Esquadrão e cada Esquadrão uma Esquadrilha de Alerta no Solo, para interceptar aviões que entrassem na Zona de Defesa do Canal do Panamá.

O Alerta no Solo obedece a um tipo característico de decolagem. Quando o avião alvo se aproximava de uma dessas bases, o Sistema de Defesa do Canal do

Panamá, através do radar, era acionado. Soado o alarme, você saía correndo para o avião como estivesse e os mecânicos, que já se encontravam lá, iam amarrando a gente, enquanto fazíamos aquele cheque, já com o pé no *starter*, para dar partida no avião. Quem perdesse a partida geralmente não decolava mais. Algumas vezes decolava somente um avião.

Fizemos cerca de 102 missões de interceptação, todas com 100% de aproveitamento. Nunca deixamos de interceptar um alvo. Isso, sem dúvida, foi criando o espírito de corpo. Depois, fizemos o time de voleibol, que disputava com os americanos, e basquetebol, também. E as formaturas eram motivo de disputa; se eles marchavam bem, nós nos empenhávamos para marchar igual ou melhor. Isso tudo foi criando o espírito de corpo da nossa Unidade.

A escolha do avião, com o qual o Brasil ia lutar na guerra que se avizinhava, saiu de uma decisão entre três aviões: o P-38, de dupla fuselagem, o P-51, que era o de melhor apresentação aerodinâmica, e o P-47. Cada avião desses foi representado por um piloto, veterano de guerra, que tivesse cumprido as 35 missões lá. Para o caso do P-47, foi escolhido um piloto da 8ª Força Aérea, cuja base era em Duxford, perto de Londres.

O escolhido foi o então Cel Robert Johnson, conhecido por Bob Johnson, o qual está vivo até hoje e, com ele, troco cartões de Natal. O Bob Johnson foi discorrer sobre o P-47, com o qual obteve 33 vitórias no ar. Ele arrematou sua fala narrando o que lhe acontecera após uma missão de escolta em Munique, onde abateu dois aviões e teve seu P-47 atingido gravemente, regressando sozinho a Duxford. Foi atingido no sistema hidráulico, o que provocou perigosa vaporização do óleo hidráulico dentro da sua cabine. A parede de fogo do P-47 é um tarugo de aço que absorve todo o calor do motor, irradiando parte para dentro da cabine. Por causa da vaporização, ele teve que tirar os óculos, pelo acumulo de vapor de óleo hidráulico nas lentes, o que passou a lhe prejudicar a visão. Para livrar-se de um ataque inimigo e do radar, passou a voar à baixa altura abandonando a área de Munique.

Ao sobrevoar a Holanda, de repente, estando a mais ou menos 30 metros do chão, deparou com um avião ao seu lado. Era um FW-190.

O piloto alemão estava com a máscara fora do rosto também – porque não tinha necessidade de oxigênio – e o cumprimentou; como quem diz eu estou lhe cumprimentando, mas vou lhe abater agora. Saiu para trás do P-47 e deu-lhe uma rajada, sem mirar o piloto. Como não conseguiu abatê-lo, voltou outra vez – isto está no livro do Bob também – e fez nova tentativa com mais disparos. De repente, parou de atirar, cumprimentou o Bob e foi embora. Provavelmente ele parou de atirar por um engasgo em suas metralhadoras. Para Bob foi o seu dia de sorte. Ao se

aproximar da Base, com o Thunderbolt todo furado de bala, com o rosto queimado com o vapor abrasivo do óleo hidráulico, comunicou sua posição e pediu instrução de como proceder – saltar de pára-quedas ou tentar um pouso de barriga. A esse tempo, o seu Comandante estava voando ao seu lado. Como ele também era um ás com 33 vitórias e experiente piloto, após uma rápida análise, disse: "Olhe, Bob, seu avião está muito atingido, esse cara atirou demais em você, aconselho-o abaixar o trem – o trem são as rodas – e tentar um pouso normal. Ele baixou o trem e fez o pouso. Segundo Bob, foi a melhor aterragem de sua vida de aviador e concluiu: "Agora se vocês quiserem escolher outro avião, escolham, porque o meu é esse, o que me trouxe vivo para casa."

Realmente, esse avião foi, posteriormente, o responsável pela minha volta e a de muitos companheiros. Chamei-o de Garça Birrenta. Era birrento porque consumia muito combustível e nenhum mecânico do Grupo lhe deu jeito. Era um beberrão inveterado. Se fosse na crise do petróleo, na crise da OPEP, eu estaria roubado; eles não o deixariam voar. Para dar vida ao avião, eu o personalizei ao descrevê-lo no meu livro *Senta a Pua*. Nesse avião, eu tive um sargento, que se chamava Contente e que não era contente, vivia triste; tinha o Cansado, que trabalhava para valer. O cabo Santos, que não era santo coisa nenhuma, vivia lá com umas garotas e nunca ia à missa. Tinha o Manso, encarregado do armamento, que era brabo demais. Então, eu escrevi um capítulo, mais ou menos galhofeiro, para tratar do avião, do seu pessoal, do seu armamento, de suas características aerodinâmicas, do motor e dos motivos pelas quais ele foi escolhido.

O treinamento em Aguadulce, no Panamá, foi realizado nos P-40 e, no Estado de Nova York, voamos o P-47, com uma duração de dois meses e meio. Chegamos lá em 4 de julho de 1944 e, no dia 19 de setembro, pegamos o navio com destino ao Teatro de Operações.

Antes de partir para Itália, nos despedimos do Coronel Disosway, de forma marcante, inesquecível. Ele nos tornou Pilotos de Caça no Panamá e não nos deixou seguir sozinhos para Suffolk, Nova York. Fez questão de nos acompanhar, porque essa nova base funcionava como Escola formadora de Pilotos de Caça equipada com P-47. A *Republic Aviation*, que fabricava o Thunderbolt, era vizinha de Suffolk. Os alunos dessa Escola de Caça eram jovens recém-saídos das Escolas Básicas da USAF. Como tinham pouca experiência de vôo, seu treinamento era acadêmico. Nosso Esquadrão – o 1º Grupo de Aviação de Caça – quando deixou o Panamá estava pronto para entrar em combate. A parada em Suffolk nos foi imposta pela necessidade de nos adaptarmos ao P-47. Cada um voou uma média de 65 a 70 horas, repetindo as missões realizadas em Aguadulce.

Certa vez, o Cel Logan, Comandante da Base, reclamou de Disosway pelo tipo de vôo que praticávamos. Ele achava que deveríamos seguir as normas de vôo de sua base. Disosway respondeu: “Logan, quem ensinou os brasileiros a voar assim fui eu e é assim que eles continuarão a voar.” O atrito perdurou até o fim do nosso treinamento, mas o velho Disosway não recuou. Hoje nós sabemos que o Pentágono e a USAF, quando o nomearam Instrutor do 1º Grupo de Caça, lhe fizeram a seguinte recomendação: “Esse Grupo tem que dar certo.”

Nas horas de lazer o Cel Disosway mostrava uma faceta nova de sua personalidade para nós, gostava de apostar e jogar. Uma vez em Aguadulce – estávamos tomando cerveja no Clube de Oficiais – dirigi-me aos colegas e perguntei: “Querem apostar como sou capaz de derrubar o Cel Disosway.” Todos apostaram. O “bibico” de couro chegou a reunir US$ 75. Parei na frente dele a uns quatro metros de distância, dei aquele grito de madeireiro do Canadá e vibrei-lhe uma cabeçada na barriga que o fez cair sentado. Quando caiu, xingou-me forte e partiu para briga. Eu, que fui campeão de 100 metros, corri e pedi ao Torres que lhe avisasse que se tratava de uma aposta. Após a explicação, ele gritou: “Lima, *Half and half*” e ficou com metade da aposta. No jantar de despedida que lhe oferecemos em Nova York, na hora em que entramos na fila do beija-mão, ele segurou firme a minha mão, puxou-me contra ele e deu-me um soco no peito que eu caí sentado. Olhando-me firme disse: “*Take it easy*, Lima. *Take it easy*.” Foi a maneira que ele encontrou para me dar seu último alerta sobre o que eu iria enfrentar... É como se tivesse dito: “Agora é contigo. Irás entrar em combate. Cuidado.” Ele era assim, com essa alegria e descontração.

Anos depois, em 1991, quando fui à sua casa, com o Assis e o Meira, eu lhe disse: “Poxa General, o senhor nos ensinou tanto truque, tanta coisa para a gente lutar, para a gente combater e sobreviver e o senhor foi abatido na primeira missão de guerra?” Ficou pensando, pensando e disse: “Olha aqui, ô Lima, vou lhe dizer uma coisa: eu sei quanto é que eu valho e você não vale coisa nenhuma.” “Por quê?” “Porque quando eu caí na China, os guerrilheiros de Mao-Tse-Tsung descobriram que eu era General, então me trocaram por cinco sacos de trigo, três de açúcar, quatro de farinha e não sei o que mais. Se você caísse lá, o Mao-Tse-Tung ia lhe botar num saco e lhe jogar no Rio Amarelo.”

Em 1991, ele nos recebeu, tarde da noite, no aeroporto de Shriveport, Louisiana, onde ficamos alojados na Base Aérea do mesmo nome, hoje sede da 8ª Força Aérea de Transporte da USAF. Pernoitamos cada um em uma casa que tinha nomes de destacados Generais – Gen Doolitte, Gen Vandonberg, Gen Carls Spartz –, ocupadas por uma senhora e um mordomo, responsáveis pela sua manutenção e funcionamento opera-

cional. Poderíamos ficar os três numa única casa, mas ele quis mostrar aos seus companheiros da USAF o apreço que tinha pelos veteranos brasileiros.

No dia seguinte, às seis horas da manhã, tomamos café com ele e às sete horas estávamos na Sala de Operações da 8ª Força Aérea, quando nos apresentou ao General Comandante e seu Estado-Maior. Durante a apresentação, foi enfatizada a coordenação existente entre o Comando Aéreo Estratégico e a 8ª Força Aérea. Foi-nos dado um exemplo de um B-52 que decolara de Tucson, Arizona, tomou a proa norte e duas horas depois abriu sua Ordem de Operações. Estava determinado que prosseguiria o vôo, sem pouso intermediário, até a Turquia. Seu último reabastecimento seria realizado no Estreito de Madagascar, onde estava sendo feito naquele momento. Aquele espaço aéreo é utilizado freqüentemente para esse fim e a capacidade de atendimento não nos foi revelada, mas, pela magnitude da operação, suponho que mais de uma dezena de aeronaves poderia ser reabastecida no ar, ao mesmo tempo, pelos aviões-tanque da 8ª Força Aérea. Estamos falando de agosto de 1991.

Na Guerra do Golfo, os jornais noticiaram que algumas missões de bombardeio ao Iraque saíram dos EUA sem escalas intermediárias.

Gabriel P. Disosway terminou sua carreira na USAF como General de quatro estrelas, recebeu mais de quarenta condecorações e proclamava, com orgulho, que as mais importantes foram a Ordem do Cruzeiro do Sul e o Diploma de Jambock Honorário do 1º Grupo de Aviação de Caça. Esteve no Brasil quatro vezes, e, em uma delas, quando a Unidade recebeu a *President Unit Citation*. Nasceu em 11 de junho de 1910 e faleceu este ano, em 26 de fevereiro de 2001.

Foi realmente um grande líder, foi um homem extraordinário. Ele e Nero Moura, a meu ver, os dois, um na fase de treinamento e outro na operacional, formaram o Grupo de Caça, com aquele espírito de corpo que ainda é mantido pelo piloto de hoje, com a combatividade e competência que o Grupo demonstrou nos céus da Itália. Falando em competência, parece que sou presunçoso, mas é porque uma Unidade, que representou em operação de guerra somente 5% de um conjunto e consegue aquele resultado, que vocês viram, é porque é competente.

O transporte para a Itália foi realizado no navio francês *UST Colombie*, arrendado pelos norte-americanos. Conosco, viajou uma Brigada de negros americanos comandada por brancos, ou seja, até capitão eram brancos; de capitão para baixo, eram todos negros. No nosso alojamento, havia 150 camas-beliche. Às vezes, acordávamos à noite, corríamos para os barcos, para fazer serviço de salva-vidas; todo mundo já sabia de cor aquele negócio. Mas não apareceu nenhum submarino. Em setembro de 1944, a campanha submarina alemã já havia caído bastante. Os submarinos alemães saíam à noite com o *snorkel* na superfície e, sem saber, eram detecta-

dos por aviões com radar – eles custaram a descobrir isso –, que os afundavam sem apelação. Os mais experientes submarinistas alemães foram mortos no estreito, entre Dover e Calais.

Quando desembarcamos em Livorno, tomamos conhecimento efetivamente da guerra. O porto de Livorno não era mais um porto, apesar dos guindastes que estavam por lá. Observava-se os mastros dos navios que ali foram afundados. Nosso navio ficou longe e vieram as barcaças, comandadas por indianos para nos levar à terra. Estava escurecendo. Divisamos balões cativos, que ali estavam para não deixar os aviões fazerem ataques rasantes, porque encontrariam aqueles cabos de aço e, no mais, um silêncio absoluto. Tudo destruído em volta do porto.

Impressionei-me ao ver, enfrentando uma tremenda chuvarada, um verdadeiro CB[1], com trovão, relâmpago e tudo, um casal de velhos, bem vestidos – chapéu-de-coco inglês, guarda-chuva e casaco – revolvendo uma caixa de lixo a uns quarenta metros de onde estávamos. Quando vi aquilo, perguntei aos companheiros do caminhão em que eu estava: “Vocês estão vendo aquele casal?” Então, antes que me respondessem, desci da viatura e fui correndo na sua direção, quando alguém disse: “A Polícia Militar (MP) americana vai te atirar Rui.” “Que atire”, eu repliquei. Ao ver de perto o casal, fiquei emocionado e dei o que tinha para eles – chocolate, cigarros... Eles ficaram me olhando, mas não era um olhar qualquer, o olhar deles era de um agradecimento que vinha da alma. Eu nunca vi uma coisa tão bonita e que me marcasse tanto. Para mim, o que mais me impressionou na guerra foi esse casal de velhos que eu socorri.

Perplexo, ainda, com o que vira, parti, com os demais companheiros, para nos integrar ao 350º Grupo de Caça dos Estados Unidos, como um dos seus quatro Esquadrões. Assim, pelo seu efetivo, o nosso 1º Grupo de Aviação Caça passou a Esquadrão na organização norte-americana. Durante a guerra, para efeito operacional, éramos denominados *1st Brazilian Fighter Squadron*.

Quando chegamos em Tarquínia, soubemos que, pela primeira vez, o 350º, tendo à frente o Coronel Ariel Nielsen, conseguiu juntar os seus três Esquadrões, que eram comandados por major ou tenente-coronel. Eles vinham da África, cada Esquadrão sediado em um lugar. O Comandante do Grupo sempre se juntou a um dos Esquadrões, de onde comandava pelo rádio os outros dois.

Na nossa chegada, ele recebeu o 1º Grupo de Caça com as seguintes palavras, que estão no filme *Senta a Pua!*, ditas ao Major da USAF John Buyers, que era o nosso ligação: “Olha, eu já tenho tanto, tanto problema e vocês ainda me trazem

[1] CB – *cumulus nimbus* – nuvem negra, cheia de raios, pedras de gelo etc.

esses brasileiros, para me atrapalhar. Quem são esses caras? É a primeira vez que consigo juntar os meus três Esquadrões e me vêm com essa gente aí." Foi quando Buyers lhe respondeu: "O senhor vai ter boas surpresas com eles", como quem diz, não esquente a cabeça, que as coisas vão correr bem.

O primeiro fato a destacar ocorreu numa noite em que o acampamento foi todo desmanchado com uma chuva que mais parecia um dilúvio. No dia seguinte, nós colocamos todo o acampamento de pé e começamos a fazer valetas. O Neiva, que era engenheiro hidráulico, encarregou-se de conceber um plano de escoamento. Fizemos as valas, com todos os soldados, sargentos, todo mundo trabalhou nisso. Essa foi a primeira demonstração de espírito de corpo, de vontade de realizar, porque, como chegamos por último, pegamos o pior terreno, um pantanal, fomos para um pântano, que vocês vão ver, brevemente, num longa metragem sobre o nosso Grupo de Caça, filme que foi intitulado de *Senta a Pua!*.

Bem, depois disso, vieram os caixotes, trazidos para Tarquínia em caminhões norte-americanos. Largaram em cima de nós aquela montanha de caixotes, que, no dia seguinte, para espanto dos que não nos conheciam, estavam todos desmontados com o material arrumado nas prateleiras das barracas, que, por sua vez, se encontravam muito bem armadas.

O segredo estava no fato de que cada sargento nosso tinha feito curso, na *Republic*, que fabricava os P-47, e lá aprenderam e assistiram como o material era encaixotado, daí aquele sucesso. Posso afirmar que, a partir daí, o conceito do Comandante do 350º a nosso respeito começou a se modificar.

Devo dizer que eles estavam, ainda, voando o Air Cobra, P-39, que era um avião horrível de manobra e dava muita pane. Era dotado de um canhão de 75mm, que vinha da cauda à proa do avião, estando o piloto, portanto, em cima do canhão, o que trazia um perigo adicional.

A nossa chegada coincidiu com a mudança do P-39 para o P-47, quando nossos companheiros começaram a fazer acrobacias a baixa altura e a "pintar o bode" em cima do campo.

O Coronel Nero Moura, diante daquela constatação, fez questão de nos reunir e alertar: "Quando chegarem os nossos aviões, ninguém vai fazer isso que esse pessoal está fazendo. Eu quero gente viva, não quero gente morta." Mesmo assim, o 2º Ten John Cordeiro disse: "Vou arrancar a barraca do Coronel" e, com um razante, arrancou; pegou trinta dias de prisão fazendo serviço. Nero Moura não brincava com a disciplina do Grupo.

A mudança da Base Aérea de Tarquínia para Pisa se deu quando a frente se estabilizou nos Apeninos e o Comando estava planejando a Ofensiva da Primavera.

Foi, então, que resolveram levar a base para Pisa, que já havia sido tomada, permitindo, assim, a movimentação do 350º Grupo de Caça americano.

Vale lembrar que a mudança deu-se de uma maneira interessante, com a ida do escalão terrestre na frente. Parte desse escalão foi preparando a infra-estrutura para receber os aviões. Eu, por exemplo, saí com meu rádio, com o qual eu andava para todo lado, amarrei-o debaixo da cadeira do P-47, fiz o bombardeio e, ao voltar, em vez de pousar em Tarquínia, já o fiz em Pisa. Chegamos à base, minha cama já estava lá, tudo direitinho, tudo prontinho. Isso foi uma prova de treinamento, uma prova de eficiência e, também, de que não demos trabalho, fizemos, sim, com perfeição, a nossa parcela.

Os brasileiros, justiça se lhes faça, se portaram muitíssimo bem. Nós tivemos todo esse treinamento, essa seleção toda, desde Aguadulce, no Panamá, portanto tínhamos a obrigação de fazer o que fizemos. Na FEB foi diferente, e não podia deixar de ser. Nós éramos 378 homens e a FEB tinha cerca de 25 mil homens. Basta essa tremenda diferença, para se ter uma idéia do que houve na seleção e no treinamento. Com toda essa diferença, a FEB chegou lá e, em dois meses e meio, estava se ombreando com os melhores Exércitos do mundo presentes no Teatro de Operações do Mediterrâneo: o alemão, americano, canadense, sul-africano, indiano, inglês, australiano, francês, tinha o diabo lá e a FEB não fez vergonha, nem uma vez. Os primeiros ataques a Monte Castelo, os reveses iniciais, deram-se porque houve ali uma operação de risco, o chamado risco calculado. Os americanos insistiram na remota possibilidade de ganhar tempo conquistando Bolonha antes do inverno – Natal em Bolonha como se propalava.

Os americanos no Teatro do Mediterrâneo tinham três Grupos de Caça equipados com aviões P-47: o 27, o 56 e o 350. As missões para esses Grupos vinham da retaguarda, do QG de Caserta, próximo de Nápoles. A maioria era dirigida para missões de interdição, visando a isolar o campo de batalha. Cada Grupo com três esquadrões e o nosso, o *350th Fighter Group*, com quatro, por causa do Esquadrão brasileiro. Vale recordar que Interdição significa impedir que o inimigo distribua suprimentos para a frente de combate, ou seja, impedir o transporte de alimentação, água, combustível, munição e reforços de pessoal, inviabilizando o acesso de material e o movimento de efetivos mobilizados da retaguarda para o campo de batalha. Pois bem, para quebrar a cadeia logística, tínhamos que destruir as pontes, explodir locomotivas, viaturas, viadutos, depósitos de combustível, depósitos de munição, tudo que viesse a facilitar o apoio logístico inimigo. Então, essa foi a nossa guerra. Quando nós observávamos uma composição ferroviária, um comboio de viaturas, um depósito, tínhamos que os colocar fora de combate.

É importante salientar que nós fomos lá para fazer guerra aérea. O esforço maior na instrução que tivemos no Panamá foi o treinamento de interceptação, de combate e tiro aéreo. Na Itália, em plena batalha, passamos a atuar na interdição, transformando o Thunderbolt, um típico avião de caça, em caça-bombardeiro: bombardeio picado e ataque rasante. Das minhas 94 missões, devo dizer que 23 ou 24 foram de escolta. Não a escolta típica de sair da base para cima de um bombardeiro e sim uma escolta no regresso do bombardeiro até a sua base. Esta proteção que o caça dava ao bombardeiro era uma cobertura aérea sobre o alvo e, no regresso, a escolta normal.

A nossa esquadrilha saía na direção do alvo a ser bombardeado e lá permanecia fazendo a cobertura. Às vezes, nessa missão estava todo o Esquadrão brasileiro (16 aviões, quatro esquadrilhas) e outros aviões de outros Esquadrões do 350 ou de outro Grupo. Por vezes, a área ficava coberta por aviões de caça, na expectativa de realizar uma interceptação e partir para o combate aéreo. No entanto, no Teatro de Operações do Mediterrâneo, no Vale do Rio Pó, a estatística era de um avião inimigo para oitenta P-47, por isso nós não tivemos a oportunidade de realizar nenhum combate aéreo. Em compensação, a Artilharia Antiaérea alemã nunca nos deixou sossegados, o que me fazia lembrar dos meus amigos artilheiros da FEB, Helio Lemos, Portocarrero, Helio Mendes, Donato, Amerino Raposo, Cândido Manoel Ribeiro que há pouco nos deixou, e muitos outros...

Vocês me perguntaram como nós reagíamos às mensagens elogiosas vindas do Escalão Superior para o 350º Grupo de Caça, enaltecendo o desempenho de seus Esquadrões, como, por exemplo, a que dizia: "O Regimento 442 agradece ao 350º Grupo de Caça pelo show. Todos os impactos acertaram o nariz do inimigo. Continue atacando." À noite, quando estávamos no nosso restaurante, essas mensagens eram lidas e o pessoal comemorava, "enchendo a cara", quando não ia voar no dia seguinte. A rapaziada, de copo na mão, festejava sempre.

Mas um dos fatos mais interessantes de que eu participei está ligado a uma missão de bombardeio picado em benefício da FEB na conquista de Monte Castelo.

A Esquadrilha Verde recebeu a missão de destruir uns canhões que estavam atirando sobre a FEB, não lhe permitindo progredir. Foi entregue ao líder – Cap Pessoa Ramos – uma única foto do alvo. Na foto constava um pequeno riacho em "S" onde eram vistas duas pinguelas. A localizada ao norte era o alvo a atacar e a do sul, nem foi observada ou discutida. Ao sobrevoarmos a área, Pessoa Ramos fez a identificação e pediu a confirmação dos componentes da Verde – Menezes, ala do Pessoa; eu, vice-líder no vôo; e meu ala Paulo Costa. Todos deram o OK e Pessoa iniciou o mergulho. Após seu bombardeio e o do Menezes, que causaram tremenda explosão,

verifiquei que havia identificado outra pinguela. Na certeza de que eu é que estava certo, avisei ao Paulo que lançasse suas bombas onde as minhas explodissem. Reunida a Esquadrilha, regressamos a Pisa e veio minha surpresa, quando o Pessoa partiu para brigar comigo. Achava ele que a troca de alvo foi um descrédito à sua liderança. Enquanto eu tentava explicar, chegou até nós o Oficial de Informações – Ten Miranda Correa – e disse que o Gen Mascarenhas desejava falar urgente com o Comandante da Esquadrilha. Pessoa ouviu a voz do grande chefe elogiando o êxito da missão nos seguintes termos: "A artilharia tedesca foi destruída e outro elemento, sob seu comando, acertou, um pouco ao sul, uma Companhia de Fuzileiros, eliminando muitos e deixando cerca de 17 prisioneiros. Vocês têm realmente um olhar de lince e muita precisão no ataque. Parabéns!"

Pessoa se acalmou e eu cheguei à conclusão que a guerra é um jogo sem lógica, que transforma quem errou a identificação do alvo em um piloto de olhar de lince com grande precisão no bombardeio. Esse fato o narrei detalhadamente em um dos números de nossa Revista do Clube Militar, anos atrás.

Cabe aqui ressaltar que tudo era motivo de análise e comparação. Dentro desse contexto, o 350º foi o Grupo de Caça que apresentou os melhores índices em relação aos outros Grupos. Esses índices se referiam a numerosos aspectos, lembrando, como disse no início, que cada Esquadrão representava 5% da quantidade total de aviões que operavam na área. Até os pneus estavam na estatística. Por exemplo, quantos pousos os brasileiros fizeram em média com um pneu? Os brasileiros, tantos pousos; o americano, tantos; o inglês, tantos, relacionados sempre com o mesmo avião. Por que o americano gastava mais pneus que o brasileiro? Eram garotos de poucas horas de vôo, com pouca experiência e, às vezes, davam "catrapo", gíria que significa pouso não tão bom como se esperava, o que não acontecia com a nossa gente, mais antiga, mais firme na pilotagem, bem mais experiente. Então, não fazíamos mais que a nossa obrigação. Não é que a gente fosse melhor, é que nós tínhamos mais experiência. Na aviação, não há esse negócio do sujeito ser melhor ou pior. Ele pode ser de Gana, da China, dos Estados Unidos, da Rússia, não importa. Entrou no avião, aprendeu a voar é porque ele deu para o negócio. O nível escolar dos pilotos era de 2º grau, *High School*. Bastava ter um pouco de cabeça, de cultura, para utilizar bem o avião. É verdade, no entanto, que o treinamento e a vivência têm seu peso inegavelmente.

A bravura do homem, isso é individual. Há pessoas que têm um vigor incomum; chega numa hora, na hora "H", ele decide, podendo transformar-se num herói. Desta forma, você encontra um que é líder, outro que é apenas um combatente. Há o líder e há o combatente normal. O líder é aquele que sabe a hora de agir; isso vem da

intuição dele. O líder parte, pensando até que vai morrer. E, às vezes, não morre. Quando morre é herói.

Vou falar agora no grito de guerra do nosso Grupo. Ele surgiu naturalmente. Era uma gíria que existia no Brasil inteiro, do Rio Grande do Sul até lá no Norte e Nordeste, mas no Nordeste, era dita com mais freqüência. Eu digo isso porque na Bahia se dizia vou sentar a pua até para ir aos lugares inconvenientes, quando se dizia vou sentar a pua. Vou sentar a pua no automóvel, o que significava correr. Vou sentar a pua no rancho, que se traduzia por comer bastante, e assim por diante.

O Ten Firmino, que fora meu instrutor na Escola de Aeronáutica, nos anos de 1941-42 e servia na Bahia, usava muito a expressão senta a pua. Como ele não sabia o nome do motorista que o levava para a base e como todo motorista, para ele, se chamava Zé Maria, ele falava: "Senta a pua Zé Maria, vamos para a base, menino." Era a mensagem para o motorista meter o pé no acelerador, não havia tempo a perder. Na década de 1960, era o "manda brasa", que tinha o mesmo significado do "senta a pua", da época da guerra nos anos de 1940. Chegamos ao Panamá com o senta a pua, que era usado para tudo; para ir ao cinema, para ir almoçar, para ir a qualquer lugar, sem perda de tempo.

Quando viajávamos no navio para a Itália, pedimos ao Fortunato, que era desenhista, para fazer o distintivo do 1º Grupo de Aviação de Caça, que, na nossa gíria, chamamos de bolacha! Ele bolou um avestruz, por que avestruz? Porque a gente comia tudo que davam e o avestruz também, ave que come até prego. A faixa dupla verde-amarela que circunda o avestruz simboliza o Brasil. Quem é contra? Ninguém. Qual é o escudo? O escudo é o Cruzeiro do Sul, que representa o céu do Brasil. O que significa a nuvem? A nuvem é a terra em que a gente combate, a nuvem com fundo vermelho, representa nuvens de sangue porque é guerra. E assim foi indo. Veio o armamento, um "pau de fogo" 45 representando as oito metralhadoras, os seis foguetes e as duas bombas de 500 libras e mais as outras que a gente levava. Isso tudo era o armamento do avião. E como vai ser o grito de guerra? Aí, fui eu mesmo o primeiro a falar: "Senta a Pua, poxa". Aí ficou "Senta a Pua". O Fortunato Câmara de Oliveira harmonizou tudo isso, criando o distintivo do nosso Grupo. Antes de dar o primeiro traço, olhou o Lima Mendes e nele se inspirou. No filme *Senta Pua!*, o Erik de Castro contou bem a história.

Quantas vezes ouvimos no Vale do Rio Pó diálogos como esse: "*Jambock yellow* estou vendo uma locomotiva". Senta a Pua!", respondia o líder. Daí a minutos a locomotiva "já era"; "Atenção *Jambock Green*, o objetivo é aquela ponte a leste de Manerbio – Senta a Pua!". E a esquadrilha mergulhava, executando a missão de bombardeio, destruindo-a.

Vamos falar, agora, da identificação das esquadrilhas brasileiras e dos P-47. Cada esquadrilha era identificada por uma letra maiúscula A, B, C ou D, da primeira para a quarta, e os aviões P-47 recebiam a letra da esquadrilha e um número de 1 a 6. O meu, por exemplo, era D4. Além da letra, cada esquadrilha era identificada por uma cor: verde, amarela, azul e vermelha. A Verde, por exemplo, era a quarta esquadrilha (letra D), cujo comandante era o mais moderno dos quatro. A cor das esquadrilhas era enunciada em inglês, porque facilitava o controle das comunicações terra-ar-terra, que nos enquadrava. A língua oficial no TO era a inglesa.

E o código do Esquadrão? Você sabe como surgiu o código do Esquadrão brasileiro? Os americanos se apressaram em nos informar o nosso código, antes que inventássemos um nome tupiniquim, que eles não soubessem pronunciar. Então, viram que o melhor era dar o nome para nós, evitando qualquer problema que adviesse da nossa escolha. E chegou o nome: *Jambock*, com o qual iríamos operar até o fim da guerra. Desta forma, havia, como acontece internacionalmente, o código de identificação do Esquadrão, seguido de uma cor para cada Esquadrilha e um número para cada piloto, que era também o número do seu avião. Assim, eu me identificava *Jambock Green Two* (*Jambock*, do Esquadrão; *Green*, da Esquadrilha; *Two*, minha posição dentro da Esquadrilha).

Por que *Jambock?* O que significava essa estranha palavra que, vinda dos americanos, não consta nos principais dicionários da língua inglesa? Quando com ela nos batizaram, perguntamos ao Oficial de Inteligência do 350º qual o seu significado e ele nos disse que *Jambock* significava chicote.

Isso nos bastou. Ninguém teve a curiosidade de verificar em um dicionário se essa palavra existia. Por 25 anos, chicote era a sua tradução correta, até que, em uma entrevista comercial que tive com um diretor da Companhia Souza Cruz, Sr Kenneth Light, este me perguntou de onde eu tinha tirado o nome da minha firma Jacel Jambock e o que significava *Jambock*. Eu lhe disse: Sr Light, *Jambock* é uma palavra dos senhores, era nosso nome de código na Itália e quer dizer chicote. O Sr sabe que essa palavra não existe no *Michaelis*, nem no *Webster,* já a procurei, mas vou continuar pesquisando, disse-me o Sr. Light.

Passados uns 45 dias, fui avisado de que ele tinha uma surpresa. Procurei-o imediatamente e ele me informou que *Jambock,* na verdade, quer dizer chicote, é um chicote especial, de couro de rinoceronte, utilizado pelos nativos do Transvaal para conduzir o gado. Agradeci e resolvi continuar a pesquisa, indo ao consulado da África do Sul no Rio de Janeiro e fiquei sabendo que o chicote nasceu na Malásia, nas plantações de borracha, nos seringais e que os ingleses usavam um tipo de cipó para castigar os malaios, quando eles não estavam trabalhando, como

desejavam. Com o término da era da borracha, os ingleses vieram para a África do Sul, trazendo alguns malaios com eles, que foram misturados aos negros. Como na África não havia o cipó malaio, os ingleses, com aquele coração bondoso que os caracteriza, fizeram um chicote de couro de rinoceronte, cujo nome era *Jambock*, para surrar seus escravos.

Diante disso, ao repetir esse fato no livro *Senta a Pua*, concluí dizendo que aquele *Jambock*, usado contra malaios e trabalhadores negros sul-africanos, foi empunhado por jovens pilotos de caça brasileiros que o usaram na Segunda Guerra Mundial em defesa da liberdade e da democracia contra os nazistas arianos puros de Adolph Hitler. O mesmo código da Itália é mantido até hoje pela nova geração do velho Senta a Pua.

Devo agora falar do Tenente Theobaldo Kopp, do Capitão Joel Miranda e do Tenente Danilo Moura, que, depois de verem os seus P-47 atingidos pela Artilharia Antiaérea alemã, sem condições de retornar à Base, saltaram de pára-quedas e enfrentaram, como fugitivos, duras aventuras, todas extremamente difíceis

Antes de mais nada, quando o sujeito saltava de pára-quedas a primeira coisa que ele fazia era esconder o pára-quedas; a segunda providência era fugir dali e a terceira, à noite, era tomar um comprimido de pervertin para não dormir, de forma a andar o máximo possível, sempre se afastando do lugar onde saltou. Esse era o ensinamento para não ser apanhado pelos alemães; fazer tudo para ser recolhido pelos partisans, ou seja, pelos guerrilheiros, aqueles que se opunham, com arma na mão, aos nazi-fascistas.

Resumindo a longa, singular e impressionante história do Kopp, o “Alemão” para todos nós, devo recordar que ele decolou no dia 7 de março como líder da famosa Esquadrilha Vermelha para atacar a estrada de ferro entre San Michel e Trento. Por coincidência, nesse dia, eu voei junto, substituindo o Canário, cujo avião apresentara um defeito antes da decolagem. Depois do bombardeio, demos cobertura e escoltamos aviões B-25, que também bombardearam o mesmo alvo.

Ao deixarmos os B-25 em Vilafranca, descemos para o ataque rasante a alvos de oportunidade. Durante a procura fomos parar em Suzzara, onde os *jambocks*, há mais de uma semana, atacaram montes de feno, que explodiam quando os acertavam. Com a freqüência de nossa presença no ataque a esses bem camuflados depósitos de munição, os alemães resolveram defendê-los. Na véspera, dia 6 de março, o Fortunato levara chumbo grosso na área daqueles objetivos, o que já havia acontecido, também, com quatro outros companheiros. No mesmo dia, nos instruíram para evitar Suzzara, pois, com os nossos ataques, mais de 80% dos alvos já haviam voado pelos ares.

Porém, naquele dia, o alemão Kopp “estava com a cachorra”. Resolveu, por sua conta e risco, levar a Esquadrilha para Suzzara. Como chegou primeiro, informou-nos que desceria para o ataque, junto com o Eustórgio, o nº 2, e nós ficaríamos na cobertura.

Na segunda passagem sobre “um monte feno”, uma rajada certeira de metralhadora atingiu, ao mesmo tempo, os aviões de Kopp e Eustórgio. Tudo foi tão rápido que nós, da cobertura, vimos apenas fumaça negra saindo dos dois aviões. Quando acompanhávamos os aviões atingidos, o P-47 do Kopp virou de dorso e ele o abandonou. Soubemos depois que ele perdera os comandos e o avião manobrava sozinho, no momento em que o incêndio a bordo era bastante visível.

Enquanto Kopp descia de pára-quedas, nós nos mantivemos na área do salto, contrariando as normas de segurança, porque os alemães marcavam onde o piloto tinha descido, mas, naquele momento, queríamos ver o nosso irmão pousar. Caiu sobre um terreno lavrado e foi salvo por dois ciclistas, que só podiam ser partisans. Na verdade, eram.

Vale destacar que a nossa permanência na área evitou que os alemães saíssem das tocas para agarrá-lo, o mesmo acontecendo com os fascistas das “brigadas neras”, que não poupavam ninguém.

Relatamos esse fato no regresso e, dois dias depois, já chegava do QG do XXII Comando Aerotático uma ordem para os aviões permanecerem na área do salto de qualquer piloto atingido por Artilharia Antiaérea, até a chegada do socorro partisan. Desta forma, os *Jambocks* acabaram por modificar a doutrina, adequando-a à realidade apontada pela guerra, pois, como vimos, o inimigo não deixava os abrigos enquanto os aviões não abandonassem a área.

Por algum tempo, protegido por partisans e sob a orientação dos mesmos, o Kopp ia se afastando o mais possível do local onde saltara, acabando por chegar a Fabrico, onde ficou protegido, inicialmente pelo chefe dos partisans da área, cujo nome era Silvio Terzio, o “Gora”, nome de guerra adotado por medida de segurança, o qual se tornou grande amigo do nosso Kopp.

A partir de 21 de abril de 1945, as colunas de tanques americanos começaram a surgir na área de Fabrico, rumo ao Rio Pó. Por esse motivo, Kopp pediu a “Gora” que o mandasse de volta a Florença, sede do Serviço de Inteligência chefiado pela 12ª Força Aérea, tendo sido atendido pelo chefe guerrilheiro que preparou a sua ida para o Sul junto com cinco partisans.

Seguiram em três bicicletas liderados pelo cidadão, conhecido por “Americano”, que era um italiano que viveu na América por muito tempo, treinado para trabalhar no setor de informações aliado. Como foi bem preparado e era bastante inteligente e

destemido, em pouco tempo tornou-se um ídolo entre os partisans, como era o "Gora". Ficou amigo do Kopp, tendo com ele trocado idéias, inclusive orientado sobre a forma de proceder em relação aos camisas negras (italianos fascistas).

Devo salientar, com base no depoimento do Kopp, que o fato de lhe protegerem com tanto cuidado se devia a responsabilidade natural de lhe devolverem aos aliados e, principalmente, por representar segurança para eles e suas famílias. Se ele fosse descoberto em qualquer das casas onde havia se escondido, não só ele seria fuzilado, como todos que o acolheram.

A viagem deles rumo ao Sul seguia tranqüila, todos desarmados exceto o "Americano", quando nas imediações de uma casa de campo depararam com um grupo de combate alemão. A parada brusca dos ciclistas foi o sinal de alerta para os alemães dispararem uma primeira rajada de metralhadora que os levou a se atirarem dentro de uma vala. Diante do quadro, o "Americano" tentou parlamentar com os alemães, mostrando-lhes a inutilidade daquele combate extemporâneo. Ao levantar um pouco mais a cabeça para transmitir essa sua mensagem de paz, um disparo atingiu-lhe o meio da testa. Morreu instantaneamente. Aquilo foi um pesadelo. Acabavam de perder o grande líder.

Com a morte do "Americano", os partisans entregaram seu revólver ao Kopp, instruíram-no para manter os alemães abrigados, com tiros de inquietação, e em saltos e progressões no terreno deixaram-no sozinho, indo em busca de socorro em Fabrico.

Quando a notícia da morte do companheiro ali chegou, um grupo de cerca de cinqüenta homens se ofereceu para vingar o amigo. Foram uns vinte minutos entre a saída e a chegada dos seus salvadores. Para Kopp, valeram muitas horas. Fez o que pôde para manter os alemães dentro da casa, os quais também não queriam perder a vida numa guerra praticamente encerrada e que, ao verem se aproximar o reforço, retraíram para uma olaria que ficava a uns trezentos metros do local.

Inicialmente, houve uma troca de tiros entre os partisans e o grupo alemão, que, aos poucos, ia se vendo cercado. Foi quando surgiu na estrada um tanque americano, cujo comandante, por solicitação dos partisans, deu alguns tiros de canhão na direção da olaria, provocando a rendição dos alemães que lá estavam. Naquele instante, os partisans estavam dominados pelo ódio, em conseqüência da morte de seu líder. Em poucos minutos, em julgamento sumário, condenaram os 14 alemães à morte. Ali mesmo, os executaram. Segundo Kopp, cenas como esta ele assistiu várias vezes.

Depois desse desfecho com tanto sangue, voltaram todos para Fabrico, onde "Gora" foi pessoalmente para a estrada principal fazer entrega do seu protegido a uma unidade aliada, o que acabou acontecendo e o Kopp foi parar em Florença,

apresentando-se ao Serviço de Inteligência da 12ª Força Aérea, vindo posteriormente a comunicar-se com o Coronel Nero Moura que, no mesmo instante, mandou buscá-lo. Sua chegada a Pisa foi uma festa.

Por uma coincidência, em 1947, Kopp, indo a Alfândega, na Praça Mauá, para liberar a bagagem de sua mãe, que regressava da Itália, descobriu no meio dos imigrantes italianos seu velho companheiro de lutas: Silvio Terzio, o “Gora”, e gritou o seu nome a plenos pulmões. Um abraço fraterno os uniu, embora ninguém tenha chorado, apesar da grande emoção e da lembrança dos perigos que enfrentaram nos cenários de Fabrico.

Kopp levou Gora e a família para jantar. O encontro foi na casa do Almirante Muniz Freire. Conversaram e tomaram vinho até altas horas. Depois, uma despedida de quem vai se ver daqui a pouco, o que não aconteceu nunca mais. Silvio Terzio foi para São Paulo e nunca mais se ouviu falar dele. Como se perdeu de vista um homem de tanto valor? Isto não podia ter acontecido com uma figura como a dele!

Agora vamos falar do Joel, que foi salvo por uma moça, chamada Franca Décima; era uma garota dos seus vinte anos, muito bonitinha; tenho a impressão que ela teve uma queda pelo Joel, mas não foi recíproca, porque ele não voltou para ela. Quando terminou a guerra, o Joel procurou outro caminho. Mas essa mulher, falo nela no meu livro, foi muito importante e a FAB reconheceu isso, outorgando-lhe a medalha Santos Dumont e o título de cidadã honorária, quando ela esteve no Brasil recentemente, hospedando-se, inclusive, na casa do Joel, que, no entanto, refez sua vida com outra mulher e dessa união nasceram cinco filhos.

Brevemente irei à Itália e pretendo revê-la, se ela for a Roma. É uma pessoa especial para a Força Aérea.

Quanto ao Danilo, ele saltou junto com o Joel, lá em Castelfranco, quando atacaram a mesma locomotiva e a mesma antiaérea derrubou os dois. A distância entre os locais de chegada de um e de outro ao solo foi de 1.000 a 1.500 metros, no entanto eles não se viram mais. Quando perguntaram ao Danilo se queria ficar lutando junto aos partisans, ele preferiu tentar voltar para a base. Deram-lhe uma roupa civil e ele pegou a estrada levando 24 dias para romper as linhas e, em 30 dias, chegava à base. Saltou no dia 4 de fevereiro e entrou em Pisa em 4 de março, fazendo seu irmão Nero Moura chorar : “Meu irmão, meu irmão chegou.” Eram três irmãos, um major do Exército e dois da Força Aérea. Os três foram à Itália e voltaram. A chegada de Danilo, com uma história impressionante, levou-nos até a fazer uma ópera, calcados nessa aventura. Essa nossa idéia veio com a influência, na época, das óperas que assistíamos em Pisa e Roma. A ópera contando a história do Danilo é obra hoje cantada pela maioria dos pilotos de Caça da FAB.

Devo agora atender a indagação sobre os nomes dos pilotos que caíram prisioneiros. Os tenentes Assis, Correia Netto e Motta Paes, que, inclusive, conviveram com o Tenente Emílio Varoli, Comandante de Pelotão do 11º RI, preso durante a ação sobre Abetaia, no ataque a Monte Castelo.

Esses três pilotos tiveram lá no coração da Alemanha, sendo que o Motta atravessou toda a Alemanha e foi parar em Stetin na Prússia Oriental. É o piloto que passou mais tempo como prisioneiro de guerra, desde 23 de dezembro de 1944 até 19 de maio de 1945, quando em San Valery encontrou com o Tenente Varoli. Eu dediquei um capítulo do livro *Senta a Pua*, com mais de 100 páginas, aos Prisioneiros de Guerra, iniciando com o depoimento do Roberto Brandini, seguindo-se os do Emílio Varoli, do Motta Paes, do Assis e do Correia Netto, com o objetivo de contar a história de cada um como prisioneiro de guerra, os seus relatos sobre os campos de concentração nazistas, para que o leitor pudesse comparar o que tem visto no cinema sobre o assunto com seus depoimentos tão coincidentes, que representam verdadeiro casamento, onde há perfeita conjugação entre tudo que falaram.

Incluí a entrevista do Ten Varoli, do nosso Exército, não só como justa homenagem à Força Expedicionária Brasileira, mas também por ser mais uma experiência de luta e sofrimento, vivida no campo de concentração por um jovem oficial, ao lado de pilotos da FAB que passaram pelo mesmo transe. Revelo, ainda, para conhecimento dos nossos compatriotas, o tratamento grosseiro e inadmissível que esse tenente recebeu, juntamente com o Motta Paes, do embaixador Frederico Castelo Branco Clark, quando chegaram a Paris, depois de sofrerem tantas privações nas prisões alemães. É inconcebível que um diplomata, a serviço do País no exterior, tenha tratado tão friamente os nossos valentes companheiros, o mesmo acontecendo com o Correia Netto e o Assis, aos quais chegou ao desplante de reclamar da vida que levava em Paris, pasmem, reclamar para homens que vinham de campos de concentração. O Assis, por exemplo, sofrendo de avitaminose, com as gengivas de fora, as raízes dos dentes aparecendo, era escorbuto puro. E o embaixador, completamente insensível, atreveu-se em perguntar a esses dois pilotos se poderiam conseguir giletes americanas, porque sua barba era difícil, exigindo artigo de qualidade, em falta durante a guerra. É insuportável, uma vergonha para o Itamarati, de Rio Branco, que a nossa maior autoridade na França fosse um homem como aquele!

Quanto à grande dificuldade no recompletamento dos nossos pilotos, apesar do esforço do Nero Moura para solucionar o problema, se fez necessária uma análise sobre a situação da FAB na época. Foi criada em 20 de janeiro de 1941, e no fim do ano – 7 de dezembro de 1941 – houve o ataque japonês a Pearl Harbor. Os EUA entraram realmente na Segunda Guerra Mundial. Em janeiro de 1942, houve em

Petrópolis a reunião dos chanceleres americanos, dando prosseguimento às reuniões anteriores de Havana e do Peru. No dia de 17 desse mês, o Embaixador Osvaldo Aranha aprovou no plenário a declaração do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão. Em conseqüência, alemães e italianos desenvolveram aquela enorme campanha submarina contra nossos navios mercantes, onde perdemos 1.077 brasileiros sepultados no fundo dos mares e 31 navios afundados pelos submarinos alemães e italianos. Nossa declaração de guerra foi assinada em 31 de agosto de 1942. Tudo aconteceu rápido.

O 1º Grupo de Aviação de Caça foi criado em 18 de dezembro de 1943. No dia 06 de junho de 1944, houve o desembarque da Normandia. No mesmo mês – 20 de junho de 1944 – terminamos nosso treinamento no Panamá. Chego a pensar que é até justo a FAB pensar que a Segunda Guerra Mundial estava no fim, negligenciando as providências para o recompletamento do 1º Grupo de Caça. Acontece que, depois do dia 6 de junho de 1944 até o dia da Vitória, em 8 de maio de 1945, passaram-se cerca de 12 meses. Entramos em combate em fins de outubro de 1944. A FAB sabia, antes de terminarmos o treinamento, que a média mensal de perda era de três pilotos, assim chegamos ao final da guerra – último dia do mês de abril de 1945 – com apenas 22 pilotos. Recebemos na Itália somente seis pilotos. Os 12 pilotos que terminaram o curso de Caça nos EUA iam embarcar para Pisa no dia em que foi assinado o armistício na Itália, 2 maio de 1945. Não embarcaram.

O cruel disso tudo é que nós perdemos três pilotos por estafa aérea – o Fortunato, o Lafayette e o Pamplona – e dois por problemas de saúde – o Ismar, que ficou com sombra nos pulmões, e o Hélio Carlos Cox, Tenente Aviador da reserva, por problema de coluna, adquirido no Panamá e que se agravou na Itália.

Quando esses homens estavam para voltar ao Brasil, na primeira quinzena de março, pelos fatos citados, fizemos um jantar de despedida, no qual apelamos para o Capitão Pamplona, que era, como vimos, o Operações do Grupo, no sentido de que ele, em vez de ir para o Brasil, fosse para os Estados Unidos localizar as duas turmas de seis tenentes – a do Milton e a do Dantas – que estavam prontas, tendo voado 160 horas de P-47 e um mundo de horas de vôo no Brasil; se esses 12 pilotos, que estavam perfeitamente preparados, fossem mandados, como era lógico, imediatamente para Itália, eu, por exemplo, não teria realizado 94 missões de guerra, o Dornelles não teria morrido na 89ª missão, o Santos também não perderia a vida com cinqüenta e tantas. Então, meus amigos, a FAB errou nisso, errou por falta de experiência, não errou por maldade.

Maldade, digo isso e não me arrependo, ocorreu nos Estados Unidos por omissão proposital do nosso Adido. O Pamplona foi para a América, atendendo nossa

solicitação, localizar aquelas duas turmas já prontas de que falamos. Buscou, de imediato, o contato com o Adido da nossa Força Aérea, o qual o levou para onde se encontrava uma equipe de pilotos brasileiros recém-chegada, ainda por ser instruída, alegando desconhecer a existência de outras turmas, com o visível intuito de boicotar o Nero Moura. É impressionante que o nosso Adido estivesse desinformado sobre um fato que todos nós, na Itália, estávamos cansados de saber. Que Deus o guarde, mas ele agiu dessa maneira, prejudicando não só o Nero, como a todos que se encontravam sob o seu comando.

Do efetivo da FAB que lutou na Europa, havia aqueles que chamávamos de homens-chave do Nero Moura. Recrutou, entre os voluntários, 32 homens, 16 oficiais e 16 sargentos, que, com ele, embarcaram, em 3 de janeiro de 1944, para a Escola de Tática Aérea em Orlando, Flórida, enquanto a maioria do pessoal seguia, por via aérea, para o Panamá, onde aguardaria o comandante e seus homens-chave.

Ele escolheu os 16 oficiais: o Operações, que ia ser o segundo dele, o homem que ia mandar no vôo, no caso o Pamplona, com origem na Marinha. Era Ajudante-de-ordens do Presidente Vargas e um oficial muito competente; excelente piloto e uma excepcional cabeça, com um curso muito bem-feito na Escola Naval. Escolheu, em seguida, os quatro Comandantes de Esquadrilha: o Lafayette, o Joel, o Fortunato e o Lagares. O Lafayette tinha sido escolhido inicialmente para Oficial de Informações, mas substituiu o Gibson – Marcílio Gibson Jaques, que, lá, foi eliminado pelos americanos na seleção de pilotos de caça. É aquilo que falei a respeito do piloto de caça: dar ou não dar para o negócio. O americano tirou, simplesmente, do vôo. O Gibson era o homem de maior confiança do Nero e o Nero estava certo, como ficou mais tarde demonstrado, pois, quando pediu passagem para a reserva, com a queda do Getúlio, o Gibson, em solidariedade, pediu também. O Gibson era um homem muito sério, orgulhoso e uma liderança indiscutível. A tropa o adorava. Em face do problema citado, ele pediu: "Nero eu quero ficar comandando o escalão terrestre." O Nero concordou, fazendo a troca entre ele e o Lafayette, que tendo passado nos testes de líder de esquadrilha, foi para essa função, completando-se os quatro comandantes, que escolheram os seus pilotos entre os voluntários. Os homens do apoio – Médico, Intendente, Manutenção, Suprimento, Armamento, Comunicações etc – seguiram praticamente o mesmo critério estabelecido para os Comandantes de Esquadrilha.

Com a chegada de Nero Moura e os homens-chave, vindos de Orlando, todos foram para a Base Aérea de Aguadulce, onde se encontrava o grosso do efetivo do Grupo. A base estava equipada com aviões P-40 e, ali, foi iniciado o treinamento da Unidade como um todo: pessoal do escalão terrestre e pilotos.

Terminado o Curso de Caça, deixamos Aguadulce com destino a Suffolk, Estado de Nova York, onde fomos apresentados ao P-47 – Thunderbolt, o então moderníssimo avião de caça da USAF (Força Aérea dos Estados Unidos), que marcou época no Teatro de Operações do Pacífico e no da Europa durante a Segunda Grande Guerra. Nesse aparelho, repetimos o mesmo treinamento realizado nos P-40, no Panamá.

Após realizados todos os treinamentos em Suffolk, em 10 de setembro de 1944, partimos para Virgínia, onde chegamos um dia depois, aguardando, ali, o dia do embarque para Itália, que se deu no dia 19 de setembro, no navio, como vimos, *UST Colombie*.

Desembarcamos em Livorno em 6 de outubro de 1944 e partimos, imediatamente, de trem, para a Base Aérea de Tarquínia, onde chegamos no dia seguinte.

Após os primeiros dias empregados naquela base, na instalação da Unidade em acampamento armado em barracas de lona, passamos ao controle operacional do *350th Fighter Group*, operando com a denominação de *1st Brazilian Fighter Squadron*, pois em nossa organização o efetivo do 1º Grupo de Aviação de Caça correspondia, como vimos, ao efetivo de um Esquadrão de Caça, na organização da Força Aérea americana.

Iniciamos, em 31 de outubro de 1944, as operações. Logo a seguir, em 21 de novembro, nos deslocamos para uma nova Base Aérea, na cidade de Pisa, onde ficamos até o final da guerra.

No regresso ao Brasil, o Grupo deixou Pisa em junho de 1945, embarcando no navio *General Meighs*, chegando ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1945.

Comandados pelo Cel Nero Moura, uma formação de 19 Thunderbolts deslocou-se pelo ar do Texas até o Rio de Janeiro, pousando no Campo dos Afonsos, em 16 de julho de 1945.

Este é um resumo da nossa atuação no Teatro de Operações do Mediterrâneo, onde cumprimos a missão, com o sacrifício de vidas, cooperando, com a nossa parcela, para derrotar os nazi-fascistas, terrível ameaça com que o mundo se defrontava.

Vamos prestar uma homenagem a nossa gente, citando os pilotos que morreram, tanto em combate na Itália, como os que nos deixaram já nos treinamentos para a guerra no Panamá. Comecemos, então, pelo Dante Isidoro Gastaldoni, que nunca perdeu uma decolagem. Calmo e técnico, participou da Segunda Guerra Mundial, defendendo o espaço aéreo da Zona de Defesa do Canal do Panamá, sendo o mesmo que tivesse ido à Itália. O seu avião desceu em vôo picado (mergulho), sem que ninguém visse a recuperação, em 18 de maio de 1944. Silêncio, dúvida em todos nós. Ninguém sabe até hoje o que aconteceu. Falha do piloto? Nunca. Falha do

material? Poderia ser. Estafa? Quem sabe! Dia de luto, dia de dor. Perdemos um amigo e o Grupo de Caça um dos seus melhores pilotos. Foi o primeiro a pagar com a vida o preço de ter sido voluntário para lutar pela liberdade.

Em seguida, veio o Cordeiro – John Cordeiro e Silva. Na primeira missão de guerra ele morreu, abatido pela Artilharia Antiaérea em 6 de novembro de 1944; depois o Oldegard morre num acidente em treinamento na Itália, no dia 7 de novembro. Oldegard Olsen Sapucaia, irmão do Orlando Sapucaia, que era Oficial do Exército, de Cavalaria; há uma cidade em Mato Grosso do Sul com o nome de Sapucaia, em sua homenagem. Em seguida, vieram, no mesmo dia 16 de novembro de1944, o Waldir Paulino Pequeno de Melo e o Roland Rittmeister, os dois juntos no mesmo acidente de aviação.

Aquela aritmética cruel no primeiro mês assustou-nos e a média de três por mês manteve-se durante todo o período. Naquele mês inicial, a impressão era de que todo mundo iria morrer, porque aquelas quatro mortes, antes mesmo de começar a guerra, deixaram esse mal presságio.

Mais tarde, perdemos o Medeiros e o Aurélio, ambos no mês de janeiro de 1945, nos dias 2 e 22, respectivamente, abatidos pela Artilharia Antiaérea (AAAe) inimiga. Quando se aproximava o final da guerra, no dia 13 de abril, morreu o Santos, atingido por estilhaços de um depósito de munições que ele mesmo atacara e destruíra. Finalmente, o Luiz Lopes Dornelles, abatido pela AAAe do inimigo no dia 26 de abril, seis dias antes do término da guerra, no Teatro de Operações (TO) italiano, que se deu no dia 2 de maio de 1945.

Assim, tivemos que enfrentar a morte de um companheiro no Panamá e oito na Itália, além da incerteza do destino daqueles que, após o salto de pára-quedas, em situação extrema, caíram prisioneiros ou sobreviveram, como fugitivos, das linhas inimigas. Nossa homenagem aos que morreram em defesa da liberdade e aos que, pelo mesmo ideal, enfrentaram os campos de concentração ou a fuga interminável, com o inimigo em seus calcanhares, ora portando a cruz suástica, ora vestindo as camisas negras das brigadas neras.

Amigos, a nossa gente cumpriu com desassombro o seu dever, sem ter tradição de guerra, porque a última experiência estava lá na longínqua guerra do Paraguai. Aí, de repente vem a Força Expedicionária Brasileira, vem esse pessoal da FAB, que eu considero elementos da FEB, pois nós da FAB somos também e orgulhosamente expedicionários, embora não conste do decreto que criou a Força Expedicionária Brasileira, mas me sinto como tal. Então, nos mandaram para lá e, em pouco tempo, estávamos realizando e muito bem tudo que os guerreiros, por tradição, eram capazes de realizar. O que fizeram os ingleses a vida toda? Nasceram numa ilha e viveram

ora se defendendo, ora pirateando os outros. Poxa vida, então eu admiro o brasileiro, eu acredito no Brasil, de uma maneira tal que vocês nem podem imaginar.

Agora devo atender a questão que trata da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), aquela que integrou, de forma tão efetiva, os observadores aéreos da FEB aos nossos pilotos.

Precisava escrever um capítulo no meu livro sobre a 1ª ELO, procurei, então, o Elber de Mello Henriques, que foi Observador Aéreo, inclusive o primeiro a voar, e havia escrito um livro sobre a FEB e a nossa ELO, intitulado *A FEB Doze Anos Depois* e, com ele, reuni os principais subsídios. Procurei, ainda, o Oswaldo Méscolin, Observador Aéreo do Grupo Bandeirante, com quem conversei bastante; ouvi os jornalistas Joel Silveira e Rubens Braga, mas foi Elber quem mais participou. Eu, quando escrevi sobre a atuação da Esquadrilha na Itália, pus esse título: *1ª ELO, essa desconhecida*. Pouca gente sabe que a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, a nossa FEB, teve sob seu controle operacional uma pequena Unidade da Força Aérea Brasileira, com o efetivo de 11 oficiais aviadores e com 10 aeronaves L-4H na versão militar.

Com satisfação destaquei, valendo-me, principalmente, do Elber e do Méscolin, o elevado espírito de corpo dessa Esquadrilha, cujos principais objetivos eram: fazer a observação, o reconhecimento aéreo e a regulação do tiro, em proveito da Artilharia Divisionária (AD) brasileira. Veja que não existia nada escrito sobre a ELO, a não ser no Boletim da AD, que dava notícias da Esquadrilha.

No entanto, o Aspirante Aviador Lopes Cançado, que está vivo, morando em Alegrete, fez um livro com o Maj Av João Afonso Fabrício Belloc, que era o Comandante, e, nele, registrou todos os vôos da Esquadrilha, todas as missões que lhe foram atribuídas. Como eu ia escrever sobre a ELO, perguntei-lhe sobre o livro, que era manuscrito. E ele me disse: “Olha, aquele livro você me fez entregar para o Comando Aerotático Naval (CATINAV) e para o Comando Aerotático Terrestre (CATITER), entreguei-o e eles perderam”. “Mas, não é possível! Perderam mesmo?” Acabei conseguindo localizar esse livro em Pirassununga, Graças a Deus. Pedi, então, ao Diretor do Museu Espacial da Aeronáutica Maj J. M. Monteiro para “xerocar” o livro e hoje tenho uma cópia.

Essa 1ª ELO merece todo respeito nosso, da FAB e da Artilharia Brasileira, cujo Comandante, Gen Cordeiro de Faria, muito ajudou. A regulação do tiro de Artilharia, por meio da observação aérea, foi um sucesso, elogiado pelo V Exército americano, ao qual nos integramos. Entretanto, a falta de experiência após o término da guerra, levou o General Cordeiro de Faria, que tanto incentivou a ELO, a extingui-la, determinando aos oficiais aviadores e praças da Aeronáutica que se

apresentassem ao 1º Grupo de Aviação de Caça da FAB, com sede na cidade de Pisa... O estranho em tudo isso é que essa pequena Unidade foi criada por um Aviso do Ministro da Aeronáutica, Joaquim Pedro Salgado Filho, em 20 de julho de 1944, e extinta por um Boletim da Artilharia Divisionária do Exército, o que não tem cabimento. Foi um lapso, uma decisão infeliz tomada não por maldade, mas que mexeu muito com o brio de seus integrantes.

Quando eles chegaram no Grupo de Caça com seus teco-tecos, falando em guerra, enfrentaram uma gozação tremenda; um bando de sujeitos com noventa missões, sobrando máscara para todo lado, levou os meninos a enfrentarem uma guerra de nervos que não mereciam, porque eles fizeram o que lhes cabia, com muito profissionalismo, participando concomitantemente de duas guerras. Por que duas guerras? Porque o Oficial da FAB e o de Artilharia que o acompanhava conviviam com o perigo da guerra contra o alemão, além de um outro perigo – a formação de gelo, em conseqüência do inverno rigoroso, no difusor do carburador, o que, na maioria dos casos, provocava a parada do motor do pequeno Piper, muitas vezes sobre as linhas inimigas, pane que nenhum mecânico conseguia sanar. A única solução era deixar o avião perder altura, para que, nas altitudes entre trezentos e seiscentos metros, a temperatura mais elevada dissolvesse o gelo, levando o motor a funcionar novamente. Esta era a outra guerra – a guerra de nervos, considerando que sobre aqueles picos não existia um só lugar que permitisse uma aterragem forçada, com o mínimo de segurança.

Assim, o povo da 1ª ELO viveu duas guerras, como disse: a proveniente da perigosa missão que executavam e a de nervos com aqueles sustos repentinos, provocados pela ação do gelo no motor. Com todas as vicissitudes, não pararam de voar. FAB e Exército deram um exemplo singular de coordenação operacional. Enquanto os minúsculos aviões estavam no céu, os alemães não saíam da toca, temendo a sua identificação pelos observadores, o que significava a chegada, quase que imediata, dos tiros de artilharia em suas posições. Em contrapartida, a presença dos L-4H nos céus trazia uma sensação de alívio para a tropa amiga, que ganhava liberdade para progredir, para manobrar, porque o inimigo se escondia em seus abrigos, temendo os fogos concentrados sobre suas cabeças.

A 1ª ELO mereceu do Comandante da FEB, dos comandantes ingleses e americanos e do próprio General Cordeiro de Faria elogios constantes pela sua atuação na frente da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

A experiência que reuniram no desempenho de suas missões era enorme. Iriam, de certo, transmiti-la aos que não tiveram o privilégio de defender o Brasil no Teatro de Operações europeu, na maior guerra presenciada pela humanidade. Mas não ensinaram nada, a Esquadrilha teve fim antes.

Da gritaria do povo e da festa do papel picado na Avenida Rio Branco, o pessoal da 1ª ELO participou, participou daquela apoteótica comemoração, no entanto, com a frustração de ter visto a sua Esquadrilha extinta, ainda na Itália. Acabaram com ela e com eles também. Foi o que se pôde constatar, sem o menor exagero.

Mas como poderia o Exército extinguir, por um simples Boletim interno, uma Unidade da Aeronáutica? O jeitinho foi dado. Em 11 de outubro de 1945, o próprio Ministro Salgado Filho, que a criara, tornou a extinguir o que já estava extinto.

A 1ª ELO tinha, também, como nós do Grupo de Caça, seu grito de guerra: “Olho Nele!” que correspondia ao nosso “Senta a Pua!” E nada melhor que essa mensagem para uma Unidade que desempenhava a missão de observação e regulação do tiro de Artilharia durante a guerra.

O emblema, criação também do Fortunato, era representado por um oficial cavalgando um canhão, munido de um binóculo. O canhão tinha asas. Voava através de cúmulos brancos, tendo como fundo o azul do céu.

O companheiro João de Barros Torres, Major Especialista da FAB, o maior arquivo vivo do 1º Grupo de Caça, assim traduziu o simbolismo do emblema da Esquadrilha: o oficial era o piloto; o binóculo, o observador em sua constante vigilância; o canhão, a “Poderosa Artilharia” da FEB; as asas, a FAB; as nuvens brancas, a paz que se almejava; o azul, a imensidão do céu. O emblema da Esquadrilha ficou muito interessante, enfatizando a integração do piloto da FAB com o observador aéreo da Artilharia da FEB.

Depois de falarmos um pouco da nossa 1ª ELO, vamos voltar ao 1º Grupo de Caça, para atender a uma pergunta que foi feita a respeito de uma história de uma missão de guerra que terminou em vodca.

Como fui um dos atores da mesma, vou contá-la enriquecendo-a com algumas passagens, ressaltando o lado humano das pessoas envolvidas e a parte técnica de uma missão de guerra, realizada por pilotos de caça.

No dia 11 de março de 1945, decolaram duas esquadrilhas do 1º Grupo de Caça sob o comando do Cap Lagares, com a finalidade de bombardear a muito conhecida ponte ferroviária de Casarsa, localizada ao Norte de Veneza. Completava eu a 59ª missão de guerra. A ponte era conhecida por motivos óbvios. Ali, alguns companheiros trouxeram a marca da acurada artilharia alemã. Um deles, o Ten Armando de Souza Coelho, teve seu avião atingido, saltando de pára-quedas em território amigo. O Ten Othon Correia Netto, que não teve a sorte do Armando, saltou sobre a área de Casarsa, sendo feito prisioneiro. Eu mesmo já havia recebido meu quinhão, quando o meu P-47 foi atingido na asa, por estilhaços de 88. A verdade é que esse não era o lugar mais aprazível para ser “visitado”. Quando nos designavam para ir até lá, não

havia entusiasmo de nossa parte. Casarsa soava, para nós pilotos, como Bolonha, Ferrara, Piacenza e mais de uma dezena de bem defendidos alvos do Vale do Pó. Lançar bombas em alvos como esses, se bem que fôssemos voluntários – o 1º Grupo era constituído somente por voluntários –, causava-nos um profundo respeito.

Decolaram as Esquadrilhas Verde e Marrom. Na primeira, comandada pelo Cap Lagares, voavam o Ten Tormin, como nº 2, eu como líder de elemento e o Ten Coelho como nº 4; a Marrom, também sob o comando do Lagares, formada pelo Cap Pessoa Ramos, o Ten Meira como nº 2, o Ten Perdigão como líder de elemento e o Ten Paulo Costa como nº 4. Todos veteranos. O menos experiente era o Tormin, mas que se tornou veterano nas suas primeiras missões, conquistando esse título por bravura, precisão nos ataques, descontração no vôo sob o fogo antiaéreo e mais um punhado de qualidades que o tornaram um dos mais hábeis pilotos de caça da nossa Unidade.

A rota escolhida até o alvo saiu da rotina, pois, ao invés de voarmos diretamente para o objetivo, o Lagares, para evitar o *Flak*[2] de Bolonha, voou sobre nossas linhas até Florença, rumando daí para Casarsa. Nessa ocasião, parte da "Estrada 9" tinha caído nas mãos do VIII Exército inglês. Ao cruzá-la, deixamos à nossa esquerda a cidade de Forli, recentemente conquistada pelos ingleses, estando ocupada por um Esquadrão de aviões de ataque A-20, formado de poloneses da RAF. Para esta história, esse detalhe é importante.

Chegamos a Casarsa na hora estabelecida e iniciamos o ataque. Era uma ponte ferroviária sobre o Rio Madunna, que só poderia ser considerado como tal na época das águas. Parecia um desses nossos rios do Nordeste que, na seca, vira estrada.

Mergulharam o Lagares e o garoto Tormin, vindo eu em seguida. No momento em que iniciava o mergulho, descobri uma bateria de 88 alemã, localizada a uns duzentos metros da ponte. Avisei pelo rádio: "*Jambock* Verde, de *Jambock* Verde nº 3, localizei uma bateria, vou atacá-la, antes de lançar minhas bombas." – "Boa sorte", replicou o Lagares.

Como era de esperar, fui recebido "festivamente", não somente pela bateria que estava atacando, mas por outras armas de menor calibre, inclusive canhões antiaéreos de 40 e 20 milímetros. Deixei tudo em volta e me fixei na bateria. Mais ou menos a uns três mil pés, fui atingido no motor, perdendo dois cilindros. O motor começou a pegar fogo. Novo aviso ao Lagares. "*Jambock* Verde, fui atingido, o avião está pegando fogo, vou continuar o ataque sobre a bateria, saltando de pára-quedas em seguida." Sem aguardar a resposta, desci mais sobre o alvo, que somente parou de atirar quando o seu último artilheiro foi eliminado. Honra à memória daqueles

[2] FLAK – Artilharia Antiaérea alemã – *Flugzeng Abwehr Kanonen* (Canhão de Defesa contra Aviões)

bravos alemães. Tudo isso correu no relógio em segundos. Transmiti nova mensagem: "*Jambock* Verde, estou com fogo a bordo, vou agora lançar minhas bombas sobre a ponte e depois saltarei."

Por sorte, no momento em que sobrevoávamos o alvo, estava parado sobre a ponte um trem alemão. As bombas dos sete aviões que me antecederam pegaram a área do alvo, mas não atingiram a ponte. Como fui fazer "aquelas entregas em domicílio", acertei em cheio. O trem era de munição. Uma festa pirotécnica. A explosão das duas bombas de quinhentas libras do meu D-4, o "Poderoso" (número e o nome do meu Thunderbolt), misturou-se às explosões da munição do trem. Como ataquei a baixa altura, fui atingido pelos estilhaços. Trouxe mais 28 marcas no avião, sendo que em duas delas poderia passar uma bola de futebol de salão.

Cumprida a missão, com a ponte destruída, transmiti nova mensagem: "*Jambock* Verde, é o *Jambock* Verde 3, vou saltar, a visibilidade é zero, pois, além do fogo, há óleo sobre o pára-brisa, cobrindo também o *canopy* e fumaça na nacele." Com o excesso de velocidade, levantei o nariz do avião, atingindo a altura de oito mil pés. Agora, era só saltar e esperar o bicho que ia dar.

Nesse instante ouvi a voz clara do Lagares: "Não vás saltar coisa nenhuma, o fogo antiaéreo te pegará durante a queda, toma o rumo 150° que te avisarei quando deves saltar." "E o fogo? Achas que devo virar churrasco ou explodir feito o trem lá embaixo?" "É uma ordem, não saltes agora, há *Flak* demais em torno do teu avião, estão te caçando, é burrice saltar agora." Outras vozes chegaram aos meus ouvidos. O estribilho era o mesmo: "Não saltes Arataca." A solidariedade dos companheiros e a voz experiente do Lagares clarearam minha cabeça. "Está bem, *Jambock* Verde, leva-me para outro local, que o *canopy* está começando a fundir, e eu estou vendo a hora de dar o último grito."

Voei na reta, sempre subindo, seguindo as instruções do Lagares. Não se via nada para o exterior. A labareda que vinha do motor lambia o lado esquerdo do *canopy*. O óleo, a fumaça, tudo impedia que eu visse o azul lá de fora. O vôo era por instrumentos, coisa que, na época, não era meu forte.

– Agora salta, estás sobre o Adriático. Já pedi socorro. Dentro de duas horas terás um Catalina que te apanhará. Usa bem a cabeça e teu barco de emergência.

Acontece que, naquele instante, meu ímpeto de saltar já estava bastante arrefecido. Afinal de contas não era pára-quedista. Iria tentar um meio de apagar o fogo. Avisei, caprichando no timbre de voz, dando a impressão de que estava calmo, de que não iria saltar enquanto não tentasse uma manobra para apagar o fogo. Minha decisão caiu como uma bomba sobre o pessoal. Entre as palavras que me chegavam aos ouvidos, quase todos me chamavam de burro, xingavam minha mãe,

diziam que eu ia virar churrasco, que eu estava era com medo de saltar etc. Ouvi o diabo, mas não dei bola. Aproveitei um intervalo e entrei no ar declarando: "Estou a 12 mil pés, vou cortar a gasolina, mistura, bateria, gerador e magnetos. O fogo deve apagar. Darei partida no motor outra vez. Se o fogo voltar, saltarei. Caso contrário, voarei até onde der." Pararam de falar, naturalmente para observar-me. Executei a manobra planejada. A labareda extinguiu-se. Ao dar nova partida, ela não voltou. Aumentou a fumaça, talvez por ter aumentado o vazamento do óleo. Com o fogo apagado, o Lagares deu-me o rumo direto de Forli, a tal base de poloneses da RAF. Atendendo ao comando do Lagares, fui guiado até lá. Quando estava a mais ou menos um minuto da cabeceira da pista, em altura conveniente, o Lagares disse-me que eu estava alinhado com a pista, devendo cortar o motor à sua ordem.

Aí entrou S. Tomé. Quis conferir. Pus o óculos de vôo, abri o *canopy* e estiquei o pescoço para fora. Um jato quente de óleo cobriu-me os óculos. Num gesto "lusitano", tirei os óculos e insisti. Desta vez paguei caro. A vista esquerda foi atingida com óleo quente. Já estava quase no chão. A ordem para cortar o motor veio rápida. Fazê-lo e deslizar de barriga sobre a pista foi questão de um piscar de olho. Fiz uma aterrissagem sem rodas, pois tanto eu quanto o Lagares não queríamos correr o risco de "varar" a pista com uma possível explosão. O avião correu o suficiente para parar a uns dez metros de seu final. Depois daquele barulho infernal da lataria deslizando sobre uma pista de emergência feita de grades de ferro, e passado o susto momentâneo, chamei o Lagares, quase que implorando para que ele não me deixasse naquela base desconhecida, onde teria que me entender com poloneses falando inglês.

Meus apelos foram em vão. As esquadrilhas retornaram a Pisa. Fiquei entregue à minha própria sorte e sabedoria. Deixei o avião às carreiras. Ainda havia o perigo de uma explosão. Afastei-me o quanto pude. Sentei-me sobre o pára-quedas a uns 100 metros, tremendo, mas tremendo mesmo, a vista esquerda no escuro, aguardando o socorro que vinha de um carro contra-incêndio, uma ambulância e um jipão. Quem me descobriu primeiro foi o jipão. Sobre o capô estava sentado um oficial da RAF. Louro, 1,88m, uniforme bem posto, com algumas condecorações que, de longe, me perguntou: "Brasileiro?" Como não imaginava que àquela altura dos acontecimentos fosse encontrar um inglês da RAF falando português, dei uma de inteligente e respondi:"*Yes.*" "*Yes,* coisa alguma. Como vão as mulheres de Copacabana? Que é que houve contigo?"

Caí das nuvens de alegria. Respondi-lhe com outra pergunta: "E tu, que é que estás fazendo com esse uniforme da RAF?" "Sou filho de inglês, nasci em Curitiba e aqui estou nessa guerra maluca." "Mas por que estás aqui com os poloneses?"

Aí veio a explicação. Na véspera, dois aviões Focker Woolf-190 fizeram um ataque de surpresa, matando alguns tripulantes de A-20 que assistiam a um cinema ao ar livre. Por solicitação do comando polonês, a RAF mandou uma esquadrilha de Spitfire para fazer a defesa aérea de Forli. Comandando essa esquadrilha, veio o Frederick C. Tate, de Curitiba, Paraná, filho de inglês e tão louco quanto a guerra louca que já estava chegando ao fim. O médico polonês que me atendeu foi gentilíssimo e eficiente. Ali mesmo fez a faxina no olho esquerdo. Com um chumaço de algodão embebido num líquido amarelo, limpou-me a vista. Doeu pra burro. Antes que eu visse qualquer coisa, pôs-me um tampão no olho esquerdo, ficando eu com aquela cara do Moshe Dayan. Meu pensamento voava nesse instante para o Brasil. Pronto, acabou minha guerra e vou ter que voltar caolho. Que falta de sorte, de tantas me livrei nessa missão e agora fico cego pela metade. Fui interrompido pela voz amiga do Fredy, que me declarou estar tudo bem, inclusive com a minha vista esquerda. Talvez passasse a um grau menor de visão, mas estava salva. Respirei, mas sem tranqüilidade. Somente no primeiro curativo, no dia seguinte, no Hospital Central de Livorno, é que tive a certeza de que não estava cego. Ainda foi o Frederick que me falou outra vez: ”Agora é que vai começar tua guerra com esses poloneses. Toda a vez que alguém se safa de uma destas como tu te safaste, é obrigado a tomar um pileque. E a bebida deles é vodca.”

Entramos no jipão, passamos pelo centro médico de emergência para uma limpeza corporal rápida (ficara todo sujo de óleo ao deixar o avião), e levaram-me para a cidade de Forli, onde estava localizado o Cassino de Oficiais do Esquadrão dos poloneses.

Lembro-me que encheram de vodca um copo próprio para uísque, que foi tomado de um só fôlego, ao som de uma bela canção guerreira polonesa. Nessa hora meu estado moral era o pior possível: dor de cabeça, a tremedeira que ainda não havia passado, um tampão no olho esquerdo, com todas as características de que estava cego, aqueles alegres companheiros de língua diferente, um copo de vodca já bebido, que caiu garganta abaixo sem uma interrupção, não há dúvida de que minha tábua de salvação ainda era mesmo o grande gozador Frederick Tate, o brasileiro rafeano que Deus mandou para salvar-me.

Bebido o primeiro copo, encheram outro. Nova canção e pimba! Tive que tomá-lo. Não adiantaram meus rogos ao Fredy. O bandido estava ali para ver o circo pegar fogo. Não teve um gesto de pena. Lembro-me só o que me disse ao iniciar o segundo copo: “Agora, meu velho, estás...”

Apaguei. Acordei no outro dia no Hospital Central de Livorno. Sofri uma coma alcoólica. Não morri por pura sorte. Quem me apanhou em Forli foi o velho

Gibi – o Maj Marcilio Gibson Jacques – piloto do *Desert L'il*, o B-25 que tantas vezes nos levou a Roma.

Ainda no Hospital de Livorno, conversando com meu amigo Dr. Luthero, filho do Presidente Getúlio Vargas, que ali prestava serviço como Oficial Médico do 1º Grupo de Caça, atendendo aos feridos brasileiros e americanos que vinham da frente de combate, comentei: se eu tivesse morrido dessa coma alcoólica e perguntassem por mim no Brasil, vocês seriam obrigados a responder. "Bem, esse morreu de um porre de vodca." "Sem dúvida, morreu de porre", disse-me ele com aquele sotaque gaúcho.

Por causa dessa missão, o Governo americano conferiu-me uma medalha de guerra, a DFC – *Distinguished Flying Cross* – que corresponde à Cruz de Bravura no Brasil.

Tive alta ao meio-dia. Ainda com gosto de ressaca, voltei a Pisa para voar minha 60ª missão de guerra.

Como complemento desse fato, vou citar uma agradável coincidência, ocorrida 27 anos depois.

Em 1972, fui procurado pelo veterano da RAF, Sr. A. F. Colson, diretor da Texaco, que me queria proporcionar um encontro com um amigo comum. Compareci ao mesmo completamente no escuro. Não imaginava que fosse encontrar o bom e louco Frederick Tate. Almoçamos juntos e bebemos vodca pura como aperitivo. Grande encontro! Grandes recordações! É pena que esteja mais louco do que quando o conheci em Forli. É um "pração", 100%. Meus agradecimentos ao Colson por haver me proporcionado esse encontro. Fredy passou a *Jambock* honorário, freqüentando anualmente nossa festa de "6 de outubro" como um veterano do 1º Grupo de Caça. Infelizmente, morreu outro dia; ele é um dos entrevistados no filme *Senta a Pua*, quando conta essa história que acabo de relatar.

Logo após o cumprimento das primeiras missões de combate pelo nosso pessoal em Tarquínia, os americanos se mostraram empolgados com o desempenho do Esquadrão brasileiro, resolvendo fazer um filme de propaganda, demostrando, assim, claramente, que estavam animados com a gente. A propaganda incluía a filmagem do Grupo na manutenção, do Grupo praticando esporte, jogando bola, do Grupo na barbearia, no refeitório. Faltava a parte aérea. Nesse aspecto, eles pensaram numa esquadrilha fazendo um vôo de demonstração a ser filmado de um avião C-47. A Esquadrilha escolhida para dar esse "show" foi a do Lagares, a Esquadrilha Verde, que o pessoal elogiava ao vê-la voar. Aí, um dos seus integrantes disse, garganteando: "Mais uma vez nos escolheram, são coisas da *green*..."

O Lagares escalou o Perdigão como seu ala, eu como líder de elemento e o Coelho como número 4.

Os cinegrafistas iriam em um C-47, avião de transporte americano, de onde nos filmariam nas diversas passagens que acertamos fazer com os próprios cinegrafistas e o comandante do C-47.

Após a combinação dos detalhes, fomos à barraca para vestir o equipamento de vôo, apanhar pára-quedas, máscara de oxigênio, luvas etc. Entrei na barraca da Esquadrilha Verde e encontrei o Waldyr deitado tranqüilamente lendo um livro qualquer. Como era exímio fotógrafo, falei sobre nossa missão, convidando-o a aproveitar a oportunidade de bater boas fotografias de nossa Esquadrilha.

Não se emocionou com a notícia, ao contrário, declarou-me que naquele dia não estava com a veia de fotografar ninguém e, mais, que nem filme possuía no momento. Sabedor de que Waldyr gostava de fotografar, fui à mala do Meirinha e lhe dei um filme branco e preto.

– Rui, tu sabes que não me passo para branco e preto, sou do filme colorido e olhe lá. Remexi outra vez a mala do Meira e encontrei escondido um Kodak colorido.

– Aqui está um colorido, Waldyr, deixa de preguiça e vá tirar as fotografias. Para teu governo, o Rittmeister já está com os americanos para nos fotografar.

– A verdade, Rui, é que hoje não estou com disposição de fotografar ninguém.

– Está bem, Waldyr, digo-te apenas que estás perdendo uma boa oportunidade para demonstrares tua técnica.

Deixei-o deitado na mesma posição. Despedi-me e ele desejou-me sorte. Demos partida nos aviões e fomos os quatro P-47 e o C-47 americano para a cabeceira da pista.

A Torre de Controle determinou que aguardássemos o pouso de um B-25 americano que estava na reta final para uma aterragem em emergência. O B-25 era um bombardeiro leve que foi usado em larga escala pela USAF durante a Segunda Guerra Mundial, inclusive para bombardear Tóquio.

O B-25 aproximou-se para uma aterragem aparentemente normal, vindo a quebrar na pista ao recolher a roda. Diante do acontecido, nova instrução veio da Torre, mandando que desligássemos os motores e esperássemos a retirada do avião acidentado.

Foi justamente a demora na retirada do B-25 da pista que deu tempo ao Waldyr para mudar de idéia e resolver nos fotografar. Enquanto retiravam o B-25, surgiu um *jeep* brasileiro, trazendo como passageiro meu velho amigo.

– Queres ser fotografado Arataca, pois aqui estou, mas exijo pose especial... e posei de aviador, tendo Waldyr gasto várias chapas comigo. Depois fotografou a Esquadrilha em outros ângulos e meteu-se no C-47, junto com Rittmeister e o cinegrafista americano.

Finalmente livraram a pista e a Torre nos deu permissão para decolar. Subiu o C-47 e nós o seguimos de perto. O plano era simples: o C-47 voaria a cinco mil pés de altura na direção norte-sul e a Esquadrilha faria passagens próximas ao C-47 no mesmo rumo.

No ponto combinado a operação foi iniciada. De longe avistamos o C-47 que, atendendo à chamada do *Jambock* Verde, respondeu estar a cinco mil pés no rumo magnético 180°.

Lagares fez a primeira aproximação, formatura de quatro aviões em V, em que uma das pernas, por ter somente um avião, é mais curta. Nossa velocidade correspondia ao dobro da do C-47. Quando chegamos a uns cem metros, prontos para a passagem inicial, notamos que essa aeronave fez uma pequena curva em direção ao rumo da Esquadrilha. O piloto deve ter querido olhar a esquadrilha e, sem sentir, desviou o avião da rota estabelecida. E como se o motorista quisesse manter a reta e ao mesmo tempo olhar para trás, sem usar o retrovisor. O pequeno movimento de cabeça desvia sempre o carro da reta. Foi o que deve ter acontecido com o comandante do C-47.

Como a velocidade de aproximação era grande e o Lagares tinha mais três aviões em sua ala, a tentativa que fez para desviar a Esquadrilha não impediu que a asa do P-47 do seu número 2 batesse na do C-47.

Foi o início da tragédia. A Esquadrilha espalhou-se no ar. Vi perfeitamente o Perdigão saltar de pára-quedas e o C-47 entrar em violento parafuso para o lado da asa não atingida.

O piloto tentou sair daquela situação usando a técnica adequada. O avião ainda obedeceu, parando de girar sobre seu eixo longitudinal, porém a recuperação brusca executada provocou uma perda de alta velocidade com a conseqüente entrada em novo parafuso, desta feita para o lado em que o avião tinha apenas um pedaço de asa.

Assisti a toda a cena. O C-47 rodou até chocar-se violentamente contra o solo. Houve uma explosão, seguida de uma labareda que subiu a mais de mil pés no momento do choque... O fim de tudo .

Como líder de elemento ou número 3 na Esquadrilha, tive a oportunidade de ver tudo. O cinegrafista estava na porta do C-47, amarrado pela barriga com uma cinta de uns 15 centímetros e pelos ombros com cordas de náilon. A câmera de filmar estava fixada em seu peito. Por trás dele, vi o Rittmeister e o Waldyr pela última vez numa fração de segundos antes da batida. Estavam, como o cinegrafista, preocupados apenas em tirar retratos. Não tiveram tempo de perceber o perigo.

Após a tragédia pousamos isoladamente. Do choque, salvou-se o Perdigão. Confesso que fui para a barraca e entrei em “parafuso”. Senti-me culpado pela morte

do Waldyr. Por que insistira tanto para o garoto ir naquele avião fatídico? Chorei e blasfemei contra mim, contra a guerra e contra tudo. Assis e Meira me ajudaram a sair da crise de nervos. No dia seguinte o show continuou. A guerra não parou um instante. As perdas foram se sucedendo, cumprindo aquela aritmética cruel.

Desejo, ainda, nesse momento, dizer alguma coisa sobre o Rittmeister e o Waldyr. O chefe imediato do Rittmeister, Capitão Miranda Correa, conversando comigo, disse, com muita clareza: "A ficha de instrução, em Aguadulce e Suffolk (Nova York), daquele jovem Tenente era muito boa... Disciplinado, consciente de seus deveres, nunca lhe dei uma ordem pela segunda vez.... Bom camarada, leal e grande entusiasta da arte da fotografia." Vivia com sua câmera fotográfica a tiracolo, documentando tudo que via, principalmente as coisas relacionadas com o 1º Grupo de Caça. Por isso, naquele trágico acidente em que morreu também o nosso Waldyr, ele estava ao lado dos cinegrafistas americanos. Sinto-me um pouco culpado pela perda do Rittmeister, pois quando o escalei para participar oficialmente do vôo, não foi preciso insistir, ele saltou da cadeira onde estava interpretando um mapa da artilharia antiaérea alemã *Flak*, remexeu sua mala e lá se foi alegre com a câmara pendurada no pescoço. Infelizmente, foi a última vez em que o vi.

Quanto ao Waldyr, vale lembrar a frase que ele sempre dizia: "Sei que vou morrer, mas quero ir para Itália". Esta frase do Waldyr consta do livro *Missão de Guerra*, do Cel Aviador Luiz Felipe Perdigão. Foi dita e repetida muitas vezes na intimidade de seu quarto na Base Aérea de Natal.

Por que esse pessimismo? Ninguém soube seu segredo. Nada, aparentemente, justificava esse pensamento fixo, porque eu fui seu Instrutor e posso dizer que ele voava o P-47 com a mesma perícia que voava o P-40 nos tempos de Natal. Formatura, combate individual, tiro terrestre, bombardeio picado e demais manobras, o Waldyr foi "tirando de letra", com excelente aproveitamento. Mas aquele seu pressentimento acabou por prevalecer e ele não voltou.

Assim, deixamos a Itália, onde vivemos a perda de vários companheiros, como as do Waldyr e do Rittmeister, que acabamos de relatar, mas o recebimento do nosso Grupo de Caça pela Força Aérea, depois de tanto empenho da nossa parte, foi bem diferente do que imaginávamos.

Infelizmente, o que se observou foi muita inveja, muita má vontade, tudo completamente diferente do que se esperava. Lembramos, então, do Coronel Nero Moura, com seu largo descortino, quando reuniu oficiais, sargentos, cabos e soldados, antes de iniciarmos a viagem de volta à Pátria e nos deixou a seguinte mensagem: "Olhem, nós vamos chegar ao Brasil e não vamos encontrar somente flores, nós vamos encontrar um elemento que é pernicioso, porque é perigoso, porque é mau,

que se chama inveja. Então, vocês se preparem para agüentar, nada de reclamar. Nós vamos chegar, conscientes de que cumprimos a nossa missão, e não vamos brigar com nossos companheiros, que vão terminar compreendendo que estão errados."

Custaram, custaram muito a compreender o erro, hoje posso afirmar sem dúvida nenhuma. Só esses garotos novos é que nos homenageiam. Foi "pau puro", sempre nas costas da gente. A pressão e o desprezo foram tão grandes, em relação à nossa Unidade, que nós passamos dois anos com o nome de 9º Grupo de Aviação; conseguiram acabar com o 1º Grupo de Aviação de Caça.

Como é que nós reagimos? Vinha o papel timbrado e a gente escrevia 1º Grupo de Aviação de Caça e mandava para o Estado-Maior, mandava para todo lado. Houve prisões, reclamações, dois anos de aborrecimentos e de luta para restabelecer o nome histórico.

O Pamplona foi preso após seu discurso na Escola de Aeronáutica dos Afonsos, na inauguração de um pedestal de pedra bruta, homenagem do Brig Fontenelle, Comandante da Escola, ao Grupo de Caça, com uma mensagem, gravada em bronze, seguida dos nomes dos companheiros mortos fora do Brasil. Levou 20 dias... Prisão feia e desagradável. Mas foi para ele uma prisão honrosa, preso porque protestou contra o desapego à tradição e à memória da FAB.

Devo agora abordar o que mais me impressionou na campanha do 1º Grupo de Caça. Olhe, a coisa que mais me chamou a atenção foi o que manifestei nesse meu livro. Foi o procedimento, o comportamento dos meus colegas. Eles foram fantásticos, em termos de bom caráter, de amizade, de solidariedade, de vontade de defender o Brasil, chegando, às vezes, a ficar com raiva do alemão, raiva que acabou por ser controlada, até mesmo afastada para atuar contra o inimigo com total capacidade de raciocínio. Executar pacientemente todos os passos para infringir-lhe derrotas sucessivas até a sua rendição incondicional, com base na inteligência e na pertinácia, mas sem ódio. E a guerra terminou e se ouviu, no dia 2 de maio: "Atenção todas as tripulações, acabou a guerra.... não atirar em mais ninguém."

Ali eu vi também uma cena que muito me comoveu. Pessoas que pareciam insensíveis, choraram de debulhar, foram tomadas de grande emoção. Isso me impressionou profundamente.

Considero que uma das vitórias do 1º Grupo de Caça no pós-guerra foi sustentar o nome da Unidade, manter as tradições surgidas na guerra, e consoante a orientação de Nero Moura, lutar pela evolução da Aviação de Caça, na busca constante da sua modernidade.

Em nossas mentes, ficou marcado o dia 17 de dezembro de 1944, data em que Nero Moura voltara de uma missão em que tinha sido muito feliz no bombardeio que

realizara no Passo Brener, assim como, na volta, onde passou por uma estação ferroviária, no eixo da ferrovia Milão-Piacenza, atirou e levou tiro por lá, tudo com final feliz. À noite festejamos, passando o filme desse combate e pudemos constatar os bons resultados da missão. Durante o filme, o pessoal dizia: "Eh Comandante, acertou de sorte, hein", e naquele ambiente de brincadeira, Nero aproveitou a euforia e fez uma pergunta: "O que é que nós vamos fazer da experiência adquirida na guerra? Como procederão aqueles que voltarem com relação a tudo que aprenderam?" Ele perguntou e ao mesmo tempo deu a sua posição: "Na minha opinião nós devemos formar nossa Aviação de Caça em moldes modernos aproveitando nossa experiência de guerra. Não vamos, ao chegar no Brasil, sair do Grupo. Vamos chegar e ficar juntos para zelar e fazer crescer a nossa Aviação de Caça." As suas palavras foram muito bem-vindas e consideradas extremamente acertadas. Foi uma unanimidade "Coronel, vamos fazer isso, vamos continuar juntos."

Releva citar que Nero Moura tinha muita força junto a Getúlio; ele chegou a ser seu Ministro, quando o Getúlio foi eleito democraticamente na eleição de 1951. Por isso, a FAB conseguiu o que o Exército não conseguiu, porque nós ficamos juntos como imaginávamos, servindo na Aviação de Caça e trabalhando para que ela crescesse. Enquanto isso, o Exército foi tremendamente prejudicado, porque políticos e militares ligados ao Getúlio temiam que a FEB, que retornava com um enorme efetivo, depois de receber um banho de democracia, se voltasse contra o *status quo* vigente em nosso País. Por via de conseqüência, o pessoal convocado foi licenciado ainda no exterior, muitas Unidades extintas, outras esvaziadas, através da transferência da maioria de seu pessoal; o sujeito se apresentava, entrava de férias e quando retornava já não encontrava mais ninguém, dada a movimentação de parte significativa de seus companheiros. No Exército deu-se, infelizmente, um "barata voa".

Esta preocupação política não existiu com relação à Força Aérea, porque seus integrantes, que estiveram na guerra, eram em número muito reduzido e Nero era amigo do Presidente. Assim, na FAB ninguém foi mexido.

Quando veio o 29 de outubro, data da queda do Getúlio, tornou-se muito difícil sustar o nosso progresso; nós já estávamos bem à frente, engajados, a fundo, na instrução. Fundamos a Escola de Seleção para Pilotos de Caça, que passou a funcionar com aviões T-6. Adotamos a organização norte-americana, ou seja, o Grupo, com seus Esquadrões, ficou no lugar do Regimento, diferente da época que saímos para a guerra, quando o Grupo era Regimento, mas o seu efetivo equivalia ao do Esquadrão americano. Por este motivo, o nosso 1º Grupo de Caça transformou-se, na Itália, em Esquadrão, passando a ser enquadrado pelo Grupo de Caça americano composto de três Esquadrões, todos com estrutura semelhante ao nosso.

Imitando, como disse, a organização adotada pelos Estados Unidos, o 1º Grupo de Caça passou a contar em sua estrutura organizacional de paz, com dois Esquadrões de Caça. O 1º Esquadrão, o "Senta a Pua", ficou sendo o Operacional, encarregado de realizar aquelas missões junto ao Exército. Tínhamos, para tanto, um bom estoque de rádios VHF, retirados, na Itália, de aviões que haviam caído pela ação do inimigo. Durante os exercícios com o Exército, levávamos para o local, equipada com VHF, uma viatura que muito nos facilitava as comunicações durante as missões geralmente cumpridas em Gericinó. No outro Esquadrão, o 2º, diminuímos o efetivo dos aviões P-47 e usamos os pilotos na instrução dos novos que chegavam – Aspirantes Aviadores – da Escola de Aeronáutica. No segundo ano, eles – instrutores e alunos – passaram a voar no Operacional; eu, por exemplo, fiquei no Operacional no primeiro ano e, no segundo, fui comandar o 2º Esquadrão, voltado, como vimos, para a Instrução.

Com isso, formamos a 1ª Turma de Aspirantes, a de 1945. Hoje, temos 1.350 pilotos de caça feitos no pós-guerra, do que muito nos orgulhamos. Eles representam a vitória da proposta do Brig Nero Moura, feita naquele 17 de dezembro de 1944, na Itália.

Depois da guerra do Iraque, mudou muito o conceito do emprego da Aviação de Caça, entretanto afirmo que, ainda por muito tempo, o avião de Caça não prescindirá da presença do homem, do Piloto de Caça. Mesmo com um controlador voando a 13 mil metros na retaguarda, a bordo de um AWACS, monitorando o piloto caçador, é ele, o piloto, quem executa a missão. Tais bombardeios, chamados de cirúrgicos, não foram tão cirúrgicos assim em Kosovo, nem em Bagdá, porque eles erraram bastante e atingiram centenas de pessoas, de velhos a crianças, numerosos hospitais, deixando muito a desejar em termos de precisão. Então, não é assim. O homem, sem dúvida, deve ser, ainda por muito tempo, a peça fundamental e imprescindível.

No propósito de homenagear aqueles que se destacaram, desde a constituição e preparação do 1º Grupo de Caça, no Panamá, até o cumprimento de suas últimas missões de combate no Teatro de Operações da Itália, devo afirmar que o segredo do sucesso de nosso Grupo consubstanciou-se no bom senso do Brigadeiro Nero Moura. Ele não era um Caxias – que, de espada em punho, no terrível impasse vivido na ponte de Itororó, bradou: "Sigam-me os que forem brasileiros" e a batalha foi decidida em favor das Armas Nacionais. Também não era um Osório, o digno e desassombrado Patrono da nossa Cavalaria. Ele era um homem tranqüilo, ponderado, mas que, quando dizia que ia fazer, já estava fazendo, na frente de todos nós. Então, ninguém podia deixar de estar com ele. Ele fez tudo, tudo que ele pôde para não nos expor. Essa média de três perdas ao mês, atrapalhava tremendamente e muito o

amargurava. É só consultar as cartas dele para o Faria Lima, para aquilatar-se o cuidado e apreensão dele conosco. Dizia ele: "Faria Lima, nós estamos com apenas 22 pilotos, tão-somente 22 pilotos, como vamos combater se houver a Ofensiva da Primavera, que todos tanto falam. Não dá para esperar mais. Mande o recompletamento de que necessitamos..." Ele tinha esse cuidado e todos sabiam disso. Ele nos protegia a todo momento e nos poupava sempre que podia.

O General Nielsen disse que nós estávamos no limite da resistência humana – estávamos realmente – mas o Nero diminuía as nossas missões e nós ficávamos aborrecidos. "Poxa, parece que estão querendo que o Grupo pare de voar!" Isso, porque tenente não entende essas coisas; tenente quer "sentar a pua". E ele ia levando, com tal bom senso que acabou por sobrarem os 22. Então, eu faço minha homenagem a Nero Moura, para mim um grande líder e nada mais merecido que tê-lo como Patrono da Aviação de Caça brasileira.

Paralelamente, tivemos a sorte grande de termos como nosso Instrutor-Chefe, lá no Panamá, o Coronel Disosway, que se fazia acompanhar de uma equipe muito boa. Esse homem, que muito nos ensinou, foi alçado a Chefe da Instrução da Força Aérea. Nesse cargo, já como General de três estrelas, recebeu muitos brasileiros em sua Escola de Pilotos no Texas, para os quais ele mandava passar os filmes de ação do 1º Grupo de Caça, para que soubessem, como ele mesmo afirmava, o que é um filme de combate da Caça e como ela executa o ataque terrestre. Fazia questão de passar os filmes, demonstrando a seus novos alunos o quanto nos apreciava. Podemos dizer, sem nenhuma presunção, que ele era mesmo nosso fã. De Chefe do Treinamento da Força Aérea, esse líder inconteste foi nomeado, com sua promoção a quatro estrelas, Comandante das Forças Aéreas da NATO, de todas as Forças Aéreas que a integravam.

Voltando ao nosso Grupo de Caça, devo dizer que os melhores para mim, aqueles que mais me impressionaram como chefes, como líderes, foram o Hélio Keller com 95 missões; o Alberto Martins Torres, que era R2 e cumpriu o maior número de missões, exatamente 99; o José Meira de Vasconcellos, com 93 missões de combate; o Josino Maia de Assis, abatido pela artilharia antiaérea alemã, conheceu bem os horrores dos campos de concentração; o Horácio Monteiro Machado, sem dúvida o grande mestre, com 94 missões como eu; o Newton Lagares e o Othon Correia Netto, olha, muito bons. Todos esses eram gente muito boa, muito boa mesmo.

Não me arrependo de ter feito meu livro orientado para esses aspectos, embora não seja psicólogo, nem tenha pensado nisso. Porém, quando pensei em escrever o livro, a minha vontade é que ele fosse lido por todas as pessoas. Considero importante o que está na orelha do livro: "Quem começa a ler o livro do Coronel Rui vai até o fim", exatamente como eu sonhava que acontecesse.

Devo afirmar que na FAB há grandes líderes. Impressionam, por exemplo, os cinco últimos comandantes do nosso Grupo de Caça, com os quais mantive uma ligação mais estreita; podem ir para qualquer Força Aérea do mundo que vão despontar, vão aparecer entre os melhores. Gente que voa tudo que é avião; são pilotos excepcionais, com curso de Piloto de Prova. Piloto de Prova é também um Engenheiro; quando comanda um avião sabe tudo sobre máquina – o detalhe da posição de um rebite de asa, os componentes de uma turbina e a parafernália eletrônica que equipa a aeronave. Em nossa FAB, há um selecionado grupo de pilotos com essa qualificação.

Como mensagem final, não tenho muito a acrescentar. Devo asseverar, todavia, que a Força Expedicionária Brasileira – a FEB da qual, no meu entender, é parte integrante o 1º Grupo de Aviação de Caça – soube demonstrar a capacidade que o brasileiro tem até de fazer guerra, exatamente fazer guerra. Então, eu acredito no meu País, acredito que esse potencial que nós temos há de se transformar em poder, capaz de sobrepujar todos os óbices, que aí estão, para conduzir-nos a um grande destino.

Essa é a minha mensagem. Mensagem de fé no Brasil, fé em homens que saem de Santo Ângelo e Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e vão parar em Tefé, lá no coração da Amazônia, levando uma Brigada na busca da integração nacional, da união do gaúcho com o índio, com o caboclo.

Outros homens, com suas famílias, em missão semelhante, foram também aumentar a presença brasileira em todo o Estado de Roraima e no Norte do Estado do Amazonas. Tudo isso significa tomar conta do Brasil, povoá-lo. O nosso Exército, o Glorioso, sabe onde tem o nariz. O Glorioso tem sido imprescindível na Amazônia, ocupando a Calha Norte com patriotismo e competência.

General-de-Brigada Plínio Pitaluga*

Natural da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, pertence à turma de 1934 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu as funções de Subcomandante e Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado (Esquadrão Tenente Amaro). Foi promovido a Capitão em dezembro de 1944, na Itália. No período de 1952 a 1954, foi instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Em 1961, assumiu o comando do 13º Regimento de Cavalaria, em Jaguarão. Em 1963, foi promovido ao posto de Coronel e, de abril de 1964 a abril de 1966, comandou o Regimento de Reconhecimento Mecanizado – R Rec Mec – no Rio de Janeiro. Em 1966, serviu no Gabinete do Ministro do Exército. Entre 1967 e 1969 exerceu a função de Adido Militar na Argentina e, em 1968, foi promovido ao posto de General-de-Brigada. De 1969 a 1972 comandou a 4ª Divisão de Cavalaria (atual 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Guaicurus), sediada em Mato Grosso do Sul, passando em seguida para a reserva. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze (Estados Unidos); Cruz de Guerra com Palma (França); e Cruz ao Valor Militar (Itália). Reeleito, várias vezes, para Presidente do Conselho Nacional das Associações dos Ex-Combatentes, função que, até hoje, exerce.

---

* Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 16 de fevereiro de 2000.

Em 1939, o Brasil estava dividido, sob o ponto de vista político e, talvez, militar. O país tinha sofrido, não fazia muito tempo, ataques totalitários: em 1935, pelos comunistas, e, em 1938, foi a vez dos integralistas. A confusão política interna não permitia ao País debater com clareza as questões mundiais. A guerra era encarada com distanciamento, tratada como sendo um assunto europeu quando, na realidade, era uma questão global.

No entanto, apesar de a opinião pública, no Brasil, demorar a se definir pelos países democráticos, na política externa não ficamos indiferentes e marcamos presença nas reuniões levadas a efeito com o objetivo de decidir a posição das repúblicas americanas. A orientação geral saída dessas reuniões era para manter a neutralidade, mas permanecer vigilante em relação aos acontecimentos, protestando contra os excessos da guerra. Com os Estados Unidos, já procedíamos ao exame da situação internacional, diante da atitude belicosa da Alemanha. Os nossos chefes militares, sobretudo o General Góes Monteiro – uma das maiores culturas militares do Brasil –, estudavam medidas de cooperação entre os dois países. Isso era feito, a despeito de nossas indecisões políticas e fraquezas militares. A visita ao Brasil do General George Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército americano – não havia Ministério da Defesa nessa época, nos Estados Unidos –, que esteve no Rio Grande do Sul, ligava-se à necessidade de se combinar medidas capazes de anular a ação alemã, caso se estendesse ao País. O Nordeste, avançado para a África, oferecia o caminho mais curto ao inimigo para o estabelecimento de uma base, a partir da qual poderia ameaçar outros pontos do continente americano.

Quando o Brasil passou a sofrer conseqüências físicas no seu comércio exterior e na sua navegação e ameaças de ações militares vindas da África, limitadas que fossem, contra o Nordeste, parece que acordou. Despertou-o a agressão dos submarinos alemães e italianos – trinta e um navios mercantes torpedeados com cerca de mil mortos – em águas do nosso litoral ou mais distantes, do Mediterrâneo e do Atlântico Norte. A neutralidade não fora suficiente para evitar a tragédia que foi o torpedeamento de cinco navios, sucessivamente atingidos, em agosto de 1942, às vistas dos nossos pescadores de Sergipe e da Bahia, com enormes perdas de vidas. Teria o Brasil, portanto, de organizar sua força. Era preciso seguir em frente com as ações de guerra.

Inicialmente, tivemos que fazer a segurança do nosso extenso litoral e das ilhas oceânicas e proteger a navegação. Mas, como realizar essa segurança? Que Marinha, Exército e Aeronáutica possuíamos naquela ocasião? Foi um esforço muito grande. Unidades do Exército, de diversas armas, sediadas em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Espírito Santo foram transferidas para o Norte, visando a concen-

trar os meios bélicos disponíveis na defesa do Nordeste. Em pouco tempo, aquele efetivo, praticamente de seis mil homens, foi elevado para sessenta mil homens. Havia, ainda, a necessidade da segurança interna, particularmente no Sul do Brasil, onde existia uma forte ligação, por laços sentimentais e materiais, à Alemanha. Nesse período, o Exército aumentou seu efetivo básico para duzentos mil homens, o que mostra bem a grandeza da mobilização que foi realizada.

O transporte das forças para o Norte foi feito, basicamente, pelo mar, agora com uma ação maior de patrulhamento e, também, pelo Rio São Francisco. Houve Unidades que foram por terra e passaram quatro meses andando, de Minas para a Bahia, seguindo as rotas das boiadas. Nessa época, não havia qualquer rodovia ligando o Norte e o Sul do País. Evidencia-se, nesse fato, que nós tínhamos uma pequena estrutura militar, mas com uma muito boa cultura profissional. Graças a essa cultura dos seus oficiais e sargentos, o Brasil, em pouco tempo, assimilou os novos processos e técnicas de combate bem como o novo material que chegava às nossas mãos, por conta do *Lend-Lease*.[1]

Em 1942, cheguei em Recife. Viajando à noite, conduzi o material da Ala Motomecanizada do 7º Regimento de Cavalaria Divisionário. No dia seguinte à minha chegada desfilei para o General Mascarenhas que comandava a 7ª Região Militar, com sede naquela cidade. A Ala possuía dois Esquadrões: de reconhecimento, com carros de combate, e outro de fuzileiros, com as viaturas sobre rodas. Depois do desfile, quando fui me apresentar e antes de responder minha continência, o General me recebeu aos gritos: "Os senhores agora é que chegam aqui; os senhores estão em Copacabana tomando banho de mar e eu estou na guerra sozinho, desde 1940. A tropa prometida não chega." Eu disse: "General, essa tropa foi organizada em janeiro de 1942 e nós estamos aqui, em fevereiro. Não somos nós que estamos na praia." Esse episódio serve para mostrar o estado d'alma do General Mascarenhas, abandonado no Nordeste, nesse ano de 1942, com dois a três mil homens. Depois, ele recebeu os reforços para a defesa da área. Serve, também, para caracterizar o ambiente da época e as dificuldades do Exército naquele momento. O General Mascarenhas estava com uma série de problemas e submetido às imposições internacionais. Seus Batalhões de Infantaria estavam com seus efetivos reduzidos, "pingados aqui e acolá, compreendeu?" E as Unidades que chegavam à região, de forma arrastada, formadas por pessoal das já existentes, que mandavam os piores elementos – bêbados e vagabundos – para seguirem para o Norte. Era a mentalidade...

---

[1] Lei de Empréstimo e Arrendamento aprovada nos Estados Unidos, em 1941. Regulava a cessão de material aos países que combatiam as nações do Eixo.

Nessa época, em Recife, encontrei uma certa apreensão com a construção das bases americanas. Comentava-se que, após a guerra, permaneceriam com os americanos que estariam, segundo o que se dizia, com a intenção de ocupar parte de nosso território. Evidente que esse estado de ânimo, acrescido das diferenças de língua, modos e costumes de nosso povo, prejudicavam a colaboração para a defesa conjunta. A necessidade tornou, contudo, a área definida por Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco estratégica para o apoio aos exércitos americanos do Norte da África e Europa. Essas bases constituir-se-iam, para o Brasil, Estados Unidos e demais países democratas, no "trampolim para a libertação do mundo e a vitória da democracia". Para se ter uma idéia da estrutura montada, às vezes, passavam por Natal quinhentos aviões, numa noite. Tudo isso foi fruto da nossa capacidade de enxergar o futuro – cooperar, sem medo deles – que garantiu a nossa presença no teatro de operações europeu. Hoje, quem visita o Nordeste vê aquelas grandes estruturas navais ou de aeronáutica.

Na Europa, o moderno Exército alemão empregava uma nova concepção, uma nova tática, e, sobretudo, apresentava um novo dinamismo em relação à conduta das operações. A Alemanha tinha dado um grande passo à frente com relação à técnica da guerra, enquanto os outros países continuaram na sua rotina, conservando a antiga estrutura militar.

Nos anos de 1942 e 1943, a ação dos submarinos alemães despertou a população para o perigo mundial representado pelos nazistas e fascistas. O Brasil sentiu a necessidade de se aliar, não para ganhar Volta Redonda ou qualquer outro benefício econômico, mas para lutar dignamente contra essas forças totalitárias. O País assumiu a consciência que deveria lutar para preservar a democracia. Getúlio era acusado de ser mais simpático à causa alemã, o que não é verdade. Ele não era nazista. Pertencia ao grupo dos positivistas cuja atuação visava manter o poder por muito tempo. Sensível à pressão interna, decidiu-se pela guerra.

Nosso esforço para preparar a FEB – cerca de 25.500 homens – foi tremendo. O Brasil era um arquipélago: ilha do Norte, ilha do Nordeste, ilha do Centro e ilha do Sul. Nossas ligações para o interior se faziam por rios; pelo mar, se processavam através de navios pequenos. Nossa força aérea era reduzida. Era difícil o contato entre essas ilhas, sem estradas e com as comunicações extremamente precárias. As regiões brasileiras viviam isoladas umas das outras. A imensa maioria da população era analfabeta. Nossa indústria não tinha capacidade produtiva, e o petróleo, em pequena quantidade, se encontrava na Bahia. Éramos um País muito atrasado.

A estrutura da Divisão de Infantaria Expedicionária ficou espalhada: os quatro Grupos de Artilharia e os três Regimentos de Infantaria por São Paulo, Minas e

Rio de Janeiro; e a Engenharia em Aquidauana, Mato Grosso. A Cavalaria moto-mecanizada estava nascendo em 1938, no Centro de Instrução do Rio de Janeiro. O Exército dessa época vinha engatinhando para atingir uma estrutura que lhe permitisse atuar na defesa de pontos de nosso território.

Tivemos pouco tempo para nos preparar, senão vejamos: em fins de 1943 começaram a organizar as Unidades, que já existiam, dando-lhes uma estrutura maior; em julho do ano seguinte, nós estávamos embarcando para a Itália; e, em setembro, entramos em combate. Ninguém acreditava que fosse possível organizar a FEB e, muito menos, embarcar para a Itália. Diziam que iríamos permanecer indefinidamente no campo de instrução de Gericinó, no Rio de Janeiro. O descrédito era muito grande. Inicialmente, a idéia era organizar um Corpo de Exército com três Divisões, porém, logo em seguida, verificou-se a impossibilidade de reunir esse efetivo. Um dado curioso demonstra nossa situação: se fôssemos utilizar os nossos navios de transporte para conduzir os 25 mil homens para a Itália, nós iríamos levar mais de um ano. Foi necessária a cooperação de navios americanos com capacidade de transportar seis mil homens para, em poucas viagens, deslocar todo o efetivo para a península italiana.

O estado físico da nossa mocidade era bem diferente do atual. Hoje, estamos com outros índices de higidez. Naquela época, era difícil conseguir selecionar 25 mil homens e tivemos que chamar um universo de oitenta mil jovens para atingir esse número. Além disso, tivemos que manter uma força no Brasil para compor nossas guarnições de defesa do território. Realizamos, portanto, um sacrifício muito grande para atender ao esforço de guerra.

A viagem naqueles navios cheios foi uma experiência inédita para todos nós. A alimentação era diferente, a disciplina dura e a limpeza bastante exigida. Os locais de alojamento ficavam abaixo da linha d'água e corria-se o perigo de torpedeamento do navio. Mas fomos transportados e quando chegamos à Europa houve surpresa e curiosidade sobre a FEB. Que tropa é essa? Não tínhamos a confiança de nossos aliados. Nossa última guerra fora em 1870 – Guerra da Tríplice Aliança – mas que não somava mais como elemento positivo de nossa capacidade militar. Não possuíamos tradição bélica. A propaganda alemã dizia que éramos uma tropa de negros, sifilíticos, analfabetos e antropófagos e conclamava as famílias italianas a defenderem as suas filhas. Dizia, também, que se tratava de uma tropa fraca e desmoralizada. Apesar de alguns êxitos do primeiro escalão, tivemos, particularmente, na fase inicial da guerra – a fase do "batismo de fogo" – derrotas e insucessos, como qualquer Exército. No entanto, ao longo da campanha, fomos ganhando força, o treinamento foi se aprofundando e surgiram as vitórias.

Sobrepujamos o julgamento de fraqueza de alguns, a indiferença do nosso povo, a falta de entusiasmo dos aliados e, até, a falta de confiança em nós mesmos e nos ombreamos com as melhores tropas do mundo e voltamos como vencedores. Mostramos capacidade de adaptação e persistência diante de um rude clima de 15 a 20 graus de temperatura abaixo de zero, de um terreno montanhoso e de um inimigo difícil. Nossa artilharia, por exemplo, adquiriu rapidamente a capacidade plena de atirar e surpreendeu o inimigo. "Que artilharia é essa? É nova? É dos americanos? Não! É dos brasileiros!" Vencemos com o apoio de chefes admiráveis, inclusive de alguns comandantes americanos que foram nossos amigos, entre os quais destaco o General Mark Clark, comandante do V Exército, considerado general honorário do Exército Brasileiro, que merece o maior respeito de todos nós. Lutamos contra um inimigo poderoso e preparado para a guerra, treinado na escola militar prussiana.

Vou iniciar meu relato a respeito da atuação do Esquadrão na campanha da Itália, falando sobre o seu integrante maior, o Tenente Amaro Felicíssimo da Silveira, oficial da reserva, cujo nome é o da Unidade – Esquadrão Tenente Amaro. Por não existir claros de oficiais, não havia previsão de seu embarque para a guerra e, em vista disso, foi transferido para o QG / 1ª DIE,[2] organização militar que integrava quando partiu para a Itália. O nosso Esquadrão – denominado Primeiro Esquadrão – possuía dez oficiais de Cavalaria e não era lícito que com esse efetivo recebesse três oficiais da reserva, número que seria atingido, caso ele, Amaro, fosse incluído. Nós íamos levar oficiais da ativa para voltar... alguns... Mas, na Itália, foi preciso aumentar o número de oficiais para preencher funções ligadas à Logística. O Tenente Amaro conseguiu, então, incorporar-se ao Esquadrão, como voluntário. Mas, ele não se conformava em trabalhar na área de manutenção e insistia em ir para um Pelotão, para cumprir as missões mais difíceis. Nessa época, o Esquadrão atuava como tropa de Infantaria. Em Montilocco, perto de Gaggio Montano, ele morreu à frente de uma patrulha – havia escala de serviço de oficiais e era a sua primeira vez – quando tentou desbordar uma posição de metralhadora alemã, em novembro de 1944. Seu corpo só foi encontrado em abril de 1945, após o inverno, por uma mulher, quando a neve foi desaparecendo. Durante todo esse período, ficou como "desaparecido", sendo que eu, pessoalmente, reconheci o seu cadáver e assisti ao seu sepultamento.

Voltando da guerra continuei no comando do Esquadrão mais um ano, até 1946, quando fui para a Escola de Estado-Maior. Mais tarde, propus dar o nome de Tenente Amaro ao Esquadrão e tive de vencer resistências diversas, durante cinco anos, para conseguir a aprovação da minha proposta. Diziam, até, que deveria ser

[2] Quartel-General da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária.

Pitaluga porque, na Itália, era conhecido como Esquadrão Pitaluga. “Bom, mas nesse caso vocês deveriam me avisar para eu dar um tiro na cabeça”, era a minha resposta. Isso mostra o grande espaço de tempo que eu levei para convencer o pessoal que devia ser Tenente Amaro. Agora, vou solicitar permissão e levar a todos os CPOR e NPOR,[3] onde há Curso de Cavalaria, o seu retrato e biografia para que seja prestada, anualmente, uma homenagem a esse homem.

Nosso Esquadrão era constituído de três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando e um Pelotão de Administração, encarregado das atividades de apoio administrativo. Ao todo eram 180 homens e foi o único Esquadrão na guerra. Quanto à parte operacional, podemos dividi-la em duas fases distintas e importantes. Da chegada à Itália até abril de 1945, ele foi empregado como tropa de Infantaria, isto é, foi, praticamente, transformado numa Companhia de Fuzileiros. Não havia espaços – naquela defensiva, no inverno – para que ele pudesse atuar nas suas missões típicas de reconhecimento e retomada do contato. O Esquadrão sofreu conseqüências decorrentes dessa modificação na sua missão básica, porque não estava preparado para isso. O seu pessoal era constituído de motoristas, atiradores, radioperadores – não havia telefonistas – e mecânicos, que se desgastaram muito nessa atuação como infantes. Nessa fase, cumpriu missões de cobertura de flanco, esteve tamponando brechas entre os Batalhões e as Companhias e realizando patrulhas. Seu batismo de fogo foi na captura de Camaiore, como Pelotão integrante do Destacamento FEB.[4]

A segunda fase – a partir de Montese – foi quando o Esquadrão passou a atuar conforme suas características, nas operações de Aproveitamento do Êxito[5] e Perseguição[6]. Enquanto na primeira fase esforçou-se para ser um bom infante, na segunda, modéstia à parte, ele entrou para a história com a sua valiosa contribuição para o final da guerra, em Collechio, quando conquistou, praticamente sozinho, a metade da cidade, completada pela ação do Batalhão do Major Ramagem – II/11º RI. Depois, atuou no cerco de Fornovo e realizou incursões para o norte, até Turim, chegando em todas as posições com a mesma capacidade ofensiva e fornecendo ao Comando as informações básicas essenciais sobre o inimigo.

Em Fornovo, eu tive um contato pessoal com o General Fretter Pico, Comandante da 148ª Divisão alemã. Após acertada a rendição, as forças alemãs passaram

---

[3] Centro e Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva.

[4] Força organizada com o primeiro contingente da tropa brasileira recém-chegada à Itália.

[5] Operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, se inicia quando a força inimiga se acha em dificuldades para manter suas posições.

[6] Operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que tente fugir.

para nossa responsabilidade, deixando de combater. Acontece que os guerrilheiros italianos – *os partigiani* – não souberam da evolução dos acontecimentos e continuaram atacando os alemães. Era preciso que uma força móvel fosse de encontro a esses elementos de guerrilha que agiam no flanco alemão. Outro problema era o das tropas americanas que se deslocavam de La Spezia para aquela região e que poderiam se chocar com essa força alemã. Recebida a ordem, fui ao encontro do general, com um oficial como intérprete, numa casa situada dentro da cidade de Fornovo onde funcionava seu quartel-general. Informei-o de minha missão e ele disse: “Não recomendo que você vá atrás dos americanos, porque eu destruí toda essa estrada; eles só vão chegar aqui depois de 48 horas” e continuou: “Mas, eu tenho um pessoal preso numa ação dos guerrilheiros.” Diante das palavras do General Pico, fui ao encontro dos *partigiani*, visando à liberação dos soldados alemães – cerca de sessenta, de terceira categoria. Os italianos não queriam soltá-los e fui obrigado, para convencer o chefe, a assinar uma declaração de que eles é que tinham aprisionado os soldados alemães, embora a responsabilidade pela guarda deles fosse nossa. Esse documento tinha um valor grande, uma vez que poderiam comprovar, no futuro, terem feito alguma coisa. Eles me respeitaram, entregaram os homens e eu passei recibo. Os prisioneiros receberam seus documentos e dinheiro que estavam num saco e os conduzi, de volta, para Fornovo.

Na noite em que fiz contato com o General Pico, pude assistir ao enterro de mortos e a entrega de condecorações. O pessoal do nosso Esquadrão e os alemães, prisioneiros, estavam juntos, ali, em Fornovo, sem qualquer atrito, trocando cigarros e chocolates. Era o fim da guerra.

Entretanto, as operações ainda iriam continuar por algum tempo, até a rendição total dos alemães. O comando da FEB decidiu descentralizar as operações, constituindo para isso três grupamentos táticos. A missão geral era continuar a cortar a retirada das forças alemãs vindas do Sul.

O Esquadrão, fazendo parte de um desses grupamentos, deslocou-se para a região de Alessandria, onde elementos nossos de reconhecimento transpuseram o Rio Pó e estabeleceram ligação com forças americanas, em Vercelli. Com o objetivo de localizar Unidades alemãs, o Esquadrão lançou reconhecimentos motorizados na direção de Turim. No meio do caminho, foi feito contato com um general americano que nos informou sobre o retraimento dos alemães para nordeste, mas que existia luta com forças de resistência dos *partigiani* italianos, dentro da cidade. Achei que não seria interessante lançar o Esquadrão dentro de Turim, uma cidade tão grande, com mais de um milhão de habitantes, com esse combate se realizando. Nosso efetivo era demasiadamente pequeno em face do tamanho da cidade e o volume das

forças em confronto. Somente no dia 1º de maio, quando os alemães completaram sua retirada para o Norte da Itália, é que o Esquadrão entrou em Turim, dominado por um governo francamente comunista, que estranhou nossa presença, porque seus integrantes entendiam já haver expulsado os alemães. Na verdade estes não foram expulsos; eles abandonaram a cidade, já que a guerra estava, praticamente, terminada, nesse primeiro dia de maio. Outra força brasileira – o 11º Regimento de Infantaria – estava se dirigindo para Turim. Nesse momento, tive conhecimento da presença de forças francesas, no caminho para Susa, distantes 15 quilômetros, sendo estabelecida a ligação por meio do envio de um Pelotão.

Para mim, porém, interessava saber onde se encontravam as forças alemãs, porque o meu problema não era encontrar a tropa amiga; você está entendendo? Tive a informação de que um Batalhão estava a poucos quilômetros ao Norte de Turim e resolvi ir ao seu encontro, praticamente, sozinho. Acompanharam-me o motorista do jipe e um sargento. Mostraria, através de mensagens escritas em alemão, que a guerra havia terminado e que os combates deveriam cessar. Com essa atitude estava, também, poupando a minha tropa que há oito dias, praticamente, não dormia. Qual não foi a minha surpresa quando, na cidade de Caluso, encontrei não um Comandante de Batalhão e, sim, um Comandante de Corpo de Exército alemão, com quarenta mil homens. Tive um contato rápido e ríspido com o General Comandante e mostrei-lhe a proclamação – era uma mensagem em alemão – do Marechal Alexander, Comandante do Teatro de Operações da Itália, anunciando o fim da guerra. Ele perguntou quem eu era e lhe respondi que era Oficial de Cavalaria, Comandante do Esquadrão de Reconhecimento, da Força Expedicionária Brasileira, e que estava ali com essa mensagem. Fui sozinho para evitar o contato entre duas forças, que poderia redundar em ações de combate, com a guerra já terminada. Assim agindo, poupei meus homens. Ele disse que já fizera uma ligação com os americanos e que estava preparado para se render. Como nada mais havia para falar com o General, entrei em entendimento com o Chefe do Estado-Maior dele, que falava bem o italiano, e me retirei para Turim. Esse foi o último contato com os alemães, dentro desse espírito de beligerância, compreendeu? Após um dia de descanso, quando voltei, passamos a atuar como tropa de ocupação.

Até hoje me impressiona, nessa campanha da Força Expedicionária Brasileira, o que nós realizamos. Às vezes fico meditando, pensando, no que o Esquadrão fez, no que as Forças brasileiras fizeram, e me pergunto: “Mas será que nós fizemos tudo isso? Como conseguimos passar por tudo isso? E eu estou vivo aqui, ouviu?” Nós realizamos muito mais do que esperávamos e não sabíamos que tínhamos capacidade profissional para realizar tudo aquilo. É isso que me impressiona até hoje.

A respeito do desempenho em campanha dos nossos profissionais – Oficiais e Graduados –, já tive oportunidade de citar, nessa entrevista, que nossos quadros tinham uma cultura profissional muito boa. Isso foi fundamental para que, em pouco tempo, assimilássemos os novos métodos e processos de combate e o novo material que chegava. Essa preparação cultural elogiável deve-se ao valor das nossas escolas. As influências francesas, americanas e, em menor intensidade, inglesas – na Marinha – resultaram, num somatório, em uma cultura militar própria, hoje sistematizada na doutrina militar brasileira. Sempre destaco o valor da cultura dos nossos homens do passado que fizeram um trabalho maravilhoso e que é a base de nosso Exército moderno.

Não posso esquecer meus companheiros de guerra do Esquadrão de Cavalaria. Capitão Flávio Franco Ferreira, seu primeiro comandante e que foi julgado incapaz, por motivo de doença, e evacuado para o Brasil, quando, então, assumi o comando, permanecendo até o fim da guerra. Meu companheiro de turma, Primeiro-Tenente Bellarmino Jayme Ribeiro Mendonça, que participou do Destacamento FEB, com o General Zenóbio. Vítima de um acidente de tiro, foi evacuado e perdemos esse valioso companheiro que já reunia uma experiência de combate de cerca de quatro meses, no Vale do Rio Serchio. Bellarmino foi um oficial de grande valor na preparação moral e física do pessoal do Esquadrão. Primeiro-Tenente Theodolpho Benso Tavolucci, meu subcomandante, dedicado e zeloso da responsabilidade da sua função; encarregado do apoio logístico, atendeu com precisão às necessidades do Esquadrão, particularmente, em transporte. Era sereno diante do perigo. O Comandante de Pelotão, Primeiro-Tenente Jorge Braz Teixeira Filho, ferido em combate e depois evacuado para o Brasil, que na fase inicial, em Gaggio Montano, comandou grandes patrulhas. Os Aspirantes Odenath Damázio, auxiliar do Bellarmino, e Heitor de Carvalho França, auxiliar do Braz Teixeira. Esse último, depois, assumiu o comando do Pelotão na fase mais importante do Aproveitamento do Êxito e da Perseguição e no cerco da Divisão alemã.

Meu companheiro, Mário Ernesto de Souza Júnior, era o único intendente-almoxarife, aprovisionador e tesoureiro – que se desdobrava para prestar o apoio com pontualidade. Os Oficiais da Reserva: Primeiro-Tenente R/2 Sílvio da Costa Reis, de grande importância na manutenção das viaturas e que foi ferido em combate; o Segundo-Tenente R/2 George Felisberto Paes Leme, muito valente; o nosso amigo Primeiro-Tenente R/2 Amaro Felicíssimo da Silveira, já citado; e o médico, Segundo-Tenente R/2 Rubens Marques, inicialmente, um pouco deslocado pela sua chegada tardia ao Esquadrão, mas soube se adaptar e se tornou, depois, um homem de grande valor na recuperação de alguns feridos.

Desejo fazer um destaque especial à figura ímpar do Marechal Mascarenhas de Moraes que soube, de uma maneira exemplar e com capacidade profissional, conduzir a sua FEB. Esse homem, modesto e tranqüilo, se impôs pela sua disciplina pessoal e pela maneira humana em tratar os seus subordinados. Mereceu a estima e o respeito de todos; quando ele aparecia no campo de batalha era saudado pelos seus soldados: "Lá vem o General." Compenetrado do seu dever e de sua responsabilidade, foi fiel à missão que recebera do Governo brasileiro.

Desejamos ressaltar, ainda, os generais: Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria Divisionária; Oswaldo Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia Divisionária, e Olympio Falconière da Cunha, Chefe dos Órgãos Não-Divisionários, encarregado da coordenação de todos os serviços de retaguarda, realizados de forma exemplar. No Estado-Maior da Divisão, destacamos a chefia do Coronel Floriano de Lima Brayner, paraibano, muito tranqüilo, e que soube conduzir os trabalhos de Estado-Maior com competência profissional; a Seção de Operações, dirigida pelo Tenente-Coronel Castello Branco, que, posteriormente, chegou à Presidência da República; e a Seção de Informações, de grande importância para o Esquadrão, dirigida pelo Tenente-Coronel Amaury Kruel. Merece uma citação a Ajudância Geral, chefiada pelo Coronel Oswaldo de Araújo Motta, um homem discreto, zeloso das suas responsabilidades. Os demais elementos também demonstraram capacidade profissional, amor ao trabalho e, sobretudo, dedicação ao General Mascarenhas.

Uma referência especial aos Comandantes das principais Unidades: Coronel José Machado Lopes, Comandante do Batalhão de Engenharia, que teve o seu desenvolvimento no próprio campo de batalha, porque nós não tínhamos engenharia de combate. Em Aquidauana, de onde veio a Unidade, ela era uma engenharia voltada mais para as atividades fluviais e, na guerra, ampliou sua estrutura. Cumpriu todas as missões com dedicação.

Outro grande Batalhão foi o de Saúde, comandado pelo Tenente-Coronel Bonifácio Antônio Borba, que também sofreu evolução na sua organização e teve um comportamento destacado, ao lado das organizações americanas. Não tínhamos os nossos hospitais, mas as enfermeiras – essas mulheres eram novidade na vida castrense da época – eram brasileiras que levaram aos nossos doentes a sua voz, a sua atenção e o seu carinho e que representaram, também, com a sua capacidade profissional, um elemento muito importante na recuperação daqueles homens feridos e doentes, naqueles grandes hospitais de campanha, dirigidos pelos americanos.

A Infantaria se portou, em toda a campanha, com extrema grandeza e profissionalismo. Integrou-a o 1º RI – Regimento Sampaio, da Vila Militar – Rio de

Janeiro, sob comando do Cel Caiado de Castro; o 6º RI – Regimento Ipiranga, de Caçapava – São Paulo, inicialmente ao comando do Cel João de Segadas Viana e, posteriormente, do Cel Nelson de Mello; e o 11º RI – Regimento Tiradentes, de São João Del Rei, tendo à sua frente o Cel Delmiro Pereira de Andrade. Cumpriu a Infantaria missões operacionais desde o Vale do Rio Serchio, integrando, com o 6º RI, o Destacamento FEB; participando com o 1º RI, em especial, da tomada de Monte Castelo e com o 11º RI, principalmente, da conquista de Montese; daí até o Vale do Rio Pó – onde, em Collechio e Fornovo, contribuiu, efetiva e eficazmente, para o cerco e rendição das tropas inimigas.

Nossa Artilharia, como eu já citei, surpreendeu no campo de batalha. Ela não teve nada a aprender; ela estava ensinando, pela sua capacidade técnica. Os quatro grupos de artilharia eram comandados: o Primeiro, pelo, hoje, Marechal Waldemar Levy Cardoso; o Segundo, pelo Coronel Geraldo Da Camino; o Terceiro, pelo Coronel José de Souza Carvalho; e o Quarto, de calibre 155 mm, pelo Tenente-Coronel Hugo Panasco Alvim.

As Comunicações realizaram um trabalho muito grande. Era uma Companhia pequena que nós chamávamos de transmissão e que se desdobrou, tanto para atender às ligações dos soldados, lá na Itália, e seus familiares, aqui no Brasil, como as operacionais. Comandada pelo Capitão Mário da Silva Miranda, soube acompanhar o ritmo das nossas necessidades, trabalhando, praticamente, dia e noite, sob qualquer tempo, reconstituindo, imediatamente, as linhas destruídas pelos bombardeios.

Outra Companhia que desenvolveu intenso trabalho na Itália foi a de Intendência. Recebia da retaguarda o suprimento e distribuía, de madrugada, pelas Unidades, pontualmente, com todo o carinho e dedicação. Tínhamos, também, a Companhia de Manutenção, conduzida pelo Capitão de Cavalaria Gilberto Peçanha, com a missão de acompanhar, com suas equipes, as Unidades em combate. Quando das nossas missões de Aproveitamento do Êxito e Perseguição, os seus elementos nos seguiam de perto, fazendo a manutenção das viaturas que apresentavam defeitos ou eram atingidas pela explosão das minas. Realizaram um trabalho excepcional.

Não podemos esquecer do Pelotão de Sepultamento, Unidade inédita para nós, que realizou um trabalho muito importante para o moral dos homens, buscando nossos mortos e feridos, mesmo em terrenos minados, e do Pelotão de Polícia Militar, orientando os motoristas e fiscalizando o intenso tráfego, ao longo das estradas.

Ressalte-se, também, o apoio do Primeiro Grupo de Caça, da nossa Força Aérea, comandado pelo Major-Aviador Nero Moura, sobretudo na conquista de Monte Castelo, além das incursões permanentes atribuídas pelo comando de aviação americano. Releva citar o nosso pessoal da observação aérea, que, dispondo de pequenos

aviões, voava sobre as linhas inimigas recebendo ataque das metralhadoras antiaéreas, no cumprimento de suas missões de observação e informação.

Gostaria de tecer algumas considerações sobre a participação da Reserva, na Força Expedicionária Brasileira, e a importância dos oficiais oriundos dos CPOR e NPOR. Sabemos que, exceto os países totalitários, cujos Exércitos são preparados com milhões de homens para a guerra de conquista, as democracias baseiam suas Forças Armadas na Reserva. Os Estados Unidos, por exemplo, possuíam 120 mil homens, em 1940; a partir do ataque a Pearl Harbor, em 1941, esse efetivo foi crescendo e chegou, no fim da guerra, a dez milhões de homens. Imagine o esforço de mobilização – seleção, fardamento, instrução etc – para conseguir esses homens. O nosso Exército tinha, eu já disse, no início da guerra, sessenta mil homens, e chegamos, ao fim de dois anos, a duzentos mil homens; desse efetivos selecionamos 25.500 para atender à nossa entrada na guerra. Além da convocação específica para a FEB, tínhamos que completar os efetivos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

Não se poderia imaginar que fosse possível levar para a Itália somente pessoal da ativa. Há que considerar, entre outras razões, que a permanência desses quadros, no Brasil, serve à preparação de novos homens. Desse modo, a FEB teve uma porcentagem bastante grande de pessoal da reserva, chegando próximo de 46% dos oficiais subalternos. Isso mostra a importância dos CPOR e dos NPOR. Nos Estados Unidos, eles estão concentrados nas universidades; o serviço militar está contido no currículo do estudante. No Brasil, esses órgãos de preparação possibilitaram a seleção de elementos valiosos, com capacidade moral e profissional, espírito militar e dedicação, que corresponderam às nossas necessidades.

O capitão e o tenente, junto com o sargento, constituem os elementos básicos do escalão de execução, à medida que são os responsáveis diretos pelo preparo e condução dos soldados. A guerra é, basicamente, execução; o planejamento deve ser muito bom, mas a execução tem que ser melhor – ela não pode falhar. Como posso empregar uma tropa, se ela não está capacitada, física, moral e profissionalmente, para enfrentar as agruras de uma guerra? Essa responsabilidade da preparação da Reserva não deve caber, exclusivamente, ao Estado, mas precisa ser, também, preocupação do civil, porque ele é o centro dessa estrutura. O aumento substancial do efetivo do Exército, que passou de sessenta mil homens para duzentos mil, significa que a Reserva foi convocada. Daí, a responsabilidade da mocidade e, também, dos que já são especializados, como médicos, engenheiros e outros técnicos, de estarem sempre aptos a participar da defesa da nossa soberania.

Quando o Primeiro Escalão desembarcou de volta no Brasil, eu não estava nele. Sabe-se que foi uma recepção entusiástica, de alegria e satisfação. O povo

corria pelas ruas, acompanhando os soldados. Entretanto, os demais escalões, ao chegarem, desembarcaram sem esse entusiasmo; alguns, até, com indiferença, trazendo para os nossos soldados uma certa mágoa.

Deram-nos uma semana de licenciamento; na semana seguinte, foi o pagamento; depois, continuamos no licenciamento; mais tarde, fomos chamados para receber medalhas; e "até logo, passar bem". Isso foi decepcionante, sobretudo para a recuperação daqueles homens que voltavam da guerra. Há poucos dias um ministro me perguntou: "Os senhores ainda estão aí, pedindo apoio para o pessoal que voltou da Itália?". De fato, é difícil compreender os homens que voltaram da guerra. Perguntei-lhe: "O senhor conhece os homens que foram à Lua? O senhor sabe onde estão esses homens? Eu lhe digo: um é afeminado, outro está louco, um terceiro permanece estudando e outro trabalhando, ainda, dentro das suas possibilidades tecnológicas." São homens que chegam diferentes. Eles foram muito bem selecionados técnica e psicologicamente – uma seleção especial – e voltaram da lua, cada um, com uma concepção de mundo e de Deus: a Lua é isso..., a Terra é azul..., eu não vi Deus..., eu acredito em Deus..., o outro disse: "Eu não acredito porque não vi Deus." Cada um voltou com uma mania. Assim, são os homens que estiveram na guerra; cada um retorna com um impulso, com uma dificuldade: são diferentes. "Felizmente ou infelizmente, senhor ministro, o senhor não vai à Lua, nem foi à guerra, por isso o senhor não conhece os ex-combatentes." Até hoje, não se conhece o ex-combatente.

Ao encerrar esta entrevista, gostaria de registrar uma preocupação. Acho difícil construir uma mensagem que dependa de aspectos de uma época passada, baseada na atualidade e voltada para o futuro. Eu sou um homem que vive as preocupações cotidianas da vida atual; eu não vivo o passado, eu sou homem do presente, de maneira que fico preocupado com a validade das mensagens. Mas, de qualquer modo, baseado na estrutura de nosso Exército, que recebe os homens originários do povo, eu afirmo que temos condições de influir na evolução da vida política e social do País, embora, atualmente, essa capacidade não esteja sendo considerada.

É importante que o Exército receba os recursos para fazer o soldado-cidadão. Além da instrução militar é preciso preparar o homem, como fazia o francês, na época das ações no Marrocos e Norte da África – o papel social do Exército. Essa preocupação social está presente entre nós, mas ela não é abordada como um sistema, compreendeu? Tem que ser mais profunda, ampla e racional, criar uma espécie de sociologia militar, que dê ao Exército a capacidade de influir naqueles homens que chegam às nossas fileiras. Não se deve, exclusivamente, preparar um soldado, mas, também, o cidadão. Parece que precisamos de um novo Alfred de Vigny, que foi

soldado, poeta e filósofo e escreveu o livro *Servidão e Grandeza Militares*, para dizer do papel social que o Exército deve desempenhar. Particularmente em nosso País, ainda de analfabetos, com indivíduos vivendo em situação precária, dependurados nas favelas e palafitas, totalmente à margem da civilização. Essa é minha mensagem: dê ao Exército mais responsabilidade, mais autoridade e, sobretudo, mais capacidade de influir na formação social do homem brasileiro.

Quando regressamos, dizia-se que íamos derrubar o Presidente Getúlio Vargas e dominar o Brasil. Em absoluto havia essa idéia. Voltamos para dizer que não vamos procurar a guerra, mas que não devemos temê-la. Ela, infelizmente, ainda é uma realidade. Nossa presença na Itália foi útil e valeu a pena. Foi um sacrifício modesto em relação a outros povos, mas de heróis que souberam cumprir a sua missão.

Agradeço a oportunidade de, humildemente, sumariar aspectos especiais da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

General-de-Brigada
Helio Duarte Pereira de Lemos*

Natural da cidade de Bom Jardim, Rio de Janeiro, pertence à turma de novembro de 1937, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu a função de Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses, de 155mm, da Força Expedicionária Brasileira. Entre 1954 e 1959, exerceu as funções de instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Foi Oficial de Gabinete do Marechal Odílio Denys, Ministro do Exército. Como Tenente-Coronel, nos anos de 1962 a 1964, comandou o 10º Grupo de Obuses 105mm, sediado em Fortaleza. Em 1964, foi promovido a Coronel e assumiu a Chefia de Gabinete do Serviço Nacional de Informações (SNI) no Governo do Presidente Castello Branco. No ano de 1967, comandou o 25º GAC, de Bagé, e, no ano seguinte, foi Assessor Militar na Venezuela. Promovido ao posto de General-de-Brigada, em 1971, foi nomeado Comandante da Artilharia Divisionária da 3ª DE, em Cruz Alta. Passou para a reserva em 1976. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Na reserva, desempenhou funções executivas no Conselho Nacional do SESI e na Companhia Siderúrgica do Nordeste (COSINOR).

---

* Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 22 de março de 2000.

No início da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1939, o Brasil conseguiu manter a neutralidade, embora houvesse simpatizantes da Alemanha, tanto no meio militar quanto na sociedade civil, como conseqüência de destacadas *performances* alcançadas pelas forças combatentes alemãs. Entretanto, o Brasil teve que romper relações diplomáticas com os países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão – em razão de compromissos internacionais assumidos com as nações americanas, o que veio a ocorrer em janeiro de 1942. Diante de tal acontecimento, a Alemanha passou a atacar, com submarinos, nossos navios no litoral brasileiro, conseguindo pôr a pique cerca de trinta navios mercantes de cabotagem. A partir dessa situação, o povo brasileiro, nas ruas, começou a pressionar o governo para a entrada na guerra, o que veio a ocorrer, com retardo, em agosto de 1942, com a declaração de guerra aos países nazi-fascistas.

O passo seguinte, evidente, tinha que ser a mobilização dos meios, com prioridade para a defesa do litoral, do Nordeste, da Ilha de Fernando de Noronha e outros pontos da costa. Salvador, Natal, Recife e Belém foram as áreas de maior concentração de meios de nossas forças.

Decidiu-se, em seguida, organizar uma Força Expedicionária Brasileira (FEB) para atuar no Teatro de Operações da Itália, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, com o efetivo de 25 mil combatentes, inclusive com as previsões para o recompletamento do pessoal. No esforço de guerra, houve estágios de militares das três Forças nos Estados Unidos, além da permanência, no Brasil, de uma missão militar de instrução daquele país. Foi relativamente longo o período de preparação da FEB, em parte devido à seleção de saúde do pessoal, que eliminou grande número de incapazes por falta de dentes, doenças e outros motivos. Graças a essa rigorosa seleção, o estado sanitário da tropa brasileira era excelente.

A oportunidade de integrar a FEB surgiu quando fui convidado, junto com outros oficiais, a comparecer ao Gabinete do Ministro da Guerra, para declarar se aceitaria o comissionamento no posto de capitão e a transferência para a força em organização, como voluntário. Concordei, logicamente, por ser integrante do nosso Exército e fui classificado no Grupo-Escola de Artilharia que seria transformado em unidade expedicionária, com a denominação inicial de I/1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (I/1º R.A.P.C.) mudada, depois, na Itália, para IV Grupo de Obuses (155mm).

Participei dos exercícios preparatórios realizados no Brasil, quando se recordou a técnica de tiro francesa e se estudou, em sala, a americana; ambas, insistentemente, treinadas com tiro real, no terreno. Foram realizados, ainda, vários treinamentos, no escalão Grupo, de serviço em campanha. O grau de instrução atingido pela tropa, em nosso País, foi excelente, ainda mais, se considerarmos o pouco tempo disponível. Esse preparo permitiu, aos artilheiros de todos os postos e gradu-

ações, que fossem resolvidas, com segurança, as emergências surgidas, decorrentes do uso do material.

A viagem para a Itália foi realizada em duas etapas, sendo a primeira em navios de transporte da Marinha americana, com escolta de navios de guerra desse país e brasileiros, até o porto de Nápoles. A partir daí até o porto de Livorno, mais ao norte do Mar Tirreno, em barcaças do tipo *Landing Craft Infantry* (LCI), de desembarque em praias. Os navios tinham capacidade para seis mil homens e as barcaças cerca de duzentos, ou seja, o valor de uma Companhia de Infantaria. Nesse transporte, de Nápoles para Livorno, ocorreu grande número de enjôos, ultrapassando a marca de 95% do pessoal, inclusive a tripulação americana. A tropa chegou ao destino extenuada e de moral abatido, em conseqüência da navegação em época de mar revolto, com trombas d'água e ventos fortes, durante cerca de 36 horas. Parece até que esse transporte teve o propósito de submeter a tropa brasileira a tal experiência.

Em seguida ao desembarque, em Livorno, fomos transportados para o acampamento, nas imediações da cidade de Pisa, onde nos instalamos. Essa primeira fase, podemos assim denominar, foi reservada à recuperação física, adaptação, quarentena e ao recebimento de material e equipamentos, visando à entrada em posição de combate. Nesse período, houve oportunidade de visitarmos a cidade de Pisa, bastante destruída, observando-se a população amedrontada e carente de recursos. Relacionava-se com os brasileiros como se esses constituíssem um povo irmão. A alimentação era racionada e distribuída pela tropa de ocupação do V Exército americano.

Nas imediações, havia um campo de prisioneiros alemães que alguns brasileiros visitaram, devidamente autorizados. Observou-se que os referidos prisioneiros mantinham moral elevada e estavam, ainda, esperançosos da vitória, apesar das seguidas derrotas, porque aguardavam a chegada de uma nova arma, que seria a bomba atômica, prometida por Hitler.

Aviões alemães faziam incursões na área de estacionamento da tropa brasileira, que era defendida pela artilharia antiaérea americana.

Nesse período, alguns dias antes do recebimento do material, foi realizado um excelente estágio para oficiais e sargentos no Grupo de Artilharia 155mm da 82ª Divisão de Infantaria americana, empenhada na frente de Bolonha. Recebemos uma visão completa da realidade, porque foi-nos proporcionado observar, além dos trabalhos nas peças e na central de tiro, também nos observatórios, inclusive os avançados, junto à Infantaria, com a execução das atividades de suprimento de classes I e V[1], transporta-

---

[1] Classificação logística militar para designar o conjunto de artigos destinados à alimentação e munição, respectivamente.

dos por muares devido às condições do terreno e à evacuação de mortos e feridos, através dos postos de triagem.

Findo o estágio, todas as equipes regressaram ao estacionamento, em Pisa, para o recebimento do material de 155mm – que até então era desconhecido pela tropa. O material do Grupo-Escola, antes da guerra, era de calibre 105mm, empregado na instrução prática de preparação para a guerra realizada no Brasil. Dispusemos de um prazo curtíssimo para a entrada em posição, no dispositivo de combate – inferior a uma semana –, resultando em grave prejuízo para a instrução dos serventes das peças. Constituiu-se em grande risco que poderia ter sido fatal, pois as guarnições foram aprender nas posições de tiro.

Iniciou-se, então, a entrada em linha das Unidades brasileiras. A Bateria recebeu a missão de ocupar sua primeira posição e providenciei a organização do reconhecimento. Seguia pela estrada quando fui interrompido por um atravancamento de blindados e caminhões de um Pelotão de Carros de Combate inglês. Preocupado com o escoar do tempo e o curto prazo de que dispunha para o reconhecimento a ser feito, apelei para o capitão inglês, comandante do Pelotão que dirigia os trabalhos, para que pudesse prosseguir, de imediato. Naquela situação, ele providenciava a recuperação de um de seus carros que, na realização do tiro durante a noite, perdeu os freios e, no recuo, desceu a encosta de marcha a ré até a margem de um rio. A resposta do capitão foi a seguinte: “Naturalmente o senhor está preocupado com os prazos escolares, mas estamos em guerra e os prazos dependem de outros fatores como, do inimigo, do terreno, do tempo e de acidentes, e, por este motivo, o Sr. vai ter que esperar, até que possamos recuperar um dos nossos carros acidentados.” A partir dessa informação, passei a compreender melhor os imponderáveis da guerra, conformando-me com a situação, embora preocupado.

O deslocamento da Bateria para aquela posição, desde a cidade de Pisa, cerca de cem quilômetros, foi realizado por infiltração – de duas em duas peças com suas viaturas tratoras – para que se apoiassem mutuamente, evitando, também, expor a Bateria, que se deslocando como um todo tornar-se-ia alvo compensador. Além disso, não se dispunha de crédito de tráfego na Estrada Principal de Suprimentos (EPS) do V Exército, que se encontrava sobrecarregada, na faixa inicial, à retaguarda, impondo, portanto, essa solução para evitar atrasos. A Bateria chegou em muito boas condições na posição de espera.

Nesse local, recebi nova ordem para reconhecer uma posição mais à frente. Devido ao acesso difícil, em região montanhosa, a ocupação dessa nova posição levou toda a noite. As maiores dificuldades surgiram no final do deslocamento, quando foram atingidas as estradas de terra, enlameadas pelas chuvas constantes.

Um dos tratores das peças apresentou defeito na embreagem, enguiçando na serra de Pistoia e se atrasando.

Na ocupação dessa primeira posição, durante a noite, na Região de Savignano, houve vários erros, principalmente, dos tratoristas que não atenderam às ordens sobre formação das pistas ou outras irregularidades, como falatório alto etc. Todos os erros cometidos foram corrigidos nas ocupações de posição subseqüentes.

Recebemos a primeira missão de tiro ao mesmo tempo em que a Bateria de Serviços descarregava, na posição, a esperada munição do material 155mm, ainda não conhecida pelos integrantes da Bateria. Era o dia seguinte à ocupação da primeira posição, que terminara de madrugada. Nesta situação, somente oficiais e sargentos teriam condições para a identificação dos comandos da central de tiro do Grupo, considerando que eram oito as espécies de granadas e de espoletas e várias cargas de pólvora. Para não deixar de cumprir o pedido de tiro, que era de um observador aéreo, decidi atirar com uma única peça, cuja guarnição foi composta por oficiais e sargentos. Somente mais tarde as guarnições receberam todas as informações sobre a munição, sem maiores problemas.

Nessa posição de Savignano, assistimos a queda de um avião P-47, da Esquadrilha da Força Aérea Brasileira (FAB), com o motor em chamas e produzindo grande quantidade de fumaça. Ele fora abatido pela artilharia antiaérea alemã. Verificou-se, no entanto, que o piloto – Aspirante Canário – saltara de pára-quedas, atingindo o solo em região de bosque, nas proximidades da área da Bateria. Foi organizada uma equipe de busca, encontrando-se, inicialmente, o pára-quedas e, a seguir, o próprio piloto, quando, então, se deu o reconhecimento recíproco, pois, até aquele momento, não se sabia a nacionalidade do avião e nem o piloto sabia se caíra em território amigo ou inimigo. O Aspirante Canário, ao pousar, abandonou seu pára-quedas e escondeu-se em uma macega próxima, até verificar onde teria descido, se em posições brasileiras ou inimigas. Certificou-se que se encontrava em território amigo ao ouvir palavras em português e ao constatar a existência de negros entre os soldados que o procuravam.

Um fato a ser mencionado refere-se à reclamação da alimentação americana que não satisfazia ao nosso paladar. A inclusão de feijão preto com farinha, polenta, e outros produtos vindos do Brasil, nas refeições, resultou numa alegria geral e significativa melhora no moral da tropa.

A observação dos tiros de artilharia ficou praticamente restrita aos observadores avançados, juntos às Companhias, Pelotões e, em certos casos, até Grupos de Combate, e, em ocasiões especiais, aos observadores aéreos. Era muito difícil a condução dos tiros realizada dos postos de observação normais, escalão grupo, devido às nume-

rosas dobras do terreno, nos Apeninos. No entanto, algumas regulações foram realizadas pelo processo de Centro de Impacto, com espoleta tempo, dos observatórios.

Atendendo ordem do IV Grupo, a 1ª Bateria 155mm mudou sua posição de Savignano para a de Casa de Cristo, situada à frente do dispositivo da Artilharia Divisionária. Por sugestão do IV Corpo de Exército, um Pelotão de Carros de Combate ocupou posição em área bem mais elevada e à retaguarda da posição da Bateria e com a mesma direção de vigilância[2]. Todas as vezes que nós atirávamos, os canhões dos carros de combate também atiravam, mascarando, assim, os tiros e a posição das peças. Em Casa de Cristo, fizemos prisioneiros. Como a posição defensiva da Divisão brasileira era nucleada, devido à sua grande extensão – cerca de 15 a 18 quilômetros – quatro soldados alemães se infiltraram, durante à noite, nos intervalos, atingindo, pela manhã, a posição da Bateria, sendo aprisionados e encaminhados ao posto de comando do Grupo para o procedimento normal.

A Bateria foi designada, em determinada ocasião, para apoiar a 10ª Divisão de Montanha americana, que não dispunha de material para realizar a contrabateria, pelo fato de possuir, apenas, canhões de menor calibre – 75mm. Em conseqüência, solicitou, por intermédio do IV Corpo de Exército, o apoio de uma Bateria 155mm da Divisão brasileira. A 1ª Bateria foi a escalada para cumprir essa missão. Na noite seguinte ao pedido, nos deslocamos para a zona de ação da 10ª Divisão americana, que indicou a posição a ser ocupada, de onde foram cumpridas todas as missões de tiro solicitadas por aquele Grande Comando. Após a realização desses fogos de apoio, a Bateria voltou ao dispositivo da Artilharia Divisionária.

Apesar da diferença de idiomas, o contato foi realizado sem qualquer problema, graças ao Tenente Francisco Boaventura Cavalcante Junior, do Estado-Maior do Grupo, que atuou como subalterno da Bateria, por falar, fluentemente, o inglês.

Um aspecto relacionado ao emprego da artilharia alemã exigiu elevado consumo de munição. Na nossa doutrina, sempre que a Bateria abandonava uma posição para ocupar outra, essa anterior era preparada para se tornar uma posição falsa. A finalidade era manter a fisionomia do local que estava sendo deixado e iludir o inimigo quanto à verdadeira posição, ante às vistas terrestres ou aéreas. Entretanto, as posições falsas alemãs não dependiam de ocupação prévia. Havia uma peça – chamada peça nômade –, independente das demais da Bateria, que ocupava, de forma intermitente, todas as "posições falsas", inclusive aquelas ainda não utilizadas pela linha de fogo, e delas executava tiros. Essas posições eram consideradas como verdadeiras e constavam nas pranchetas das centrais de tiro da

[2] Direção na qual é apontada a bateria. Seu valor é expresso por um lançamento.

Artilharia Divisionária (AD) e dos Grupos brasileiros, resultando, naturalmente, em missões de contrabateria e no aumento do consumo desnecessário de munição, sobre posições não ocupadas.

Na tarde do dia 25 de abril de 1945, a 1ª Bateria recebeu ordem para deslocar-se com destino às imediações da cidade de Vignola. No início desse deslocamento, por encontrar áreas em que ocorriam disparos de armas leves, foi-lhe determinado regressar à posição anterior. A inversão da direção do movimento da coluna motorizada, nessa situação, foi extremamente penosa, pela dificuldade de manobra dos tratores, com as respectivas peças engatadas, em áreas de pouco espaço e batidas por fogos de armas leves. Após o retorno, ainda na mesma tarde, a Bateria recebeu nova ordem de deslocamento para a região de Vignola, que atingiu no início da noite, com os tanques de combustível das viaturas praticamente vazios. Não recebêramos a Ordem Logística[3], obrigando, assim, a um novo reconhecimento para descobrir a localização dos postos de suprimento (P Sup) classe III[4]. A situação tornava-se mais difícil pelo fato de que a Bateria teria que se deslocar, na manhã seguinte, para ocupar nova posição, em Quatro Castella. A Divisão brasileira vivia a fase da perseguição ao inimigo, e a Bateria precisava prosseguir urgentemente. Como Comandante da Bateria, saí com o reconhecimento e determinei ao Oficial de Manutenção, Tenente Helio Mendes, que resolvesse o problema, o que foi realizado com inteligência e rapidez. No deslocamento para Quatro Castella, que sucedeu Vignola, italianos, percebendo que se aproximava o final da guerra, saíam de suas casas e, nas estradas, ofereciam vinho à tropa, enquanto soldados alemães, desgarrados de suas Unidades, postados à beira da estrada, faziam continência para a tropa brasileira.

O remuniciamento era um trabalho muito penoso nas posições de bateria 155mm. As razões eram o efetivo muito pequeno da Seção de Remuniciamento e o projetil muito pesado – cerca de 55 quilos. Em cada peça de artilharia são mantidos cerca de trinta projetis, em pilhas de três camadas. Em operações, como Monte Castelo e Montese, quando o apoio foi prolongado, esse trabalho é maior, exigindo o emprego de reforço de pessoal – alguns telefonistas disponíveis – para fazer os seguidos remuniciamentos entre a Seção e a Linha de Fogo.

Considerando que as munições de guerra apresentam deficiências de segurança, devem ser evitadas as posições de tiro em “M” ou “W” e suas nuanças, para impedir que um arrebentamento prematuro de granada, ocorrido em uma das peças,

---

[3] Documento, na categoria das ordens de combate, que regula o apoio administrativo nas operações em curso ou planejadas.

[4] Classificação logística militar para designar os combustíveis e lubrificantes.

atinja as guarnições das vizinhas. Nós tivemos, na Bateria, um arrebentamento prematuro que deixou uma vala profunda na frente da peça; se existisse outra avançada, ao lado, em relação à ela, a guarnição teria sido eliminada. No nosso caso, graças a Deus, era a peça mais avançada.

A cadência normal de tiro do material 155mm é de dois tiros por minuto. Havia as situações de emergência, por exemplo, nos ataques a Monte Castelo, Castelnuovo e Montese, nos quais as guarnições tiveram que atingir até nove tiros por minuto.

Quando havia previsão de excesso de consumo de munição, aumentavam-se os estoques nas posições. Evidentemente, nessas ocasiões, procedia-se a limpeza e o resfriamento dos tubos e a lubrificação das culatras, que não fechavam completamente, sem interrupção do apoio de fogo, adotando-se, então, o revezamento e, uma peça de cada vez, era colocada “fora do feixe”[5]. Para o aumento da cadência do tiro, escalava-se o servente mais forte como único carregador, dispensando-se a calha de carregamento, utilizada por dois serventes.

Na campanha do Vale do Rio Pó, em Collechio e Fornovo, a Bateria viveu um fato singular. No instante em que chegávamos à posição de Quatro Castella, dois oficiais do Estado-Maior da AD requisitaram os nossos tratores e a Seção de Manutenção, para conduzir os obuses da 2ª Bateria do III Grupo, cujas viaturas tinham sido empregadas pela Divisão para o transporte da Infantaria. Foi encarregado dessa missão o Tenente Helio Mendes, Oficial de Manutenção da Bateria. Foram engatados os obuses de 105mm nos tratores e formada a coluna de marcha, que iniciou o deslocamento motorizado com destino a Collechio, por volta de uma hora dessa noite; porém, a central de tiro permaneceu na posição anterior, em Bebiano, por falta de transporte. O percurso, que durou todo o restante da noite, executado com disciplina de escurecimento total, foi muito tumultuado, pois o guia italiano, enviado pela AD para dirigir a coluna, perdeu o rumo; o comboio atravessou várias localidades conflagradas, com intenso tiroteio de armas leves. Somente ao clarear do dia, a 2ª Bateria atingiu Collechio, onde entrou em posição de tiro. Como os observadores avançados pediam apoio de fogo com urgência, o Ten. Helio Mendes improvisou uma central de tiro de Bateria, com a colaboração do sargento Jordão, sargento de Motores da 1ª Bateria 155mm, com os recursos de que pôde dispor na ocasião. Desse modo, foram atendidos os primeiros pedidos de tiro, até que o III Grupo conseguiu reunir os meios necessários, em Collechio, para prosseguir na missão, independentemente de ajuda.

Depois de normalizada a situação da Bateria 105mm, o Tenente Helio Mendes reuniu os tratores e a sua Seção de Manutenção e retornou à região de Quatro

[5] Expressão usada na artilharia para dizer que determinada peça não está em condições de prosseguir atirando.

Castella, chegando, com a coluna motorizada, no início dessa noite, possibilitando o deslocamento da 1ª Bateria 155mm, ao receber nova ordem.

Esse episódio aconteceu no final da campanha, na fase da descentralização, quando há necessidade de muita capacidade de iniciativa, como demonstrou o Tenente Helio Mendes, na ida para Collechio, conseguindo, apesar dos vários incidentes, chegar ao destino.

Antes da entrega do material a uma Unidade de transporte americana, no término da guerra, a Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (AD/1) foi reunida em região próxima à cidade de Alessandria, quando a vitória foi comemorada com o desfile de toda a tropa, marcando o encerramento das atividades operacionais.

Com relação ao comportamento do soldado brasileiro, gostaria de comentar a grande dificuldade em orientá-los quanto à parte sexual, especialmente pela facilidade em freqüentar casas de moradores locais durante à noite. Tal situação tornou-se quase incontornável, na fase da estabilização, nos Apeninos, durante o inverno, pelo grande tempo de permanência nas posições ocupadas. A providência adotada na Bateria foi a realização de visitas constantes às barracas ou abrigos, ao anoitecer, para diálogo e apoio moral.

A respeito de minha subunidade, destaco, inicialmente, o espírito de equipe revelado de forma permanente, graças à cooperação indistinta de todos os seus integrantes. E mais: à devoção dos oficiais para manter o aprestamento da Bateria; ao ambiente de compreensão e de amizade reinante, como se fosse uma só família; e à confiança recíproca revelada entre superiores e subordinados, relativamente ao acatamento às ordens.

Fiquei impressionado com o vulto da mobilização das Forças Aliadas e a concentração no Teatro de Operações de todos os recursos que foram necessários, inclusive nas áreas civis ocupadas, onde foi prestado apoio de saúde e alimentação.

Quanto à FEB, surpreendeu-nos a capacidade do Brasil em mobilizar uma Divisão operacional, que nada ficou a dever aos Exércitos de outras nações, mostrando-se em condições de enfrentar inimigos altamente treinados e experimentados.

Quanto às características reveladas pelo nosso soldado, impressionou a sua rusticidade, acima da média dos combatentes de outras nações, suportando o desconforto com resignação. Resistiu com galhardia às condições climáticas agressivas, nos Apeninos, na Itália, com temperaturas de até 15 a 18 graus Celsius, abaixo de zero. Nessas circunstâncias, foi capaz de criar e montar dispositivos originais para o aquecimento das barracas e dos abrigos, usando materiais descartados, com funcionamento a gasolina ou a lenha. Comprovou notável aptidão para adaptar-se a todas as situações que

se apresentavam, bem como, indiscutível capacidade de imaginação e desenvolvido espírito de iniciativa, para solucionar problemas e ocorrências inesperadas.

Revelou, ainda, autocapacidade de aprendizagem, quando surpreendido por material desconhecido. O espírito de iniciativa e de cooperação mostravam-se evidentes e, em decorrência, a habilidade para gerar e manter laços de camaradagem, o que muito concorreu para confirmar o espírito de equipe da Bateria.

Todas essas importantes qualificações do soldado brasileiro constituíram a razão de ser do espírito solidário que esteve presente, o que contribuiu, decisivamente, para o sucesso no cumprimento das missões recebidas. A união entre todos era de tal ordem que nenhum elemento aceitava o seu afastamento do salutar convívio diário, nem mesmo em caso de doença, preferindo, conscientemente, tratar de sua saúde com medicação de uso comum, existente na Bateria.

Aos italianos, não deixou dúvidas sobre o espírito alegre, comunicativo e cordial.

Para o Comandante e os Oficiais da Bateria, o soldado brasileiro, na Itália, comprovou ser o melhor do mundo, como cumpridor consciente e fiel de suas missões, com resignação e destacada coragem.

Em resumo, foi surpreendente a atuação do combatente brasileiro, tanto que chegou a provocar comentários positivos dos chefes do V Exército americano.

As *performances* do Grupo estiveram acima da normalidade, destacando-se as atuações do Capitão Ariel Pacca da Fonseca, Comandante da Bateria de Comando, sempre presente em todas as situações que exigiam a sua pronta intervenção; do Capitão Geraldo Magarinos de Souza Leão, da Seção de Reconhecimento e Topografia, correto e preciso no levantamento das coordenadas; e do Tenente Francisco Boaventura Cavalcante Junior, do Estado-Maior do Grupo, pelo fato de falar corretamente o inglês, o francês e o espanhol, além do italiano, que aprendeu com facilidade, na ocasião, e por sua constante e devotada participação, como excelente intérprete e melhor combatente.

Como Comandante da Bateria, precisei assistir e confortar meus subordinados, em horas difíceis, em particular os soldados que nunca recebiam cartas de suas famílias e se recolhiam, melancólicos.

A Bateria redigia um pequeno fascículo, que divulgava entre todos, comunicando os êxitos alcançados, além de notícias correntes da subunidade e outras colaborações dos soldados. A preocupação de todos era o correto cumprimento da missão, principalmente, porque se notava o prestígio crescente do trabalho da Bateria. Cada integrante tinha consciência de estar cumprindo o seu dever com o Brasil.

Fato de destaque, que gostaria de abordar, foi o perfeito entrosamento entre os estados-maiores da Divisão, da AD/1 e das Unidades subordinadas, conscientes

que deveriam atender, da melhor forma possível, ao desenvolvimento das operações. Isso ficou comprovado na manobra de Collechio e Fornovo, que surpreendeu as forças inimigas, graças à estreita cooperação e iniciativa da Divisão, motorizando a Infantaria com meios próprios, na fase da perseguição. Com toda a certeza, o fato despertou ciúmes entre os comandos das Forças Aliadas.

Nas imediações da localidade de Francolise, foi realizada a concentração final da tropa brasileira, enquanto aguardava o embarque para o regresso ao Brasil. Considerei um martírio e uma ofensa impostos pelos americanos aos brasileiros, seus aliados na guerra. As barracas estavam armadas em terreno coberto por espessa camada de poeira, que com o vento penetrava nas bagagens individuais, refeições e... "até na consciência". Este acampamento foi, na realidade, um injusto coroamento do grande esforço despendido pelos brasileiros, na campanha da Itália. Os americanos renegaram seus irmãos de Armas, depois de tirar-lhes o máximo de colaboração e esforço.

Na chegada da FEB, o povo carioca, representando a família brasileira, acorreu em massa à Avenida Rio Branco, no centro da cidade do Rio de Janeiro, para aplaudir os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira que acabavam de chegar da Itália. Vibrante demonstração de patriotismo, de carinho e de gratidão pelo sacrifício a que se submeteram, em defesa da Pátria.

No entanto, o Exército Brasileiro da época desconheceu o regresso da FEB, ignorou os ex-combatentes, o que muito marcou nossos corações. Demonstrou desinteresse pela História do País, perdendo-se as oportunidades de diálogo com interlocutores detentores de informações que poderiam se tornar importantes para a instrução militar.

Recentemente, reeditei o Relatório de Campanha da 1ª Bateria 155mm no Teatro de Operações da Itália, que havia elaborado ao retornar da guerra. O objetivo principal foi homenagear e retribuir o grande interesse, revelado por oficiais procedentes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em conhecer, com profundidade, as operações militares realizadas pela FEB, na Itália. Outro objetivo foi o de proporcionar aos artilheiros de hoje, de todos os postos e graduações, bem como a todos aqueles que se interessam pela História, uma análise das situações vividas por uma Bateria 155mm, nas operações de guerra, na Itália, ressaltando as críticas, para servirem de ensinamento para o futuro.

Um fato interessante ocorreu, poucos anos atrás, durante uma visita à AMAN. Na sala da chefia do Curso de Artilharia, encontrei um Tenente-Coronel – Instrutor-Chefe do Curso – que trazia, preso à sua camisa, na altura do bolso, o nome de Santiago. Dirigi-me a ele e disse: "Santiago, eu servi na FEB e lá havia um cabo

apontador da 2ª peça – peça diretriz[6] – que se chamava Santiago." Imediatamente, ele respondeu: "Era o meu pai!" Interessante esse fato, porque, mais tarde, tive oportunidade de reencontrá-lo, no aniversário do Grupo-Escola, Unidade que formou o IV Grupo da FEB. Ele, após concluída a sua missão no Curso de Artilharia, assumira o comando da Unidade.

Ao concluir esta entrevista sobre a história de nossa FEB, gostaria de registrar, inicialmente, a grande satisfação do dever cumprido em nome da Pátria.

A seguir, a sorte de haver comandado uma Bateria 155mm, na guerra, integrada por oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados de excepcionais qualidades profissionais, morais e físicas, constituindo a razão de ser dos êxitos alcançados pela nossa subunidade.

Por fim, a alegria de ter regressado com vida à Pátria e ao seio de minha família, que sofreu como se estivesse na guerra.

---

[6] É a peça colocada mais próxima ao centro da bateria (CB) e que executa os tiros da regulação para obtenção dos elementos ajustados.

General-de-Brigada Helio Richard*

Natural da cidade de Abaeté, Minas Gerais, pertence à turma de 1938 da Escola Militar do Realengo. Realizou o curso secundário no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em outubro de 1943, após breve período como instrutor de Estradas, na Escola Militar do Realengo, foi designado para realizar um curso de comunicações na *Eastern Signal Corps School*, em New Jersey, Estados Unidos. Durante a guerra, exerceu as funções de Subcomandante e Comandante da Companhia de Transmissões da Força Expedicionária Brasileira. Em 1949, formou-se em Engenharia de Comunicações, pela Escola Técnica do Exército (atual Instituto Militar de Engenharia-IME). Nos anos de 1950 a 1952, integrou a Comissão Executiva do Plano Postal-Telegráfico, como representante do Exército. Foi professor do IME de 1953 a 1963. Em 1957, cursou a *École National Superieure des Telecommunications*, na França. Nos anos de 1964 e 1965, serviu no Departamento de Estudos e Pesquisas Tecnológicas (DEPT). Passou para a reserva, a pedido, no posto de General-de-Brigada, em 1965. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Dentre as principais atividades exercidas no meio civil, destacam-se: Professor da Escola Nacional de Engenharia (de 1958 a 1964) e da Escola de Engenharia da Pontifícia Universidade Católica – PUC (de 1961 a 1963); Diretor Geral do Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), em 1964; e integrante dos quadros da Petrobras (1966-67) e da Embratel (1967 a 1986).

---

* Subcomandante da Companhia de Transmissões (atualmente, Comunicações) da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 25 de abril de 2000.

Inicialmente, desejo agradecer o convite que me foi feito para vir a essa entrevista, que muito me honra e me proporciona a oportunidade de falar algo sobre a nossa Companhia de Transmissões, agora Comunicações, que era uma especialidade da minha querida arma de Engenharia.

Eu continuo engenheiro, sou engenheiro de comunicações, mas sempre gostei muito das atividades de transmissões. Prova disso, foi que consegui ser cadete telegrafista.

Falarei naturalmente e com a maior fidelidade. Muito obrigado.

Na época da criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), era instrutor da Escola Militar do Realengo. Na realidade, pouco sabíamos a respeito da criação da FEB, e o assunto comentado, advindo da eclosão da Segunda Guerra Mundial, era sobre a possibilidade de invasão do Nordeste do País pelos nossos futuros inimigos, os alemães. As turmas de Engenharia da Escola Militar passaram a ter efetivos maiores e os jovens aspirantes, delas oriundos, eram designados para essa região, principalmente, para a construção de estradas de rodagem, que não existiam.

Ressentíamo-nos de informações, na Escola, capazes de esclarecer o que estava acontecendo nos Teatros de Operações. Comentávamos que poderia haver uma sala, talvez com um mapa, mostrando os fatos que ocorriam. Cada um de nós se interessava e fazia o que era possível. Lembro-me de que um dia nos mostraram um pedaço de papel com um rabisco do que seria um detector de minas, usado pelo Exército americano. Então nos foi pedido, a mim e a um companheiro, já falecido, Tenente Carlos Alberto Braga Coelho, que tentássemos descobrir, talvez fazer experimentalmente, um aparelho semelhante àquele, que servisse como detector de minas. Nós éramos amadores de rádio e aquele pequeno diagrama mostrava válvulas, resistores e capacitores; alguma coisa eletrônica, parecida com o rádio. Procuramos, com os nossos próprios meios, construir algo equivalente àquilo. Evidentemente, não foi possível, porque não dispúnhamos de material e nem de conhecimentos técnicos, teóricos e práticos, para construir um equipamento daquele tipo. Fui conhecê-lo durante a guerra na Itália, do tipo que nós chamamos de "frigideira" – havia um disco e um cabo comprido – usado pela tropa de mineiros da Engenharia. Outro material sobre o qual tivemos uma pequena noção foi o bote de assalto, com motor de popa, para travessia de rios. Essas foram as grandes novidades, na Escola Militar, durante a guerra.

Quando chegou próximo do fim do ano de 1943, eu fui designado para fazer um curso nos Estados Unidos, junto com mais dois capitães, bem mais antigos. Nessa ocasião é que fui pensar um pouco mais na guerra.

Não nos perguntaram se falávamos inglês, se entendíamos inglês, se conhecíamos os Estados Unidos e tivemos cerca de duas semanas para embarcar. O capitão mais antigo não sabia contar até dez, em inglês.

Embarcamos para os Estados Unidos em um avião do tipo C-47, cargueiro, da Força Aérea americana, com destino a Miami, fazendo escalas em Salvador, Recife, Natal, Belém, Paramaribo e em uma ilha, possessão americana. A viagem durou quatro dias e havia alguns oficiais americanos, no avião, com os quais eu procurei conversar, para exercitar o inglês, que eu falava e entendia um pouco. Viajavam, também, do grupo de oficiais brasileiros, alguns médicos e, me parece, três de Artilharia, todos dirigindo-se para locais diferentes.

Em Miami, fomos muito bem recebidos e conduzidos para um hotel magnífico. Ofereceram-nos uma refeição ótima e, assim, passamos um dia nessa cidade.

Dali, seguimos viagem para New Jersey – *Fort Mommouth* – que era o nosso destino, sede da Escola de Transmissões do Exército americano (*Eastern Signal Corps School*). Fomos, igualmente, recebidos com toda a atenção e, como é de praxe, fomos apresentar-nos ao comandante da escola e ele perguntou o que desejávamos fazer. Ele explicou que o curso que os oficiais faziam, na escola, era de nível superior de comunicações; chamado de *Advanced Officers Course*, do Exército americano.

Por ser mais falador, disse para o general: "Bom, podemos ser matriculados nesse curso." E assim foi feito. Poucos dias depois, iniciou-se com uma turma composta de 32 oficiais americanos, procedentes de todos os lugares dos Estados Unidos, e um tenente-coronel inglês que estava como Adido, ou trabalhando junto ao Adido Militar da Inglaterra.

A recepção pelos oficiais americanos foi muito boa, embora, de um modo geral, não fossem de procurar muito relacionamento, mas eram simpáticos e nos trataram de igual maneira. A impressão que eu tive é que eles receavam não serem compreendidos e que nós, talvez, não pudéssemos responder.

Além daquelas aulas dedicadas, especialmente, às Comunicações, nós fazíamos ordem unida, marchas, exercícios de campo, educação física; o que eles faziam procurávamos fazer, também.

Saímos do Brasil sem levar uniforme apropriado, quer para o inverno, quer para o curso. Devido ao tempo de guerra, a idéia era de que deveríamos usar capacete, não nos permitindo levar o quepe. Em conseqüência, levamos um capacete de fibra antigo – eu não sei se os senhores conhecem ou conheceram esse capacete, que não é de guerra, mas, vamos dizer, de campanha. Nós o conservamos no fundo da mala, porque não havia como utilizá-lo, e, então, inventamos um uniforme parecido com o deles, usando o chamado gorro sem pala.

Procuramos fazer todos os exercícios, todas as provas, tudo o que era preciso. Um dos nossos companheiros entendia muito pouco a língua inglesa e padecia com as oito horas de aulas diárias, inclusive aos sábados. Já no fim do curso, ele me

cutucava e dizia: "Agora eu entendi!". Foi difícil! Foi difícil para ele, não para mim e para o Capitão Moacyr Ignácio Domingues, que não tinha boa pronúncia e nem facilidade para falar, mas conhecia muito o inglês.

O Exército americano era, para nós, notável, porque, no dia seguinte ao em que nós chegamos, recebemos uma pilha, de um metro de altura, com todos os regulamentos que seriam mencionados ou adotados durante o curso. Então, podíamos assistir às aulas e fazer depois, no alojamento, uma revisão do que tinha sido ministrado. Assim, conseguimos fazer, lá, os quase quatro meses de curso.

Ao terminar, o Comandante do Forte perguntou-nos o que mais desejávamos, e dissemos para ele que gostaríamos de ver um pouco do treinamento da tropa americana. Saímos do Estado de New Jersey, onde era o forte, perto de New York, e fomos para o Forte Jackson, na Carolina do Sul, onde conseguimos ver alguma coisa do treinamento real do Exército americano. De lá, iniciamos a viagem de volta para o Brasil.

O curso foi, no meu entender, magnífico, tanto que quando chegamos nós nos reunimos com mais dois oficiais que tinham ido antes e procuramos fazer com que o curso da Escola de Transmissões, de Deodoro, seguisse, mais ou menos, aquela linha. Eu digo mais ou menos, porque não dispúnhamos das facilidades que eles tinham. Os nossos equipamentos de transmissões ou de comunicações eram obsoletos, vamos dizer assim, e, na verdade, não eram equipamentos militares.

O Exército não procurava estimular a indústria civil para fazer aquilo que precisava, existindo, até, uma separação forçada. A fábrica militar de material de comunicações, no Caju, defronte do Arsenal, produzia tudo, inclusive pilhas. Os componentes para o equipamento de rádio eram comprados no comércio, evidentemente voltados para o montador de rádio civil ou para o radioamador. Nós não tínhamos equipamentos com caráter militar, absolutamente.

Quando voltamos dos Estados Unidos, eu já estava classificado na Força Expedicionária Brasileira. Até, quando fui recebido no Aeroporto Santos Dumont, minha esposa, que estava lá, esperando-me, disse: "Olha! Você já está na FEB!". Fui à Escola Militar do Realengo só para me apresentar e deixar as minhas despedidas.

Eu fui classificado, desde o início, na minha Companhia de Transmissões, que estava sendo organizada no atual Batalhão Barão de Capanema, que naquela época se chamava Batalhão Vilagran Cabrita. Atualmente, Btl Vilagran Cabrita é uma Organização de Engenharia, em Deodoro, mas, naquela época, em que eu era Tenente, era um Batalhão de Transmissões. Uma das três Companhias do Batalhão tinha sido designada para ser a Companhia de Transmissões da Força Expedicionária Brasileira.

Um pequeno detalhe está relacionado com o comando da Companhia, que era exercido por um capitão de Engenharia. Mas, naquela época, o oficial no posto de

capitão já estava se preparando para ingressar na Escola de Estado-Maior, na Escola Técnica, ou em outra especialidade, que podia ser Motomecanização ou Educação Física. Eram essas as possibilidades que havia para os oficiais de Engenharia, evidentemente. O Comandante da Companhia era especializado em Motomecanização, e, por essa razão, foi substituído por um capitão de Engenharia com o curso da Escola de Comunicações. Era o Capitão Mário da Silva Miranda, que assumiu o Comando da Companhia e conduziu-a na Campanha da FEB, na Itália. Eu, como Tenente mais antigo, ocupei o cargo de Subcomandante da Companhia.

Nessa época, também, estávamos começando a absorver as coisas do Exército americano, havendo, mesmo, ordem ou determinação nesse sentido, e, em uma Companhia de Transmissões, por exemplo, existia o Comandante e, abaixo dele, na hierarquia, havia o Subcomandante, que os americanos chamavam de executivo, isto é, oficial executivo. Então, havia na nossa Companhia o Comandante e eu passei a ser o Executivo. A idéia do Exército americano, e que adotamos, era que o Comandante fosse mais administrativo, enquanto o Oficial Executivo, mais voltado para a utilização da Companhia de Transmissões.

Começamos, assim, a preparar a subunidade, partindo de uma situação inicial de muita penúria, sem equipamento algum. Para dar uma idéia, quando eu era Tenente no Batalhão, havia uma única viatura, um caminhão civil, para fazer todo o serviço. O Comandante do Batalhão não tinha um automóvel para levá-lo até a estrada de ferro, em Deodoro. Ele tinha que tomar um trenzinho; chegamos ao ponto de tentar recuperar uma charrete, porque havia alguns muares, para o transporte do Comandante até Deodoro. Era assim o nosso Batalhão, pobre, pobre mesmo.

Dentro de pouco tempo começamos a receber material americano, principalmente, de rádio e telefonia. Eu e mais um outro Tenente, Hervê Berlandez Pedrosa, que embarcou no primeiro escalão, e mais ninguém, conhecíamos, um pouco, aqueles equipamentos, porque os vimos nos exercícios do Exército americano. Eram equipamentos militares, muitos deles já em uso no Norte da África, nos carros de combate. Para dar uma idéia da diferença que havia entre os nossos equipamentos e os americanos, nós não possuíamos nenhum capaz de ser utilizado numa viatura, só em terra. Era preciso retirá-lo da viatura e montá-lo para que pudesse ser utilizado.

Começamos, como disse, a receber viaturas e equipamentos de comunicações americanos; alguns equipamentos já estavam obsoletos e algumas viaturas não eram mais utilizadas pelo Exército estadunidense, mas todas em perfeitas condições de uso e que serviram muito para os nossos primeiros exercícios e treinamentos. Recebemos uma aparelhagem que, para nós, foi magnífica, composta de projetores e

filmes de instrução, em boa quantidade; todos eles, naturalmente, falados em inglês, mas com a imagem muito boa.

Com viaturas à vontade, combustível e equipamentos iniciamos os exercícios, embora surgisse o problema de motoristas, que começamos a improvisar. Algumas praças foram mandadas, nessa época, para fazer cursos especiais nas empresas, exclusivos para o pessoal da FEB, como o sargento André, que foi para São Paulo, na General Motors. Hoje, ele é Major e está aqui presente. Lembro que nós fazíamos esses exercícios acampados, com toda a Companhia, durante dois, três, quatro dias, nas regiões de Campo Grande e Guaratiba. A instrução resumia-se, praticamente, na passagem de filmes, o que a tornava bem mais simples do que, talvez, ministrar quatro ou cinco sessões de uma hora, apenas falando e fazendo desenho. A exceção ficava por conta de alguns exercícios de tiro com o armamento que, também, havia chegado e que era, para nós, uma grande novidade. Recebemos a bazuca, a submetralhadora .45 e a carabina .30, esta última para uso dos oficiais.

O dia do embarque para a Itália não podia ser dito aos soldados, porque havia o perigo de a informação ser conhecida por possíveis inimigos que existissem no Brasil. Não havia muitos espiões, mas, por exemplo, conheci um que depois, até, foi meu professor na Escola Técnica e era informante do Exército alemão. Quando chegou a ocasião do embarque para a Itália, nós fizemos um exercício e, a seguir, entramos de prontidão. Os oficiais sabiam que iam embarcar, mas os soldados desconheciam, evitando-se, desse modo, que fugissem. Aliás, não creio que tenha havido desertores na Companhia.

No dia seguinte, de manhã, fomos de trem até o cais do porto, onde embarcamos no navio com destino à Itália, sem que fosse informado aos soldados, embora muitos tivessem descoberto; são muito espertos, mas calaram. Eu tive o cuidado de não dizer a minha família que ia embarcar naquele dia. No trajeto da Vila Militar até o Cais do Porto do Rio de Janeiro houve uma parada em Deodoro.

Convém destacar que partiu do Brasil um primeiro escalão, chamado de Destacamento FEB, composto por um Regimento de Infantaria, um Grupo de Artilharia e outras frações de tropa, sendo que, da Companhia de Transmissões, seguiu um grupamento com três oficiais: o 1º Tenente Hervê Berlandez Pedrosa – por favor, esse nome a gente tem que lembrar sempre – notável oficial; o Aspirante Hélio da Costa Nunes Pinto, que tinha sido meu cadete; e o 2º Tenente convocado, telegrafista do Serviço Rádio do Exército, oriundo da graduação de sargento, de nome Aristides Pereira de Moraes e mais uma certa quantidade de homens.

No meu entender, nós estávamos muito mal preparados para enfrentar uma guerra dessa natureza, tanto que, quando esse Destacamento chegou, surgiu um

problema sério, que era o da comunicação Brasil-Itália. Não houvera, antes, no Brasil, nenhuma previsão da nossa parte e, como conseqüência desse erro, uma mensagem, qualquer que fosse, da FEB para o Brasil, levava quatro, cinco dias para chegar aqui. O motivo da demora era que a mensagem tinha que ser criptografada pelo Exército americano e enviada a Washington para ser remetida, via corpo diplomático, para o Brasil.

Um dia, o Marechal Mascarenhas mandou chamar o Tenente Hervê e disse-lhe para fazer algo que tornasse a comunicação mais rápida. O Tenente Hervê, diante do desafio lançado pelo Comandante da FEB, respondeu, com determinação: "Eu vou conseguir." Desde menino ele fora radioamador e conhecia bastante de eletrônica, além de ser muito competente. Pediu autorização para entrar em contato com organizações de comunicações do Exército americano, na Itália, o que lhe foi concedido, e conseguiu chegar até o Comandante das Comunicações, tendo, nessa ocasião, feito o pedido de uma estação rádio que permitisse o contato direto com o Brasil.

De início, os americanos relutaram em ceder a estação, alegando que não havia previsão nas normas existentes. Eles só faziam aquilo que estava previsto, não saíam, absolutamente, das prescrições contidas nos documentos normativos. Mas, discutiram, e os americanos passaram a aceitar a hipótese da cessão, diziam, apenas, que não possuíam uma estação que atendesse à solicitação. O Tenente Hervê ponderou que a estação com tais características, e passou a relatá-las, serviria. Era a SCR-299 – para quem não conhece, SCR quer dizer *Signal Corps Radio*, isto é, Rádio do Corpo de Sinaleiros, do Exército americano – que, depois, no Brasil, recebeu a designação de RAD 300.

Era uma estação fabricada nos Estados Unidos, destinada a radioamadores, mas que foi toda adaptada para o trabalho em campanha. O Tenente Hervê conseguiu uma estação desse tipo, mas surgiu o problema da utilização. O Comandante de Transmissões do Exército americano quis saber como nós iríamos operar a estação, ou seja, qual o código que seria usado, visto que eles eram responsáveis pela segurança das comunicações. O Hervê aplicou o nosso código através de uma mensagem hipotética e mostrou-lhe; o Comandante, então, disse: "Eu não quero saber o código de vocês, dê-me uma mensagem criptografada." Atendida a solicitação, em questão de minutos a mensagem estava em linguagem clara, porque eles tinham um salão, enorme, cheio de criptografistas que receberam cópias da mensagem e, rapidamente, decriptografaram-na. Em conseqüência, os americanos disseram: "Você não pode usar esse código." Deram, então, um código que eles utilizavam, muito interessante, e nós passamos a adotá-lo.

A estação era muito pesada e funcionava conjugada a um grupo motor-gerador. O motor era semelhante ao de um jipe montado num reboque de duas rodas. O Hervê não dispunha de uma viatura grande, do tipo GMC, aqueles caminhões de 2 ½ toneladas, para o transporte de todo o conjunto, e resolveu ficar na beira de uma estrada, à espera de que passasse algum. Uma curiosidade, comum na guerra, e que aconteceu com os americanos – mais tarde, também, adotamos – era a condução de caminhões por civis italianos. O motorista italiano de um desses caminhões, que estava vazio, estranhou um pouco mas aceitou e, abandonando o longo comboio em que estava, atrelou, junto com o Hervê, o grupo motor-gerador no caminhão e puseram a estação-rádio em cima do mesmo.

Outros inconvenientes, no entanto, precisavam ser suprimidos para que a estação pudesse, realmente, cumprir sua destinação, como a questão da freqüência, que não era adequada para comunicação transoceânica. O Tenente Hervê conseguiu um cristal de freqüência mais elevada, mas que afetou o transmissor, que deixou de sintonizar. O nosso Tenente Hervê, como bom radioamador e técnico de rádio que era, modificou alguns elementos do transmissor e conseguiu fazê-lo funcionar, naquela freqüência mais elevada, estabelecendo a comunicação com o Rio de Janeiro. Foi desse modo que tivemos a primeira comunicação da Itália, diretamente para o Brasil.

A recepção, no Brasil, era feita pela companhia internacional de radiocomunicações chamada Radional, que cooperava conosco. Eles tinham estações muito boas, localizadas na estrada Rio-São Paulo, que transmitiam para nossa torre, situada no edifício do Ministério da Guerra, atual Palácio Duque de Caxias.

Bem, fiz esse comentário sobre a atuação do grupamento que se deslocou com o 1º Escalão da FEB. O restante da Companhia embarcou no 2º Escalão.

Sobre a viagem para a Europa, existem aspectos muito interessantes. Em primeiro lugar, eu não tinha, absolutamente, idéia de que ia para a guerra, no sentido de que vou sair daqui para um lugar onde vão tentar me matar. Não sentia isso, nada, era como se estivesse fazendo mais um exercício, e a maioria pensava assim.

Os nossos soldados estranharam, primeiro, porque acho que a totalidade nunca havia entrado em um navio, quanto mais de guerra. Depois, como seria natural, as acomodações não eram confortáveis, apenas para os oficiais havia uma situação melhor, com os camarotes localizados acima da linha d'água. Os soldados viajaram em compartimentos na parte de baixo do navio, distribuídos por cinco andares, em beliches. Quando o navio começou a jogar, começaram os vômitos, fazendo com que o soldado que estava embaixo sofresse mais do que os demais. No dia seguinte pela manhã, vinha um coronel do Exército americano passar em revista e o chão tinha que estar brilhando, limpinho e perfeito. Não era brincadeira!

A comida era boa, saudável, mas americana, e os soldados reclamavam, embora mais com espírito de brincadeira. Eu dou um exemplo: o americano gostava muito de manteiga de amendoim, sendo que o nosso soldado não admitia usá-la no pão, mas, durante a guerra na Itália, os nossos cozinheiros passaram a adicionar um pouco de leite em pó e açúcar, transformando-a numa sobremesa deliciosa.

Durante a viagem, fomos escoltados por navios americanos e brasileiros e houve exercícios de tiro antiaéreo, inclusive de metralhadoras múltiplas, em balões com gás, que eram soltos para esse fim. Havia, também, exercícios com canhões de grosso calibre cujos tiros davam a impressão de que o navio ia se desmanchar, que ia ficar torto; era um barulho tremendo naquela estrutura metálica. Para nós, o primeiro tiro desses canhões foi horrível.

Aconteceram outros tipos de exercícios, como o lançamento de minas de profundidade; aliás, não se soube se foi treinamento ou situação real de aproximação de submarinos alemães. A minha impressão é de que não houve ataque inimigo, resumindo-se num treinamento. Assistimos, também, à passagem de um homem de um navio para o outro, que não é tão fácil quanto pode parecer, porque, com o mar revolto, quem estiver pendurado na cadeirinha quase que cai dentro d'água.

Durante o dia nós podíamos ficar à vontade no convés do navio, nus da cintura para cima, jogando cartas, conversando, contando histórias. Agora, durante a noite, era o grande sacrifício dos soldados, porque ninguém podia ficar do lado de fora do navio. Era absolutamente proibido qualquer pessoa do lado de fora; só podiam sair os oficiais que estavam de serviço.

Nosso escalão foi comandado pelo General Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, mas, segundo a norma do navio transporte americano, a tropa embarcada, automaticamente, passa à responsabilidade de um oficial do navio. No nosso caso, era um coronel muito duro, como nós dizíamos, era "durão". Realizávamos, com freqüência, precedidos por um sinal de alarme geral, em inglês *General Alarm*, exercícios de desembarque, em caso do navio soçobrar. Nessas horas, cada um sabia, exatamente, o que deveria fazer: já tinha seu escaler determinado; o cantil deveria estar cheio de água; a comida dentro do bornal, e outros procedimentos padronizados para esse tipo de emergência. O oficial americano, esse coronel, passava em revista o navio "todinho", examinando tudo, balançando os cantis para confirmar se havia água, nada escapando à sua observação. Isso levou a que o pessoal o apelidasse de "general alarme" e, toda vez que alguém estivesse fazendo qualquer molecagem, qualquer coisa errada, e ele surgisse, dizia-se: "Fica quieto que vem o general alarme." Esse coronel não titubeava em chamar a atenção, quando havia alguma irregularidade, mesmo que fosse um oficial. Houve um capitão que foi

admoestado através dos alto-falantes do navio, existentes por todos os lados para a transmissão e recebimento de ordens.

Até a entrada do Mediterrâneo, posso dizer que não sabíamos para onde estávamos indo, se para a África, como afirmavam alguns, ou, conforme opinião de outros, para a Europa. Eu não sabia, ou melhor, não tinha certeza; só quando entramos no Mediterrâneo, com aquele rochedo de Gilbraltar, que eu conhecia do cinema, tive a certeza de que nosso destino era a Itália.

Apesar de ter ficado claro que nos dirigíamos para a Itália, a chegada a Nápoles constituiu-se numa surpresa enorme. Era uma manhã de outubro de 1944; no porto, havia dezenas ou centenas de navios afundados, de bombardeios anteriores, obrigando o nosso navio a fazer ziguezague para que pudesse atracar. A ida até o cais, feita por alguns oficiais, era perigosa pela quantidade enorme de italianos miseráveis, famintos, que assaltavam, rasgavam as bolsas com uma navalha para tirar o que estivesse no seu interior. Havia moças, também, colocando-se à disposição, mas o pessoal tinha medo porque não sabia se daria tempo.

À noite, nós desembarcamos e, ato contínuo, fomos direcionados para embarcações menores, chamadas de barcaças, com destino ao Teatro de Operações. O nome mais apropriado seria de navios de desembarque, pequenos, que os americanos denominavam de *Landing Craft Infantry* (LCI), com duas escadas laterais para o desembarque. O barco em que eu viajei era o de número 599. Lá no costado, se não estou enganado, estava escrito “LCI 599”. Cada um levava cerca de 180 homens e, após duas horas de viagem, acho que 178 já estavam enjoando, porque essas embarcações jogavam que era uma coisa fantástica – ela levantava e mergulhava, levantava e mergulhava – fazendo todos enjoarem. Porque subi para a coberta do barco, a parte mais alta, não enjoei. Lá, encontrei um tenente americano que era o comandante do navio e fizemos camaradagem. Ele disse que não ficava na parte de baixo do navio porque era difícil resistir. Começou a chover, era uma chuva fina que veio juntar-se à água do mar lançada sobre o navio, molhando-me e livrando-me do enjôo.

Eu perguntei ao tenente americano: “Como é que vocês conseguem desembarcar em uma praia estando todos, da tropa, enjoados?” Ele respondeu: “Eles descem enjoados mas, quando terminam as escadas para chegar à praia, eles vão dentro d’água. Ao entrarem na água tomam aquele jato e o enjôo desaparece. Pronto, nessa hora, eles deixam de ficar enjoados.”

Nesse trajeto, até Livorno, nosso outro destino, fomos sobrevoados por alguns aviões da nossa esquadrilha “Senta a Pua”, que nos trouxe muita alegria quando os identificamos como aviões brasileiros. Eles foram nos cumprimentar pela nossa chegada, na Itália.

No Porto de Livorno havia mais navios afundados do que em Nápoles, quase todos com seus mastros aflorando acima do mar, como a indicar o local de cada um, fazendo com que nossos barcos se esgueirassem entre eles até encostarem. Trocamos dos navios para os caminhões que nos esperavam e, em comboio, fomos conduzidos a *Tenuta di San Rossore*, pertinho de Pisa. *Tenuta* é uma espécie, como diríamos aqui, de sítio, que tinha pertencido ao rei italiano Vitório Emanuel. Quando chegamos, encontramos tudo pronto, montado pelos americanos: as barracas de dez praças, já preparadas e arrumadas; banheiros com água à vontade; sanitários bem feitos etc. Sanitário era coisa que a nossa tropa desconhecia nas manobras que realizávamos aqui, onde cada um "se virava", não havia sanitário. Essas medidas de serviço em campanha, que visavam à higiene e limpeza, foram, depois da guerra, adotadas pelo Exército Brasileiro.

Um fato que chamou a atenção foi o aspecto corado dos soldados que tinham ido com o primeiro escalão. Não deixou de ser uma surpresa, quando eles foram nos visitar, na nossa chegada, pois estavam bem dispostos e alguns mais gordos, tudo devido à melhor alimentação e mais higiene, nesses dois meses e meio que estavam lá.

Permanecemos nesse acampamento algum tempo, mas eu "inventei" de me antecipar e ir para a frente juntar-me aos companheiros do grupamento do 1º Escalão, que já estava em linha. O Comandante era o Tenente Hervê, a quem me referi anteriormente, muito meu amigo. Solicitei permissão ao Comandante da Companhia, que era o Capitão Mário da Silva Miranda: "Mário, eu vou ficar com o Hervê, quero ir ver a guerra." Ele disse: "Mas... não pode! Você é mais antigo do que o Hervê; você indo para lá vai ser obrigado a assumir o comando do grupamento." Eu insisti: "Não, eu vou na qualidade de visita." E, assim, eu fiquei com o Hervê; eu queria ver como era a guerra.

Ele era o braço direito, e o esquerdo, também, do Major Arnaldo Augusto da Matta, Chefe do Serviço de Transmissões da Divisão – lá nós passamos a chamar, à moda americana, de Comandante das Transmissões. Uma semana depois da minha chegada, houve uma reunião dos altos chefes militares que determinou uma mudança no dispositivo da nossa Força, transferindo-a do Vale do Rio Serchio para os Apeninos. Em conseqüência, a nossa tropa se deslocou toda para o outro setor e eu, que estava no grupamento do Tenente Hervê, assumi o comando de toda a Companhia, com a reunião do pessoal que estava em Pisa, no acampamento de San Rossore.

Fomos para Porreta Terme, uma pequena cidade, como há muitas na Itália, nas montanhas, local de fontes termais. No caminho, havia uma ponte chamada Della Venturina, onde estava o Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, verificando a chegada das tropas para ocupar posição no novo dispositivo. Exis-

tia uma boa amizade entre nós, desde o tempo da Escola Militar, em que eu era tenente instrutor e ele, major, chefe do ensino militar. Um detalhe interessante foi que ele me passou “um carão” porque nós estávamos, de modo inocente, com os faróis acesos, em vez de mantê-los apagados e ficar só com a luz moderada. Outro fato foi que, de noite e tudo escuro, ultrapassamos Porreta Terme e atingimos a localidade de Marano, que já era zona de ação de um Batalhão do 6º RI. Sofremos outra descompostura, agora dos oficiais da Infantaria: “Vocês estão loucos virem parar aqui! Os alemães estão vendo vocês aqui! Voltem imediatamente!”

Em Porreta Terme, ficamos durante bastante tempo acantonados num prédio que houvera sido bombardeado e estava bem destruído e tinha sido o maior hotel da localidade. Ele tinha a vantagem de possuir duas partes subterrâneas, onde instalamos a oficina de manutenção de equipamentos e, na outra parte, as acomodações dos mecânicos.

A FEB recebeu os equipamentos na Itália. Os equipamentos pequenos, do tipo *hand talk* (portátil) *e walk talk* (para carregar nas costas), foram logo distribuídos para toda a tropa. Destaque-se que nós não conhecíamos, entre outros equipamentos recebidos, por exemplo, o *hand talk*, que é um meio de comunicação maravilhoso, que se podia conduzir na mão ou a tiracolo. O homem, com esse equipamento, sentia-se apoiado, porque se ligava com o comando e a tropa dele. Havia um equipamento de rádio SCR 511, muito interessante. Ele tinha a forma de um cubo, de vinte centímetros de lado, mais ou menos, onde encontrava-se o transmissor e o receptor. O aspecto físico desse equipamento era como se fosse uma lança, semelhante à usada pela Cavalaria, onde, no meio, à altura da empunhadura, encontrava-se o cubo citado. Nós o recebemos sem a lança e foi muito utilizado pela Infantaria, até ser substituído por obsoletismo.

Instalada em Porreta Terme, a Companhia passou a cuidar das redes-rádio existentes. Algumas estações eram operadas pelo nosso pessoal, a maioria, pelo próprio pessoal da Infantaria e Artilharia, que não estava habituado e foi necessário que, rapidamente, aprendesse a operá-las.

Mas, no dia seguinte à nossa chegada em Porreta, houve a necessidade de levar uma estação de rádio para o II Batalhão do 6 º Regimento de Infantaria, que estava em posição na frente de combate. Para cumprir a missão de transportar a estação, foi designado o Tenente Antônio Carlos Sequeira, que era o Comandante do Grupo Rádio da Companhia, e o sargento Assad Feres – esse nome a gente não esquece nunca – muito bom radioperador. Quando eles chegaram próximo do local onde a estação deveria operar, foram atingidos por granadas de morteiro e o Assad morreu. Morreu o Assad Feres... Isso foi no segundo dia em Porreta Terme.

Para exemplificar a preocupação que nós tínhamos, no Brasil, de aproveitar ao máximo o material, para economizar, atitude que era totalmente contrária ao modo de agir dos americanos, o então sargento André, hoje Major – está aqui presente à entrevista – com mais um ou dois companheiros conseguiram trazer de volta a viatura, que era uma Dodge Comando, ¾ toneladas. Os americanos nunca, mas nunca colocariam em risco a vida de um soldado para recolher uma viatura; a viatura ficaria lá... que se arrebente... o soldado, não! Esse foi o nosso batismo de fogo.

Com relação à ligação telefônica, a Companhia tinha que ligar o Escalão Superior a todas as unidades, até o nível Batalhão. Então, era o Quartel-General avançado, Quartel-General recuado, depois da Divisão para os Regimentos e Batalhões de Infantaria, para a Artilharia Divisionária (AD), chegando aos Grupos de Artilharia. Tudo era por nossa conta.

Ali, naquela região onde nós operávamos, havia cabos telefônicos americanos, alemães, italianos, brasileiros... e, como se sabe, onde há poste ou uma árvore, a gente pendura; se não existe, tira-se da estrada e joga-se no mato. Logo, havia uma "maçaroca" de cabos, e ficávamos rezando para não passar um carro de combate por cima, senão, com aquelas rodas dentadas, arrebentava tudo. Remendar aquilo de dia, sem chuva e sem neve, muito bem, mas, com um metro de altura de neve, à noite, é uma coisa muito séria. Mal arrebentava uma linha e o nosso pessoal já estava pronto no local para remendá-la. O pessoal de Construção de Linhas sofreu... mas sofreu muito! Não foi o caso, por exemplo, do pessoal da Central Telefônica, que ficava, mais ou menos, parada, em lugar abrigado.

O meu pessoal, que era de reparação de equipamento de rádio, porque a oficina técnica estava mais ligada comigo, encontrou um local bem protegido, em condições de trabalhar 24 horas por dia, se necessário. Recebíamos aparelhagem de todas as unidades, para reparos ou para fazer mudança de freqüência.

De tempos em tempos, numa periodicidade semanal, se não estou enganado, eram distribuídas as Ordens de Transmissões, cujo objetivo era estabelecer as freqüências para as unidades. Os equipamentos de rádio eram ajustados segundo as instruções desse documento, que dizia: "Tal dia, de tal hora a tal hora, tal freqüência" e as unidades realizavam aquelas mudanças todas das freqüências de operação. Havia alguns equipamentos, isto é, aparelhos de campanha, de nível mais baixo, nos quais as unidades não tinham condições de fazer a mudança de freqüência. Nesses casos, os equipamentos eram conduzidos à Companhia para a alteração. Em véspera de ataque, por exemplo, chegavam caminhões cheios de aparelhos para o nosso pessoal fazer a mudança de freqüência daquilo tudo, usando aparelhagem especial.

Como disse antes, esse pessoal trabalhava muito bem, mas abrigado, sem problemas, diferente das turmas de Construção de Linhas.

Eu penso que a Companhia trabalhou bem e não deixou nada a desejar, cumprindo todas as suas missões. No dia seguinte à nossa chegada em Porreta Terme, já começamos a funcionar. Entramos imediatamente em ação.

Havia uma coisa muito interessante que era o bom entendimento, que chegou, inclusive, a grande amizade entre os oficiais de transmissões das unidades das diversas Armas (Infantaria, Cavalaria, etc) com o pessoal da Companhia de Transmissões. Nesse hotel em que acantonamos, em Porreta Terme, havia uma mesa comprida, apesar do efetivo pequeno de oficiais, que estava sempre à disposição dos oficiais das outras Armas. Quando eles iam lá, ou ao Posto de Comando da Divisão, que era muito perto, sempre almoçavam conosco. Outra prova desse congraçamento foi o tratamento carinhoso que passou a existir entre os operadores, chamados pelo prefixo da estação de sua unidade.

Conseguimos constituir aquilo que passamos a chamar, lá na Itália, de "família das comunicações" – era transmissões, na ocasião. Havia um entendimento perfeito.

Apesar do pouco tempo de adaptação ao material recebido na Itália, não houve maiores problemas quanto a isso. Os equipamentos americanos eram de muito fácil operação. Quem os utilizava não precisava ter conhecimento de radiocomunicação ou de operação de central telefônica, porque o equipamento quase que "falava" o que deveria ser feito. Os *hand talk*, por exemplo, usados pela Infantaria, que iam na mão do soldado, são de operação muito fácil, bastando apertar um botão. Eles já iam ajustados, calibrados, e não havia nenhum problema. Todos os equipamentos eram de utilização muito fácil, muito fácil mesmo.

Um fato a comentar é que os mecânicos de rádio de que nós dispúnhamos, na maioria, não entendiam o inglês. Mas, os manuais dos equipamentos eram tão bem elaborados que eles conseguiam fazer a reparação dos mesmos, à semelhança dos mecânicos de veículos, na Companhia de Manutenção, olhando os desenhos. Eles eram capazes de fazer substituições de peças, usando a aparelhagem recebida, embora não fosse muito conhecida no Brasil.

Depois da conquista de Montese, foi "aquela correria" na direção do Vale do Rio Pó, e o mesmo procedimento com relação às viaturas da Artilharia, que passaram a transportar a Infantaria, foi adotado com os nossos caminhões, num total de dez. Era uma "correria" dos alemães, retirando-se, e uma "correria" dos brasileiros, querendo alcançá-los.

Houve um fato muito interessante: o Esquadrão de Reconhecimento, que até o momento tinha sido empregado como tropa de Infantaria, nessa fase das opera-

ções entrou em ação segundo sua vocação. O General Pitaluga, que na guerra era Capitão Comandante do Esquadrão, até me disse, certa vez, como bom cavalariano, com respeito a isso: "Eles estão me segurando, mas no dia em que me soltarem eu tomo os freios nos dentes e vou embora." E, realmente, lá se foi o Pitaluga para a frente, tanto que se isolou e perdeu o contato com o resto da Divisão. Nessa ocasião, o Tenente Hervê, que estava junto com o Tenente-Coronel Castello Branco, escutou-o dizer: "Eu queria falar com o Pitaluga." Mais uma vez, o Hervê solucionou o problema através de uma estação de rádio da Companhia que, vamos dizer assim, era mais apropriada para uso em distâncias muito maiores. A ligação com o Pitaluga foi estabelecida e o Coronel Castello Branco pegou o microfone e disse: "Aqui quem fala é o Coronel Castello Branco." O Hervê, discreta e delicadamente, disse: "Coronel, o senhor não pode dizer que é Coronel Castello Branco; o senhor tem que usar o seu prefixo". Ele deveria dizer "trovão", o prefixo dele, em vez de "Coronel Castello Branco". O Castello, como que desabafando um pouco, assim respondeu à observação do Hervê: "Não, meu filho! Não, meu filho! Agora vale tudo, vai Castello Branco mesmo." Era a fase da Perseguição, era a "correria".

Nesse período a Companhia ficou, praticamente, sem utilização. Não haveria como fazê-lo, porque não tínhamos, por exemplo, condições de estender as linhas e, também, não havia comunicações próximas a serem feitas. Estávamos sem viaturas para o transporte de material mais pesado.

Sobre o apoio logístico e de saúde recebidos, acho que não poderiam ser melhores. O apoio de saúde foi magnífico. Com relação ao apoio ao homem, como alimentação, saúde, e outros tipos de atendimento pessoal aos nossos soldados, foi muito bom. Voltaram da Itália em boas condições de saúde, sem doenças. Tivemos feridos de guerra, que eu gostaria, até, de mencionar.

Os alemães tinham vistas para essa cidadezinha de Porreta Terme e costumavam realizar bombardeios três vezes por dia – esses canhões nos davam "café, almoço e jantar" diariamente. Num desses dias, estava previsto deslocar-me, junto com os tenentes Gernes da Silva Costa, da Companhia, e Afrânio de Viçoso Jardim, que era do Comando das Transmissões e encarregado do depósito de equipamentos de comunicações, para a retaguarda, mais precisamente Pistóia, a serviço. Nós acabamos de almoçar e, como estava passando muito mal do aparelho digestivo, transmiti todas as ordens ao Gernes, pois eu não agüentaria acompanhá-los no jipe, com os solavancos da estrada. Ficara sentado, enquanto os dois entravam no jipe, o Tenente Gernes dirigindo. Quando manobravam para tomar a direção de Pistóia, caiu uma granada alemã, atingindo os dois. Era o "almoço" que eles estavam nos dando. Nessas horas, a praça ficava cheia de italianos para apanhar os

restos de comida, sendo que eu tenho a impressão de que cinco ou seis pessoas foram atingidas, inclusive um soldado nosso.

O Tenente Gernes conseguiu sair do jipe e eu fui correndo ampará-lo, esqueci o estômago nessa hora, e verifiquei que ele estava ferido em vários lugares. O Tenente Jardim recebeu dois estilhaços, sendo que um atingiu a coluna vertebral, permanecendo caído dentro do jipe.

Os dois foram levados para um pequeno hospital, em Valdibura, distante cerca de quatro quilômetros para a retaguarda e de lá para Firenzi, sendo que o Tenente Jardim, posteriormente, foi evacuado até os Estados Unidos, sofrendo muito como conseqüência daqueles ferimentos.

No hospital de Valdibura, o Tenente Gernes foi dado como caso perdido. Praticamente ficou num canto, porque não havia meios de salvá-lo, até que um médico brasileiro, civil convocado, apaixonou-se pelo problema do Gernes e resolveu fazer experiências com ele e, graças às mesmas, salvou-o.

Nesse mesmo hospital havia um militar alemão ferido, corroborando o sentimento geral do soldado de que, vencido o inimigo, ele deixa de sê-lo e passa a ser tratado como os outros, com os mesmos cuidados; ele não era mais inimigo. O Gernes, quando soube que tinha um soldado alemão no hospital, queria levantar – não conseguiria – e ir tomar satisfações com ele.

Com relação à comunicação entre os comandos americano e brasileiro, era feita via Estado-Maior, inclusive havia um oficial-de-ligação americano cujo nome era Vernon Walters, fluente no português, que vivia dentro do nosso Estado-Maior. Era necessário, porque o General Mascarenhas não falava inglês, aliás, ele falava muito pouco, era muito fechado e o Major Walters é que fazia esse entendimento.

O que mais me impressionou na Campanha da FEB foi o sofrimento do povo. Para dar uma idéia, quando nossos cozinheiros jogavam fora o pó de café que sobrava, corriam dez, vinte italianos lá para apanhar aquilo, com terra e tudo, para ir fazer café, que para eles era quase um remédio, uma necessidade. Não gostaria de usar o termo prostituição mas, vamos dizer, impressionou-me também a decomposição da família italiana, quando uma moça era obrigada a lançar mão de todos os meios possíveis para conseguir alimentação – um pedaço de pão – para os seus, ou um cigarro para o pai, ou coisa assim. Francamente, foi o que mais me impressionou; infeliz do país que tem uma guerra no seu território.

Sobre o desempenho do nosso soldado, o nosso homem, minha avaliação é de que foi ótimo... ótimo... Eu não me lembro de ter visto um soldado nosso com medo. Ele podia ter medo, mas não demonstrava e não deixava de fazer um determinado serviço, agir de uma determinada maneira, por medo. Chego a dizer, até, que nós

éramos um pouco inocentes, arriscávamo-nos sem necessidade. Eu escapei duas vezes de morrer, por estupidez minha, mas “o meu santo era forte”.

Quanto a destacar algum integrante da Companhia, gostaria de lembrar, sempre, o Tenente Hervê, que foi no 1º Escalão, e que não pertencia, propriamente, à Companhia. Ele era do Comando das Transmissões, assim chamado, na Itália, o Serviço de Transmissões da Divisão, como ressaltei antes, nessa entrevista. Com a sua capacidade, habilidade e jeito, conseguiu que o Exército americano desse um código para ele, a fim de que as nossas mensagens fossem criptografadas e enviadas ao Brasil. Ele modificou os equipamentos e fez a ligação da nossa tropa com o Brasil. Isso, a meu ver, foi uma coisa fabulosa; nenhum outro oficial do Exército Brasileiro seria capaz de fazer isso, com certeza. Eu destaco o Hervê.

Após o regresso ao Brasil, a FEB chegou, até, a ser maltratada. Em 1951, eu era representante do Exército Brasileiro no Plano Postal e Telegráfico – órgão para remodelação do sistema postal e telegráfico no Brasil – e, alguém, não me lembro quem foi, teve a idéia de fazer um desfile dos veteranos da FEB pela Avenida Rio Branco até o monumento aos mortos, no final dessa avenida, no Rio de Janeiro. Não queria ir, pois sou um pouco avesso a essas cerimônias, não gosto muito de estar nessas solenidades, até porque me emociono. Nós fomos com a boina azul e com uma faixa no braço e eu vi, na Avenida Rio Branco, pessoas rindo de nós e fazendo chacotas. Não sei a categoria delas e por que faziam isso.

Foram organizadas aqui, no Rio de Janeiro, duas entidades: A Associação dos Ex-combatentes do Brasil, que usam boina verde, dirigida pelo General Pitaluga, homem lutador, onde estão todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram com o esforço de guerra. Incluem-se aí os operários do cais que trabalhavam no embarque e desembarque de mercadorias, e hoje, são ex-combatentes; e a Associação Nacional dos Veteranos da FEB, de boina azul, com sede na Rua das Marrecas, no centro do Rio.

Nessa última, a história é outra. Criaram essa Associação para reunir só aqueles que, de fato, tomaram parte na guerra, quer dizer, foram para a Itália. Eu me sinto muito bem tendo no pára-brisa do meu carro um emblema da Associação dos Veteranos. Mas acontece que o pessoal foi ficando velho e existem dificuldades para substituí-los. O Adhemar Rivermar de Almeida, que na guerra foi S/3 – Oficial de Operações – do I/11º RI, foi presidente por muito tempo.

Quero destacar o trabalho do Major André, aqui presente, que vem se esforçando no sentido de não deixar cair no esquecimento a Companhia de Transmissões. Muitas vezes fomos convidados para solenidades no Batalhão de Comunicações, na Vila Militar, graças ao seu trabalho anterior indo lá mostrar, falar da

Companhia, dizer o que esta havia feito na Campanha da Itália. Acho que sou o único oficial vivo da Companhia. Existe um Tenente de nome Hélio da Costa Nunes Pinto, que nós não conseguimos descobrir seu paradeiro, apesar de todos os esforços. Não sabemos se faleceu.

Ao concluir essa entrevista onde procurei descrever, mais ou menos, como foi a nossa atuação durante a guerra, na Itália, gostaria de registrar que, sob o meu ponto de vista, a Companhia de Transmissões trabalhou muito bem, até porque os nossos soldados não estavam preparados, absolutamente, para o serviço que foi executado. Eles venceram graças ao entusiasmo e, sempre, com boa vontade. Nunca tivemos dificuldades com a nossa tropa para cumprir a missão recebida.

O trabalho da Companhia de Transmissões foi, também, muito facilitado pelo pessoal de transmissões das Unidades. Como disse, havia uma compreensão muito boa entre todos, que nós chamávamos a família das comunicações. Muito obrigado.

Coronel Francisco Ruas Santos*

Natural da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, pertence à turma de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Em 1944, foi comissionado no posto de Capitão por ter se apresentado voluntariamente para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Na guerra, exerceu a função de Comandante da Companhia de Serviços do 11º Regimento de Infantaria. Entre 1958 e 1963, foi instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1964, foi promovido ao posto de Coronel. De abril de 1965 a agosto de 1967, comandou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro. Passou para a reserva em 1973. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. É autor de diversas publicações sobre História Militar.

---

* Comandante da Companhia de Serviços / 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevisto em 18 de abril de 2000.

Hoje é um dia feliz na minha vida, porque estou gravando o meu depoimento sobre aquilo que vi e senti durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e, de modo geral, na Segunda Guerra Mundial. As entrevistas, que estão sendo realizadas por meio deste Projeto, constituir-se-ão em peças fundamentais, para que as gerações futuras saibam como foi a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Minha motivação para integrar a FEB, de forma voluntária, origina-se de uma declaração de Adolfo Hitler, na qual dizia que o Sul do Brasil tinha muita coisa de que a Alemanha precisava. Com esta afirmação ele insinuava poder tomar posse dessa região do País.

O treinamento executado no Brasil estava baseado em doutrina posterior à Primeira Guerra Mundial, divulgada aqui pela Missão Militar Francesa. Acontece que, nesse intervalo de tempo até 1944, mais ou menos, houve uma transformação radical na forma da guerra. O emprego de animais, por exemplo, na Cavalaria e na atividade de transporte, foi substituído pela motorização e mecanização. Em conseqüência, a FEB não estava preparada para receber esse treinamento moderno. Qualquer tentativa que se fizesse, no Brasil, não daria resultado, porque carecíamos de material. Para se ter uma idéia, a dotação de um Regimento de Infantaria era de dezenas e dezenas de viaturas, implicando treinamento de motoristas, pessoal de manutenção e outras necessidades. A FEB seguiu para a Itália sem estar realmente treinada.

A viagem para a Itália, realizada por um comboio de navios norte-americanos[1], transcorreu sem incidentes, apesar da presença de submarinos inimigos, no Oceano Atlântico. Havia segurança suficiente, proporcionada pelos Estados Unidos, para a realização da travessia. Chegando ao Teatro de Operações, a nossa Companhia, por ser de Serviços, se desdobrou à retaguarda e em área vizinha ao Quartel-General do Comando da FEB. Os alemães, conhecendo o dispositivo, centralizavam seus bombardeios nessa região. Desse modo, com granadas alemãs, recebi minha "crisma" de fogo, porque o batismo fora em 1930[2], com tiros de metralhadoras e fuzis.

Com relação ao pessoal da FEB, minha opinião é que, apesar das deficiências do recrutamento, cerca de oitenta por cento do seu efetivo, no mínimo, queriam combater o nazismo, isto é, foram voluntários. Houve um pequeno número que foi obrigado, existindo, ainda, casos de deserção para o lado alemão[3] e tentativas de

---

[1] A unidade do Coronel Ruas Santos - 11º RI - seguiu no navio *General Meighs*. Nessa mesma data, partia o navio *General Mann,* transportando outras unidades.

[2] Revolução de outubro de 1930 – o entrevistado era escoteiro e estava presente ao assédio dos revolucionários sobre o quartel do 12º RI, em Belo Horizonte.

[3] Refere-se a uma quantidade reduzidíssima de soldados brasileiros com origem alemã, que foram recrutados no Sul do País.

escapar da luta contra o nazismo. Felizmente, era uma minoria inexpressiva e que não modificou o comportamento da FEB.

Sobre as operações desenvolvidas pela FEB, na campanha da Itália, gostaria de destacar a vitória de Collechio-Fornovo. Ela foi obtida graças a uma decisão pessoal do General Mascarenhas de Moraes, decisão pessoal, torno a frisar, e de "risco calculado". Como precisava dar velocidade à Infantaria que não era motorizada, ele correu o risco de colocar a sua Artilharia "a pé". Essa providência deu condições à nossa tropa de surpreender uma divisão alemã em retirada, cuja missão seria participar de uma contra-ofensiva, a partir do Vale do Rio Pó. Toda aquela montagem executada pelos alemães para retardar ou até, talvez, derrotar a ofensiva aliada foi por "água abaixo". Eles acabaram reconhecendo que não poderiam realizar essa contra-ofensiva e se entregaram, no dia 2 de maio, uma semana antes da sua derrota final.

A vitória obtida em Collechio-Fornovo foi o fato mais impressionante, na campanha da nossa Força. Isso demonstrou que a FEB tinha, realmente, alcançado um estágio igual ao de uma tropa de elite, e o General Mascarenhas, ao tomar uma decisão de "risco calculado", sabia o que estava fazendo. A sua operação foi, plenamente, vitoriosa. Isso é, de certo modo, ignorado por aqueles que têm que saber da verdade das coisas.

A nossa história está repleta de estereótipos. Com relação à FEB, existem alguns, mas a verdade e a justiça têm que aparecer um dia, através da pesquisa. Vejamos o exemplo da guerra holandesa. Somente através da investigação fiquei sabendo que ela também ocorrera na Amazônia, onde, aliás, os holandeses tinham uma grande vantagem: possuíam uma base na Guiana para operar na região. Foram derrotados pelos portugueses e pelos nossos combatentes, não se fixando na área. Portanto, a guerra holandesa ocorreu no Nordeste e na Amazônia, mas o estereótipo nos conduz à guerra holandesa do Nordeste. Temos que acabar com isso.

Na história da FEB, os estereótipos são: Montese, Monte Castelo e outros. Mesmo que não tivéssemos conquistado Monte Castelo, a guerra seguiria seu curso normal, mas ao realizarmos aquela ofensiva com a Infantaria, motorizada pela decisão do General Mascarenhas, nós apressamos o fim da guerra na Itália e evitamos um desfecho desfavorável. É preciso sair da estereotipagem e exaltar a vitória de Collechio-Fornovo, que foi uma vitória estratégica da FEB, excepcional – Montese e Monte Castelo foram vitórias táticas – graças à decisão pessoal do então General Mascarenhas de Moraes de motorizar a sua Infantaria. Normalmente, uma Divisão de Infantaria não faz estratégia, mas a nossa fez. O General João Baptista Mascarenhas de Moraes é o responsável direto por essa conquista, uma das mais significativas vitórias da Força Terrestre Brasileira. Isto precisa ficar bem claro. Cumpre sair da estere-

otipagem e exaltar essa vitória de nossa Força Expedicionária. História é "Verdade e Justiça", já dizia o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cerca de cem anos atrás. No caso, a justiça é devida, principalmente, ao General Mascarenhas de Moraes, hoje, por uma justa homenagem, Marechal.

O fato singular que devo registrar é a morte de Frei Orlando, Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. É interessante relembrar esse episódio, principalmente em atenção à memória de Frei Orlando. Na véspera do ataque a Monte Castelo[4], eu estava no meu jipe, acompanhado do motorista, de um pracinha e de um guerrilheiro italiano, e íamos em direção à linha de frente, para levantar necessidades da tropa – 11º RI – quanto a serviços. No caminho, deparei com Frei Orlando, sentado à beira da estrada, e lhe perguntei: "Está querendo condução?" Ele respondeu: "Sim. Eu tenho que ir para o Batalhão que está na linha de frente; vou prestar assistência lá e gostaria de contar com essa carona". Ele entrou no jipe e se sentou ao meu lado. Retomamos o deslocamento e começamos a subir por aqueles caminhos, quando, de repente, o jipe bateu com o diferencial numa pedra e parou. Nós saltamos e tiramos o jipe daquela posição. Em seguida, peguei a manícula da viatura a fim de remover aquela pedra. O guerrilheiro italiano, no intuito de ajudar-me, tentando retirá-la, bate com a coronha de sua carabina sobre a pedra. Ela disparou e matou Frei Orlando. Quando eu quis dizer a ele que parasse de fazer aquilo, a arma disparou. Foi uma coisa muito rápida, ele veio logo com a carabina. Coitado! Como ele sofreu! Ficou abraçado ao corpo do Capelão, chorando, porque tinha sido, involuntariamente, o causador daquela morte. Era a bala que poderia ter morto... a mim também.

Certamente, o guerrilheiro desconhecia os cuidados no manuseio com armas de fogo, particularmente as portáteis. Por disputar campeonatos de tiro, eu freqüentava com assiduidade os estandes e presenciei muitos incidentes, justamente devido à delicadeza das armas portáteis.

O contato com as tropas aliadas que combateram junto com a FEB, tropas altamente experimentadas e treinadas na campanha da África do Norte, evidenciou, no início, uma diferença enorme, quanto ao preparo. O mérito da FEB está exatamente em recuperar, com rapidez, esse atraso no treinamento e, praticamente, nos igualarmos. Esse é um exemplo da capacidade do homem brasileiro de se adaptar a diferentes circunstâncias. Foi uma coisa surpreendente; até nós mesmos não imaginávamos que isso pudesse acontecer, mas aconteceu, e a 1ª Divisão de Infantaria da FEB, sua força combatente, ficou sendo uma das Divisões de elite, no final da campanha.

---

[4] 20 de fevereiro de 1945, véspera do ataque vitorioso a Monte Castelo

Com relação ao apoio recebido dos americanos, que eram responsáveis pelo dispositivo logístico, devo acrescentar que foi praticamente perfeito. O caráter pragmático e objetivo deles concorreu para o êxito da missão. É claro que sempre há uma exceção, aqui e ali, mas de um modo geral, podemos dizer que foi um apoio "cem por cento" às nossas tarefas, e que os incidentes, porventura existentes, não modificaram o quadro geral. Minha tropa da Companhia de Serviços se adaptou, logo, às novas circunstâncias.

Ainda dentro desse quadro dos trabalhos logísticos incessantes, cabe destacar de modo especial o apoio de manutenção, seja para a nossa Companhia, seja para o conjunto do Regimento. Posso afirmar isso sem favor nenhum para mim, pois quem controlava as operações de manutenção era um capitão mais antigo do que eu, de maneira que a glória é dele e não minha. Estou, apenas, fazendo justiça ao Capitão Geraldo de Alvarenga Navarro, responsável pela manutenção do Regimento.

O conforto moral e a assistência em situações difíceis não foram necessários, porque a tropa se adaptou bem às condições do terreno e do fogo. Mas sempre há as exceções, aqui e ali, e podemos dizer que todos nós contribuíamos para que fossem amenizadas as preocupações do homem com a família. Ao receber, por exemplo, uma carta da mulher, ficava, por vezes, especialmente perturbado e era preciso consolá-lo, dizendo que aquilo iria passar, enfim... Houve esses "casinhos" isolados, sobretudo por causa do que ocorria no Brasil. A censura entrava aí para amenizar e evitar essas "conseqüências", podemos dizer relevantes. Mas sempre escapava uma ou outra notícia e era preciso consolar a pessoa, dizendo que tudo iria correr bem, que ele iria voltar... Foram casos isolados. De um modo geral, o comportamento da FEB foi de combatividade.

Durante a campanha, diariamente, ouvíamos as irradiações sobre o que ocorria nos outros teatros de operações e nos motivávamos com as vitórias aliadas. Lembro-me, por exemplo, quando dei a carona para o Frei Orlando e, conversando com ele, disse: "Você ouviu a irradiação de hoje?... Hamburgo caiu! Na Alemanha está ocorrendo...". O caso "Hamburgo caiu" foi de um prisioneiro alemão que estava sendo conduzido por um guerrilheiro italiano. Tirei-o das mãos do guerrilheiro e levei-o para o meu Posto de Comando, a fim de entregá-lo ao Serviço de Informações do Regimento. Enquanto esperava que viessem buscá-lo, perguntei-lhe, em alemão – havia aprendido esse idioma antes de ir para a guerra: "Hamburgo caiu?", e ele acenou positivamente com a cabeça. A única vez que eu falei em alemão, fui entendido.

Existe um aspecto que gostaria de abordar, relacionado com domínio das fontes de história da FEB. Este depoimento está gerando uma fonte, contudo temos que dominar todas elas, estejam onde estiverem, seja em arquivos norte-americanos

ou alemães. Esse domínio permite que se chegue realmente à verdade, à "verdade digital": sim ou não; ou não é possível saber, se não houver documento. As atividades ligadas à documentação, como esta entrevista de hoje, são importantíssimas dentro dessa idéia geral, que é basicamente da teoria da História, de domínio das fontes. Elas podem ser humanas ou materiais (documentos e fotografias).

Relativamente à maneira como a FEB foi recebida, quando retornou ao Brasil, direi que, pelo povo, que saiu às ruas para nos saudar, foi muito bem. Quanto ao Exército, houve uma certa restrição. Existiam aqueles poucos que, inicialmente, teriam preferido a vitória da Alemanha – cada um pensa como quiser, não é? – outros que não participaram da guerra e se sentiam enciumados com o fato do companheiro ter ido combater e haver pertencido à FEB. Porém, de um modo geral, o Exército recebeu bem a participação de uma fração de sua tropa na campanha da Itália.

Ao concluir esta entrevista, gostaria, antes de mais nada, de felicitar a iniciativa, pelo que vem fazendo em benefício das fontes da história da FEB. E, depois, dizer que intensifiquem, que generalizem e que ouçam o maior número de pessoas, testemunhas da FEB, para que nós cheguemos ao ideal, que é o domínio das fontes sobre a sua história. Esses depoimentos inéditos são indispensáveis e muita coisa até agora desconhecida será dita aqui. É este o meu desejo ao terminar esta entrevista.

Coronel José Ribeiro de Miranda Carvalho*

Natural da cidade de São Luís, Maranhão, pertence à turma de dezembro de 1940, da Escola Militar do Realengo. Em 1944, saiu com sua Unidade do aquartelamento, em Quitaúna, para a Itália. Na guerra, exerceu a função de Oficial de Reconhecimento e Observação do III Grupo de Obuses. Assumiu o comando do Forte Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1960. No ano seguinte, foi promovido ao posto de Tenente-Coronel. Serviu na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como instrutor, e na Secretaria do Conselho de Segurança Nacional. Passou para a reserva, em 1962. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Oficial de Reconhecimento e Observação / III Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 9 de fevereiro de 2000.

O treinamento do Grupo para participar da guerra na Itália foi muito eficaz e completo. Realizou-se no Brasil, particularmente, em Barueri, no Estado de São Paulo. Parte do treinamento deu-se, em seguida, no Rio de Janeiro.

Na Itália, a convite do Tenente Adalberto Villas Bôas, meu colega, fui observar seu Grupo[1] em operações. Esse treinamento com o Adalberto, que era muito capaz, foi iniciativa dele, demonstrando todo o desejo de servir, característico de nosso pessoal. Tornou-se muito importante pela transmissão de conhecimentos e experiências que havia adquirido.

Dessa maneira, o meu batismo de fogo, na Itália, não se deu com o meu Grupo.

Quanto ao desempenho dos oficiais e graduados, apesar das novidades em relação à técnica de tiro e ao material de artilharia, devo dizer que o nosso pessoal estava absolutamente capacitado para o exercício de suas funções. Merecem ser lembrados os deslocamentos realizados em terreno enlameado, em região muito fria, praticamente durante toda a campanha, trazendo, por isso mesmo, alguma dificuldade, mas de ordem natural. Com respeito aos levantamentos topográficos, foram muito facilitados pela perfeição das cartas recebidas, não havendo qualquer problema.

O que mais me impressionou na campanha da Itália foi o “nosso brasileiro” que iniciou a guerra parecendo veterano, com tranqüilidade, e atuou com perfeição em todas as vezes e momentos.

Um capítulo à parte, lembro a camaradagem existente entre os integrantes do Grupo e que, inclusive, se estendeu aos vários militares que recebemos, pertencentes a outros grupos. Nosso Comandante pautou a união do Grupo como sendo de amigos. Foi a figura de maior destaque de nossa Unidade, cativando a todos pela sua lhaneza, constituindo-se num grande chefe e líder que resolvia, plenamente, todos os casos que surgissem. Nossa Unidade trabalhou sem um senão, durante a permanência na Itália.

Um fato especial a ser ressaltado, acontecido após a guerra, foi a maneira como o pessoal da Força Expedicionária Brasileira foi tratado. Enquanto o povo nos recebia muito bem, uma consagração, a outra parte foi diferente e triste para nós. Basta dizer que o nosso Grupo, sem ponto negativo algum, foi extinto aqui no Brasil – um grande erro foi cometido e ninguém se conforma com isso. Posteriormente, houve mudança de tratamento e, hoje em dia, já existe um certo respeito e reconhecimento pela FEB. Mas veio tarde. Atualmente, o Grupo está reconstituído, com sede em Barueri e exercendo função proeminente. É o legítimo herdeiro daquilo que representou.

---

[1] II Grupo de Obuses que chegou à Itália com o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Coronel Amerino Raposo Filho*

Natural da cidade do Rio de Janeiro / RJ, pertence à turma de 1943 da Escola Militar do Realengo. Em 1944, se apresentou como voluntário para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Na guerra, exerceu a função de comandante da linha de fogo / 2ª Bateria / III Grupo de Obuses. No período de 1956 a 1960, foi instrutor de História Militar da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Em 1962, assumiu o comando do atual 22º Grupo de Artilharia de Campanha, em Uruguaiana (RS). Em dezembro de 1966, foi promovido a Coronel. Entre 1968 e 1970, serviu como Assessor e Chefe de Seção, no Colégio Interamericano de Defesa, em Washington. Passou para a reserva em 1976. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra; É autor de diversos trabalhos, especialmente sobre Estratégia e História Militar.

* Comandante de Linha de Fogo / III Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 26 de janeiro de 2000.

Sejam as minhas primeiras palavras significativas de um duplo e profundo sentimento: de agradecimento, aos iminentes artilheiros da geração pós-1945 – General Motta, ex-comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e General Nery, ex-comandante do 20º Grupo de Artilharia de Campanha, Grupo Bandeirante, da heróica Artilharia da FEB – e de emoção, ao relembrar os fatos e os feitos da campanha da Itália, em 1944-45. Faço esta exposição como modesta contribuição ao Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, iniciativa meritória e do maior alcance cívico-patriótico do Exército Brasileiro.

Antes de desenvolvê-la desejo declarar, ainda, que os pontos relevantes do meu itinerário na FEB se contêm no esboço de diário, no curso de esquiador-alpinista, nos dois documentos sobre a atuação do III Grupo e nas alocuções proferidas em diversas comemorações do "Último Tiro", em Barueri.[1]

Procuramos nos incorporar ao 1º Escalão da FEB, mas não conseguimos. Fomos ao Comando da 3ª Região Militar, por mais de duas vezes, contudo, não nos era autorizado embarcar. Alegavam diversas razões para essas negativas. Não embarcamos nem com os 2º e 3º Escalões. Por motivos especiais, consegui seguir, em novembro, com o 4º Escalão, que chegou ao porto de Nápoles, em 6 de dezembro de 1944, transportado pelo navio americano *Gen Meighs*. O nosso destino era Livorno, mas havia, nesse porto, dezenas de navios afundados que impediam a atracação do nosso transporte. Por esse motivo, após alguns dias embarcados, fomos trasladados para as barcaças chamadas LCI *(Landing Craft Infantry)*, que um pracinha nosso, com seu humor, batizou de "lança comida inteira", porque todos enjoaram, inclusive a tripulação, nas 28 horas de deslocamento pelo Mar Tirreno, de Nápoles para Livorno. Eram cerca de 25 barcaças, cada uma transportando, aproximadamente, duzentos homens. Fiquei incumbido de um compartimento situado na proa, com 48 praças, totalmente isolado dos demais da barcaça e com as escotilhas fechadas, em cumprimento de ordens recebidas. Logo que saímos da baía de Nápoles, começamos a observar os efeitos fortíssimos do mar bravio que se faziam sentir na barcaça. A impressão era que estávamos numa espécie de "charuto" ou "submarino". Há passagens curiosas de companheiros nossos que se sentiram muito mal, não suportaram o enjôo e entraram em coma, obrigando-nos a amarrá-los naquelas camas de lona dos beliches. Livorno ficava distante cerca de trinta quilômetros do *front*, de maneira que era possível ouvir o bombardeio da nossa Artilharia e a do IV Corpo. O deslocamento para Pisa levou da ordem de cinco horas e meia, devido a problemas de congestiona-

---

[1] Solenidade anual que acontece, em 29 de abril, no 20º GAC, Barueri, SP, em comemoração ao último disparo de Artilharia na campanha da Itália.

mento de trânsito, e, finalmente, chegamos ao local do acampamento, na Quinta Real chamada *Tenuta di San Rossore*, que era um parque de caça do rei da Itália. Ele fora requisitado não só pelos americanos, mas antes, também, pelos alemães. Os italianos diziam que tinha sido campo de concentração e que vários fuzilamentos foram praticados ali pelos alemães. Todo o Escalão, cerca de seis mil homens, ficou acomodado nesta grande área, em observação, em face da possibilidade do surgimento de alguma epidemia ou outro problema decorrente da viagem.

O deslocamento do Rio de Janeiro para Nápoles foi muito bem organizado, acompanhado por uma escolta de navios de guerra, inclusive brasileiros, até Gibraltar. Tivemos, ainda, proteção de aviões até a altura de Fernando de Noronha, substituídos, a partir desse ponto, por *Blimps*.[2] A despedida dos navios brasileiros que nos escoltaram, ao entrarmos no Mediterrâneo, foi emocionante. A solenidade transcorreu num ambiente de vibração e entusiasmo; uma bonita demonstração de civismo que a gente não esquece jamais. Escrevi um artigo relatando esta despedida.

No acampamento, começamos a ter notícias do *front*, daqueles primeiros ataques a Monte Castelo, por meio de companheiros que vinham visitar-nos. O Tenente Moreira Lima foi um dos primeiros; após realizar um "mergulho" com seu avião no nosso acampamento, apareceu de jipe.

As primeiras escalações para estagiar na frente começaram dez dias após a nossa chegada ao acampamento. Na primeira convocação, prevendo alguns observadores avançados, nosso grupo de cinco primeiros-tenentes da ativa procurou interceder, junto ao Tenente-Coronel Eraldo Filgueiras, para ir no lugar daqueles que estavam sendo escalados. Para nossa surpresa, ele disse, com um pouco de arrogância, que não aceitava voluntários, e acrescentou: "Talvez eu esteja decidindo o destino de cada um." No dia seguinte, fui indicado – não era voluntário para um curso de Foto-Informação no Cairo, em parte, razão desse encontro da véspera. Fiz a prova de seleção de inglês junto com meu companheiro de turma, Milton Brito Macedo, voluntário, e ele ficou melhor classificado, pela experiência anterior que tivera em curso realizado nos Estados Unidos.

Na véspera de Natal, mudamos para o novo acampamento situado em Staffoli, Região de Lucca, onde ficou em definitivo o estacionamento desse Escalão e dos outros que chegaram à Itália. No dia seguinte, dia de Natal, fui escalado por esse mesmo tenente-coronel para realizar o curso de alpinista-esquiador, junto com mais um tenente e dois sargentos. Em 28 de dezembro, nos deslocamos para Roma e ficamos dois dias aguardando a ordem de embarque do Serviço de Informações do V

---

[2] Dirigível usado na proteção aérea de comboios.

Exército americano. Orientados por um padre brasileiro, fomos para o Colégio Pio-Brasileiro, onde tivemos excelente convivência com os padres patrícios, e um deles, que defendia tese relacionada à história de Roma, nos mostrou todos aqueles monumentos antigos. De Roma, por Riete, seguimos para Terminillo, distante duas horas e meia, e que fica no Cume dos Apeninos, a 2.200 metros de altura. Nessa cidade, ficamos alojados no Hotel Savoia, requisitado pelos americanos. Toda a documentação referente ao curso, que teve a duração de 15 dias, e à pequena experiência que recolhemos, está entregue.

Regressamos a Lucca – nove horas e meia, seguramente – e ficamos aguardando a oportunidade de estagiar na frente de combate. Isso veio ocorrer após dez dias, mais ou menos, e uma nova negativa me foi apresentada, alegando-se, agora, que eu acabava de ser designado Ajudante do chamado 3º Batalhão[3] e que não podia ser substituído. É natural que a tropa estacionada, sem atividades, apenas com instruções de enquadramento, apresentasse alguns problemas disciplinares. Houve, ainda, três casos de meningite. O Coronel Archimínio Pereira, que era o Comandante do acampamento – embora estivesse passando o Comando ao Cel Mário Travassos, recém-chegado à Itália – disse-me que eu já havia feito um curso e que, portanto, devia esperar outra oportunidade. Ele falou uma coisa que nunca mais esqueci: "Olha! Guarde um ensinamento. Não insista muito em procurar as coisas. Aguarde sua oportunidade." E, para mostrar que eu não devia forçar o destino, fez referências ao Capitão Germano Travassos, filho do Coronel Mário Travassos, que fora estagiar há uma semana e perdera uma perna, e ao Tenente Mário Márcio Fontanillas Cunha, da minha turma – apelidado de "Camafeu" – que também fora gravemente ferido.

Assim ocorreu até que um grupo de capitães e tenentes, eu incluído, meio que "fugido" de lá, foi estagiar na frente. Cada oficial foi para um Grupo. Tivemos a sorte de encontrar, no III Grupo, o Tenente Prado, Subcomandante da 2ª Bateria e, cumulativamente, Comandante da Linha de Fogo, que, designado para o Serviço Especial[4], em Florença, estava deixando a Unidade. Incorporamo-nos, assim, ao Grupo, que acabava de apoiar o ataque a Castelo, na posição de Savignano.

No dia seguinte – 10 de março de 1945 – saímos para o reconhecimento de uma nova posição, em Lizzano in Belvedere, na região de Gabba, onde permanecemos até próximo ao início da ofensiva da primavera, prevista para começar em 14 de abril. Alguns fatos curiosos ocorreram nessa posição. O Serviço de Engenharia do IV Corpo de Exército americano filmava, diariamente, as posições de artilharia, para testar o

[3] O pessoal foi organizado em Batalhões, para efeito de enquadramento.

[4] Atividade de assistência ao pessoal através programas esportivos e recreativos.

zelo com relação ao disfarce para fugir à observação aérea inimiga. Certa vez, transcreveu as observações e enviou para o Comando da FEB e, nesse documento, afirmava que as posições da Bateria eram consideradas modelares, no conjunto da Artilharia do IV Corpo. Não é sem motivo que a 2ª Bateria de Obuses era considerada a "Bateria Jóia", no âmbito do III Grupo e da Artilharia Divisionária. Um aspecto curioso é que a Zona de Reunião do Esquadrão do Capitão Pitaluga, excepcional comandante, ficou cerca de cem metros à frente da posição da nossa Linha de Fogo. Em trabalhos escolares esse fato não acontece, mas ali era uma baixada, uma bacia, porque estávamos em uma região montanhosa. Nossos tiros eram todos de trajetória vertical. Ele ficou à nossa frente e todos os dias estávamos juntos. Naquela situação, o Esquadrão se encontrava em reserva, tendo sido seu emprego, até aquele momento, como tropa de infantaria. Ele vai ganhar espaço depois, na ofensiva da primavera.

Em Lizzano in Belvedere, o Grupo, através da nossa Bateria, recebeu um estoque de mais de quinhentas espoletas VT[5] para aplicação em escolas de fogo. Atiramos com o cuidado de subir a alça mínima de dez milésimos. Essa espoleta foi empregada, pela primeira vez, na contra-ofensiva alemã das Ardenas, em dezembro de 1944, e foi um grande sucesso americano – uma surpresa técnica. Funciona automaticamente, como a da artilharia antiaérea, através da emissão de ondas que, encontrando um corpo material, são refletidas e fazem a granada explodir.

Outro fato acontecido foi, eu diria, o meu "batismo de fogo". Como havia uma relativa estabilidade da situação, fui à linha de frente participar de regulações como observador avançado, pois tinha muita vontade de exercer essa função. Fomos localizados, e a artilharia alemã lançou vinte e poucas granadas na região em que nos encontrávamos. Felizmente não fomos atingidos, mas isso serviu para mostrar que eles estavam atentos. É o caso daquela expressão muito usada pelo pracinha: "Não dar sopa na crista", porque nós todos éramos muito indisciplinados.

Confirmada a ofensiva da primavera, recebemos ordem de preparar a nova posição, em Abetaia, de modo que, na manhã de 14 de abril, estivéssemos em condições de desencadear a preparação, mas sem descurar da anterior, em Lizzano in Belvedere, de onde continuaríamos a cumprir as missões. Isso produziu uma série de deslocamentos noturnos sucessivos das peças, uma por noite, para a nova posição, deixando, na anterior, troncos de pinheiro, simulando as peças. O objetivo era não revelar o dispositivo para apoiar a ofensiva. Na Região de Abetaia, havia um Esquadrão de Reconhecimento da 10ª Divisão de Montanha americana, que deixou o local quando nós iniciamos a ocupação.

---

[5] *Variable Time* – espoleta de tempo variável, de funcionamento eletrônico.

A Artilharia Divisionária recebeu um crédito de cem mil granadas para apoiar os três dias de ataque dos seus Grupos. Foi necessário um esforço sobre-humano para transportar, dispersar e preparar essa elevada quantidade de munição, à noite, e em condições que não oferecessem risco maior à Linha de Fogo. Felizmente, para a 2ª Bateria, nós não tivemos nenhum caso de incêndio ou explosão, mas, em outras áreas, houve cerca de mil explosões.

Às nove horas da manhã do dia 14 de abril, a Artilharia iniciou sua preparação, precedida pelo apoio da aviação. O bombardeio era sobre Montese, Montelo e Monte Buffone, triângulo de alturas que cabia à FEB conquistar, não para prosseguir, mas para manter. A finalidade era atrair os fogos da defesa alemã para Montese, possibilitando, com isso, o prosseguimento do restante do IV Corpo que desbordaria essas linhas de alturas. Foi um combate duríssimo, com perdas inumeráveis da Infantaria. Quanto à Artilharia, documentos alemães destacam que em Montese houve a maior concentração de fogos, depois de Cassino[6]. Eles ficaram admirados com a precisão dos tiros da Artilharia brasileira, servindo isso de homenagem à nossa Artilharia Divisionária, que se houve, por esse depoimento, de maneira elogiável. Após os cinco primeiros minutos da Preparação[7], aconteceu um fato que seria interessante registrar. A Central de Tiro havia determinado mecanismo "por tudo"[8]. Sabemos, pela usura e desgaste do tubo, que a Artilharia de 105mm não deve ultrapassar o limite de cinco ou seis minutos atirando com o mecanismo máximo de "por meia dúzia", isto é, seis tiros por minuto. No entanto, a ordem da Central de Tiro do Grupo era atingir a máxima velocidade possível e eu consegui que as guarnições atirassem na cadência de até 12 a 15 tiros por minuto. Desse modo, nos cinco primeiros minutos da preparação para o ataque de Montese, as quatro peças ficaram "fora do feixe", isto é, uma peça "não voltou em bateria"[9], outra saiu do "berço trenó"[10], a terceira, a mola escapou do tubo impedindo-o de voltar à sua posição normal, enfim, em razão desse mecanismo excessivo determinado pela Central de Tiro, nós tivemos toda a Linha de Fogo sem atirar. Releva salientar a importância do 3º sargento mecânico de artilharia e sua equipe que, em menos de cinco minutos, utilizando chaves imensas e pesadas, tubos sobressalentes e outros materiais de

---

[6] Batalha da Segunda Guerra Mundial na qual os alemães perderam o domínio de Roma para os aliados.

[7] Tiros previstos, desencadeados a horário, durante determinado espaço de tempo, normalmente de vinte a trinta minutos.

[8] Expressão usada para determinar o fogo contínuo até o término da munição.

[9] A expressão "volta em bateria" significa o retorno do tubo da peça a sua posição original, após o recuo decorrente do disparo.

[10] Dispositivo do obus onde o tubo se apóia e realiza o recuo, no momento do tiro.

reposição, colocados atrás da Linha de Fogo, porque já estava prevista essa série de incidentes, recuperou as peças e a Bateria voltou a atirar na sua plenitude. É importante esse destaque, porque em tempo de paz essa função aparece, nos Quadros de Organização e Dotação (Q O D), como lembrança, no entanto, é a figura, a meu ver, mais importante da linha de fogo, depois do seu comandante, nas ocasiões em que se está atirando, de dia e de noite, durante semanas e meses. Na paz, não se pode avaliar a importância do trabalho do mecânico de artilharia.

Após a Preparação, no apoio continuado ao ataque, obviamente, foi determinado um mecanismo mais reduzido, a fim de evitar novos incidentes de tiro. Inclusive, alguns tubos já apresentavam partes incandescentes, o que exigia o cuidado de levantar a rede de disfarce para evitar incêndios que, em alguns casos, ocorreram.

Ao término desses três dias, a Infantaria conseguiu dominar Montese, Montelo e Monte Buffone, situados a mais de 890 metros de altitude. Cito esse dado, para que se possa avaliar a dificuldade da Infantaria. Perdemos vários oficiais e sargentos. Perdemos, no primeiro dia, o Aspirante Mega, primeiro colocado da sua turma de Infantaria e já formado por Resende, que morre à frente do seu pelotão, e o excepcional sargento Wolf. Ele tinha o privilégio de selecionar os voluntários para o seu pelotão de patrulha. Em Montese, ele fez questão de cumprir a missão, embora já soubesse que seria promovido a 2º tenente, e veio a morrer de uma maneira heróica, neste mesmo dia 14 de abril. Isso mostra o fragor e a intensidade do combate de Montese, onde o III Grupo e a nossa Bateria fizeram o que era possível, para cumprir a missão.

À frente de Abetaia, situada na base de partida para o ataque a Monte Castelo, havia, ainda, mortos cujos corpos ficaram conservados pela neve. No degelo, foram encontrados pelo Serviço de Sepultamento e, sobre a ilharga de alguns deles, havia minas deixadas pelos alemães. Esse episódio motivou, inclusive, alguns artigos condenando a atitude cruel dos alemães com relação aos mortos – conhecidos como “os 17 de Abetaia”. Parece que, depois, os italianos erigiram um monumento em homenagem a eles.

Após Abetaia, ocupamos diversas posições em Sprilla, Villa D’Aiano, Zocca e outras intermediárias, para acompanhar a progressão da Infantaria na sua descida dos Apeninos, dentro do quadro de Aproveitamento do Êxito. Um dado curioso com relação ao emprego da Bateria é que todas essas posições foram ocupadas e reconhecidas à noite. A ordem de deslocamento chegava depois do anoitecer e, além disso, a mudança de posição era feita sem prejuízo do cumprimento das missões de tiro.

As guarnições eram muito bem treinadas e podíamos dividi-las de modo que uma parte ficava na Linha de Fogo e a outra saía para o reconhecimento e esperava

a chegada das peças. Era uma operação difícil, porque as estradas mais relevantes estavam minadas nas suas margens e, como as posições de artilharia, obviamente, estão fora das estradas, corria-se o risco de passar por várias dessas áreas minadas. Isso exigia que cada Chefe de Peça fosse à frente da viatura, sentado no pára-lama, para balizar com todo o cuidado o deslocamento, porque só podíamos usar o "olho de gato"[11] – o escurecimento era total. Um percurso que, normalmente, levaria uma hora, durava de duas a três horas. Mas, a imposição da Central de Tiro do Grupo era que a Linha de Fogo amanhecesse na nova posição com feixe pronto e em condições de cumprir missão. Felizmente, o treinamento, desembaraço e competência das guarnições, principalmente dos chefes de peça, que tinham absoluta noção das suas responsabilidades, permitiram que fosse cumprida a ordem da Central de Tiro. Nessas posições continuamos atirando, naturalmente, em intensidade menor, executando o chamado TOT[12] – hora no objetivo – que é o tiro sobre um objetivo em horário predefinido, mas que o pessoal chamava de "cardápio da noite". Era norma geral as baterias atirarem à noite, geralmente, de cinco a seis missões com mecanismos "por cinco" ou "por quatro". Excepcionalmente, atirava-se com mecanismo "por seis".

A partir de Villa D'Aiano e Zocca, a Infantaria começou a ganhar mobilidade, o que causou dificuldades para o apoio da Artilharia. Em Zocca, a nossa Bateria entrou por um eixo que não fora, ainda, reconhecido – a frente da Divisão era de 23km – nem pela Cavalaria e nem pela Infantaria, recebendo tiros da Artilharia alemã. Não houve baixas e ocupamos a posição. Após 45 minutos, um Pelotão do nosso Esquadrão de Reconhecimento entra nesse mesmo eixo e se surpreende, porque a Bateria estava ocupando posição e pronta para atirar. Uma hora depois, uma coluna de Infantaria surge nessa estrada. *São dois paradoxos:* a Artilharia impossibilitada de apoiar nessa arrancada ultrapassa a Cavalaria e a Infantaria.

Foi em Zocca, também, que se encontrou aquele oficial alemão morto num poço, cuja água, gelada e muito boa, nós utilizamos por uns dois ou três dias. Só depois, é que fomos ver que havia um oficial alemão morto dentro dele.

Em 26 de abril, o grupo recebeu ordem de deslocamento para a Região de Bibiano, onde acantonamos num colégio estadual. O ambiente entre os italianos era de comemorações, porque correra o boato de que a guerra terminara, o que não era verdadeiro. Dispúnhamos de trinta e tantas granadas e mais de trezentas espoletas VT, sobras da campanha de Montese. As viaturas de duas e meia toneladas tinham sido

[11] Pequeno farolete utilizado para sinalização nas situações de blecaute.

[12] *Time On Target* – Tiro cuja execução se prevê ao planejar determinada operação. É preparado de antemão e desencadeado, nesse caso, a horário.

cedidas para a Infantaria, por ordem do General Cordeiro de Faria, para aumentar sua mobilidade, na tentativa de cortar a retirada alemã na direção do Vale do Rio Pó.

À meia-noite e 45 minutos de 28 de abril, quando retornávamos de uma festa oferecida pelo Prefeito, recebemos do Adjunto da 2ª Seção do Estado-Maior da Artilharia Divisionária (AD), Major Antonio de Mendonça Molina, uma missão de "realizar um deslocamento para o norte, cerca de sessenta quilômetros, na direção de Collechio". A finalidade era de apoio – dizia-se moral – ao I/6º Regimento de Infantaria, na redução de um bolsão de duzentos mongóis[13] desarmados e abandonados pelos alemães. A referência a esse fato é interessante, como veremos mais tarde, para caracterizar que na Perseguição não há informações e, sim, informes. Os dados são totalmente imprecisos. Não se sabe a direção, intenção e potencial do inimigo. Recebida a missão, mas não dispondo de viaturas, foi determinada pela AD a cessão dos quatro tratores da Bateria[14] do Capitão Hélio Lemos, levados pelo seu Tenente de manutenção Hélio Mendes. Ao chegarmos em Collechio, o problema evoluiu e, em vez de duzentos mongóis, já eram cerca de mil e duzentos infantes com seu armamento individual. O Coronel Nelson de Mello, Comandante do 6º RI, expede o ultimato, que expirava às 13 horas do dia 28 de abril. Ele, também, desconhecia o valor da tropa alemã. Sabia, apenas, que estava com o I Batalhão, do Major João Carlos Gross, e a nossa Bateria. O Comando alemão foi evasivo na resposta ao ultimato, dizendo que iria estudar outras condições. A partir, exatamente, de uma hora da tarde, o ataque do 6º RI é desencadeado. O Cel Nelson de Mello determinou que as duas Companhias em primeiro escalão partissem para o contato com o inimigo. Nós apontamos a Bateria.

Essa atuação da 2ª Bateria foi curiosa e única na campanha da Artilharia da FEB, na Itália. Pela primeira vez, uma Bateria atua descentralizada do Grupo, sem central de tiro, sem pranchetas e sem observação. Os dois observadores avançados ficaram impossibilitados de cumprir suas missões, pois as duas Companhias do Batalhão ficaram detidas dentro de um bosque. Mais tarde, pelo rádio – canal A – soubemos que até o General Mascarenhas e o General Cordeiro haviam se deslocado para a região de Collechio. Ignorávamos, porém, onde estava o Posto de Comando do Batalhão e o local de desdobramento das duas Companhias. O S3[15] do I Batalhão, Capitão Ernani Ayrosa da Silva – a quem me dirigi antes de deslocar a Bateria da posição de espera –, não sabia me dizer a direção de marcha das duas companhias. Ele disse:

---

[13] Os mongóis eram soldados prisioneiros que prestavam serviços aos alemães.

[14] Bateria pertencente ao IV Grupo de Artilharia da FEB, de 155mm.

[15] Chefe da Seção de Operações do Estado-Maior, nível Unidade (Batalhão etc).

"Eu não sei se os alemães estão nessa direção ou, se estão a 180 graus; ou se estão para a direita ou para a esquerda; agora é que vamos procurar". Tudo é escuro, próprio da Perseguição. Muito mais tarde, soubemos que, cinco minutos depois desse encontro em Collechio, o Capitão Ayrosa fora acidentado gravemente e seu motorista morto, numa explosão de mina.

Ocupamos posição atrás de um bosque de pinheiros, no qual existiam viaturas abandonadas pelos alemães e um tenente alemão morto, sentado numa espreguiçadeira ao lado da lareira, na casa ali existente, com ferimento, ainda, bem recente. Chovia, torrencialmente, nessa jornada, situação agravada pelo fato de que todo o terreno em volta do bosque fora revolvido para plantação – era área de trigo. Os obuses ficaram com metade das suas rodas enterradas e, praticamente, apenas os tubos apareciam por sobre a lama que cobria toda aquela região. O pessoal estava com lama até o joelho. Chuvas torrenciais, o dia inteiro, são próprias dessa época de primavera, lá na Itália. Nós atiramos, praticamente, "às cegas" – com uma carta rodoviária de um por cem mil e sem qualquer ajustagem prévia. Nossa munição era reduzidíssima, porque os tratores não permitiam que eu levasse além de 136 granadas, o que obviamente infringia o regulamento C 6-140[16], que obriga o deslocamento sempre com a dotação *Basic Load*[17] de 360 granadas explosivas. Esse é o mínimo que a linha de fogo tinha que ter em qualquer situação.

O que eu estava fazendo era um improviso. Cada peça atirava num objetivo diferente, formando um autêntico "quadrilátero". As peças extremas, primeira e quarta, atiravam em objetivos longos de dois mil metros, em relação aos objetivos das segunda e terceira peças e afastados, em direção, de duzentos milésimos. As peças centrais atiravam em dois objetivos mais próximos e, igualmente, afastados em direção de duzentos milésimos. Fizemos um quadrilátero que imaginávamos pudesse ser eficaz na possível zona de reunião inimiga. Um dos objetivos – Segalara – foi ordem da AD e transmitida pelo Comandante do Grupo. Ao anoitecer, percebendo que a situação se agravava, ordenei que um chefe de peça fosse a Bibiano, a toda velocidade, e trouxesse munição. Para isso, conseguimos, como que "aprisionar", dois caminhões que passavam ali, por Collechio. Com a chegada da munição, começamos a atirar "a pleno". Foi determinado mecanismo por tudo e que fosse consumido o máximo de munição. Dez a quinze minutos depois, à 1h45min, veio a ordem do Comandante do Grupo, Coronel Souza Carvalho, de "alto cessar fogo" e aguardar na posição novas ordens. Os alemães tinham aceitado a rendição incondicional, levada

[16] Manual de Campanha do Exército sobre o emprego das Baterias do Grupo.

[17] Quantidade de munição transportada por uma unidade e constante do QOD. (Quadro e Organização e Dotação).

por um major ao Comando da FEB. É importante deixar registrado que descumprimos essa determinação. Esta confissão eu quero fazer aqui. Eu acabara – cerca de meia hora ou uma hora antes da ordem de suspender o fogo – de preparar a munição, naquela lama toda, para atender ao mecanismo por tudo e suprirmos a deficiência das poucas granadas. Então, determinei aos chefes de peça que consumissem toda a munição que estava preparada na Linha de Fogo. Isso fez com que levássemos, ainda, uns cinco minutos atirando. Atiramos bastante, num mecanismo máximo, e consumimos toda a munição. Isso era possível fazer porque, como estava chovendo muito, um temporal violento, ninguém poderia tomar conhecimento das rajadas que saíam da Linha de Fogo. E isso acabou sendo extremamente benéfico, porque, de madrugada, dois Batalhões de Infantaria alemães tentaram romper o cerco, não aceitando a rendição e, seguramente, essa carga adicional da nossa Linha de Fogo deve tê-los desestimulado. O fato é que o General Otto Fretter Pico apresentou suas condições, ao amanhecer do dia seguinte, 29 de abril. Solicitava o Comandante alemão a evacuação imediata dos oitenta e poucos feridos que eles tinham, a maioria em estado grave. Eles não dispunham de recursos médicos para o atendimento. Entre esses feridos estava o Capitão Ayrosa, o que nós não sabíamos. A segunda condição era que o tratamento para os oficiais italianos fosse idêntico ao dos oficiais alemães, tal a consideração que o General Fretter Pico tinha com o General Carloni, Comandante da Divisão Bersaglieri Itália. E a terceira condição, se podiam deslocar as suas frações com seus próprios meios motorizados, o que facilitaria o problema de apresentação dos prisioneiros. As três condições foram aceitas pela FEB, e eles, pelos seus próprios meios e escoltados pela nossa Polícia do Exército, foram conduzidos para o campo de concentração, perto de Pisa.

Um fato curioso está relacionado com a decisão que tomamos, ao anoitecer, de atirar sem saber onde estavam a Infantaria, o Posto de Comando, a linha de contato, para atender à imposição do Comandante da AD de atirar sobre Segalara. Chamei os quatro Chefes de Peça e lhes disse que me cabia tomar uma decisão extremamente grave. Não poderíamos ficar ali sem atirar, com a Companhia da esquerda pedindo permissão ao Major Gross para retrair. Dizia o Comandante da Companhia: "Major, eu não tenho condições de manter essa posição, estou sofrendo contra-ataques e envolvido por duas patrulhas alemãs atirando com metralhadoras antiaéreas." Já havia baixas de oficiais, sargentos e praças. O Gross dizia para ele: "Pelo amor de Deus! mantenha essas posições a qualquer preço." Nós estávamos ouvindo da Linha de Fogo e vendo as trajetórias dos tiros – eram traçantes – do contra-ataque chegarem aos pinheiros. Percebemos que eles não deviam estar a mais de mil a mil e quinhentos metros e que a situação era dramática para uma das duas

Companhias de primeiro escalão. Disse aos quatro Chefes de Peça: "Vocês vão ser testemunhas de uma decisão que nós vamos tomar agora. Nós vamos atirar, todas as quatro peças – como eu lembrei, o quadrilátero – para compensar a falta de munição. Vocês vão cuidar desses elementos de direção com o maior carinho, admitindo que esses pontos sejam eficazes. O resto, seja o que Deus quiser." Não sabia se íamos atirar sobre Posto de Comando, sobre tropa...

Estávamos começando a fazer isso, eram nove horas e tanto da noite, quando vem um jipe com os faróis acesos. Naquela época era absolutamente proibido, pois só se usava o "olho de gato". O jipe chega derrapando, ao lado da Linha de Fogo, com o saudoso Capitão Valmiki Erichsen, excelente Comandante de Bateria e que estava como Oficial de Ligação junto ao Primeiro Batalhão. Ele levanta de seu jipe – eu nunca tinha visto o Comandante da Bateria perder o controle. A característica do Capitão Valmiki era de um homem absolutamente sereno e atento. Era o papel do grande Comandante de Bateria, ou seja, o grande administrador, naquela concepção da doutrina americana, cabendo a Bateria de Tiro ao Primeiro-Tenente Linha de Fogo. Nessa posição de Comandante de Bateria ele era exemplar. Nunca o vi alterar sua voz. Nesse dia ele chega, às nove e tanto da noite, aos berros, em cima do jipe: "O que é que essa Bateria está fazendo que estamos desesperados pedindo tiro e ela não atira." Ocorrera um incidente. Quando ele saiu à uma hora da tarde, do PC do Batalhão, eu combinei com ele: "Capitão, o canal A está em pane. Só posso receber missões no canal B. Naquela época nós usávamos esses dois canais, sendo que o A era para missões de tiro. Ele, naquele fragor todo, esqueceu disso e transmitia a missão pelo canal que estava em pane. Dessa maneira, a mensagem não era recebida, deixando-o desesperado, e com razão. Eu fiquei aflito, devido ao desespero do Comandante da Bateria. Eu nunca tinha visto o Capitão Valmiki desse modo, aos berros. Falei com o Chefe de Peça mais próximo: "Pedrozzelli, ocorreu o que eu imaginava." Pensei que estivéssemos atirando no nosso Posto de Comando. Quando ele acabou de falar, uma das peças estava atirando. Eu disse: "O Sr. está vendo; as peças estão atirando." Ele "caiu em si" e pediu desculpas. Aí eu contei para ele o artifício do quadrilátero; ele disse ótimo e voltou.

Esse contra-ataque de duas patrulhas alemãs, cujas trajetórias traçantes pipocavam em cima do pinheiro, à frente da nossa posição, exigiu que nós tomássemos medidas urgentes de defesa imediata da posição. Havia iminência das patrulhas ultrapassarem a Companhia da esquerda e chegarem à nossa posição. Nessa ocasião, chegava em um jipe o Tenente Marcel Padilla, que era o Oficial de Manutenção, e recebeu a ordem de instalar os lança-rojões e as metralhadoras.

Depois da guerra, levamos essa experiência para Resende e passamos a exigir em todo lugar em que eu servi. A primeira coisa que a Linha de Fogo fazia, quando

ocupava posição, era a sua segurança imediata com os oito lança-rojões e as quatro metralhadoras de calibre .50 enfiando todas as vias de acesso.

Resumindo, a 2ª Bateria, nesse episódio final da campanha da FEB, atuou no eixo Collechio-Fornovo, em apoio ao I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Os II e III Batalhões do 6º RI e o Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado atuaram em outros eixos, todos convergentes sobre Fornovo. Foi uma manobra de cerco, no quadro da Perseguição. Essa participação singular da 2ª Bateria é importante para a memória do atual 20º Grupo de Artilharia de Campanha, de Barueri, que tem, dentre suas glórias, essa de ter encerrado a campanha da Artilharia da FEB.

Apesar de toda série de dificuldades, sem as condições mínimas de operacionalidade, havia por parte do pessoal uma vontade em cumprir a missão. Isso é que preside a alma do artilheiro, inspirado na quadra final da sua canção: “abraçado ao canhão morre o artilheiro, em defesa da pátria e da bandeira”. Isso quase ocorreu em Collechio.

Um episódio que jamais esquecemos é sobre a apresentação impecável dos oficiais alemães, na rendição. Chegavam em viaturas, fardados com uniforme cinza, usando suas medalhas – não eram passadeiras – alguns com as três cruzes de ferro, a maior condecoração alemã para atos de bravura sucessivos, barba escanhoada e cabelo cortado. Parecia que eles iam para uma parada, que tinham se preparado, em postura muito melhor do que a nossa que estávamos sem fazer a barba, sujos e enlameados. Eles deram uma aula de absoluta correção, inclusive à tropa. Sobre a 148ª Divisão alemã, tivemos a oportunidade de apreciar a qualidade e a vibração daquela Força. Muitas de suas Unidades combatiam há quase seis anos, desde o Teatro de Operações da Rússia, deslocadas para a África, e da África para a Itália, via Sicília e Monte Cassino. Via-se nesses homens, encanecidos na campanha, saltarem as lágrimas na despedida aos seus comandantes. Sabiam que suas Unidades e Subunidades iriam se desfazer. Os Batalhões e Companhias chegavam dispostos em três colunas e, após duas ou três expressões de despedida de seus comandantes, que eu não sei o que significavam, passavam a coluna por um. Colocavam o armamento individual à esquerda, em caminhões, e as lunetas, binóculos e tudo mais em outras viaturas, à direita. Tudo em absoluto silêncio, disciplina e marcialidade. Tais espetáculos é que vivificam a carreira das Armas. A gente vê que o homem se sacrifica, vai as últimas conseqüências para cumprir a sua missão, na luta por um ideal, por uma submissão ao dever. Não há tempo ruim, não há intempéries, não há dificuldades de qualquer ordem que possam impedir a perseguição, o transe, sobre o objetivo que lhe tenha sido cometido.

A 148ª era uma Divisão mista, motorizada e hipomóvel. As unidades de Artilharia eram, na maioria, de tração hipomóvel. Usavam recursos que nos surpreende-

ram como, por exemplo, a régua de tiro, de marfim, pequena, justa, uma beleza, bem diferente das nossas, grandes e com folga no cursor. Suas luvas eram de pelica cinza, que não tirava a sensação do contato dos dedos e mãos. Os fuzis eram semelhantes aos nossos, de 1908, com apenas uma diferença na chapa da soleira, que era muito grossa, e na boca, onde havia uma proteção para o aparelho de pontaria.

Com relação ao desempenho em campanha dos nossos profissionais – oficiais e graduados, especialmente os de Artilharia – poderia dizer que houve, no início, um choque cultural e profissional. Nós éramos formados pela doutrina francesa. A técnica de tiro que nós conhecíamos usava ábaco de projeção planimétrica e transferidor de derivas e alças; na Linha de Fogo havia a rigidez na disposição das peças, em linha reta e distantes 25 metros; não tínhamos noção de observação avançada e aérea. A técnica de tiro estava muito modernizada, desde a guerra civil espanhola de 1936 a 1939, em que os métodos e processos de combate ofensivo e defensivo foram, de sobejo, exercitados pela Legião Condor alemã. O armamento, incluindo os obuses, foi recebido na Itália, às vésperas de irmos para a frente. Isso tudo se apresentou como novidade, à tropa brasileira. No entanto, a capacidade de adaptação, de flexibilidade e, sobretudo, a vontade de se preparar melhor, de se adequar melhor ao cumprimento da missão que lhes foi conferida pelo País, produziu uma determinação, quase compulsiva, aos quadros e à tropa, de se ajustarem àquela nova ordem doutrinária e operacional. Deve-se ressaltar essa capacidade de adaptação do homem brasileiro. Ele se adaptou a um clima, condições de vida e de combate completamente diferentes dos que conhecia. Isso com *fair play*, entusiasmo e boa vontade.

Podemos citar, como exemplo típico, a chegada ao acampamento da *Tenuta di San Rossore*, no início de dezembro. Chovia e nevava. As barracas armadas eram lavadas pela água, obrigando-nos a passar a primeira noite sentados de cócoras, em cima do "saco A", de lona, que também estava toda molhada, assim como a roupa no seu interior. Isso, porém, não retirou a tranqüilidade e a alegria de nossa tropa. Nas barracas o samba tocando, som de violão, de música e as praças cantando. Era o primeiro dia de nossa chegada na Itália. O Manual do Instrutor do Exército americano – TM 250 – foi distribuído para toda a tropa brasileira e, na primeira página, dizia: "O oficial ideal é aquele que nada teme... nem mesmo uma idéia nova."

Isso esteve presente nos quadros no sentido da adaptação, da improvisação e da flexibilidade às situações novas. Collechio foi um exemplo. Tudo, absolutamente tudo, era diferente do C 6-140. Isso só é possível quando os quadros estão abertos às idéias novas e não temem o risco de rasgar os conceitos antigos e se ajustarem a uma nova realidade que se apresenta. No caso da Artilharia, nós atuávamos em região montanhosa. Os tiros eram na maioria verticais, isto é, as traje-

tórias se davam em ângulos maiores do que 45º, e a carga usada, normalmente, era a carga três. É um exemplo que eu estou dando para mostrar o choque cultural e profissional que citei. Mas, com a noção de que estávamos ali para cumprir uma missão, não houve maiores percalços.

Quando fui incorporado ao Grupo, para comandar a Linha de Fogo da 2ª Bateria, essa tropa já estava preparada por quadros, desde o Brasil. Logo, a observação que vou fazer é válida. O Grupo era uma máquina, a Central de Tiro perfeita e os sargentos Chefes de Peça eram de primeira ordem: sabiam tudo sobre o trabalho exigido pelos obuses. As adaptações eram feitas sem qualquer problema, como, por exemplo, em todas as posições que ocupei, exceto uma, a referência do aparelho de pontaria era feita no segundo quadrante, à frente da Linha de Fogo. Outro ponto era o rodízio dentro da guarnição. Como a Bateria atirava dia e noite, as 24 horas do dia, os homens se revezavam de duas em duas horas. Isso exigia o conhecimento, pelos artilheiros, de todas as funções.

Releva dizer que esse preparo foi obtido graças ao Comandante excepcional que era o Coronel José de Souza Carvalho e aos capitães Comandantes de Bateria de Obuses, também especiais: Valmiki Erichsen, João Alvarenga Souto Mayor e Florimar Campello; e ao Comandante da Bateria de Comando, Capitão Paulo Carneiro Thomaz Alves, excelente oficial que, embora difícil no trato com as pessoas, era muito respeitado pelo conhecimento profissional. Era muito rígido quanto ao aspecto disciplinar. Convém relembrar, também, a necessidade absoluta da segurança imediata da Bateria, logo ao desdobrar-se. Isso não era considerado importante mas, a nosso ver, uma das funções do Linha de Fogo deve ser o reconhecimento imediato das vias de acesso e o desdobramento dos seus lança-rojões e metralhadoras. É importante que a Linha de Fogo tenha a liberdade de ação para continuar cumprindo a sua missão, a despeito até de patrulhas inimigas que possam chegar. Isso ia ocorrendo, em Collechio.

Outro ponto é a delegação permanente de competência aos escalões subordinados. Acho fundamental e procuramos fazer. Os Chefes de Peça tinham liberdade total, inclusive, para dizer que a peça não podia atirar. Claro que a responsabilidade era do Comandante da Linha de Fogo, mas a delegação de autoridade era transferida ao Chefe de Peça. Com isso, conseguimos o maior rendimento de cada escalão.

Gostaria de me reportar, novamente, ao Capitão Ayrosa, citado quando descrevi as ações da Bateria em Collechio, para expor com mais detalhes o seu acidente. Ele já estava bem conhecido como um oficial de extrema competência e bravura. Tinha sido, anteriormente, Comandante de Companhia, no Vale do Rio Serchio, onde foi ferido em combate e recebeu condecoração. Após a alta do hospital, retorna,

agora como Chefe da Seção de Operações do I Batalhão do 6º RI. Às treze horas do dia 28 de abril, quando o Coronel Nelson de Mello deu a ordem para buscar o contato com os alemães, me apresentei a ele. Encontrava-se ali, em Collechio, junto ao campo de futebol, e perguntei qual seria a direção de marcha do Batalhão. Era uma informação necessária para que eu pudesse apontar a Bateria. Ele me respondeu dizendo que não sabia em qual direção estavam os alemães e que ia seguir, inicialmente, a via Emília para ver onde estavam desdobradas as duas Companhias. E assim ele partiu. Muito tempo depois, vim a saber que cinco minutos após aquele encontro ele sofrera um acidente extremamente grave. O seu jipe possuía um reboque com centenas de rojões para alimentar as patrulhas que encontrasse, carentes de munição. Como a situação era extremamente nebulosa, colocou o motorista no banco de trás, e tomou a direção do jipe. Ao lado dele estava, como sempre ocorria, o primeiro-sargento, seu auxiliar. Ambos o acompanhavam durante toda a campanha. Após cerca de dez minutos na estrada, o sargento alertou que eles tinham ultrapassado um posto avançado alemão. O Ayrosa manobrou rapidamente para voltar e as duas rodas do reboque acabaram por sair da estrada, cujas margens estavam minadas. Para se ter uma idéia desse acidente, a parte de trás do jipe, onde estava o motorista, desapareceu. Ficaram os dois bancos da frente. O sargento foi jogado à direita, numa distância de trinta metros, pelo efeito de sopro, mas não teve ferimentos. O Capitão Ayrosa foi jogado à esquerda com centenas de pequenos estilhaços. Durante vários anos, aqui no Brasil, de vez em quando um estilhaço era expelido, provocando a perda dos sentidos. Quando o sargento veio atendê-lo, refeito daquele choque, ele lembrou de entregar a sua identidade. Mais tarde soubemos que foi recolhido por um Batalhão alemão, sem poder receber um tratamento adequado. Eles não tinham recursos nem para si próprios. No dia seguinte, com a rendição, ele foi recuperado.

Uma coisa que me impressionou muito na campanha da Itália foi a vontade férrea de grande parte da tropa brasileira de atravessar o oceano e vingar os navios afundados e as afrontas à soberania nacional. Os escalões de embarque estavam imbuídos de uma vontade incontida de engajamento no combate. Eu, inclusive, citei o nosso grupo, pertencente ao depósito, que precisou "fugir" do acampamento para estagiar na frente, porque ninguém admitia ficar lá, no escalão recuado, chamado de "saco B"[18].

A conduta exemplar da FEB foi atestada pelos próprios alemães. Os oficiais do Estado-Maior do Gen Fretter Pico, quando perguntados sobre o motivo da relutância

[18] A bagagem individual era distribuída em três sacos de lona. Os sacos B e C ficavam na retaguarda e o A acompanhava o militar para a linha de frente.

em se entregar às tropas brasileiras, diziam que não nos conheciam no todo. As informações veiculadas na Alemanha eram de uma tropa desorganizada, mesclada e de canibais – alguns muito canibais. Essa era a propaganda. Nós recebemos, através de granadas de Artilharia alemã, vários boletins de propaganda. Um deles dizia assim: "Enquanto você que é o melhor soldado do Brasil está morrendo aqui na neve… no Brasil, os americanos estão fazendo…, as suas famílias, as suas mulheres, as suas filhas estão sendo pastos para eles." No folheto havia uma águia com a bandeira americana em cima do Brasil. Essa impressão se desanuviou por inteiro pelo tratamento dispensado a eles e à tropa deles quando se apresentaram prisioneiros. Assim, como nós tivemos um choque pela apresentação impecável, eles tiveram também o seu choque, relativamente a nós outros. Foram tratados como desejavam, com respeito, consideração e distinção; eles foram os primeiros a reconhecer isso.

Um fato curioso, que passo a relatar, mostra, de certa forma, esse reconhecimento. Na década de 1960, um catedrático da Faculdade de Direito de Pernambuco terminava o mestrado de Direito Internacional, na Universidade de Munique. Estava se despedindo, num clube de chope, com professores alemães. Um cidadão que estava no canto, baixo, olhos azuis, cabelo bem espigado, deixa seu copo de chope, se levanta e se dirige para o grupo onde estava esse professor brasileiro e pergunta a ele: "O senhor é brasileiro?" "Sou sim, senhor" respondeu o professor. "Então o dia 30 de abril é uma grande data nacional, no seu país." Esse professor retrucou: "Eu não sei se o senhor conhece o meu País, há muitos feriados, mas posso garantir ao senhor que o 30 de abril não está entre eles." Demonstrando certa irritação, o cidadão questionou com o dedo em riste: "Mas devia ser." O professor, intrigado, perguntou a razão daquela insistência e, até mesmo, o motivo da irritação. O cidadão disse: "Eu sou o General Otto Fretter Pico, Comandante das tropas alemãs que se renderam aos senhores. Eu me entreguei a 30 de abril. Os senhores deviam considerar uma grande data nacional no seu país." O professor ficou muito encabulado. Mais tarde, quando, em Brasília –, desejava falar com o Chefe do Serviço Nacional de Informações –, me disse: "Coronel, passei a maior vergonha da minha vida… eu não sabia, como não sei até hoje, nada sobre a participação da FEB na Itália." Por acaso, o destino estava fazendo com que aquele professor falasse comigo que poderia, do outro lado, dar o testemunho do que o General Otto Fretter Pico lhe dissera.

Nesse instante de meu depoimento, desejo fazer uma referência especial aos meus Comandantes de Grupo e de Bateria. O Coronel José de Souza Carvalho era uma figura excepcional de líder e chefe militar. Era o único comandante de Grupo que não possuía o curso de Estado-Maior. O III Grupo era a melhor Unidade de toda a Artilharia da FEB. Era a menina dos olhos do General Cordeiro. O General Mascare-

nhas, já gravemente enfermo, disse ao Capitão Valmiki, em Copacabana: "Eu não tenho dúvida alguma que a melhor Unidade de Artilharia de toda a FEB era a do Souza Carvalho – III Grupo." Ele atuava de forma espontânea, simples e amiga. Estava sempre visitando as posições. Chefe e amigo de todos, humano, relevava faltas, algumas até lamentáveis, obtendo com isso uma adesão definitiva daqueles infratores à sua liderança. Era muito querido por todos os seus oficiais e praças. Era um homem muito determinado e que assumia a responsabilidade de tudo que acontecia no Grupo. Era o líder da nossa Unidade. Outro integrante, que gostaria de destacar, é o meu Comandante de Bateria, Capitão Valmiki Erichsen. Excelente figura de comandante e administrador. Mantinha sua Bateria em permanente prontidão operacional. Antecipava-se aos problemas, resultando, para nós, em extrema simplificação. Estava sempre à testa dos reconhecimentos e das ocupações de posição. São duas figuras que convém registrar como notáveis, no nosso Grupo.

Como curiosos da História Militar, nós queríamos fazer remissão a alguns conceitos. Vegécio[19], na sua obra em dois volumes sobre a organização militar dos romanos, escrita nos anos 400, quando ele procura justificar o êxito da expansão do Império, afirma que a "Organização e o Treinamento" das Legiões Romanas foram as duas condições responsáveis por aquele sucesso. A FEB superou diversas dificuldades na sua estruturação e organização, no embarque e na sua operacionalidade. Suplantou alguns dissabores e, até, algumas manifestações de preocupação, no início, pelo Comando do IV Corpo, de sobejo depois desfeitas com a sua atuação operacional. Outro ponto que gostaria de lembrar, refere-se a um grande professor de História Militar que chegou a ser um dos grandes generais da França, na Primeira Guerra – Marechal Ferdnand Foch. Ele dizia, como Coronel em 1895, que no campo de batalha não se faz o que se quer e sim o que se pode e, para poder pouco, é preciso saber muito e bem. O corolário é a humildade diante dos fatos. Em Collechio-Fornovo, no auge da Perseguição, foi o que nós vimos. A capacidade de adaptação a uma situação nova e absolutamente variável, como aquela, faz estarmos com essa visão "fochiana" bem presente. Em Collechio, realizamos o que se pôde, com os meios disponíveis. Essa remissão à colocação do Coronel Foch me parece pertinente para a atuação da FEB no campo da Perseguição. Uma coisa curiosa: Collechio é o cenário de uma grande batalha em 1495, em que o rei de França, Carlos VII, vence uma coligação de franceses, germanos, espanhóis, italianos e holandeses. Parece aquele livro de Orwell, escrito em 1948, e que ele titulou de *1984*. Ele inverteu: o livro é de 1948 e ele faz aquela visão de 1984. De maneira semelhante, a primeira

[19] Públio Flávio Vegécio Renato - Civil romano autor de influente tratado militar.

grande batalha de Collechio foi em 1495 e a segunda foi em 1945. Finalmente, gostaria de lembrar duas frases de Clausewitz, bem adequadas ao problema. A primeira diz assim: “Cada coisa toma forma diferente quando passa da abstração à realidade.” Collechio-Fornovo é isso. Tomou uma forma absolutamente diferente desde a nossa partida de Bibiano. Saímos pensando que eram duzentos mongóis, depois eram mil e duzentos e, daqui a pouco, eram muitos e nós éramos poucos. A outra frase: “Para aniquilar o inimigo marchemos contra ele sem trégua e sem descanso.” A FEB fez isso, sem trégua e sem descanso, até o último dia da campanha.

Com o fim das hostilidades, vivi algumas lembranças memoráveis. Permanecemos em posição, em Collechio, até 30 de abril. Saímos nesse dia, depois do almoço, rumo norte e acantonamos num colégio estadual, em Firenzuola D'arda, uma pequena cidade distante cerca de sessenta quilômetros de Milão. Nesse local aconteceu um fato curioso. Estávamos fazendo a limpeza do material da Linha de Fogo, com água quente, sabão... O General Mascarenhas, acompanhado de seu Estado-Maior, passando pelo local, viu aquele alvoroço e parou. Mandou chamar o Valmiki, Comandante da Bateria, que ficou assustado porque o Comandante da Divisão passa por ali, pára e chama o Comandante da Bateria... E, diante da tropa, fez um enorme elogio à Bateria pela demonstração de zelo com o material. Nós acabávamos de sair de Collechio.

Outra lembrança dessa época foi que encontrei, numa loja de Alessandria, perto de Milão, o retrato dos corpos de Mussolini e da amante dele pendurados. Seus seios estavam furados... uma cena de vandalismo. Eu tenho esses retratos. Nós chegamos lá dois ou três dias depois da execução.

Fato memorável foi proporcionado por uma diretriz do General Cordeiro, autorizando as viagens a Paris nos momentos de folga, desde que fosse conseguida a permissão da Unidade francesa de guarda da fronteira. Essas folgas eram concedidas por grupos e passava-se de dois a três dias conhecendo tradicionais cidades da região. Cruzamos, sem problemas, a fronteira e estávamos lá, na *avenue des Champs Elysées*, em Paris, quando entrava de carro, pela primeira vez, o Eisenhower, acompanhado do General Charles de Gaulle. Tenho uma fotografia desse momento, com aquela massa de gente. Nessa viagem para Paris, via Mônaco, aconteceu um episódio, também, sempre lembrado. Estavam no jipe eu, o Manoel Valença Monteiro, o Moacir Véras e o cabo Altibano Hortensi, nosso motorista, que era mecânico do Chico Landi no Brasil. Aliás, um excepcional mecânico e motorista. Todos nós dormíamos, enquanto ele dirigia. Antes de chegar a Mônaco, numa descida, ele, também, dormiu. Eram mais de onze horas da noite quando acordei – só a providência divina pode explicar – e vi tudo escuro à frente. Eu viajava, praticamente, do lado de fora do jipe, de tal maneira que a minha perna direita estava apoiada no pára-lama. Eu

não podia colocar as duas pernas no interior da viatura. No meio do jipe estava o Valença, "comprido", sentado naquela "tabuinha" que a gente coloca entre os dois bancos. Não sei como consegui levantar a perna de dentro e "sentar" o calcanhar no motorista. Ele acordou espantado e o jipe foi freando, freando e nós paramos não mais que a um metro do desfiladeiro. Eram cento e tantos metros de penhasco, que vimos na volta, de dia. Os policiais militares americanos vieram, em seguida, em duas motos *side-car*[20] e disseram todos os palavrões possíveis. Nós concordamos, porque era uma realidade. Eu disse para eles: "Nós dormimos, não há outra explicação." O fato foi que o motorista, com sono, em vez de seguir o *by-pass*[21], continuou em frente, e a grande ponte entre as encostas estava destruída.

Retornamos ao Brasil com o segundo escalão de embarque, junto com toda a Artilharia Divisionária, que chegou em 22 de agosto de 1945. Era comandado pelo Gen Cordeiro de Faria. A massa de gente aguardando o nosso desembarque, no Cais do Porto do Rio de Janeiro, e o desfile pela Avenida Rio Branco jamais serão esquecidos. Parece que a população estava toda ali, para receber os expedicionários e saudar as Unidades que desfilavam. A recepção pela população foi realmente comovente.

Cinqüenta anos depois, pensamos – a Associação dos Ex-Combatentes – em reproduzir esse desfile das Unidades Expedicionárias, do Cais do Porto até o Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial. Isso nos foi negado. Autoridades disseram que iria tumultuar o trânsito do Rio de Janeiro. Enquanto autoridades do governo participavam de comemorações de dez dias de duração, em Londres, em Moscou, na Alemanha e em Paris, sobre os cinqüenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, nós, aqui, só tivemos meia hora, no Monumento aos Mortos. Assim mesmo, a maioria que estava lá era de ex-combatentes, velando pelos mortos na Itália. Estou mostrando o início e cinqüenta anos depois.

Não sei por que, ou talvez saiba, houve uma preocupação muito grande das autoridades em espalhar as Unidades Expedicionárias. Parece que houve um receio – de que pudesse se constituir numa força política – e a FEB começou a ser desfeita. Nós trazíamos um sonho. Todas as noites, no navio, o General Cordeiro reunia aqueles Comandantes de Unidade e conversava-se bastante. Dizia-se: "Como é que nós vamos voltar para o Brasil? Combatemos uma ditadura e vamos encontrar outra." Na Itália éramos severamente punidos se fossemos apanhados pela Polícia Militar americana com tanque "meio que vazio" de gasolina e sem os camburões cheios. De duzentas em duzentas milhas, havia bombas para que a gente, bastando encostar,

[20] Carro conjugado com motocicleta.

[21] Pequena variante ao lado de uma ponte destruída.

abastecesse a viatura. Chegando aqui, gasogênio e filas quilométricas. O Brasil estava na “Idade da Pedra”.Os quinze dias de viagem foram sonhando sobre o que se podia fazer para o Brasil alavancar o seu progresso, dar um salto, mudar a forma de ver os problemas – do sentido individual para o coletivo.

A inspiração para a criação da Escola Superior de Guerra nasceu em conseqüência desse sonho. É a única instituição do País no gênero, voltada para o planejamento; trabalho em grupo; produção de projetos em nível nacional. Não era possível, dizíamos todos, que um país como os Estados Unidos alimentem essa guerra em todos os Teatros de Operações e o Brasil não possa deslanchar o seu desenvolvimento.

Uma idéia que ficou bem frisada, dentro desse sonho de todos nós, era que a melhor solução seria manter a Divisão de Infantaria Expedicionária concentrada na Vila Militar, no Rio de Janeiro, e as Grandes Unidades e Unidades do resto do País viriam receber os conhecimentos que trazíamos da guerra.

Assim, ao chegarmos, a recepção pela população foi excepcional mas, do ponto de vista das autoridades, a FEB foi, aos poucos, desarticulada. Os chefes militares foram mandados para postos no exterior. Lembro-me que o General Zenóbio foi nomeado Adido em Roma; o General Cordeiro em Buenos Aires; o Coronel Brayner, Chefe do Estado-Maior da 1ª DIE, foi para Paris; o General Mascarenhas passou meses percorrendo a Europa. As Unidades foram espalhadas pelo território.

O III Grupo, com todo esse feito excepcional de encerramento da campanha da Itália, foi extinto. A tropa, é claro, tinha que ser desmobilizada, mas os quadros poderiam continuar na Unidade. Na época, os capitães e o próprio Coronel Souza Carvalho, ele principalmente, pressionaram para evitar a extinção do Grupo, sem sucesso. São coisas que nos deixam chocados, até hoje.

Outro episódio, que doeu muito, aconteceu em Resende, na Academia Militar, no segundo aniversário de Montese, em 14 de abril de 1947. Na ocasião, propus a vários tenentes que tinham pertencido à FEB e que estavam servindo na AMAN a disputa de um torneio entre os cadetes com o nome de Aspirante Mega e a compra de um busto. Ele era oriundo de Resende, tinha sido o primeiro da Infantaria e morreu em 14 de abril comandando um Pelotão. Nesse instante, o Octávio Costa, um dos tenentes que servia na Academia, me disse: “Nós, também, pensamos nisso, mas veio ordem para que não se comemorasse nada.” Fui, então, ao assistente do General Comandante, que era o Major Antonio de Mendonça Molina, artilheiro e que fora quem levou a missão de deslocamento para Collechio e a carta com escala de um por cem mil. Portanto, já éramos conhecidos e nos dávamos muito bem. Indaguei-lhe sobre o que acabava de saber e ele me respondeu que, infelizmente, era ordem do Rio “não comemorar nada sobre a FEB”. Até fevereiro de 1949, quando deixei a Acade-

mia, em Resende, não assisti a nenhuma comemoração relativa à FEB. Isso me produziu um choque e eu me recolhi. Passei quarenta anos sem fazer um comentário sobre a FEB e a nossa participação. Foram anos de completo silêncio. No meu tempo de instrutor da Escola Militar não toquei em FEB, a não ser essa experiência de segurança imediata da posição de bateria, que eu exigia, mas não dizia em detalhes o porquê. Comandei Unidade em Uruguaiana e nunca fiz um comentário sobre esse problema todo da FEB. Isso deve ter ocorrido com muitos companheiros nossos.

Mostro, assim, que houve um preconceito contra a FEB. Talvez devido ao seu efetivo ter sido muito pequeno, a maioria ficara aqui no Brasil, ou, provavelmente, porque ela poderia ou teria se transformado numa força política; fato é que houve um silêncio. Graças a um homem – General Zenóbio – que quando assumiu o comando da Zona Militar Leste[22], começou a comemorar as datas da FEB – no Regimento Sampaio, no Batalhão de Polícia do Exército, ele deu máxima expressão as comemorações – outras guarnições passaram a fazer o mesmo. O III Grupo foi, depois, revivido como Unidade antiaérea e, muito tempo após, é que foi restaurado com aquele material da nossa campanha na Itália.

A mensagem final que gostaria de registrar, nessa minha exposição sobre a FEB, vou retirá-la de uma alocução que fiz no Grupo Bandeirante, durante solenidade comemorativa da "última missão de tiro da FEB, na Itália, em 29 de abril de 1945". Na oportunidade, assim me expressei: "Ontem e hoje, duas gerações se orgulham desta Unidade histórica do nosso Exército:" – veja bem, Unidade que fora extinta quando chegamos – "a dos anos quarenta, que daqui partiu para lutar nos campos de batalha da Itália, em defesa da Honra, da Soberania e da Integridade Territorial e Cívica do Brasil, balizando brilhante trajetória encerrada em Collechio-Fornovo, com a participação decisiva da 2ª Bateria de Obuses, atuando descentralizada. Esta dos anos noventa que, ao reviver os feitos notáveis do então III Grupo de Obuses 105, reafirma, nesse simbolismo, os mesmos propósitos.

Como os Bandeirantes que desse Planalto Paulista se lançaram para triplicar o território do Brasil Colonial, os "novos Bandeirantes" desta região, igualmente, saíram e atravessaram o oceano, em 1944, para lutar e vencer e, se necessário, morrer pelo Brasil. E, como eles, vós estareis – jovens integrantes do 20º Grupo de Artilharia de Campanha, legítimo herdeiro das glórias e tradições do III Grupo da FEB – sempre prontos à defesa da Pátria, da Honra e da Soberania Nacional. É o que a sociedade brasileira espera de vós. Ela está absolutamente convicta de que, como no passado, nosso País terá sempre, em suas Forças Armadas, o respaldo da sua segurança, a

[22] Denominação da época para o atual Comando Militar do Leste.

garantia do seu desenvolvimento autodeterminado, a inviolabilidade do seu espaço tridimensional e a intransigente defesa da sua soberania.

Como adverte nosso hino aos brasileiros: "Se ergues da justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme quem te adora a própria morte." E, como acrescenta a canção do artilheiro: "Se é mister um esforço derradeiro, abraçado ao canhão morre o artilheiro em defesa da pátria e da bandeira." Bandeira que contemplamos drapejante "cuja nobre presença à lembrança, a grandeza da pátria nos traz".

Eis a nossa mensagem, jovens artilheiros de Mallet: Mensagem de fé nos destinos de grandeza do Brasil; mensagem, enfim, dos velhos artilheiros da FEB, que se irmanam, orgulhosos e ufanos, a todos vós, nessa festa brasileira".

Esse pronunciamento junto com outros dois documentos produzidos, relatando todas as ações do III Grupo na guerra e, especialmente, da 2ª Bateria em Collechio-Fornovo, foram entregues ao Comandante do Grupo. Gostaria, finalmente, de destacar o esforço imenso de toda a Unidade, durante o Comando do então Coronel Geraldo Luiz Nery da Silva, para erigir o Monumento aos Veteranos da FEB do Grupo Bandeirante, símbolo da glória acumulada em terras distantes.

Coronel Sérgio Faria Lemos da Fonseca*

Natural da cidade do Rio de Janeiro - RJ, pertence à turma de março de 1943, da Escola Militar do Realengo. Integrou, como Tenente, o III Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, onde exerceu a função de Comandante da Linha de Fogo (CLF) da 1ª Bateria e, posteriormente, a de Comandante da Bateria. Como CLF, participou dos combates de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Comandou a 1ª Bateria quando esta foi deslocada para apoiar o II Batalhão do 6º RI, em Collechio e Fornovo (região de S. Vitalle), na manobra de cerco à 148ª Divisão Alemã e à Divisão Bersaglieri "Itália". Em 1948, foi promovido ao posto de Capitão e nomeado Instrutor-Chefe da Seção de Manutenção do Centro de Instrução de Defesa Antiaérea. Posteriormente, exerceu o cargo de professor adjunto do Colégio Militar, para a cadeira de Francês. Em 1958, foi aprovado no Concurso de Títulos e Provas para Professor da cadeira de Direito Civil, Comercial e Administrativo da Academia Militar das Agulhas Negras. Recebeu as Medalhas de Campanha e de Guerra pela sua participação na Segunda Guerra Mundial. Na reserva, entre outras funções exercidas, destacam-se a de Ministro-Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (SEPLAN/PR) e a de Presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC).

---

* Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 17 de março de 2000.

Declarado Aspirante em 1º março de 1943, apresentei-me no dia 16 ao 6º GADO (Grupo de Artilharia de Dorso), sediado em Quitaúna-SP. Essa unidade tinha a 2ª Bateria destacada em Vitória, no Espírito Santo, e, em Quitaúna, estavam as 1ª e 3ª Baterias.

Fui classificado como subalterno da 1ª e o Waldemar Rangel Bomfim, subalterno da 3ª.

Em maio, passei a acumular as funções de subalterno da 1ª Bia com as de Oficial Orientador do Grupo. Realizamos manobras em Utinga, na região de Sorocaba, com o canhão Schenneider 75 de Dorso (1917), e os exercícios nos moldes da doutrina francesa.

Como Orientador, fui encarregado do levantamento topográfico e o Cap Celso de Azevedo Daltro Santos era o oficial da Central de Tiro.

O General Mascarenhas, Comandante da 2ª Região Militar, foi assistir ao exercício de tiro e ficou, como velho artilheiro, entusiasmado com o desempenho do Grupo.

Em 25 de setembro, fui promovido a 2º Tenente e classificado no próprio 6º GADO.

O Brasil, em função dos afundamentos de navios nacionais, com tropas, em nossas águas, havia declarado guerra ao Eixo.

Em novembro de 1943, foi criado o QG do General Mascarenhas para organizar a FEB.

O Capitão Daltro e eu fomos convocados para o Rio de Janeiro, a serviço do General Mascarenhas, que decidiu incluir o 6º GADO na AD da 1ª DIE (Divisão de Infantaria Expedicionária).

Em dezembro, acabei classificado como ajudante e secretário do Grupo, já em função dos preparativos da FEB.

Segui, com uma escolta, para o Rio de Janeiro, a fim de receber o material destinado ao Grupo, isto é, as três Baterias de Obuses 105, no Arsenal de Guerra, e as viaturas, na Diretoria de Material de Motomecanização.

Embarquei o material em uma composição da Estrada de Ferro Central do Brasil, com um vagão de passageiros e vários vagões-prancha, onde seguiram os obuses 105. O comboio foi para Quitaúna e lá desembarcado no ramal do Depósito de Material Bélico, ao lado do quartel.

Passamos a fazer os treinamentos do nosso pessoal com o material recém-chegado.

Em 31 de dezembro de 1943, fomos todos transferidos para o 1/2º ROAu R (Primeiro Grupo do 2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado), por ter sido extinto o Grupo de Dorso, sem mudança de aquartelamento.

Em janeiro, foram classificados no 1/2º ROAu R os oficiais que comporiam o Grupo na FEB, dentro da organização da 1ª DIE. O treinamento do pessoal foi sendo intensificado com a chegada dos novos oficiais, visando à preparação para a guerra.

Foram realizados vários cursos com instrutores do Exército dos Estados Unidos versando sobre o material 105, sua camuflagem e seus veículos.

Em abril de 1944, o 1/2º ROAu R, já com seu efetivo completado, deslocou-se para o Rio de Janeiro, onde ficou acantonado na Vila Militar, em quartéis de madeira improvisados (parque com instalações para treinamento físico), no Morro do Capistrano.

Os treinamentos da tropa eram intensivos, objetivando o emprego em campanha. Realizaram-se várias marchas e exercícios de tiro.

Em 12 de julho de 1944, o Grupo foi transferido do acantonamento na Vila Militar para o quartel de Campinho, de onde acabara de sair o II/1º ROAu R, que integrou, com o 6º RI, o 1º escalão.

Nesta época, submeteram-nos a vacinações previstas para a viagem ao exterior.

Em 18 de setembro de 1944, às 13 horas, fomos transportados em comboio por via férrea, em vagões com as cortinas arriadas, para o Cais do Porto do Rio, onde embarcamos, às 15 horas, no navio transporte da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, USS *Gen W. A. Mann*, iniciando a viagem do Grupamento Cordeiro de Faria.

A viagem dos 2º e 3º escalões foi feita em dois navios americanos especializados em transporte de tropa, o *Gen Mann e o Gen Meighs*, cada um com cerca de cinco mil homens, pois nossa Marinha não dispunha de navios para transportar tais efetivos.

A saída da Baía de Guanabara foi emocionante, com uma pregação realizada pelo Capelão D. Francisco.

Uma escolta das Marinhas brasileira e americana acompanhou os dois navios até o Estreito de Gibraltar, onde foi substituída por uma outra, da Marinha inglesa.

A tropa viajou acomodada em beliches: os oficiais, em camarotes com 12 beliches e as praças, em grandes compartimentos estanques.

A bordo o serviço era muito bem organizado. Havia escalas para os compartimentos, refeitórios e policiamento. Fui designado para o Serviço de Polícia, que era chefiado pelo Ten Cel Afonso Henrique de Miranda Corrêa, da AD.

As refeições eram duas por dia, feitas, continuamente, por compartimentos e as filas controladas pelos oficiais designados para aquele serviço.

O pessoal estranhou muito a comida, que era toda americana, com paladar bem diferente do nosso, praticamente sem tempero; o refrigerante era o suco de *grapefruit*, que os pracinhas apelidaram de "cara feia", por ser muito amargo. Todos sentiram imensa falta do nosso arroz com feijão.

No quarto dia da viagem, os alto-falantes anunciaram que o Gen Cordeiro havia autorizado a abertura de sacos de feijão para serem utilizados. Foi uma euforia geral, mas, ao ser servida a refeição, ficamos decepcionados, pois o feijão veio sem caldo e sem tempero e os caroços adocicados. A rejeição foi total.

No dia 25 de setembro de 1944, fui promovido ao posto de 1º Tenente.

No dia 27, o navio transpôs o Equador; durante o dia, houve uma festa e, no dia seguinte, recebemos um diploma da passagem pelo Equador.

O calor a bordo era sufocante e o pessoal passava o dia quase todo com calção de ginástica. À noite, a coisa piorava, porque o blecaute era rigoroso, com todas as vigias fechadas.

Havia no navio um coronel da "MP"[1] americana, encarregado de controlar o policiamento de bordo. Diariamente, às 16 horas, o Cel MacNair fazia um exercício de abandonar o navio: todos éramos obrigados a colocar os salva-vidas, devidamente uniformizados, e dirigirmo-nos para o tombadilho, formando em frente aos botes salva-vidas. O Cel MacNair fazia uma rigorosa inspeção e depois, na mais perfeita ordem, voltávamos aos compartimentos e ficávamos à vontade.

Em nenhuma ocasião podíamos deslocar-nos sem levar os coletes salva-vidas.

A rotina dos exercícios de abandonar navios era cansativa, ocorria todas as tardes e o pessoal já ia de má vontade e resmungando.

No 5º ou 6º dia houve um alarme, lá pelas 10 horas da manhã, para abandonar o navio. A operação foi feita com a maior rapidez. Quando estávamos formados no convés, sentimos nosso navio em *ziguezague*, pudemos ver os da escolta fazendo evoluções e jogando bombas de profundidade, pois fora detectada a aproximação de submarinos inimigos. Passadas quase duas horas, com todo o pessoal atento e preocupado, fomos dispensados para o retorno aos compartimentos. A partir desse dia, os exercícios do Cel MacNair passaram a ser feitos com menos reclamações e mais atenção.

Ao chegarmos ao Estreito de Gibraltar, formamos para assistir à despedida dos navios da escolta da Marinha brasileira; uma bela solenidade, em que os navios desfilavam junto ao nosso, com as guarnições no tombadilho e os marinheiros nos saudavam, tirando os seus bonés. O cruzador norte-americano, que pertencia à escolta, passou por nós mandando uma mensagem ótica, que foi traduzida e transmitida pelos alto-falantes: "O cruzador da Marinha de Guerra dos Estados Unidos teve a honra de escoltar os soldados brasileiros em transporte para a guerra."

---

[1] Military Police (MP) – Equivale à Polícia do Exército.

Em seguida, o mesmo desfile foi feito pela escolta inglesa que assumia as funções no Mediterrâneo. Do cruzador, emitiram a mensagem: "A Marinha de Guerra de S. Majestade tem a honra de escoltar os soldados do Brasil."

No dia 6 de outubro de 1944, chegamos ao Porto de Nápoles, onde ficamos até o dia 9, quando reembarcamos em lanchas denominadas LCI[2], destinadas a operações de desembarque.

Cada LCI transportava cerca de 150 homens e tivemos que fazer o percurso de Nápoles a Livorno nessas embarcações, porque o porto de Livorno, bastante destruído, não estava em condições de receber navios maiores, e, além do mais, a esquadra alemã estava no porto de La Spezia, mais ao norte, de onde fazia incursões no Mediterrâneo.

Antes de embarcarmos nos LCI, foi-nos servida uma refeição da ração "C", que era uma lata contendo picadinho de carne moída com cenoura e batata. A fome era grande e todos comemos bem.

Ao entardecer, os LCI zarparam de Nápoles. Quando escureceu, o mar começou a ficar revolto e agitado e tivemos uma noite com um terrível temporal, com ondas jogando muita água por cima do barco. O pessoal começou a deitar-se nos beliches existentes no compartimento de baixo do navio; o enjôo foi geral e todos corriam, quando possível, para vomitar em camburões metálicos existentes na entrada do compartimento.

A quase totalidade do pessoal passou mal e a ração "C", servida antes do embarque, foi quase toda devolvida aos camburões, ao chão ou no mar, conforme as possibilidades de cada um.

Depois de passar a noite inteira sob a tempestade, ao amanhecer chegamos ao porto de Livorno, bastante combalidos, mas com energia renovada para desembarcar e recuperar a disposição para o que desse e viesse, desde que fora daquela terrível embarcação.

Comentava-se que o sucesso das operações de desembarque era porque os soldados preferiam enfrentar a morte a voltar para o LCI.

A ração fornecida pelos americanos passou a ser chamada "carne de barcaça" e, por muito tempo, foi rejeitada pelo nosso pessoal.

Após o desembarque, fomos conduzidos em caminhões de 2 1/2 toneladas para um acampamento em *Tenuta Di San Rossori* (área de estacionamento), nos arredores de Pisa.

A nossa tropa foi incorporada ao IV Corpo do V Exército dos Estados Unidos, que já lutava na Itália, vindo da Sicília.

---

[2] LCI – Land Craft Infantry.

No acampamento, recebemos ordens para cavarmos *fox holes* ao lado das barracas, isto é, abrigos circulares individuais.

A 31 de outubro, enviado para o *front* de Barga, a fim de fazer um estágio junto ao 2º Batalhão do 6º RI, acompanhei um contra-ataque inimigo que obrigou uma companhia a retrair. Nessa operação, foi gravemente ferido o nosso companheiro, 1º Tenente José Maria Pinto Duarte, capturado pelo inimigo e, por causa da flutuação do combate, ataques e contra-ataques, não foi mais encontrado.

Em 13 de novembro de 1944, o Grupo, tendo recebido todo o material, deslocou-se para a frente de batalha, na direção de Porreta Terme.

Da localidade de Castel di Casio, ao anoitecer, partimos, em marcha noturna, para a posição de bateria; noite escura e chuvosa, faróis apagados, estrada em péssimas condições, pois, além de trechos que eram verdadeiros atoleiros, havia precipícios; tudo sob as vistas das tropas inimigas, num percurso que deveria ser feito até clarear o dia, pois, se fôssemos localizados, poderíamos ser colhidos por seus fogos que nos destruiriam logo na primeira missão recebida.

Durante a marcha, não era possível enxergar nada. As viaturas foram conduzidas com um homem sentado em cada um dos paralamas dianteiros, orientando o motorista para evitar qualquer desvio da estrada. Perdemos um caminhão de munição, que tombou numa ribanceira, ferindo um soldado – a primeira baixa da Bateria. Ele teve que ser hospitalizado e depois evacuado para o Brasil.

Apesar de todos os tropeços, antes de clarear o dia, a Bateria chegou ao destino, na região de Ca di Cesio, em Savignano, sem que tivéssemos sido notados pelas tropas inimigas. Ocupamos a posição e nos preparamos para abrir fogo. Foi realmente uma marcha de muita ansiedade e preocupação, vencida pela garra e energia da nossa tropa disposta e bem-treinada.

A Linha de Fogo ficou instalada nesta região com os serviços em celeiros de uma fazenda, num vale bem coberto das vistas inimigas, e em condições de atirar em qualquer ponto dos objetivos designados para o Grupo.

Foi uma posição privilegiada, com as quatro peças disseminadas pelo terreno, onde todos cavaram os seus *fox hole* (abrigos individuais), bem distribuídos, perto das peças.

As linhas telefônicas foram prioritariamente instaladas, com ligações entre as peças e o Cmt da Linha de Fogo (CLF); entre o CLF, a Área de Serviços e a Linha de Viaturas (LV) com o PC da Bateria. Esse se instalou do outro lado da estrada, na Ca di Traversa, junto com o PC da 3ª Bateria, que, por sua vez, se ligava por telefone e rádio com o PC do Grupo.

O local do Cmt da Linha de Fogo, que é o da Central de Tiro da Bateria (CTir/Bia), possuía ligação direta com a Central de Tiro do Grupo, de onde vinham os pedidos de

tiro. Este telefone ficava ligado dia e noite, com escuta permanente, e qualquer interrupção só acontecia quando um bombardeio ou outro acidente cortava a linha. Nesses casos, era imediatamente substituído pelo rádio, até que fossem refeitas as ligações. O rádio só era usado nessas situações por que se impunha a prescrição de silêncio.

Nessa posição (Savignano), ficamos durante os meses de dezembro de 1944, janeiro e fevereiro de 1945, pois durante o inverno a FEB esteve com o seu QG em Porreta Terme.

O PC do Grupo, com a Bia de Comando, inicialmente se instalou nas proximidades de Castel di Casio e, logo depois, transferiu-se para o Castelo Rochetta Mattei, bem mais à frente, próximo à ponte de Riola, local muito bombardeado pelo inimigo.

A Bia de Serviços instalou-se mais à retaguarda, em Campo Vecchio.

Durante esse período tínhamos, atrás das baterias, uma unidade americana de tanques que atraía muitos bombardeios de artilharia, durante os quais éramos obrigados a mandar que o pessoal da Linha de Fogo se abrigasse em seus *fox holes* para evitar que alguém ficasse ferido. Num desses bombardeios, aconteceu um caso muito interessante que passo a narrar. Tendo eu mandado a Bateria abrigar, os soldados se dirigiram para os locais determinados, com os respectivos capacetes de aço. O cabo Rosito, apontador da 1ª peça, gritou para mim, dizendo que havia esquecido o seu capacete de aço na peça e eu lhe disse que fosse buscá-lo. Enquanto ele corria para apanhar seu capacete, caiu uma granada de canhão dentro do seu *fox hole;* o cabo ficou desesperado, gritando que poderia ter morrido. Transtornado, corria de um lado para outro. Tivemos que segurá-lo; baixou o hospital e foi evacuado para o Brasil. Foi a segunda baixa da Bateria.

A Bateria era protegida por uma peça inglesa de artilharia antiaérea que nos acompanhava sempre, e cuja guarnição estava inteiramente entrosada com o nosso pessoal.

Recebíamos constantemente material, roupas e calçados que nos eram entregues pela Bia de Serviços. Nosso soldado cozinheiro, um “caipirão” de quase dois metros de altura, calçando 44, recebeu um coturno 40 para esperar a troca por um 44. Certa noite, o pessoal dormia no celeiro, quando o sentinela da peça antiaérea, para acordar a sua guarnição que dormia, correu gritando: *Airplane tedesco*. Era um avião que sobrevoava a nossa posição. O pessoal dos serviços da bateria, que só entendeu o soldado inglês gritar tedesco (como eram chamados os alemães), pulou do celeiro, assustado para procurar os abrigos, a peça antiaérea fez uns tiros e o avião desapareceu. Passado o alarme, todos sentados perto da cozinha, constatamos que o cozinheiro Mathias havia calçado com o pé 44 o coturno 40 sem reclamar e conseguiu correr para o abrigo.

A observação avançada era muito penosa e exigia muito sacrifício. Por esse motivo, todos os tenentes da Bateria se revezavam tanto na Torre de Nerone, que era o posto mais avançado da nossa frente, como nos demais postos, junto à Infantaria.

O desempenho do nosso pessoal em campanha era magnífico. Os oficiais de Artilharia, quase todos recém-saídos da Escola Militar do Realengo, eram muito mais preparados do que os americanos. Esses eram treinados em regime de urgência e apenas para as funções específicas que deveriam exercer, enquanto os nossos oficiais desempenhavam normalmente e com eficiência qualquer das funções que Ihes fossem atribuídas.

Na parte da logística, a eficiência dos americanos era impressionante, pois eles convocavam organizações civis completas e graduavam o seu pessoal, dando-lhes os postos de acordo com a hierarquia dessas organizações. A bem da verdade, foi a logística norte-americana que assegurou a vitória dos aliados.

O nosso treinamento no Brasil, quando da organização da FEB até o embarque, foi mais do que suficiente para que nos adaptássemos ao material e à técnica de tiro, que era muito mais simples do que a que estávamos habituados a usar em nosso País.

Não houve problemas de convivência nem de relacionamento com os militares das outras nações que lutavam nas forças aliadas. Nem mesmo a diferença de línguas era obstáculo ao congraçamento do pessoal.

Durante o inverno, houve tentativas de tomada do Monte Castelo que não foram bem-sucedidas, pois as posições inimigas eram muito beneficiadas pelo terreno, pelas minas e pelo rigoroso inverno que dificultava todas as operações.

Entre 19 de fevereiro e 5 de março, participamos com muita intensidade das operações realizadas em sintonia com a 10ª Divisão de Montanha do Exército americano, visando a expulsar o inimigo das alturas de Belvedere, Castelo, Della Torracia, Della Vedetta, Pietra Colora, Della Croce, Soprassasso, Cota 720 e Castelnuovo, onde ele estava muito abrigado e protegido pela configuração do terreno; várias missões nos foram atribuídas tanto no âmbito do Grupo como da AD.

Depois dessas vitórias, partimos para a Ofensiva da Primavera.

O Grupo se deslocou para a região de Lizzano in Belvedere, onde instalou o seu PC.

A 1ª Bateria ocupou posição em Gabba, local de difícil acesso, no qual as peças foram muito bem dispostas de acordo com os acidentes do terreno. O bom aproveitamento da posição foi referido como modelar por técnicos do Corpo de Engenharia norte-americano que a inspecionaram.

De 14 a 19 de abril, participamos das operações de tomada de Montese, Montello e Monte Buffone, com mudanças de posição em pleno combate. A partir de então, passamos a ocupar várias posições em Sprila, Borros, Zochetta e Zocca. Assumi o comando da Bateria, no impedimento do Cap Souto Mayor, baixado ao hospital.

Atingimos depois a cidade de Bibbiano.

Em Bibbiano, estávamos acantonados, quando a 2ª Bateria seguiu em apoio ao 6º RI na manobra de cerco da 148ª Divisão Alemã e elementos da Divisão Bersaglieri Itália.

Na mesma tarde, recebemos ordens para deslocar a 1ª Bateria ao encontro do II Batalhão do 6º RI, na região de S. Vitale, para apoiá-lo no confronto com o inimigo em Fornovo di Taro. Imediatamente a Bateria se colocou em ordem de marcha.

Naquele início de noite, o 2º Ten Rubens Resstel, Oficial de Reconhecimento da 3ª Bia, concluiu a missão que recebera de reconhecer o itinerário e apresentou-se para guiar a 1ª Bateria na sua marcha a fim de apoiar o II/6º RI.

Informou-me o Ten Resstel que no seu reconhecimento vislumbrara frações de tropa e blindados inimigos percorrendo trechos no mesmo sentido, atravessando a estrada, e perguntou-me qual seria a minha decisão. Respondi-lhe que a Bateria estava pronta para a marcha ao encontro do II/6º RI e seguiria, com os devidos cuidados, para cumprir a sua missão.

Ordenei à Bateria que deveríamos deslocar-nos com as viaturas em coluna cerrada, a tropa em absoluto silêncio, faróis apagados, velocidade moderada e aceleração dos motores apenas compatível com a velocidade e toda a cautela.

Foi uma marcha cuidadosa e firme, a claridade da Lua permitia-nos vislumbrar, à média distância, o movimento das frações de tropa, viaturas e blindados inimigos.

Em alguns trechos, árvores marginais ofereciam relativo ocultamento da coluna enquanto o inimigo se distanciava.

De lance em lance, na cola do tedesco, antes de clarear o dia 29 de abril, os canhões da 1ª Bateria ocuparam posição e estavam em condições de apoiar o Batalhão, prontos para o combate.

Apresentei-me ao Major Henrique Cordeiro Oest, Comandante do II/6º RI, pronto para entrar em ação. Todavia, as tropas inimigas se renderam e começaram a se apresentar.

A marcha foi uma das mais audaciosas e bem-sucedidas marchas noturnas de uma coluna motorizada.

Instalei o PC da Bateria numa grande vila com uma casa no centro de enormes jardins.

Recebi a rendição de um Regimento de Infantaria que desfilou, com impressionante garbo, em continência à nossa Bateria, formada à beira da estrada.

Sem dúvida, foi um dos momentos mais impressionantes que vivi na guerra, aquele em que o Coronel Comandante do Regimento alemão se apresentou a mim, 1º Tenente, Comandante da 1ª Bateria, dentro do mais rígido protocolo militar.

Fiz com que os oficiais alemães ficassem conosco no interior da vila e as praças acampadas pelos jardins enquanto aguardavam comboios para conduzi-los aos campos de prisioneiros.

O primeiro comboio conduziu o comandante e seus oficiais. O restante da tropa ficou acampado nos jardins da vila, sob o comando dos respectivos subtenentes.

A noite estava muito fria, mas a ordem e o respeito da tropa do Exército alemão eram impecáveis.

À medida que chegavam os comboios, designávamos as Companhias que deveriam embarcar e a operação era feita dentro da maior ordem e com toda a rapidez.

O inimigo que se rendia foi por nós tratado com a máxima consideração, como convém a soldados de uma nação civilizada.

Terminada a nossa missão junto ao II/6º RI, nos deslocamos para o Vale do Rio Pó, na região de Fiorenzuola D'Arda e Cortenggiori, onde se encontrava o nosso Grupo.

Marchamos para Piacenza, Stradela e chegamos a Broni, onde a 1ª Bateria acantonou numa escola pública.

O PC do Grupo e as demais Baterias acantonaram na comuna de Canneto Pavese, na Província de Pavia.

A AD ficou acantonada em Stradela e o QG da 1ª DIE em Alessandria.

Ali permanecemos como tropa de ocupação até o momento de nos deslocarmos para retorno ao Brasil.

O pessoal do Grupo se deslocou num comboio americano, partindo de Broni às 7 horas e chegando em *Tenuta Di San Rossori*, em Pisa, às 17 horas (mesmo acampamento em que ficamos quando da chegada à Itália). Nesse mesmo dia, o material foi conduzido de Broni, em comboio, pelo 2º Ten Jorge Alberto Moitrel Costa e os respectivos motoristas, sendo entregue em um "Q Rest Area"[3], ao norte de Roma.

Quatro dias depois, também em comboio americano, nos deslocamos para Livorno, onde embarcamos no navio italiano *Segrieres*, partindo às 17 horas e chegando a Nápoles às 14 horas do dia seguinte.

No mesmo dia, fomos transportados, ainda em comboio americano, para um estacionamento em Francolise, onde acampamos.

---

[3] Área de coleta de material "Quebec", do Exército americano.

No dia 9 de agosto, foi iniciado o deslocamento do acampamento de Francolise para Nápoles, onde embarcamos no navio transporte de guerra americano *Mariposa* que, às 15 horas do dia 11, deixou o porto de Nápoles, chegando ao Rio de Janeiro no dia 22. Ao entrar na Baía de Guanabara, às 8h45min, foi saudado com uma salva de tiros por todas as fortalezas, tendo atracado às 10 horas e iniciado o desembarque às 12 horas.

Na mesma data, desfilamos pelo Cais do Porto e pela Avenida Rio Branco, com o povo nas ruas e um carinho emocionante para os pracinhas que regressavam da guerra. Nunca vi nada mais impressionante do que a ovação que recebemos do povo ao desfilarmos, triunfantes, pelo Rio de Janeiro. Entretanto, no âmbito do Exército, fomos recebidos com alguma desconfiança e certa reserva. O nosso Grupo foi dissolvido e os seus integrantes foram distribuídos por várias unidades e praticamente não se falava sobre a campanha da Itália. Pode-se dizer que os componentes da FEB sofreram um processo de dispersão. Chegamos ao absurdo de licenciar os nossos "pracinhas" ainda em solo europeu.

A experiência e conhecimentos adquiridos em campanha pela 1ª DIE não foram devidamente aproveitados. Havia um certo clima de frieza e até de hostilidade com relação aos expedicionários.

A Lei 288 estabelecia que os integrantes da FEB seriam previamente promovidos ao posto imediato, ao passarem para a inatividade; posteriormente, foi estendida aos que serviram em Fernando de Noronha (Lei 616) e, depois, ampliada para os militares que estiveram no litoral (Lei 1.156 – conhecida como Lei da Praia). Ela beneficiou os militares durante vinte anos. Mais tarde, sofreu alterações para somente conceder os soldos do posto imediato e não mais a promoção.

Apesar desse tratamento e de algumas injustiças, continuamos com o mesmo amor ao Exército Brasileiro e o nosso patriotismo não diminuiu.

Aqueles que lutaram, com coragem e desprendimento, nos campos de batalha da Itália, continuam a amar o Exército e a defender o Brasil, como o fizeram em 1944-45, e ficam felizes quando vêem as novas gerações do Exército interessadas em conhecer e aproveitar os ensinamentos adquiridos pela FEB no Teatro de Operações.

Àqueles que desconhecem ou subestimam o desempenho das Forças Armadas brasileiras no Teatro de Operações da Segunda Guerra Mundial, sugiro a seguinte reflexão: no deslocamento, em combate, desde o centro-sul da Península Italiana até o extremo norte, no Vale do Rio Pó, onde se deu a rendição do inimigo, a FEB enfrentou um exército bem-armado e bem-adestrado, que vinha de sucessivas vitórias e conquistas de territórios durante quatro anos. No Teatro de Guerra italiano, particularmente, após o domínio da península pelas forças nazistas, seus exércitos

passaram a ser comandados pelo general Kesselring, oficial considerado um dos mais brilhantes estrategistas militares alemães durante o longo conflito. Esse renome era reconhecido não apenas pelos estados-maiores alemães, mas igualmente pelos comandantes militares aliados.

Foi contra essas forças bem-treinadas e adestradas e contra o que havia de melhor em inteligência militar do lado inimigo que os nossos jovens soldados e oficiais combateram durante longos e penosos meses, ao lado das forças americanas e inglesas, até a derrota das tropas do Eixo e sua rendição incondicional no Vale do Rio Pó.

Coronel Helio Mendes*

Natural da cidade de São Paulo, SP, pertence à turma de janeiro de 1944, da Escola Militar do Realengo. Concluído o curso da Escola Militar, escolheu o Grupo-Escola de Artilharia para servir, unidade relacionada para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Na guerra, exerceu as funções de Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria / IV Grupo de Obuses. Foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras e do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo. Por duas vezes, foi nomeado instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Entre julho de 1959 a junho de 1961, realizou o curso da *École Supérieure* de Guerra da França. De agosto de 1965 a novembro de 1967, comandou o 8º Grupo de Artilharia a Cavalo, sediado em Santana do Livramento, RS. Em 1967, foi promovido ao posto de Coronel. No ano de 1971, cursou a Escola Superior de Guerra. Passou para a reserva em 1976. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

Pertenceu ao corpo permanente da Escola Superior de Guerra.

---

* Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 23 de março de 2000.

Desejaria, inicialmente, agradecer o convite para participar desta entrevista e, também, reafirmar que me sinto muito honrado em poder ser incluído neste projeto.

A situação mundial, na época do início da guerra, foi marcada por alguns pontos de inflexão, com naturais reflexos nos demais países, inclusive o Brasil. Até 1939, os nazistas e comunistas combatiam-se em todos os países. Separadamente, os adeptos de cada uma dessas ideologias atacavam os regimes democráticos e a democracia como forma de governo. Em 1939, com a celebração do pacto Molotov-Ribbentrop[1], nazistas e comunistas se uniram no combate à democracia. Essa aliança perdurou até o início da invasão da União Soviética pelos nazistas, em 1941. A partir desse momento, os comunistas se aliaram aos democratas no combate ao nazismo. Essa nova aliança perdurou até o término da guerra no Pacífico, quando, com o início da chamada Guerra Fria, os comunistas retomaram seu projeto inicial expansionista de dominação mundial e de destruição da democracia.

Meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira (FEB) deu-se em fins de 1943, ao término do curso da Escola Militar do Realengo, quando foi apresentada a relação das unidades de Artilharia para escolha das vagas pelos novos aspirantes-a-oficial. Essa relação incluía unidades expedicionárias, e eu pude escolher o Grupo-Escola de Artilharia (Primeiro Grupo do Primeiro Regimento de Artilharia Pesada Curta), que era unidade integrante da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (AD/1ªDIE). Antes do embarque para a Itália, participei de vários exercícios preparatórios, integrando minha unidade, no Campo de Instrução de Gericinó. Eram realizados com tiro real, mas, sempre, com o material de 105mm.

Esse é um ponto muito importante, porque os obuses de calibre 155mm só foram recebidos na Itália. A viagem da tropa para o Teatro de Operações, considerando as circunstâncias da época e a falta de qualquer instrução a respeito, pelo menos para o nosso grupo, posso classificá-la como normal. Todos se adaptaram, na medida das possibilidades pessoais, às condições do transporte, ao regime e à disciplina impostos pela Marinha americana. Os piores inconvenientes foram o enjôo de muitos e a deficiência de ventilação e refrigeração nos compartimentos, isto é, alojamentos da tropa, principalmente naqueles situados abaixo da linha d'água do navio.

Desembarcamos no porto de Livorno e seguimos, em comboio motorizado, para um estacionamento na região de *Tenuta di San Rossori*, nas imediações da cidade de Pisa, onde pudemos verificar as dificuldades por que passava a população italiana.

---

[1] Ministros do Exterior russo e alemão que assinaram o Pacto de Não-Agressão, em 23 de agosto de 1939, em Moscou, dando um susto na Inglaterra e França, que julgavam nazistas e comunistas inimigos naturais e irreconciliáveis.

Faltava quase tudo e o pouco disponível era racionado. Campeavam a prostituição e o "câmbio negro", principalmente nas cidades. Alimentos, tabaco e combustíveis eram os artigos mais procurados. Os italianos, em geral, mostravam-se apreensivos quanto ao futuro. Relacionavam-se bem com os brasileiros e queixavam-se sempre dos alemães e, quando podiam, dos americanos. Visitei um campo de concentração de prisioneiros alemães. O moral era bastante elevado e confiavam na vitória final, apregoada por Hitler, pois esperavam por uma arma secreta que estaria por surgir, na Alemanha.

Em virtude da precipitação dos acontecimentos e a necessidade conseqüente do emprego em curto prazo, a primeira missão de tiro da minha bateria – 1ª/IV Grupo de Artilharia de 155 mm – foi cumprida por uma única peça, formada por oficiais e sargentos. Isso aconteceu devido ao completo desconhecimento, por parte de quase todos os integrantes da Bateria, da munição utilizada pelo obuseiro. Até então, somente os oficiais e sargentos que haviam feito o estágio no Grupo 155mm da 82ª Divisão americana, com bastante proveito, aliás, tinham visto aquela munição. Conforme já mencionado acima, o grande problema foi que toda a instrução do grupo, no Brasil, realizou-se com material 105mm. Os canhões de 155mm e seus tratores de lagarta foram recebidos na Itália, poucos dias antes da Bateria entrar em combate, no Vale do Rio Reno, nos Apeninos. Assim, os ensinamentos colhidos no estágio feito na Itália somente puderam ser bem transmitidos à tropa, e por ela assimilados, após a Bateria haver ocupado sua primeira posição de combate.

Outro problema inicial da campanha é uma história "meio complicada". Pouco antes do embarque da tropa, no Rio de Janeiro, ao regressar do curso que fizera na Ford, em São Paulo, o cabo Mecânico de Viaturas foi classificado motorista do Comandante do Grupo. A fim de substituí-lo na Bateria, foi designado um cabo lanterneiro. Aqui, no Rio de Janeiro, chama-se lanterneiro; em São Paulo é funileiro – o que trata da carroceria das viaturas. Logo que a Bateria ocupou a primeira posição, em Savignano, tivemos que improvisar, na linha de viaturas, um curso rápido de manutenção-auto – 1º e 2º escalões – para a própria Seção de Manutenção da Bateria. O ensino foi ministrado diretamente por mim. A seguir, o curso foi repetido diversas vezes, sob a direção do sargento José Marques Jordão, Chefe da Seção de Manutenção, para os motoristas, tratoristas e outras praças da Bateria.

Em posição, as principais medidas de segurança adotadas pela Bateria, logo após sua ocupação, eram a camuflagem das peças de artilharia e das viaturas, o estabelecimento da defesa aproximada, com metralhadoras e obstáculos, e os cuidados com a munição.

Com relação à observação do tiro, praticamente, ficou restrita aos observadores avançados e, em certos casos, aos observadores aéreos, em detrimento dos postos

de observação (PO). A justificativa, em primeiro lugar, recaiu no terreno montanhoso e muito dobrado. Outro motivo foi que as nossas posições, tanto ao Norte como ao Sul do Rio Reno, tinham altitudes menores que as dos alemães. Um terceiro aspecto é que não havia uma linha de contato contínua. Tanto o dispositivo alemão como o brasileiro eram formados por núcleos de defesa, com cruzamento de fogos e obstáculos, principalmente minas, nos intervalos. E, ainda, por ser o Vale do Rio Reno, diariamente, "inundado" pela neblina artificial, produzida pelos geradores de fumaça americanos. Esses geradores entravam em funcionamento logo que começava a clarear. A fumaça ia se espalhando por todo o vale e, na metade do dia, ela já cobria até as cristas das elevações.

As tropas aliadas em ação na Itália eram, em geral, tropas bem-treinadas e com suficiente experiência de combate. Um fato curioso foi como os brasileiros evitaram o congelamento dos pés, os chamados "pés-de-trincheira", que levaram à amputação dos pés de muitos americanos, apesar de virem de clima frio. Nossos combatentes, por iniciativa própria, passaram a não observar as normas do Serviço de Saúde norte-americano a respeito dessa questão. Os brasileiros substituíram as meias por tiras de cobertores e os coturnos por galochões que enchiam com palha de feno seca. As tiras de cobertor e a palha de feno eram trocadas quando ficavam úmidas pela absorção da transpiração dos pés. O Serviço de Saúde americano, ao tomar conhecimento das estatísticas referentes aos brasileiros, instaurou um inquérito sanitário. Realizou investigações na divisão brasileira e, em decorrência, mudou suas normas sanitárias de prevenção do "pé-de-trincheira". É interessante essa questão para assinalar a maneira de atuar do Exército americano. Seguindo seu pragmatismo, eles observaram uma mudança que dera certo, investigaram-na e, em pleno curso das operações, fizeram as alterações.

Na posição de Guanela ocorreu o seguinte fato, quando eu integrava, temporariamente, o II Grupo, substituindo um observador avançado que fora ferido em ação: o Capitão Comandante da 4ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, que eu apoiava, no dia anterior ao da retirada da tropa, avisou-me que naquela noite seriam realizados os reconhecimentos para a substituição e que, na noite seguinte, a companhia seria rendida por outra subunidade de Infantaria. Naquela época, substituição significava ocupação, pela nova tropa, das mesmas posições e postos de combate. Como o Oficial-de-ligação do II Grupo de Artilharia, junto ao II Batalhão do 11º RI, nada me informou a respeito da retirada da 4ª Companhia, eu depreendi que tudo se passaria da forma regulamentar. Assim, eu me entenderia com o novo Comandante. Ocorreu, entretanto, que a frente atribuída à 4ª Companhia foi reajustada e, nesse reajustamento, não foi incluída a ocupação da área de Guanela, onde nós estávamos. Ao amanhecer do dia

seguinte à retirada da 4ª Companhia, verifiquei estarmos sozinhos; eu e os meus dois cabos: o cabo radioperador e o cabo telefonista. Alertei o Oficial-de-ligação do II Grupo de Artilharia para a situação e ele me disse que aguardasse, na posição, novas instruções. Nós aguardamos o dia inteiro. Os cabos, de vez em quando, me perguntavam: "Mas Tenente... não veio nada do Grupo? Não veio nenhuma ordem?" e eu respondia: "Eu não vou perguntar, porque senão eles vão pensar que nós estamos querendo sair daqui de qualquer jeito, ou vão pensar que nós estamos com medo de ficar aqui. Foi dada a ordem para aguardar, vamos aguardar." E, com isso, passou-se o dia sem comida, sem água, sem nada, e somente no início da noite o Oficial-de-ligação me transmitiu a ordem do II Grupo para abandonar Guanela. Como já era noite escura – no inverno anoitece lá por volta de cinco horas da tarde – ponderei-lhe que o risco do retraimento naquelas condições seria muito grande. Além disso, eu não conhecia o novo dispositivo da nossa tropa na área e, como não sabia a senha do dia da Infantaria para identificação de amigo e inimigo, havia a possibilidade de topar com alguma patrulha brasileira ou alemã, pelo caminho.

Gostaria, nesse ponto, de citar a situação peculiar que envolvia a posição de Guanela nessa ocasião. A 4ª Companhia do 11º RI reocupou essa localidade, depois que ela foi abandonada por outra tropa brasileira, que fazia a sua estréia no combate e recebeu um bombardeio dos alemães, acompanhado de muitas ações em força de patrulhas. O último elemento a abandonar Guanela foi o Observador Avançado de Artilharia. Quando ele se viu sozinho, avisou à central de tiro que ia abandonar o local. Por causa das patrulhas e da ação alemã, pediu que lhe dessem cinco minutos e, em seguida, desencadeassem um bombardeio sobre a posição dele, isto é, sobre Guanela propriamente dita. E, com esse bombardeio maciço sobre a região, ele pôde retrair. Por isso, quando eu cheguei para atuar junto à 4ª Companhia do 11º RI, a destruição era maior do nosso lado do que do lado alemão e causada, principalmente, por nossos tiros. Os alemães continuaram bombardeando Guanela, de duas em duas horas cronometradas, nas horas pares, além dos bombardeios eventuais. Isso durou todo o tempo em que estive lá, junto à companhia, e fez a tropa sofrer muitas baixas. Tenho a impressão de que ela foi substituída por essa razão, pois só ficou três semanas em Guanela. Estou relatando esses fatos para explicar o motivo do nosso receio – poderiam pensar que estávamos com medo de permanecer lá.

Retomando a narrativa da minha situação, após ter ponderado sobre o risco do retraimento, o Oficial-de-ligação respondeu-me que fizesse o que era melhor. Informei-lhe, a seguir, que efetuaria o retraimento ao clarear do dia seguinte, o que de fato ocorreu. Eu e os dois cabos passamos a noite em claro, em vigília, sentindo um frio terrível. Quando começou a clarear, nós pegamos todo o nosso material e saímos.

A posição de Casa di Cristo foi a mais avançada de todo o dispositivo da Artilharia Divisionária (AD), na frente dos Apeninos. Por ser muito exposta, foi designado um pelotão de tanques para ocupar uma posição à retaguarda da linha de fogo, numa crista. Eu não me recordo quem deu essa ordem. Toda vez que a Bateria disparava, o pelotão executava inúmeros tiros, cujas trajetórias passavam por cima da nossa linha de fogo. Em seguida, se deslocava pela crista para outra posição. Os alemães bombardeavam o pelotão de tanques, mas sem sucesso, pois ele já tinha saído dali. Era imediato; nós atirávamos, e ele, ao mesmo tempo, executava o tiroteio dele. Esse jogo com o pelotão durou muitos dias, e ele cumpriu muito bem a missão de mascarar os nossos tiros. Independentemente disso, como o "rancho" da Bateria foi instalado próximo do rio, a tropa tinha que se deslocar uns duzentos ou trezentos metros para fazer as refeições. O percurso era feito atravessando a estrada 64, e os alemães, eventualmente, viam aquele movimento. Todo dia, na hora do almoço, durante três ou quatro semanas, tempo que permaneci na área, eles bombardeavam a região.

Na primeira noite após minha chegada de Guanela, os alemães executaram uma contrabateria fortíssima. Por sorte nossa, os tiros ou "encristavam-se na massa cobridora"[2], ou iam cair além da estrada. Nossa posição estava num ângulo morto com relação à Artilharia alemã que desencadeava aqueles bombardeios. A casa era de Cristo e Jesus era o nome de um cabo da linha de fogo da Bateria. Eu dizia: "Deus é brasileiro e Jesus é da 1ª Bateria." Um detalhe interessante acontecia durante os bombardeios. Paralelamente às posições das peças, havia postes de madeira suportando fios de cobre desencapados. Era uma linha de alta tensão desativada. Os estilhaços das granadas que encristavam-se batiam nos fios e produziam um som parecido ao de um instrumento de cordas. Era como se fosse um grande violão tocando – um fundo musical – no meio do bombardeio. Essa foi a mais forte contrabateria que nós tivemos, durante toda a guerra. No dia seguinte, nós recebemos ordens de abandonar Casa di Cristo e regressar para Savignano. Eu tenho a impressão de que foi devido a esse bombardeio. Logo após nossa saída, os alemães desencadearam outra poderosa contrabateria. O pessoal encarregado de retornar à posição, para recolher algum material que tivesse sido esquecido, como era de praxe, ficou impressionado com as crateras existentes nos locais onde estiveram as peças.

Essa marcha noturna de Ca di Cristo para Savignano teve características muito especiais. Era início de inverno e estava começando a formação de uma espécie de

---

[2] Expressão militar que significa que os tiros, especialmente de artilharia, contra uma posição de bateria arrebentam na elevação à frente, que serve de proteção.

capa de gelo sobre as estradas. Os nossos tratores ainda não haviam recebido as garras especiais para trafegar na neve; só tinham aquela lagarta de borracha. Percorridos cerca de duzentos ou trezentos metros, os tratores começaram a deslizar sobre a estrada asfaltada e sem acostamento. A região era de montanha. A primeira peça deslizou e quase caiu num barranco, chegando a ficar com a metade da lagarta fora da estrada. Foi contida por um marco quilométrico – a estrada 64 era a principal via de suprimento e, por isso, tinha diversos desses marcos, ao longo do trajeto. Eu era o Oficial de Manutenção – jovem afoito – e ordenei o desembarque de toda a guarnição. Tinha resolvido que eu mesmo dirigiria o trator para retirá-lo daquela posição. Felizmente, o capitão, que estava na testa da coluna, voltou para verificar o que tinha acontecido e não me deixou fazer aquela loucura. Conteve-me e disse: “Vamos fazer uma manobra correta.” Sob a direção do capitão, desengatamos os canhões e com os tratores recolocamos a peça no meio da estrada.

Concluída a operação com êxito, reiniciou-se a marcha. A guarnição não quis mais embarcar e preferiu caminhar, na noite escura, ao lado da peça. O motorista, também, estava um pouco receoso. Decidi, por isso, assumir a direção do trator – era um dever de ofício. O Oficial de Manutenção, nessas horas, precisa mostrar coragem – e comecei a dirigi-lo em ziguezagues. Eu puxava os “manches”, alternadamente, travando as lagartas, uma de cada vez. O trator “dançava” sobre o gelo, quebrava-o e, com isso, progredia. As outras peças vieram atrás. Percorremos um trecho grande até que, depois de Riola, havia uma subida íngreme, uma espécie de pequena serra, antes de chegar a Savignano. As curvas eram muito fechadas, tornando a manobra muito difícil. Apesar da quebra do gelo para facilitar o movimento, os demais motoristas começaram a ficar receosos. A transposição desse trecho foi tremendamente difícil. Houve curvas em que foi necessária a presença do Linha de Fogo para orientar a manobra do trator que eu estava dirigindo. Em determinadas ocasiões, metade do trator ficava para fora da estrada, no precipício, para que a manobra pudesse ser executada e se conseguisse alguma mudança de rumo. Esse deslocamento durou cerca de seis horas e terminou com oficiais dirigindo os tratores, para vencer esse trecho final e chegar a Savignano. No dia seguinte, a Bateria estava toda gripada, porque as praças, de um modo geral, fizeram a marcha ao lado dos tratores, à noite, naquele frio.

Na ocupação da posição de Savignano, um obuseiro tombou e ficou com as rodas para o alto. Após ter sido recolocado na posição normal, com muito esforço, verificou-se que havia desaparecido o seu “calço do macaco”[3]. Determinou-me o capitão comandante que obtivesse a peça de reposição para o mesmo dia, para que o

[3] Cunha de aço para trancamento do macaco de elevação do canhão, quando o mesmo atinge a posição de tiro.

obuseiro com esse problema pudesse participar, ao amanhecer do dia seguinte, do apoio ao ataque a Castelnuovo e Soprassasso. Em um jipe da Bateria, com um motorista, percorri a cadeia de suprimento da Divisão e, ao final, na Companhia Leve de Manutenção, fui informado que deveria encontrar a peça de reposição na 109ª Companhia Média de Manutenção, do V Exército, que apoiava a Divisão brasileira e estava estacionada em Pistóia. Tomei a estrada nessa direção e logo fui detido pela Polícia Militar. Exigiam-me a autorização escrita da Divisão para transpor o Limite de Retaguarda divisionário. Naquela época, eu nem sabia que existia tal limite. Identifiquei-me ao policial militar, pois, exteriormente, meu uniforme não apresentava nenhuma insígnia, por exigência do combate nas primeiras linhas; era idêntico ao do soldado motorista, porque os alemães usavam muitos atiradores de fuzil com luneta, e expliquei minha missão. Pedi-lhe que fizesse o registro de minha passagem pelo seu posto, para que eu o assinasse, responsabilizando-me por tudo. Isso feito, prossegui para Pistóia.

Lá chegando, após procurar pela cidade, consegui encontrar a 109ª Companhia Média de Manutenção. Nessa Companhia fui atendido por um sargento americano e, apesar das dificuldades de idioma, consegui que ele me mostrasse a *Part List* – listagem das peças – do obuseiro 155mm, onde localizei, nas fotografias, a peça desejada. Em poucos minutos o sargento me entregou a peça e um recibo da mesma, que assinei. O interessante é que o recibo era uma grade, onde em cada linha ele escrevia, na coluna apropriada, as informações pedidas pela ficha e, na última casa à direita, o recebedor assinava. Eu estava habituado aos procedimentos brasileiros de recibos, cautelas etc e fiquei muito surpreso quando ele me entregou a peça, retirada de seu depósito, exigindo apenas uma assinatura. Nem o registro de minha identidade foi anotado. A seguir, tomei o caminho de volta. No Posto de Controle da Polícia Militar da Linha de Retaguarda da Divisão, registrei meu regresso e, ao final da tarde, entreguei a peça ao Comandante da Linha de Fogo. A missão foi cumprida e a Bateria participou completa da preparação e do ataque, no dia seguinte, a Castelnuovo.

Algum tempo depois, fui surpreendido com uma punição, imposta pelo IV Corpo de Exército, de prisão, não lembro o número de dias, transformada em multa pecuniária, por ter ultrapassado o Limite de Retaguarda divisionário, sem autorização. A prisão em si não era problema, porque seria cumprida na Bateria, de onde eu não saía; mas a multa pecuniária, sim. Eu não teria dinheiro para pagá-la. Uns dez dias depois, a punição foi anulada em virtude de recurso apresentado pelo comandante da Bateria. Assim, eu consegui evitar o pagamento de uma multa de seiscentas liras.

Um episódio do qual tirei ensinamentos foi o da queima das linhas telefônicas. Aconteceu da seguinte maneira: um caminhão, carregado de munição de armas

leves, foi atingido na estrada por um tiro de artilharia e pegou fogo. As linhas telefônicas lançadas ao longo da estrada foram queimadas pelo incêndio do caminhão. De imediato, inúmeras equipes de reparação acorreram ao local. Graças à boa etiquetagem das linhas, todas as comunicações por telefone foram restabelecidas, em curto prazo. Os fios, lançados com rapidez, formavam aquele volume enorme que era amarrado e suspenso do chão. Quando havia um rompimento, seria difícil descobrir a linha com defeito, caso não estivesse bem etiquetada. As nossas equipes da Bateria, quase todo o dia, tinham que reparar linhas arrebentadas por bombardeios.

No início da fase de perseguição, um dia pela manhã, cedo ainda, recebi ordem de procurar ligação com o II/6º RI. Nessa época, eu exercia as funções de Observador Avançado junto a uma companhia desse batalhão, e não se sabia ao certo onde estava o comando dessa unidade. Logo a seguir, parti com minha equipe de observação avançada e, após muitas peripécias e buscas, consegui localizar, no meio da tarde, o Comando do 2º Batalhão do 6º RI. Foi numa estrada muito danificada, ao lado de um vilarejo semidestruído pelo bombardeio aéreo. No local em que eu encontrei o Comandante do Batalhão, havia uma cratera aberta pela explosão de uma bomba de quinhentas libras, lançada por um avião P-47, possivelmente, da nossa esquadrilha. A cratera ocupava mais da metade da estrada. Obtive a informação sobre a linha atingida pela vanguarda do Batalhão e, pelo rádio, comuniquei à Bateria. O comandante pôde, em virtude dessa mensagem, verificar que a Infantaria já estava além do alcance máximo dos obuseiros, caso ocupassem posição de tiro naquela região de Casa di Borro.

Nesse local, quando retornei de minha missão de ligação com o 6º RI, havia vários corpos de combatentes. Nas situações de deslocamento rápido, o Serviço de Sepultamento não consegue recolher logo os cadáveres. Muitas vezes, ficam apodrecendo no local em que o combatente tombou. A tropa não deve tocar neles. Essa era a situação de Ca di Borro. Quando eu cheguei, o odor, em toda a área, era insuportável. Em volta da casa propriamente dita, havia inúmeros cadáveres americanos e alemães insepultos. Não tinham sido recolhidos ainda e estavam ali apodrecendo. O tempo mais quente, característico do início da primavera, acelerava a decomposição. O odor de carne humana em putrefação, além de ser ruim, é enjoativo, porque ele é adocicado. No primeiro dia eu não consegui comer, não consegui me alimentar. O mau cheiro era horrível e não se podia fazer nada, porque os cadáveres só podem ser retirados pelo Serviço de Sepultamento.

Há um caso digno de registro. Nos ataques fracassados a Monte Castelo, alguns soldados brasileiros tombaram a poucos metros da posição alemã de C Viteline, na base do Castelo. Os cadáveres eram perfeitamente visíveis de nossa posição em

Guanela. Eles não apodreceram, devido ao frio e à neve, mas não puderam ser recolhidos pelo Serviço de Sepultamento, porque os alemães, obviamente, não iam deixar. Após a tomada de Monte Castelo, em fevereiro, foram evacuados. A remoção desses cadáveres foi uma operação que exigiu muitos cuidados, porque os alemães haviam instalado armadilhas nos seus corpos. Os alemães, além de não os recolherem e nem permitirem que o nosso Serviço de Sepultamento o fizesse, colocaram minas presas em seus corpos. Eles morreram no mês de novembro e só foram retirados no final de fevereiro, depois da tomada de Monte Castelo.

Na fase final da campanha, quando o IV Grupo chegou em Vignola, fazia dois dias sem que fôssemos abastecidos de combustível. A Bateria começou a se instalar para passar a noite que se aproximava. Pouco tempo depois, chegou o Capitão e disse: "A Bateria vai prosseguir o mais cedo possível. René (Primeiro-Tenente René Coulaud, Comandante da Linha de Fogo) e Frederico (Segundo-Tenente Frederico Vianna Torres, Oficial de Reconhecimento), comigo. Vamos reconhecer nova posição mais à frente. Helio, você prepare a Bateria para partir." Por estar classificado como Oficial de Manutenção, eu era uma espécie de "curinga" dentro da Bateria. Os outros oficiais tinham suas missões bem-definidas, logo, o que sobrava era para mim. Eu, ainda, os substituía, para que eles pudessem descansar. Note-se que o oficial mais moderno era o Frederico, mas, pela sua função, o negócio estourava em cima de mim. Aliás, Oficial de Manutenção talvez tenha sido a função que eu menos desempenhei. Substituí tanto o Frederico, na observação avançada, quanto o Linha de Fogo, para que eles tivessem ocasião de descansar. A Bateria de 155mm, pela sua organização, não tinha observador avançado. Ela possuía três tenentes: o Linha de Fogo; o Oficial de Reconhecimento; e o Oficial de Manutenção. O observador avançado, na nossa Bateria, tinha que ser improvisado, quer quanto ao pessoal, sua equipe, quer quanto ao material.

Bom, retornemos ao ponto em que o capitão me mandou preparar a Bateria. Eu perguntei: "Mas, capitão!... Há dois dias não recebemos suprimento de combustível... Onde existe algum posto de suprimento?" Ressalte-se que a Bateria de Serviços era encarregada de nos suprir de combustível, o que não fazia com eficiência. O capitão, que estava com pressa para sair em reconhecimento, respondeu: "Olha, você se vire! Porque eu tenho coisas mais importantes para fazer." Diante disso, tratei de preparar a Bateria para o deslocamento e, ao mesmo tempo, pensava em que lugar iria arranjar combustível.

No meio daquela confusão toda, pois estávamos chegando, prontos para ficar e, agora, tínhamos que desfazer tudo e recompor a coluna, chegou o Comandante do Grupo, acompanhado de seu Estado-Maior. Avisado da chegada por uma praça, diri-

gi-me ao local indicado e apresentei-me. Em seguida, expliquei a situação. O Comandante do Grupo me perguntou: "Você está precisando de suprimento?" Eu tinha os dados todos de cabeça e falei: "Tantos mil litros de gasolina… cada trator leva quatrocentos litros de combustível… tantos mil litros de combustível; tantos de óleo; tantos disso; tantos daquilo." Tudo da maneira mais detalhada possível. "Bom, então você se vire, porque eu também não tenho isso e não sei nem onde encontrar", foi a resposta que recebi do comandante. Fiquei tão aborrecido que disse: "Com licença, comandante, que eu tenho que continuar a minha missão de preparar a Bateria". Fiz meia volta e fui embora, remoendo aquilo, interiormente. Já era noite fechada. Chamei quatro sargentos e lhes dei as seguintes ordens: cada um, com uma viatura leve, se desloque com rapidez à procura de um posto de suprimento de Classe III[4]. Um iria para o Norte, outro para o Sul, o terceiro para Leste e o quarto para oeste. Para rapidez do movimento, as viaturas deveriam se deslocar com os faróis acesos, salvo na área com raio de quinhentos metros em torno da posição da Bateria, onde seria observado o blecaute. Recomendei que queria uma resposta dentro do prazo de duas horas. Antes do prazo estar esgotado, retornou um sargento, informando haver encontrado um posto de suprimento, mas que nesse local o abastecimento era feito mediante troca de tonéis.

Os americanos adotavam o sistema de troca, isto é, entregava-se o recipiente vazio e recebia-se de volta outro cheio. A Bateria só tinha camburões. Os tonéis eram de duzentos litros, enquanto nossos camburões, de cerca de vinte litros. Sem aguardar a chegada dos demais sargentos, eu mandei embarcar em dois ou três GMC de duas e meia toneladas todos os camburões vazios da Bateria e mais vinte a trinta soldados, armados e municiados. Tendo o sargento como guia, dirigi-me com esse comboio para o local do posto de suprimento. Observei as mesmas regras de disciplina de luzes que tinha estabelecido anteriormente. Chegando lá, entendi-me com o sargento americano dentro do possível. Ele mostrava-se irredutível: "Só troco tonéis por tonéis." Eu retrucava: "Só tenho camburões" e, mais adiante, perguntei: "Mas não dá para se passar a gasolina desses tonéis para os meus camburões?" O sargento me respondeu: "Não posso fazer isso, não tenho equipamento e nem autorização." Eu pensei: tenho de encontrar uma saída. Por fim, eu disse ao sargento que necessitava com urgência daquele combustível e que era minha intenção consegui-lo de qualquer maneira. Mostrei os caminhões, dizendo que existiam trinta homens armados e municiados no seu interior e que ele não tinha como defender o posto. Eu achava que no posto só havia o sargento americano.

---

[4] Classificação logística militar para os materiais combustíveis e lubrificantes.

Em face da situação, eu propus uma solução: ele me fornecia os tonéis que eu precisava, mediante recibo, e me comprometia a devolvê-los dentro de poucas horas. Felizmente, o sargento, de mais idade e muito mais sensato que eu, concordou com a minha proposta estapafúrdia para os padrões americanos. Ele acreditou que eu ia tomar o posto à força. Não sei se tomaria...é provável que sim. Redigi o recibo, em português, discriminando tudo que ia ser feito, assinei e entreguei a ele. A seguir, embarquei os tonéis nos GMC. A volta foi normal, "graças a Deus"; abasteci todas as viaturas da Bateria e levei-os de volta como combinado. Essa é a história do suprimento em Vignola. Graças ao sargento americano, não resultou num caso internacional. Imaginem um oficial brasileiro saqueando um posto de suprimento de combustível americano!

Sobre o manuseio da munição nas posições de bateria de 155mm, gostaria de ressaltar vários aspectos. O principal deles é que, por questões de segurança, a munição não deve ser descarregada, diretamente, na linha de fogo, até mesmo quando a rede rodoviária e as condições do terreno o permitam. Outra questão é o estoque da munição, que deve ser em pequenas pilhas com artigos da mesma espécie e lotes – granadas, espoletas, estopilhas, cargas etc – em abrigos bem protegidos e separados, entre si, por distância mínima de 25 metros. Depois, a munição é levada desses abrigos para os nichos, localizados mais próximos das peças. Ela só deve ser retirada e transportada para os obuseiros na ocasião de ser preparada para a execução do tiro. Temos, ainda, a questão do peso da granada de 155mm, aproximadamente, cinqüenta quilos. Para facilitar o seu transporte, no local destinado à espoleta, na ogiva, vem um tarugo bem atarraxado e com olhal. Esse tarugo serve também para proteger o local da espoleta de objetos estranhos. A linha de fogo dispõe de alças metálicas com ganchos salientes que são introduzidos no olhal, facilitando a movimentação manual das granadas. Tudo isso representa muito trabalho braçal, contínuo e diário, freqüentemente, noturno.

Nas ligações internas das posições de tiro, propus que o fio saísse dos bornes do telefone do Comandante da Linha de Fogo, percorresse todas as peças e retornasse, para fechar o circuito, nos mesmos bornes daquele telefone. Nesse percurso, emendava-se o fio que vinha da peça. Esse era o sistema. Houve objeções, alegando-se que poderia ocorrer curto-circuito. No entanto, foi experimentado e deu excelentes resultados. Passou a ser utilizado até o fim da campanha. A grande vantagem resultante desse processo era que, quando o circuito fosse rompido, mantinha-se a ligação com todas as peças, sem qualquer problema. A ligação se fazia pelos dois lados do circuito. Não me pergunte o porquê de não ter dado curto-circuito. Até hoje, ninguém me explicou.

Durante a campanha dos Apeninos era constante a realização de cursos com uma jornada de oito horas de instrução, para atualização ou mesmo aquisição de conhecimentos. Eram dirigidos ao pessoal engajado efetivamente em combate. Por duas ou três vezes, eu recebi ordem de aguardar, em local, dia e hora previamente marcados, uma condução que me levaria para freqüentar um curso. Ao final do dia, eu retornava ao ponto inicial, nas vizinhanças da posição da minha Bateria, no mesmo transporte. Diversas vezes eu recebi essa ordem: "Dia tal, bem cedo, às tantas horas, esteja em tal local, no cruzamento de tal estrada, para ser apanhado por uma viatura para fazer tal curso." Eu deixava a minha função em combate e era levado para a retaguarda. O curso, normalmente, era ministrado por especialistas do Exército americano. Todo o pessoal, mesmo de outras Armas, participava desses cursos. Uma vez, recordo-me, foi para atualização de conhecimentos referentes a minas e armadilhas. Constou de três dias de aulas teóricas, em sala da Universidade de Pisa, e três dias de aulas práticas, em campos de minas lançados pelos alemães. Houve tanto realismo nesse curso que um 2º tenente R2 – formado pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro – morreu em decorrência da explosão da mina alemã que ele tentava desativar, durante uma das aulas práticas. Existe um comentário: "Quem trabalha com minas e armadilhas só tem direito a um erro." Lamentavelmente, o tenente deve ter cometido o seu primeiro erro.

Um fato singular ligado às operações em Collechio e Fornovo foi o apoio prestado à 2ª Bateria do III Grupo. Na posição de Quatro Castella, dois oficiais do Estado-Maior da Artilharia Divisionária entenderam-se com o Comandante da Bateria. A missão, transmitida a mim, era para me deslocar com todos os tratores de lagartas e a Seção de Manutenção da Bateria para Bibiano. Nessa localidade, eu encontraria uma bateria 105mm – depois vim a saber que era a 2ª Bateria do III Grupo – e deveria rebocá-la para onde fosse necessário. Essa foi a ordem taxativa que eu recebi. A razão desse apoio foi porque todas as viaturas de duas e meia toneladas da artilharia, inclusive as tratoras das peças, tinham sido requisitadas pela Divisão para motorizar os regimentos de infantaria e lhes dar maior mobilidade. Por isso, a Bateria estava praticamente "a pé". A região de destino foi Collechio, onde apoiamos a ocupação de posição e foi improvisada uma Central de Tiro de Bateria que operou durante quase todo o primeiro dia de combate. Nessa atuação, foram empregados os tratores de lagarta com os respectivos tratoristas e toda a Seção de Manutenção da 1ª Bateria 155mm. A fração estava sob o meu comando. Eu era o Oficial de Manutenção da Bateria. Como singularidades dessa operação ressalto as seguintes: os tratores de lagarta tracionando obuseiros de 105mm, o que é uma desproporção enorme; a improvisação de uma Central de Tiro de Bateria com, ape-

nas, as réguas de tiro do material 105mm, uma carta turística da região, na escala de um por cem mil – na Artilharia, a carta não deve exceder um por 25 mil – e sem indicações de altimetria, e um transferidor de celulóide com graduações em graus; e, finalmente, a operação dessa Central de Tiro pelo oficial e o sargento da manutenção da Bateria 155mm. Eu tenho um comentário a fazer: até hoje, o Oficial Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo não me explicou por que razão ele carregava no seu bornal um transferidor de celulóide em graus, quando todos os instrumentos óticos eram graduados em milésimos.

De modo geral, o desempenho dos oficiais e dos graduados foi muito bom. A grande maioria havia sido formada na técnica francesa e muitos realizaram cursos ou estágios nos Estados Unidos, no período anterior à guerra. O treinamento da Artilharia, no Brasil, foi bom. O complemento final deveria ter sido feito nos campos de instrução americanos, na Itália, como era norma nessa época. Isso, entretanto, não ocorreu em relação à Divisão brasileira. O V Exército havia cedido muitas divisões para a invasão no Sul da França e estava, por isso, muito desfalcado. Esse fato precipitou o emprego da tropa brasileira. O treinamento final que deveria ter sido feito nos campos de instrução americanos, na Itália, foi feito enfrentando os alemães nos Apeninos. Nós não passamos pela fase intermediária como era prescrição do Exército americano.

As nossas escolas, aqui no Brasil, contribuíram muito para que esse desempenho fosse favorável. Eu, por exemplo, na fase de preparação da FEB, em Gericinó, realizei um curso de manutenção, se não estou enganado foram quatro semanas, na Escola de Motomecanização. Diversos oficiais foram designados para outros cursos. Lembro o exemplo do cabo mecânico que deveria vir para minha Seção de Manutenção. Ele foi fazer um curso na Ford, em São Paulo. Houve uma boa especialização. Nem sempre, depois, o emprego do pessoal foi adequado. Mas, houve uma boa instrução inicial. O apoio administrativo do V Exército foi, sempre, excelente. O do IV Grupo apresentou falhas. As principais se referem aos registros de pessoal, à concessão de recompensas, especialmente condecorações, e ao suprimento de Classe I (Artigos de alimentação). As falhas foram muito grandes nesse particular.

O que mais me impressionou durante a campanha, como um todo, foi a Administração e a Logística americanas. Na Força Expedicionária Brasileira foi a rusticidade, a criatividade, a capacidade de improvisação e o espírito de iniciativa de nossos soldados.

Em poucas ocasiões, felizmente, precisei assistir e confortar meus subordinados. O ânimo do pessoal esteve sempre elevado. O moral da Bateria era muito bom.

Gostaria de destacar de minha subunidade, na guerra, um ponto que me parece essencial. Graças à ação do Comandante da Bateria – o Capitão Helio Duarte

Pereira de Lemos – formou-se na subunidade uma consciência coletiva segundo a qual a missão a cumprir era o essencial. O sucesso dependia da ação conjunta e coordenada de todos. Cada um executava as suas tarefas com o único objetivo de contribuir para o bom desempenho do conjunto da Bateria. Eu acho que a ação do Capitão foi fundamental e insubstituível. A Bateria foi o reflexo cristalino de sua marcante personalidade e, principalmente, de seu reto caráter.

A Artilharia Divisionária da 1ª DIE comemorou o término das operações no campo de aviação de Alessandria. Constou de uma formatura de toda a AD e do discurso do Comandante – General Cordeiro de Faria – que começava com as seguintes palavras: “Nossos canhões silenciaram.”

No regresso ao Brasil, a população nos recebeu com muito carinho, admiração e aplauso. O Exército e o Governo Brasileiro, porém, com frieza e, sempre, nos trataram como se fôssemos pessoas estranhas, indesejadas e incômodas. Lamentavelmente, essa é a minha opinião.

A participação da FEB na campanha da Itália resultou de um enorme esforço de guerra feito pelo Brasil. Foi um pesado ônus para todos os brasileiros. Os resultados obtidos e as vitórias alcançadas ultrapassaram, em muito, as previsões mais otimistas. O prestígio e projeção internacionais, alcançados pelas Armas Brasileiras e pelo País, compensaram os sacrifícios. No entanto, esses extraordinários trunfos para a condução da nossa política, tanto interna quanto externa, foram desprezados pelos governos do pós-guerra. O Brasil quase nada se beneficiou do sangue, do suor e das lágrimas vertidos pelos seus patrícios, naquela ocasião.

Era isso que eu queria assinalar.

Coronel Júlio de Pádua Guimarães*

Natural da cidade de São José do Rio Preto, São Paulo, pertence à turma de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Integrante, como 2º Tenente, do III Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, onde exerceu as funções de Oficial Observador Avançado da 3ª Bateria, como excedente, e, posteriormente, da 1ª Bateria, no quadro efetivo. Realizou, como oficial, os cursos da Escola de Motomecanização, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e Escola Superior de Guerra. Dentre as funções desempenhadas durante a carreira, destacamos: Adjunto do Estado-Maior da 10ª Região Militar; Adjunto das 2ª e 5ª Seções do Estado-Maior do Exército; Comandante do 12º Grupo de Artilharia de Campanha, em Jundiaí; Chefe de Gabinete da Diretoria de Processamento de Dados e Diretor do Arquivo do Exército. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra e Cruz ao Valor Militar (Itália).

---

* Observador Avançado, entrevistado em 21 de fevereiro de 2000.

Por coincidência, acabo de rever um pequeno trabalho que denominei "Observador de Artilharia-Reminiscências da FEB". Usarei o sumário desse trabalho como guia para a entrevista que hora faço.

A travessia marítima Rio-Nápoles foi feita através de uma linha quebrada, isso porque a embarcação, descrevendo uma trajetória em *ziguezague*, dificultava a ação dos submarinos inimigos. O contingente embarcado do 2º escalão da FEB, ao qual pertenci, compunha-se de cerca de cinco mil homens. Um número tão elevado de homens, num navio, obrigou a uma complexa operação de alimentação do pessoal e de outras atenções necessárias nessas ocasiões. Nesse transporte, fui designado para o serviço de controle de entrada do rancho. Cada oficial foi indicado para uma determinada função. O trabalho do rancho constituiu-se numa atividade extremamente cansativa, porque, além de tudo, sou muito suscetível a enjôo, o que acontecia até nos bondes do Rio de Janeiro, antigamente. Desta forma, durante o dia, atendendo a esse serviço por muitas horas, volta e meia tinha que procurar um banheiro para dar vazão ao meu enjôo. Mas, finalmente, chegamos ao porto de Nápoles, sem maiores preocupações. Durante o trajeto parece que houve uma ou duas ameaças de submarino, tanto é que foram lançadas algumas bombas de profundidade, dando-nos a impressão de se tratar de uma ação contra submarino inimigo. Chegando ao porto de Nápoles, tornamos a embarcar em direção a Livorno. O porto de Livorno havia sido, praticamente, destruído durante a guerra pelos alemães em retirada e, como ali não havia a possibilidade de atracação de navios de maiores dimensões, fomos conduzidos em pequenas embarcações, com a capacidade de, aproximadamente, duzentos homens cada uma, denominadas LCI. Segundo informou-me um amigo da nossa Marinha, tais embarcações são usadas para desembarque em locais onde não haja instalação portuária mais completa. Essa viagem foi extremamente penosa; eu a descrevo minuciosamente no meu trabalho. O grande problema, causado por um tremendo temporal, foi, mais uma vez, o enjôo, do qual quase ninguém escapou. Cheguei a um ponto em que passei, praticamente, dois dias desmaiado, completamente fora de combate durante o tempo em que durou o trajeto. Contudo, quando chegamos ao porto de Livorno e a embarcação atracou, senti-me como se tivesse revivido.

Seguramente, foi para mim a maior dificuldade, o maior sofrimento que já passei em minha vida, inclusive pior do que todas as outras adversidades enfrentadas na guerra.

De Nápoles, fomos conduzidos a um acampamento nos arredores da cidade de Pisa, num local denominado de *Tenuta di San Rossori*, uma antiga estação de caça do

Rei da Itália. Aí tivemos algumas instruções de última hora, particularmente de levantamento de minas, e foi, também, onde recebemos nosso material pesado (viaturas e obuseiros) e o de uso individual.

Depois de tudo conferido, iniciamos, debaixo de chuva, a marcha noturna para a primeira entrada em posição, com as luzes apagadas, como é de praxe nessas ocasiões, acesos apenas os faroletes, os chamados "olho de gato" das viaturas.

Em determinado momento, seguia com o Capitão Florimar Campello, meu Comandante de Bateria, quando ele, notando que havia algumas viaturas atrasadas, chamou-me e mandou que eu permanecesse para trás, recolhendo essas viaturas, de modo a formar uma coluna e seguir para a posição designada para a Bateria. Foi o que fiz. Reuni cerca de dez a doze viaturas e prossegui, com noite muito escura e chuva intensa, até um ponto em que vi um vulto parado na minha frente. Desembarquei para verificar do que se tratava. Ao invés de uma viatura, como pensei que fosse, havia uma coluna inteira, imobilizada pelo lamaçal, justamente num ponto em que a estrada fazia uma curva de cerca de 90º para a direita, num terreno encaixotado dos dois lados, não havendo, portanto, a possibilidade de manobra daquelas viaturas ali paradas. A noite já estava adiantada, começando a aparecerem os primeiros sinais dos contornos das elevações do lado inimigo. Procurei o comandante da coluna, um tenente da 2ª Bateria de Obuses, companheiro de turma, e pergunteilhe: "Você está vendo aquela elevação na frente que já aparece? Sabia que o inimigo está lá?"

Depois de um sorriso, nos perguntamos: "Como é que vamos fazer?"

Acertamos que só havia uma solução: tirar uma a uma as viaturas daquele atoleiro. E foi o que fizemos. Reunimos nosso pessoal e uma a uma foram sendo retiradas as viaturas. Quando consegui sair com minha coluna, o dia já estava razoavelmente claro e corremos um enorme risco de sermos bombardeados exatamente na ocasião de nossa primeira entrada em posição. Afortunadamente, nada aconteceu e pude prosseguir até a posição de bateria.

O deslocamento para nova missão trouxe outro grande susto: aqui me refiro a minha primeira missão já como Observador Avançado da 1ª Bateria. Como o inimigo ocupava, no setor da nossa Divisão, todas as alturas dominantes, estávamos praticamente embaixo olhando o oponente, em cima. O observatório para onde iria, denominado Torre de Nerone, era uma elevação que se projetava na nossa frente e que, de um lado e de outro, se defrontava com observatórios inimigos. A observação alemã dava-se num ângulo de cerca de 270º, de maneira que não havia a menor possibilidade de se atingir o local do nosso observatório durante o dia. Tinha que ser à noite e com as luzes apagadas.

Como único recurso, o Capitão Comandante da minha Bateria chamou um cabo que já havia estado algumas vezes no local e encarregou-o de me conduzir até o PC do II Batalhão do 6º RI, com o qual passaria a atuar a partir daquele momento.

Partimos de jipe, vagarosamente, pois a noite escura exigia todo cuidado, principalmente porque as estradas eram muito sinuosas e percorriam, às vezes, locais perigosos. Finalmente, ao chegar a um determinado ponto, notei que o cabo estava muito inseguro de si mesmo. Parou, olhou o terreno, voltou novamente, prosseguiu. Lá pelas tantas, cheguei à conclusão de que ele estava mais ou menos perdido. Chamei-o e disse: “Como é? Você sabe ou não sabe onde fica o Posto de Comando do Batalhão?” Ele me respondeu: “Ah! sim senhor, já estive aqui várias vezes, mas a noite está muito escura, dificultando a identificação.”

Então prosseguimos; lá pelas tantas ele parou apavorado e disse: “Aqui é Santa Maria Viliana.” Como já havia estudado anteriormente a carta, cheguei à conclusão de que Santa Maria Viliana era território inimigo. Diante daquilo só me passou pela cabeça uma idéia: saltei da viatura, fui até a margem da estrada e consegui pegar, mesmo no escuro, os fios telefônicos. Levei até a proximidade do “olho de gato” e verifiquei que eram vermelhos. Os fios vermelhos eram os usados pelos alemães, portanto, só cabia uma conclusão: de uma maneira ou de outra, estávamos passando pelo território inimigo. Preocupei-me com a possibilidade de sair-me mal logo na minha primeira missão de guerra. Dei ordem para manobrar, imediatamente, a viatura e voltamos.

Andamos mais uns cinqüenta metros e vimos, contra o horizonte, três vultos, tipicamente brasileiros, que vinham despreocupadamente pela estrada. Aí, parei. Eram soldados do Batalhão que procurava. Manobrei novamente a viatura, coloquei-os dentro do jipe e fomos até a sede do Batalhão, pouco mais adiante, onde me apresentei ao Oficial-de-ligação, Capitão José Maria Gonçalves e ao Comandante do II Batalhão.

Em seguida, tratamos de subir a encosta da Torre de Nerone, onde ficava o meu observatório. Embora fosse muito íngreme, como naquele tempo éramos moços e acostumados a essas coisas, não houve maiores empecilhos, mas, durante o inverno, essa encosta nos oferecia muita dificuldade para subir. Finalmente, chegamos ao observatório, onde tratei de descansar e aguardar a nova jornada.

No dia seguinte, pela manhã, tratei de sondar o local para escolher o ponto de onde passaria a fazer as minhas observações. A chamada Torre de Nerone era um edifício, creio que primitivamente deveria ter havido uma torre nesse local, mas o que encontrei foram somente escombros; só existia um recinto mais ou menos intacto, sem a cobertura, embaixo dos quais, junto do chão, fora cavado um abrigo que era o local onde ficava meu antecessor.

Notei que havia um orifício na parede do abrigo, muito pequeno, através do qual não seria possível realizar a observação. A partir desse momento, passei a furar a parede e consegui obter uma série de buracos que me permitiam observação contínua em toda a frente do inimigo. A partir daí, passou a ser um observatório muito bom e confortável.

Outra coisa a considerar é o que chamei de “afastando os morteiros do inimigo”. Nessa ocasião, o inimigo atirava muito naquele local, não só com artilharia como também com morteiros. Quanto ao tiro de artilharia não havia muito o que fazer, porque era atribuição da Artilharia Divisionária (AD). No entanto, tínhamos uma recomendação para que procurássemos levantar a direção do tiro que caísse nas imediações. Isso aparentemente pode parecer uma tarefa muito vaga, mas em se tratando de um terreno, como o da Itália, que possuía uma carta minuciosa com todas as construções nela locadas, tornava-se relativamente fácil. Obtidos esses dados de direção de determinados tiros, na carta, comunicávamos à Artilharia Divisionária os elementos recebidos e que eram transmitidos ao Corpo de Exército. O Corpo de Exército, acompanhando as diversas direções dos tiros enviadas pelos observadores, chegava à conclusão, por interseção, quais as posições provavelmente ocupadas por aquele inimigo. Em cima disso, era feito, através de uma observação aérea minuciosa, um levantamento aerofotogramétrico para determinar as áreas de localização da artilharia inimiga. Muitas delas coincidiam, de fato, com as posições reais, facilitando a nossa contrabateria.

No entanto, a parte que me cabia era a dos morteiros. Acertei, então, com a Central de Tiro um esquema para que pudéssemos atuar sobre os morteiros inimigos. Ora, pelos manuais de emprego, sabemos que o local dessa arma é numa contra-encosta e esta região dos Apeninos é extremamente dobrada, com encostas íngremes e vales profundos, de maneira que os morteiros, evidentemente, estariam nessas posições. E como o terreno era muito dobrado, existiam posições de morteiro muito próximas de nós. Notei que, ao anoitecer, o inimigo costumava atirar de morteiro sobre nós, e dava para perceber uma leve luminosidade, em cima da elevação, cada vez que ele atirava. Aparecendo um clarão, por menor que fosse, eu colocava uma luneta, uma monocular que tínhamos, marcava a direção e fixava a luneta.

No dia seguinte, procurava estudar o terreno e verificava através da carta, que era muito minuciosa, os locais prováveis de existência dos morteiros. Tendo em vista a pouca profundidade dessas ravinas, não era difícil qualquer tiro que caísse nas imediações atingir os morteiros. Então, ao entardecer desse mesmo dia em que tinha marcado a direção, procurava regular o tiro numa das casas situadas na crista das elevações, ou o mais próximo possível. Com isso, a Central de Tiro tirava os

elementos de forma a transportar o tiro para o local por mim designado pelas coordenadas da carta, onde provavelmente estariam os morteiros. Só me restava aguardar a noite novamente, quando iria ouvir o estalido característico do disparo do morteiro e o aparecimento da luminosidade. Nesse instante, bastava comandar o fogo, que a Central, já alertada, desencadearia diretamente a eficácia e as granadas iriam para os pontos desejados. É preciso que se diga que o nosso tiro era vertical. Nossos obuses mostravam-se extremamente versáteis, dispondo de sete cargas de projeção, com a possibilidade de atirar com ângulos de até 70º. Os tiros com grande ângulo são aqueles que praticamente caem na vertical, de modo semelhante ao do morteiro. Assim, desencadeada a eficácia, com as granadas explodindo dentro da ravina, o tiro, ainda que não observado, nos dava a certeza moral de que a posição do morteiro estava sendo atingida, o que tanto é verdade que as posições situadas nas imediações foram se afastando. Em pouco tempo, eles passaram a atirar de distâncias bem maiores com muito menos possibilidade de nos atingir, de nos causar qualquer dano.

A seguir, vou tratar do inverno que, para nós brasileiros, se apresentou como uma coisa surpreendente. No dia de Natal do ano de 1944, pela primeira vez nevou, o que se constituiu numa grande novidade para todos nós. Acredito que quase todos os expedicionários nunca tinham visto nevar.

Bem, com a queda da neve, o panorama ficou absolutamente igual. As estradas desapareceram, e o movimento das viaturas, particularmente, tornava-se extremamente difícil. Com isso, para nós nos deslocarmos, por dois ou três quilômetros no máximo, o trabalho se tornava insano. Era necessário vir uma pessoa à frente da viatura, sondando o terreno e orientando o motorista: um pouquinho para a direita, um pouco para a esquerda; com isso, a cada cinco metros, a viatura tinha que ser novamente orientada, para que o deslocamento fosse realizado sem maiores conseqüências.

Outra característica interessante do inverno é que as pegadas das pessoas tornam-se bastante visíveis. A quilômetros, pode-se ver a marca de um pé na neve. Dessa forma, tínhamos mais um elemento para determinar as posições inimigas, se bem que os alemães, extremamente disciplinados, dificilmente pisavam em local visível. Creio que só se deslocavam junto às cercas divisórias das propriedades rurais, de maneira que não se conseguia ver, no chão, suas pisadas.

O pior momento do inverno, a meu ver, foi o degelo. No auge dessa estação, nos Apeninos, chegamos a conviver com uma temperatura de cerca de 12º C abaixo de zero. No entanto, durante toda a fase do degelo, quando a temperatura era maior que zero, a sensação de frio era muito desagradável, porque somava-se a umidade muito intensa e, sobretudo, o vento, impedindo que a pessoa sequer pudesse olhar

para uma determinada direção, porque não conseguia; os olhos começavam a lacrimejar, as mãos não conseguiam segurar um lápis. Assim, o pior período do inverno foi exatamente o do degelo, época em que as estradas ficavam lamacentas e de muito difícil tráfego.

No que imaginei denominar "a mão do destino", narro as três situações de armadilhas que preparei para o inimigo, todas elas malsucedidas. Farei referência apenas à última.

Durante o inverno, com a Lua clara, percebia-se perfeitamente o deslocamento do inimigo por uma estrada que corria paralela à frente da minha posição, cerca de 1km de distância. Essa estrada desfilava diante de uma elevação chamada Monte Della Castelana, com uma cota de mil e tantos metros. A estrada na encosta, em determinado ponto, apresentava um corte de terra muito alto, muito amplo, de forma que resolvi aproveitá-lo para regular o tiro. Qualquer arrebentamento que se desse ali seria eficaz. Haveria pouca possibilidade de dispersão. Tal como acontecia com os morteiros, acertei com a Central do Grupo a modalidade do tiro, depois de estabelecida a velocidade com que as viaturas do inimigo se deslocavam por essa estrada. O ponto ideal para que se desse o arrebentamento foi obtido depois de considerar a duração do trajeto e realizar todos os cálculos. Num determinado dia, à tarde, preparei, então, uma armadilha para surpreender o inimigo.

Diariamente, cruzavam por essa estrada duas ou três viaturas, do tipo carroças, fazendo barulho característico; com a Lua clara eu conseguia ver aquelas figuras, aqueles vultos, se deslocando. Preparada a armadilha – regulei, ao entardecer, o tiro na meia-encosta – só faltava, no momento aprazado, comandar o fogo, e, então, seria desencadeada a eficácia automaticamente.

Bem, tendo chegado o momento, entre oito e nove horas da noite, comecei a ouvir o ruído característico das carroças passando; aí, ao invés de duas ou três, como habitualmente eu estava acostumado a ver, desfilaram pela minha frente dez ou mais viaturas, transportando suprimentos para o inimigo. Imediatamente fiz a ligação com a Central e, qual não foi a minha surpresa, recebi a informação de que a Bateria não poderia atirar, porque acontecera um seriíssimo acidente na posição, no qual ficaram inutilizadas duas peças. Informaram-me que o fato se deu devido a um tiro fumígeno de propaganda, feito depois da minha regulação. Após o disparo, a chama que sai da boca do tubo passou para a rede de camuflagem, da rede atingiu os saquitéis não utilizados, que estavam por ali, e o incêndio alastrou-se, gerando um acidente de grandes proporções na 1ª Bateria.

Com isso, nada mais me restava do que assistir ao desfile do inimigo, tranqüilamente, pela minha frente, sem condições de tentar qualquer tipo de reação, moti-

vo pelo qual denominei esse fato “a mão do destino”. Tudo indicava que não haveria a menor possibilidade de eles escaparem da armadilha que eu preparara. Todavia, aconteceu, na última hora, aquele terrível acidente.

Dentre os episódios vividos na Torre de Nerone, um é muito interessante, porque diz respeito à relação que existe entre o tiro de artilharia e a linha telefônica. Parece incrível, sempre que caía uma granada nas proximidades de um fio, era ele cortado. Seja pelo sopro, seja pelos estilhaços, esse fato normalmente acontecia.

Numa noite muito escura, caiu uma granada nas vizinhanças, muito próximo do meu observatório, deixando mudo o telefone. Para resolver o problema, peguei o fio no terminal do telefone e saí correndo, tateando com a mão a linha até o local onde ele poderia ter sido cortado. Quando cheguei a um determinado ponto, não muito afastado do meu observatório, notei, à minha retaguarda, dois clarões, um após o outro, e duas explosões surdas. Lembro-me perfeitamente de que foram dois clarões e duas explosões tão-somente. Mais adiante, consegui entender realmente o que tinha acontecido: o soldado da fração que guarnecia as posições da infantaria, à frente do meu observatório, tinha visto um vulto, abaixado, esgueirando-se ali nas proximidades, o que o levou, com certa razão, a lançar duas granadas ofensivas. Felizmente, foram granadas ofensivas, porque as defensivas são muito mais letais. Mesmo assim, poderiam ter me ferido, até mortalmente. Por sorte, esse episódio foi superado e nada aconteceu.

Em seguida, faço referência ao ataque a Castelnuovo, que fui designado para acompanhar à última hora. Nessa altura dos acontecimentos, o inimigo já estava retraindo em função da investida realizada pela 10ª Divisão de Montanha, no extremo esquerdo do nosso setor divisionário. Soprassasso já fora conquistado num ataque preliminar.

Pela manhã, na outra extremidade do nosso dispositivo, o 11º RI tentou um ataque direto a Castelnuovo, mas encontrou dura resistência por parte do inimigo e o Regimento não conseguia progredir.

Na parte da tarde, o Comando resolveu aproveitar o êxito da ocupação do espigão do Soprassasso e prosseguir pela linha de crista que leva desse espigão a Castelnuovo, conjunto de elevações de escarpas abruptas, com a parte de cima ligeiramente ondulada, quase plana, fazendo com que o ataque se desenvolvesse nesse eixo.

Iniciado o ataque, já bastante tarde, às dezessete horas, e após quinze minutos, mais ou menos, recebemos os primeiros tiros do inimigo, que ocupava um conjunto de casas. De imediato, fiz a ligação com a Central, ajustei rapidamente o tiro e solicitei a eficácia. O Grupo atuou com muita presteza nessa ocasião, porque as

posições de bateria estavam colocadas de maneira bastante favorável para esse tipo de apoio. Dessa forma, em pouco tempo, houve pesada concentração de tiros nas casas e, surpreendentemente para nós, cessado o fogo, apareceram seis ou sete soldados, na frente do casario, de mãos para cima, e ali se renderam.

O ataque a Castelnuovo prosseguiu, obrigando-me a acompanhar o pelotão de 1º escalão, porque nessa situação não havia um ponto de onde eu tivesse vistas sobre toda a profundidade do ataque. Assim, a solução era seguir a Infantaria, porque, a cada compartimento do terreno, poderia conduzir o tiro sobre o inimigo. Quando conseguimos divisar as posições de Castelnuovo e antes que o inimigo atuasse sobre nós, realizei uma ajustagem rápida, e, em seguida, o Grupo desencadeou a eficácia, uma pesada concentração naquele ponto. Em conseqüência, as posições do adversário foram duramente atingidas e as casas que ali existiam ficaram quase todas destruídas. Surpreendentemente, o mesmo inimigo que havia resistido, tenazmente, ao 11º RI, pela manhã, rendeu-se. Com isso, atingimos a localidade de Castelnuovo, que vinha se constituindo num dos baluartes dos alemães nessa área.

A partir daí, como as baterias do meu rádio já estavam se exaurindo, não havia possibilidade de eu atuar no caso de um contra-ataque. Pedi, então, à Central de Tiro que, a cada quinze minutos, desencadeasse uma barragem à frente da posição, para fazer face a alguma ação do inimigo. Evidentemente, não foi uma boa solução, mas não havia outra alternativa porque, caso eu saísse para um ataque que não estivesse previsto, teria que levar as baterias do rádio já bem gastas. Em conseqüência, o Grupo passou a noite toda, de quinze em quinze minutos, atirando na frente da posição. De uma maneira ou de outra, serviu para tranqüilizar os infantes que, periodicamente, receberam apoio da Artilharia. Bom, no dia seguinte, nada houve, o inimigo não contra-atacou e a situação fora contornada.

Um fato interessante deu-se quando parti para esse ataque, com o conjunto de baterias muito exaurido. Minha intenção era utilizar, na pior das hipóteses, os rádios da Infantaria, que estariam ligados com o comando do ataque. Por meio deste, através da linha telefônica, poderia fazer ligação com a minha Central. Todavia, aconteceu justamente o contrário: nenhum dos rádios falou, a não ser o meu, que estava quase sem condições de uso. Mesmo assim, todas as informações a respeito do ataque chegaram aos escalões superiores, através do meu rádio, que era exatamente o mais comprometido.

Há um comentário a fazer sobre “tempo no alvo”.

É um tiro, desencadeado normalmente pela AD, em que todas as granadas caem no solo ao mesmo tempo. O inglês chama isso de *time on target*, se não me engano.

O fato é que, durante uma semana aproximadamente, a nossa Artilharia atuou numa determinada área de terreno, realizando esse tipo de tiro, desencadeado diversas vezes por dia. Tratava-se de um espetáculo terrificante, as 36 granadas dos grupos de apoio direto e mais as 12 do grupo de ação de conjunto, todas caindo no solo ao mesmo tempo, no mesmo ponto, passando-nos a impressão de uma destruição absoluta, impossível de alguém suportar.

A finalidade daquele tiro era, naquele caso isolado, segundo pude consultar no boletim do Grupo, que descreve a atuação da Unidade na FEB, uma ação diversionária para que o inimigo pensasse que o ataque seria realizado naquela área, quando a 10ª Divisão de Montanha americana faria o ataque a cavaleiro das elevações. Cito esse episódio para mostrar como tal tipo de tiro deve causar um efeito impressionante sobre o adversário.

Outro ponto a destacar é o que denomino “o vale da morte”. Logo depois de um ataque da 10ª Divisão de Montanha, passamos a apoiar uma unidade do 1º RI, seguindo exatamente no rastro desse ataque, passando por uma baixada, coberta de árvores. Sempre achei que a pior situação para o observador avançado é atuar num terreno coberto de árvores, porque quase não há condição de observação alguma. Mas o impressionante é que o local estava marcado pela dura luta que havia se desenrolado poucas horas antes, entre alemães e americanos. Via-se um corpo de um alemão, mais adiante, um corpo de um americano e, alternadamente, íamos encontrando cadáveres em quantidade. Os alemães ofereceram tenaz resistência, mas a 10ª Divisão de Montanha levou de roldão aquela resistência, com enorme perda de pessoal, de maneira que denominei esse tópico de “o vale da morte”, realmente um espetáculo terrível de morticínio, de parte a parte.

Finalmente, encontrei uma árvore mais alta e resolvi estabelecer um observatório ali. Comecei a subir e, quando já estava mais ou menos no meio, notei que alguns soldados de infantaria subiam também pelos galhos das árvores, não sei por que razão. Quando cheguei a um ponto de onde poderia ter vista sobre o inimigo, recebi uma rajada de metralhadora na meia altura da árvore. Ora, diante disto, nada mais pude fazer senão me largar de lá como um fruto maduro, caindo em cima de um soldado, mas, felizmente, não houve maiores conseqüências. Com isso, a minha experiência de estabelecer um observatório em cima de árvore acabou de uma maneira tragicômica.

Sobre o ataque a Montese, do qual não participei diretamente, mas acompanhei junto a uma unidade de infantaria, de um excelente observatório, apenas regulei o tiro de minha Bateria, para que a preparação fosse feita pela Central de Tiro. O fogo da Artilharia, nessa ocasião, foi pesadíssimo. Após a conquista de Montese, os

inimigos que se renderam confessaram que nunca haviam sido submetidos a um bombardeio tão intenso. Realmente, foi terrível a ação da Artilharia.

Conversando há pouco tempo, com o meu companheiro, o Coronel Amerino Raposo Filho, que comandava a Linha de Fogo da 2ª Bateria nessa ocasião, soube que os tubos das peças chegaram a ficar incandescentes, tal a cadência de tiro. Um deles teve que ser substituído, em plena ação. Tive, também, oportunidade de observar um episódio em que padioleiros inimigos, cinco a oito homens, tentavam atravessar uma das praças, nas proximidades da torre de Montese, conduzindo o símbolo da Cruz Vermelha. Nesse momento, caiu uma rajada de artilharia, bem no meio deles. A única coisa que pude ver foi a bandeira subir e desaparecer no céu. Foi uma cena indescritível.

Gostaria de falar agora sobre o "fogo amigo". Estava acompanhando o Batalhão do Major Uzeda, do 1º RI, que deveria conquistar uma elevação logo à frente. Mas tendo mandado antes uma patrulha, verificou que o inimigo havia retraído. Então, resolveu cerrar sobre essa posição.

Ocupamos a tal elevação, aguardando o dia seguinte, quando prosseguiria o ataque. Ao anoitecer, recebemos um tiro, mas o mesmo vinha da retaguarda. Pela natureza da trajetória, reconheci o tiro como sendo de um canhão de carro de combate. Ora, havia uma unidade inglesa de carros de combate, que se instalara à retaguarda de nossa posição de artilharia, durante muito tempo, na região de Savignano. Era vizinha do nosso Grupo. Cheguei, portanto, à conclusão de que o tiro provinha desses canhões. Imediatamente, liguei-me com a Central de Tiro, que procurou comunicar-se através da AD e DIE, com o IV Corpo de Exército, para que o tiro fosse suspenso, porque, possivelmente, os ingleses atiravam no pressuposto de que a posição ainda estivesse na mão do inimigo. Tratava-se de um tiro de inquietação. O fato é que, a despeito da minha comunicação, de meia em meia hora, continuamos recebendo tiro de inquietação e, assim, foi a noite toda.

Por incrível que pareça, não houve possibilidade de que meu apelo chegasse à unidade de carros ingleses. Desse fato, tirei dois ensinamentos: o primeiro, a respeito de como é desagradável a tropa em campo aberto receber inquietação, o que, realmente, tira toda a possibilidade de descanso dos homens; segundo, como é difícil o entendimento entre tropas de línguas e etnias diferentes.

No que respeita ao episódio Collechio-Fornovo de Taro e ao transporte para essa operação, a DIE recebeu a informação de que a 148ª Divisão de Infantaria alemã e a Divisão Bersagliere italiana tentavam escapar para o Norte da Itália. O comando da 1ª DIE, considerando que a Infantaria não tinha meios próprios de deslocamento, passou a usar as viaturas da Artilharia para o transporte da tropa. Assim, os veículos

da Artilharia passaram dois dias transportando as tropas da Infantaria, para que fosse possível barrar a retirada do inimigo. De fato, em Collechio, o inimigo foi detido e, depois, recalcado para Fornovo. A única Bateria que deu apoio a essa operação foi a 2ª Bateria do nosso Grupo, que, em conseqüência, foi a que disparou os últimos tiros da guerra, na Itália.

Porém, a 1ª Bateria também esteve no local e, nessa ocasião, fez um perigoso deslocamento de flanco e ocupou posição, numa área totalmente desprotegida de elementos de infantaria e mesmo sem fazer reconhecimento. A despeito de tudo isso, a Bateria não precisou atirar, porque o inimigo acabou se rendendo.

Outro aspecto interessante que gostaria de destacar na rendição da 148ª Divisão alemã é o da existência de um contingente numeroso de orientais, acredito que mongóis ou tártaros. Creio que se tratava de gente proveniente da União Soviética, arregimentados pelos alemães, quando invadiram aquele país. Pelo que observei, o efetivo era da ordem de um batalhão, mas segundo o Coronel Amerino Raposo Filho deveriam ser cerca de dois batalhões. Foi um espetáculo estranho e inesperado no desfile da rendição, pois ninguém pensava encontrar orientais marchando enquadrados pela tropa alemã.

Terminada a guerra, vivemos um episódio que intitulei: “fogo nos colchões velhos e na munição oculta”. Ficamos acantonados numa escola em Broni, uma pequena cidade do Norte da Itália. Nessa escola havia uma área aberta, bem ampla, e, no meio desse enorme pátio, uma pilha de colchões bastante usados. Instalamo-nos e cada um tratou de colocar os seus pertences na área designada, para uma permanência mais dilatada, porque, com o término da guerra, teríamos que aguardar a oportunidade de regresso à Pátria.

Logo no dia seguinte, estávamos reunidos, conversando, sentados nas camas de nosso alojamento, que confrontava com esse pátio, quando notamos que alguém botou fogo naqueles colchões velhos. Deixaram, entretanto, de verificar o que havia embaixo. O fato é que, sob os colchões, estava um grande número de caixas de munição, que começaram imediatamente a pipocar; parecia um tiroteio, intensíssimo, caixas e mais caixas de munição queimando, com violentas explosões. O fato interessante, que eu chamei de “banalização do perigo”, é que depois de certo tempo convivendo com o perigo, as pessoas passam a desprezá-lo, como se fosse coisa corriqueira. Em volta do fogaréu, onde as caixas de munição explodiam a todo momento, estavam os soldados como se aquilo fosse uma fogueira de São João. Ninguém pensou que lá dentro pudesse haver um explosivo mais violento, capaz de causar uma ação destrutiva intensa. Nós, que estávamos conversando, assim continuamos, sem dar atenção ao problema. Comparo isso a certos espetáculos que estamos presenciando, ultimamente,

em que os homens nos são mostrados convivendo com o perigo, sem demonstrar preocupação ou perplexidade, como nas guerras do Líbano, da Bósnia e em vários países africanos. Temos visto as populações civis, até mesmo crianças e velhos, submetidas a tiroteios e mesmo a bombardeios de Artilharia, deslocando-se com a maior naturalidade. Isso é o hábito, o costume de lidar, a todo momento, com o perigo, que passa a ser uma coisa natural.

No que concerne ao meu batismo de fogo, devo dizer que ele se deu logo na primeira missão que recebi na Europa, ainda como excedente da 3ª Bateria, quando fui designado Observador Avançado junto ao destacamento Coronel Nelson de Mello. Naquela ocasião, quando me apresentei ao elemento que deveria apoiar, notei que, da posição em que me encontrava, não havia a menor possibilidade de observar o lado inimigo ou a "terra de ninguém". Só encontrei um jeito para resolver o problema: atravessar o terreno arado, à nossa frente, sem contar, todavia, com qualquer vegetação que me protegesse. O deslocamento pela direita era impossível, uma vez que havia um imenso precipício. Dessa forma, a solução encontrada foi atravessar o campo em linha reta, debaixo do fogo inimigo, o qual, encastelado no Soprassasso, possuía pleno domínio de vista sobre toda a região.

Então, passei a atravessar aquele trecho até o local do observatório, andando debaixo do fogo dos morteiros inimigos, porque o terreno muito fofo não nos deixava correr. As granadas vinham sempre "avisando" a sua chegada pelo barulho característico, levando-nos , no momento preciso, a nos deitar. E assim fomos progredindo, deitando e levantando, de modo que as granadas batiam no solo, deslocavam uma quantidade de terra, na vertical, e não atingiam ninguém. Diariamente, durante três ou quatro dias, passamos por esse campo, recebendo tiros de morteiro, sem que nada acontecesse comigo ou com meu auxiliar, e mesmo com o material que transportávamos. Este foi o meu batismo de fogo.

Diante desse relato, a primeira pergunta que se pode fazer é: Por que eu não permanecia no observatório ou não me deslocava à noite? Muito simples; meu observatório era visitado todas as noites pelas patrulhas do inimigo. Então, não havia como permanecer lá, sozinho. Assim, quando escurecia, eu voltava para a minha posição, junto à Companhia de Infantaria. E, quando estava para clarear, me deslocava novamente para o posto de observação.

Dentre os requisitos básicos que devem ser obedecidos para a escolha da posição a ser ocupada pelo Observador Avançado, cito, em primeiro lugar, a existência de condições para observar o território inimigo e a "terra de ninguém"; segundo, a indispensável manutenção de contato com a unidade apoiada. Geralmente, isso se faz através do Oficial-de-ligação (O Lig), mas, muitas vezes, eu mesmo atuei sem a

interposição desse oficial, ligando-me diretamente ao Comandante do Batalhão ou à Companhia que estava apoiando. Essas duas condições são impositivas para que o Observador Avançado possa exercer a sua função.

Quanto à idéia de que a retaguarda é mais segura do que os locais na frente de combate, devo dizer que essa impressão é relativa, conforme verifiquei por onde andei, como Observador Avançado. Na realidade, durante a guerra na Itália, o inimigo praticamente não exercia nenhuma ação aérea sobre nós. A aviação inimiga não tinha mais condições de atuar na retaguarda de nossas tropas, de maneira que fomos, quanto a isso, altamente beneficiados, ainda que ela pudesse atirar lá atrás com os canhões de grosso calibre.

Em uma das visitas que fiz à nossa Bateria de Serviços, localizada bem à retaguarda, companheiros me mostraram as crateras abertas pelos canhões de 170mm inimigos, tão grandes que dariam para alojar uma viatura inteira.

Outro episódio que passo a narrar diz respeito a uma das minhas idas à retaguarda. Na volta, ao passar pelo PC do Grupo, antes de voltar para o meu observatório, alguém me alertou de que o inimigo estaria atirando com espoleta de tempo, na curva da estrada. O PC do Grupo ficava num local denominado Roqueta Matei; era um castelo que fora, de um lado, duramente atingido, mas, do outro, havia alguns compartimentos preservados, onde se encontravam os órgãos do Comando.

Esta construção ficava em uma espécie de promontório, a partir do qual a área era totalmente batida pelos fogos do inimigo, na curva da estrada. Como estava acostumado, no meu observatório, a receber tiro a todo momento, não dei tanta importância ao aviso e fui prosseguindo normalmente. Todavia, na hora de passar pelo ponto crítico, sobre o qual fora alertado, limite entre a área batida pelo inimigo e a que não recebia fogos, procurei acelerar ao máximo a viatura. Entretanto, por coincidência ou não, o fato é que explodiu, à minha frente e extremamente próximo, uma rajada de quatro tiros, em tempo. Vi, nitidamente, as "esferas pretas" estourando, umas muito próximas, outras um pouco mais afastadas. Afortunadamente, não fui atingido. No ponto em que a granadas explodiram e na situação em que se encontrava a minha viatura, alguns estilhaços teriam que nos atingir, fatalmente. Vi apenas umas bolas pretas na minha frente, crescendo. Consegui frear o jipe e voltei como pude até a área desenfiada dos tiros inimigos. Com isso, quero demonstrar que os nossos companheiros que atuavam na retaguarda, nos Postos de Comando e nos órgãos de suprimento, não estavam livres de correr grandes riscos também.

Recordo um fato ocorrido por ocasião da missão que cumpri, em Castelnuovo, junto à 3ª Companhia do I Batalhão do 6º RI, que se encontrava com o 1º Escalão. Terminada aquela missão, o Capitão Comandante da referida subunidade surpreen-

deu-me, quando passou com a sua tropa onde eu aguardava o transporte para o PC do Grupo, após ter transmitido as funções de Observador Avançado para um tenente da 10ª Divisão de Montanha. Tudo ocorreu da seguinte maneira: estava à beira da estrada, quando vi a aproximação de uma tropa que vinha da frente para a retaguarda, marchando. Reconheci-a como sendo a da 3ª Companhia, com a qual atuara no ataque. O capitão, ao me ver, comandou alto e volvendo a direção da tropa, dirigiu-me algumas palavras elogiosas pela minha atuação e a da Artilharia, ressaltando a eficácia do apoio recebido. O capitão foi muito generoso em sua manifestação e, diante daquele fato, da surpresa do momento, a única coisa que me ocorreu fazer foi um comovido gesto de continência, em sinal de agradecimento.

Dentre todos os elogios da minha carreira na vida militar, foi o gesto do Capitão Comandante da 3ª Companhia de Infantaria, essa forma de agradecimento sensível, que mais me comoveu, tocando-me profundamente. Primeiro, porque foi um fato absolutamente inesperado; segundo, porque foi uma manifestação feita ainda no calor da ação, logo em seguida aos acontecimentos.

Lembro-me como foi salva, ou quase salva, minha refeição em Monte Belvedere. Estava conversando com um companheiro meu, que não via há muito tempo, o Tenente Monção Soares, da minha turma, recentemente falecido, no posto de General. Conversávamos animadamente no topo do Monte Belvedere, quando me lembrei, lá pelas tantas, de mandar apanhar a minha refeição. Chamei o soldado auxiliar, que foi até o rancho da Companhia de Infantaria junto à qual estava destacado na ocasião, para me trazer a refeição, que por sinal demorou muito a chegar. Quando recebi a marmita, a fome era muita. Segurei-a com a mão esquerda e continuei a conversar com o companheiro. Percebemos, então, que uma granada de artilharia estava se aproximando, e que iria cair, fatalmente, naquele local. Imediatamente nós, que já estávamos com os ouvidos perfeitamente aguçados, nos lançamos numa sapa (buraco cavado no terreno para abrigo), deixada pelos alemães, em frente ao sítio onde nos encontrávamos. Aí, eu, a duras penas, segurando a marmita com a mão esquerda e apoiando o corpo com a direita, consegui equilibrar-me e, ao mesmo tempo, salvar a refeição. Nesse momento, outra granada detonou muito próxima, levantando um torrão de terra que caiu exatamente em cima da marmita. Estava escrito que não haveria almoço naquele dia. Foi um fato interessante. Saímos sãos e salvos.

Gostaria de falar, agora, sobre a ação de patrulha, que é, a meu ver, seguramente, a ação cometida à Infantaria mais arriscada, mais perigosa e mais insegura, porque, quando vai ao encontro do inimigo, não sabe exatamente onde ele se encontra, não tem a noção exata de sua posição. Dessa forma, a patrulha corre um risco

muito grande. Em determinados momentos da fase ofensiva, em que as linhas flutuavam muito, os Comandantes de Infantaria eram obrigados a mandar, freqüentemente, patrulhas à frente para reconhecer as posições do inimigo e aquilatar o seu poder de combate. Nessas ocasiões, quase sempre, a Infantaria nos pedia apoio de Artilharia, porque a patrulha poderia ser, a qualquer momento, surpreendida e devíamos estar em condições de apoiá-la.

No que tange à participação do nosso Grupo no ataque a Monte Castelo, devo lembrar que a Unidade normalmente se encontrava na extrema direita do setor divisionário, embora Monte Castelo ficasse bem à nossa esquerda. Entretanto, em dois ataques realizados naquela região, o nosso Grupo teve que atuar em Reforço de Fogos à Unidade que estava apoiando diretamente o ataque. Pois bem, o Grupo, sem prejuízo da missão anterior de apoio ao 6º RI, cumpriu essa outra, em uma frente de mais de 1.400 milésimos e se houve muito bem, chegando a disparar na ocasião 3.700 tiros e realizar 185 missões de tiro, sem deixar de apoiar o 6º RI.

No que se refere ao apoio do III Grupo em Montese, segundo o boletim da Unidade que relata as atividades durante a guerra na Itália, a Organização Militar (OM) teve que empregar cinco oficiais-de-ligação e cerca de 13 Observadores Avançados. Bem, na ocasião foram disparados nove mil tiros. Foi o maior bombardeio de Artilharia, segundo a opinião de alguns prisioneiros de guerra. Na verdade, foi o segundo maior bombardeio realizado em toda a Itália, somente ultrapassado pela tomada de Monte Cassino, que era uma forte posição de resistência mantida pelos alemães, ao Sul de Roma.

Outro trabalho importante, realizado na ocasião pelo Grupo, foi o de remuniciamento, tendo sido transportados para a posição dez mil tiros, num exaustivo e permanente movimento das viaturas até a retaguarda. Podemos considerar esse transporte como uma considerável operação logística, em nível Unidade, o que demandou um grande contingente de pessoal para realizar, a tempo e a hora, a pesada tarefa.

A respeito do desempenho em campanha dos nossos profissionais – oficiais e graduados –, especialmente de Artilharia, devo dizer que, na minha opinião, foi um sucesso, a despeito do treinamento incompleto. Basta dizer que o primeiro tiro que conduzi foi em plena guerra. Não tive ocasião, no Brasil, nas escolas de fogo, de conduzir um tiro sozinho. Geralmente, a escola de fogo era realizada de maneira que os tenentes dessem um comando ou outro, uma vez que um instrutor a dirigia fazendo perguntas aos oficiais. Conduzir um tiro completo, só em plena guerra. Entretanto, os oficiais e praças, pelo menos na Artilharia, tiveram desempenho muito bom, não constando que houvessem cometido qualquer erro grosseiro.

Vale dizer, ainda que pareça estranho, que convivi muito pouco no âmbito da minha Bateria, porquanto ora estava na frente como Observador Avançado, ora estava em descanso na retaguarda, mas, no tocante ao tiro propriamente dito, o apoio foi magnífico e as Baterias do III Grupo se houveram muito bem. Em todas as missões de tiro, exceto naquela ocasião em que houve um incêndio que obrigou a troca de parte do material da subunidade, a nossa Bateria portou-se de forma elogiável, assim como o restante do Grupo.

Durante a campanha dos Apeninos, um dos pontos que gostaria de abordar diz respeito ao chamado "luar artificial", que para nós era uma novidade. Em noites escuras, os projetores da Artilharia Antiaérea apontados na direção das nuvens, com os fachos refletidos, produziam um luar artificial muito intenso, semelhante ao da Lua Cheia.

Outro aspecto interessante foi o da "neblina artificial" com o propósito de cegar o inimigo, que ocupava todas as posições dominantes da região, o que permitia que todo e qualquer movimento, a partir das posições de Artilharia, se fizesse, praticamente, debaixo das vistas do inimigo. O IV Corpo, então, utilizava seus geradores de fumaça, que produziam a chamada "neblina artificial", para cobrir os nossos deslocamentos. Tais geradores atuavam, particularmente, nas regiões de pontes, onde o movimento era intenso e sempre sob o fogo do inimigo. Dessa forma, a "neblina artificial" era o grande trunfo para dificultar a ação alemã sobre esses pontos.

Como fato singular, vivido pelo Grupo em Collechio e Fornovo, podemos relatar que a 2ª Bateria do nosso Grupo foi a subunidade de Artilharia que cumpriu a última missão de tiro na campanha da Itália. A nossa Bateria, por outro lado, ocupou posição em Collechio, após realizarmos um perigoso deslocamento pelo flanco, para entrar em posição. No entanto, não foi necessário atirar, porque o inimigo já se entregara. Gostaria de enfatizar que a rendição se deu com muita ordem e disciplina, o que mostra que os alemães levavam muito a sério esses aspectos da vida militar.

Um fato interessante que está me ocorrendo agora é que, uma vez, vi um italiano, em tom de zombaria, referir-se aos alemães dizendo que eles são engraçados, pois saem do buraco enlameados pela manhã, escovam a roupa, engraxam os sapatos, fazem a barba e novamente entram no buraco cheio de lama. Isso, na opinião de um civil italiano, pode ser engraçado, mas para nós, militares, denota o alto grau de seriedade com que eles encaram o aspecto psicológico, porque o fato de limpar os sapatos, escovar a roupa, fazer a barba mantém o moral do homem elevado. Parece uma coisa trivial, mas é da maior importância em termos de uma ação em campanha.

Sem dúvida, o que mais me impressionou foi o desembaraço, a inventividade e a capacidade de adaptação da tropa brasileira, verificados em todas as situações de campanha, inclusive, na dura realidade dos invernos rigorosos, da neve, que quase a totalidade do efetivo, a não ser algum gaúcho, jamais havia enfrentado. Em muito pouco tempo estava totalmente afeita ao novo quadro, como se fosse coisa natural e corriqueira. Dessa maneira, chamou-me a atenção a capacidade demonstrada pelo brasileiro para adaptar-se às situações difíceis e diversificadas. Aliás, trata-se de uma das grandes virtudes do nosso povo, evidenciada, em toda a sua expressão, na dura realidade da guerra.

Com relação às lembranças inesquecíveis vividas na Europa, após o fim das hostilidades, cito em primeiro lugar a euforia do povo, após o término da guerra; creio que isso ocorreu em todo o mundo, principalmente entre os povos envolvidos diretamente no conflito; em segundo lugar, faço uma referência ao melancólico fim do fascismo, simbolizado pelo fuzilamento de Mussolini, de Clara Petacci, sua amante, além de mais três ou quatro elementos de seu relacionamento pessoal. Eles foram fuzilados pelos "partisans", levados pelas ruas de Milão e pendurados pelos pés, numa espécie de pórtico que havia num posto de gasolina, expostos à execração pública. Eu e alguns outros companheiros chegamos a Milão exatamente no dia seguinte, quando esses corpos já haviam sido retirados. Não chegamos a ver a cena, mas as fotos, na ocasião, existiam em grande quantidade, além de se ouvir muitos comentários em torno do assunto. Logo que a tropa aliada atingiu o local, os corpos foram retirados e, assim, desfeito aquele cenário.

Ainda sobre a Campanha, devo ressaltar a pletora de recursos de que dispunha o Exército americano, com a qual fomos evidentemente beneficiados, porque fazíamos parte da tropa. Impressionou-me vivamente. Pude sentir isso de perto, quando ia de Porreta Terme para Florença e passava por um trecho da estrada em que havia um imenso depósito, ao longo do qual andávamos por vários quilômetros.

Graças a isso, pudemos, por exemplo, substituir dois obuseiros num mesmo dia, após uma ida rápida de especialistas do depósito à nossa Bateria. Assim acontecia com qualquer tipo de material, viaturas e tudo mais, o que a todos impressionava profundamente. Por aí aquilatava-se o poderio econômico dos Estados Unidos da América. Nenhum outro país do mundo teria condições de realizar um apoio logístico naquelas proporções.

No Natal, por exemplo, foi servido peru para toda a tropa americana e brasileira. É um hábito deles, de forma que isso foi feito com a maior naturalidade.

Com o término da guerra, ficamos acampados nas imediações de Nápoles, na região denominada Francolise, onde passamos mais de um mês com calor muito

forte. Permanecíamos o tempo todo de calção de ginástica, uma vez que a temperatura era realmente muito alta, tão quente quanto o maior calor que já sentíramos no Brasil.

E chegou, então, a hora do regresso.

Durante a estada nesse local, perguntaram-nos quem desejaria retornar ao Brasil por via aérea; eu me candidatei, de maneira que embarcamos num avião, nas imediações de Nápoles, com escalas na África do Norte, em Oran, Argel e, finalmente, aterragem em Casablanca, onde mudamos de avião para atravessar o Atlântico. Em Casablanca, permanecemos mais ou menos uma semana; findo esse tempo, cruzamos o Atlântico num quadrimotor e pousamos na Base Aérea de Parnamirim, no Rio Grande do Norte. Em Parnamirim, ficamos alguns dias e, finalmente, pude voar para São Paulo, encerrando, dessa forma, a minha atuação na Segunda Guerra Mundial. Apesar de ter vindo de avião, acabei chegando quase junto com o contingente embarcado em navio.

A última das minhas reminiscências, dedico ao nosso comandante, Tenente-Coronel José de Souza Carvalho. A despeito de não possuir o curso de Estado-Maior, teve um excelente, um magnífico desempenho, tanto é que a sua unidade, o III Grupo, foi a que maiores e mais destacadas missões cumpriu durante toda a guerra. O Grupo sobressaiu-se, principalmente, no ataque a Montese, que foi, a meu ver, uma das ações mais importantes desenvolvidas na campanha da FEB na Itália. O Tenente-Coronel Souza Carvalho, mais tarde General, era um homem extremamente aberto, de relacionamento fácil, deixava os seus oficiais totalmente à vontade. Não obstante, era muito respeitado e gozava de especial consideração da parte de todos. Foi a maior liderança que conheci na paz e na guerra. Por causa disso, o Grupo sempre se destacou em todas as missões que cumpriu.

A respeito da recepção do povo brasileiro à FEB, no seu regresso, devo dizer que foi apoteótica. Evidentemente nunca houve, no Brasil, uma manifestação popular maior que a do desembarque da FEB, na volta da Europa. Já tive ocasião de dizer que voltei de avião e não participei dessa solenidade, mas todos tiveram conhecimento através de relatos, filmes etc. Desta forma, o povo recebeu os febianos muito bem em todas as localidades do Brasil. Em qualquer lugar de onde tenha saído um expedicionário, houve uma inolvidável recepção.

Da parte do Exército, os acontecimentos não foram bem assim. Basta dizer que essa nossa entrevista, que deveria ser tomada há cinqüenta anos, há meio século, só agora está sendo realizada. Sei também, por exemplo, pelo Coronel Amerino, do impedimento de homenagens com relação a heróis mortos da Força Expedicionária Brasileira, dentro da Escola Militar de Resende. Lamentavelmente houve isso,

embora não veja explicação, nem justificativa, senão um tipo de ciúme completamente descabido e fora de propósito.

Como mensagem final, afirmo que a Força Expedicionária Brasileira foi fator determinante para maior evolução do Exército, desde a Guerra do Paraguai. Indubitavelmente, o proveito foi enorme; não só para o Exército, como também para a Marinha e para a Aeronáutica abriram-se novas perspectivas. Mostrou-se importante para a evolução política do Brasil, tanto é que o regresso da FEB precipitou a redemocratização do País.

Tenho plena consciência de que a FEB, em particular a Artilharia, cumpriu integralmente a sua missão, de maneira destacada, apesar das dificuldades de toda ordem.

Coronel Moacir Véras*

Natural da cidade de Fortaleza, Ceará, pertence à turma de novembro de 1944, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu a função de Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses da FEB. Apresentou-se como voluntário para a guerra ainda cadete, tendo sido designado para o Depósito de Recompletamento de Pessoal e, posteriormente, mandado integrar um dos Grupos da Artilharia Divisionária da 1ª DIE. Seu batismo de fogo deu-se em Montese, em 17 de abril de 1945. Ao retornar ao Brasil, permaneceu no mesmo Grupo, em Taubaté, até o início de 1946. Realizou os seguintes cursos como oficial: Educação Física, Motomecanização, Aperfeiçoamento de Oficiais e o de Comando e Estado-Maior do Exército. Foi instrutor da Escola Preparatória de Cadetes, em São Paulo, e da Escola de Motomecanização, no Rio de Janeiro. Quando servia no Estado-Maior da 1ª Região Militar, no posto de Tenente-Coronel, solicitou transferência para a reserva. Posteriormente, na vida civil, ocupou importantes cargos dos quais destacamos os de Professor e Diretor da Faculdade de Economia da Universidade Gama Filho, da qual foi, também, Vice-Reitor. Exerceu, ainda, as funções de economista na Itaipu Binacional. Recebeu as medalhas de Campanha e de Guerra, pela sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 4 de maio de 2000.

Quando fui declarado Aspirante, no dia 4 de novembro de 1944, já havia me apresentado como voluntário para a Força Expedicionária Brasileira. Não tendo sido aproveitado de imediato, fui classificado no 5º Regimento de Artilharia Montada (5º RAM) em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Apresentei-me lá no dia 7 de dezembro de 1944 e, no dia 20 desse mesmo mês, recebi um rádio informando que havia sido transferido para o Centro de Recompletamento de Pessoal da FEB, com urgência na apresentação.

No mesmo dia à noite, embarquei de trem para Porto Alegre e, no dia seguinte, segui de avião para o Rio de Janeiro, onde estava o Centro de Recompletamento da FEB.

O referido Centro estava acantonado no morro do Capistrano, na Vila Militar. Diariamente, chegavam contingentes dos mais diversos lugares do País, pessoal de qualidade cada vez mais precária, dando-nos a impressão de que eram pessoas indesejáveis em seus quartéis e que eram descartadas para a FEB, apesar de não serem voluntárias. Além dos programas de vacinação e exame de saúde, havia, para o pessoal do Centro de Recompletamento, educação física, ordem unida e algumas marchas, mas nenhum exercício de maior vulto, preparatório para a campanha que se avizinhava. Explica-se, acredito eu, pelo desconhecimento do tipo de conflito que iríamos encontrar lá na Itália.

Só fomos ter exercícios ligados diretamente à guerra ao chegar à Itália, porque o armamento era diferente e porque somente lá obtivemos informações sobre o inimigo, equipamento, uniforme etc.

Permanecemos cerca de quarenta dias em Stafolli, onde ficava o Depósito da FEB, e lá recebemos instruções sobre armamento, minas, gases. Sobre uniformes e viaturas, aprendemos a estabelecer a diferença entre os dos inimigos e os nossos, os aliados. Considerei a preparação muito boa, principalmente esse contato com o novo armamento. Nós aqui, no Brasil, tínhamos armas ultrapassadas, algumas, ainda, da Primeira Guerra, e o nosso sistema de instrução, calcado na escola francesa, era completamente diferente.

O transporte da tropa para o Teatro de Operações trouxe um dos grandes choques de costumes que experimentei na minha vida. No navio, os sanitários não tinham portas, eram completamente abertos e isso se explica, porque, se o navio fosse torpedeado, aquelas portas poderiam emperrar e alguém que estivesse dentro do sanitário ficaria preso ali e morreria afogado, sem condição de esboçar reação.

Depois, nos acampamentos na Itália, os sanitários eram enfileirados e sem nenhuma distinção de posto ou graduação. Então, você tinha o tenente e o coronel usando o mesmo conjunto de sanitários. Isso para nós foi um choque de costumes muito grande.

Outro problema era o da refeição. Durante os 14 dias de viagem, gastos do Brasil até o Porto de Nápoles, tínhamos apenas uma por dia, quando estávamos acostumados a três. Essa refeição única levava o dia todo para ser servida, porque o contingente era muito grande, cerca de cinco mil homens. Assim, não havia condições de o pessoal do navio atender a esse número de pessoas de uma única vez.

Existia, portanto, uma escala a ser obedecida. Uns faziam a refeição às oito horas da manhã, outros, às quatro horas da tarde e assim por diante. Apenas o pessoal de serviço fazia duas refeições, mas a maioria era uma só. No meu caso, por exemplo, era às oito horas da manhã, e a próxima, só no dia seguinte, no mesmo horário. Para nós, foi um choque terrível.

Por outro lado, o contingente de soldados era muito heterogêneo e nós, oficiais, não tínhamos nenhuma ascendência sobre eles, porque não os conhecíamos. Eles foram chegando do Nordeste, do Centro-Oeste, enfim, eram das regiões as mais diversas e a situação em que ficavam nos porões do navio, dormindo em redes, com o calor do mês de fevereiro, trouxe muito problema. Nós, oficiais subalternos, é que dávamos plantão nesses porões, ligados diretamente a eles e ouvindo reclamações constantes, ora da comida, ora da refeição única, ora do desconforto, da rede etc. Muita gente nunca tinha dormido em rede. Isso causou problemas que nós tivemos que enfrentar várias vezes, com paciência e bom senso.

Quando desembarcamos em Nápoles, outro fato interessante nos surpreenderia. Foi-nos oferecido um banho. Como havia possibilidade de uma epidemia de tifo que é transmitida pelo piolho, muito comum na Europa, fizeram-nos tomar um banho desinfetante. Todo mundo tomou esse banho, do soldado ao oficial, inclusive colocavam um pó em nossa cabeça. A água, que devia ser quente, acabava um pouco fria. Foi um outro impacto para nós, aquele banho coletivo.

À noite, um avião de reconhecimento alemão sobrevoou o nosso acantonamento em Nápoles, e uma bateria soltou uns *very ligth* para iluminar e naturalmente tirar fotografia, enquanto uma bateria inglesa, que estava em posição muito próxima, começou a atirar. A soldadesca entrou em pânico! Começaram a nos procurar para saber o que fazer, como fazer, para onde ir. Foi aí que nós reassumimos o comando, porque eles começaram a sentir a realidade da guerra e a necessidade de assumir comportamentos padronizados. Viram a importância de haver chefe, de se confiar em alguém; você não pode ser independente.

Depois daquela longa permanência em Stafolli, onde tivemos oportunidade de fazer diversos cursos, fomos deslocados e classificados na Artilharia Divisionária (AD) da FEB, pouco antes da Ofensiva da Primavera. Éramos sete Aspirantes da turma de 1944 da ativa e um Aspirante do Centro de Preparação de Oficiais da

Reserva (CPOR), o Aspirante Vasco. Eles distribuíram os oito aspirantes pelos quatro grupos, dois em cada grupo e eu fui para a 2ª Bateria do Grupo Souza Carvalho, comandada pelo Capitão Valmiki Erichsen.

Após almoçar na AD, seguimos para a Bateria. Quando chegamos, o Capitão Valmiki, ao nos receber, disse para mim e para o Aspirante Tancredo Jubé, classificados na sua Bateria: “O alemão está ali em cima, naquela elevação.” Olhei para o Capitão e disse para mim mesmo: “Estou levando trote de Aspirante. Como é que o alemão pode estar ali tão pertinho? Mas, tudo bem.”

Daqui a pouco, vem o cabo do rancho e pergunta: “Capitão, o senhor vai servir o jantar antes ou depois do bombardeio?” Pensei: “Mais outro trote.” Bom, o Capitão disse: “Depois do bombardeio.” Logo depois, não é que veio o bombardeio mesmo! Aí, bota o capacete de aço, sai correndo para o *fox hole*... até que aquele bombardeio parou. Em seguida, foi servido o jantar.

A guerra é isso? Como é essa guerra?

O Capitão sabe que o inimigo está ali em cima e marca a hora do bombardeio... Isto está muito esquisito! O nosso “batismo de fogo” com hora marcada!

Como o efetivo da Bateria estivesse completo, nós ficamos como adidos e eu fui designado para ser o Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo, que era o 1º Tenente Amerino Raposo Filho.

Nessa noite, a missão era fazer um tiro de inquietação em cima daquela elevação que estava ali na frente. O Tenente Raposo, mais antigo, escolheu o quarto dele e eu, que já tinha recebido a minha cama-saco, fui ver se tirava um soninho para pegar o meu horário depois.

Porém, ao entrar naquele saco pensei: “Se o alemão que está ali em cima, pertinho, resolve descer e vir aqui, como vou reagir dentro desse saco, na posição de sentido, com a cabeça coberta?” Aliás, diga-se de passagem, o saco era extraordinário, muito bom, você podia dormir perfeitamente, porque era impermeável por fora e, por dentro, forrado de lã, que diziam ser de carneiro. Era quente, protetor, ótimo para se dormir, até na neve. Fiquei lá dentro em “posição de sentido” e aí me lembrei do alemão, que poderia vir ali meter-me o pé no peito, meter-me uma bala na garganta e eu morreria dentro do saco.

Decidi sair do mesmo, ficando só com as pernas no seu interior, e fumei o primeiro cigarro da minha vida. Tinha 21 anos, feitos em novembro. Recebíamos todos os dias nas refeições, tanto no almoço como no jantar, uma carteira de cigarros que servia de moeda para pagar lavagem de roupa, para comprar, enfim, diversas coisas. Assim, fumei o primeiro cigarro e, olha, continuei depois durante trinta anos. Para me ver livre, não foi fácil.

Tenho a impressão de que fumei para afastar o medo. Dizer que ninguém tem medo é mentira, tem-se medo sim. Pode-se não demonstrá-lo, contê-lo, superá-lo e até chegar a ações de heroísmo. Se bem que há muito heroísmo que é reação ao medo.

Considerando que o nosso treinamento foi insuficiente, pois tivemos que partir, conhecendo apenas um equipamento e um material já, de certa forma, obsoleto, classifico o desempenho dos nossos oficiais e graduados, durante a campanha, como surpreendente.

Hoje, não tenho dúvida alguma de que o nosso povo é inteligente e tem uma facilidade de adaptação tremenda. É impressionante observar-se um nordestino que nunca viu neve na vida, que nunca fez um exercício sequer em terreno montanhoso, subindo montanha, descendo montanha. No Nordeste, não são freqüentes as montanhas e os vimos subindo montanhas de galochas, usadas por causa da neve, com uma tremenda desenvoltura, enfrentando, com destemor, as vicissitudes.

O nosso soldado foi extraordinário e sempre com bom humor; ninguém se queixava de nada; aquele armamento, para a época muito sofisticado, automático, era muito diferente do nosso de repetição e ele adaptou-se; inclusive a alimentação, porque nós recebíamos a comida do americano, cuja dieta é muito diferente da nossa, soube adaptar-se àqueles *corned beef*, àquela “coisa”, embora acostumado a comer feijão com arroz, que tanto lhe fazia falta. O nosso soldado foi fabuloso, excepcional sob todos os aspectos. Cumpriu a missão excelentemente e aprendeu tudo com rapidez.

Alguns pagaram caro. Eu tinha medo da mina, que é uma coisa terrível, traiçoeira e covarde, porque não se sabe onde ela está, se enterrada ou de uma maneira camuflada. Você pisou, você... Havia um tipo que arrancava só o pé, era a chamada *Schulzmine*. Havia uma outra, chamada castralete, que era uma chuva de pedrinhas que pegava o cidadão entre as pernas. Era terrível! Havia o *Bob-Trap:* o alemão deixava a armadilha sob capacetes ou em vários tipos de recordações, que atraíam as pessoas. Tudo era feito para o combatente se entusiasmar, pegar e quando levantava o capacete ou o “recuerdo”, estourava uma mina. Tínhamos que tomar cuidado. Sobre isso, fomos alertados lá em Stafolli, quando fizemos o curso: “Não pegue nada que o encantar! Capacete, armamento, não pegue! Deixe isso por conta do pelotão de minas. Ele vai ver se há alguma coisa.”

Uma ação traiçoeira do alemão que me impressionou muito foi a seguinte: as viaturas deveriam ter um protetor no pára-brisa para evitar o reflexo do Sol, para não sermos localizados; o fato é que o pára-brisa era rebaixado. O motorista e o que viajasse a seu lado ficavam desprotegidos. Então, os alemães colocavam um arame atravessando a estrada que simplesmente degolava; você passava e não via o arame.

Para nos proteger disso, a FEB e os americanos, de um modo geral, passaram a colocar na frente da viatura um ferro com um gancho que pegava logo no arame, partindo-o ou dando aquele tranco. Parávamos então porque sabíamos que havia um arame ali. Sabe o que os alemães fizeram? De um lado fixava; do outro, eles colocavam uma granada dentro de uma latinha. Quando o ferro batia, puxava a granada que ia estourar exatamente na nuca. A artimanha foi largamente utilizada por aqueles combatentes, maduros e inteligentes, com muito mais experiência do que nós, porque esses contingentes alemães, que lutavam ali na Itália, já vinham transferidos de outras frentes, portanto com grande experiência de combate. Se bem que houvesse muita gente jovem entre eles, havia também uma boa quantidade de pessoas já idosas.

Era um soldado disciplinado, valente e muito instruído. Quando preso, não falava, não respondia. Não dava informação, quando interrogado. Sempre muito bem fardado, com apresentação impecável.

Na rendição da 148ª Divisão alemã, por exemplo, os oficiais só queriam ser desarmados por outro oficial da mesma patente ou superior. Não admitiam que um sargento tirasse a sua arma. Como não tínhamos gente suficiente para isso, a solução foi depositar o armamento no chão.

Eles não estavam ali para fazer número. Queriam brigar mesmo; eram exímios atiradores de morteiro, arma de uma eficiência fabulosa nas suas mãos. Eles caçavam com o morteiro.

Quanto ao nosso relacionamento com a população local, tenho a dizer que foi muito bom. Naturalmente que o italiano, como povo dominado, enquanto os alemães estavam lá, tratavam-nos bem; quando chegamos, passaram a nos tratar da mesma forma. Todavia, eram maltratados pelos alemães mas, quanto aos brasileiros, viam-nos como libertadores – "*liberatori*" – e nos recebiam com garrafas de vinho pela estrada, durante o aproveitamento do êxito no Vale do Rio Pó. Tratavam-nos, pois, com muito apreço.

Nossa Bateria, toda vez que chegava a uma cidade, mandava fazer bolo de chocolate e promovia bailes no cinema local. Toda cidade do interior da Itália possuía um cineminha e como não havia filme para passar, nessa época, nós o transformávamos num salão de baile, onde se dançava com farta distribuição de bolo de chocolate. Isso atraía a população. Tínhamos o nosso conjunto, a nossa própria bateria, com pandeiro, cavaquinho, violão; era uma festa...

O Exército americano possuía subunidade de lavagem de roupa. Eram lavanderias móveis que chegavam a uma Unidade, recolhiam a roupa suja, lavavam e entregavam-na limpa. A FEB não tinha, então precisávamos lavar a nossa própria

roupa... E quem lavava? As italianas. E como nós pagávamos? Com cigarro, que, como já dissemos, fazia o papel de moeda.

Antes de chegar ao Vale do Rio Pó, na campanha dos Apeninos, Montese foi talvez o combate mais sangrento que a FEB enfrentou; o mais sangrento, sem dúvida; Montese teve, se não me engano, quinhentas e tantas baixas, entre mortos e feridos.

Impressionou-me muito o caminhão GMC de duas toneladas e meia que transportava os mortos para o cemitério de Pistóia. Impressionou-me vê-lo passar na estrada, com um soldado do Pelotão de Sepultamento sentado lá na capota da viatura e aquele monte de corpos dentro do caminhão. Como aquele homem podia conviver com aquilo, com tanta naturalidade? Às vezes até cantando. É o embrutecimento diante da morte, porque esta passa a ser tão freqüente, tão natural. E ali vai o homem cumprindo o seu dever, como membro do Pelotão de Sepultamento, encarregado de transportar os companheiros mortos. Foi uma coisa que me impressionou, porque a gente está acostumado a ver o morto sendo transportado fechado e ali no caminhão, um em cima do outro, aquele punhado de corpos é um negócio, assim, que choca.

Outra coisa que me impressionou ainda nessa oportunidade foi quando eu vi um alemão morto, devido a um tiro de metralhadora .50 no peito. O orifício de estrada era um buraquinho, mas nas costas dele, saíra tudo; as vísceras estavam todas para o lado de fora, praticamente ele não tinha mais as costas. Foi devastador, um dano enorme, uma arma acabou com as costas do homem.

Com a queda de Montese, região de elevações onde estava o fulcro de toda a resistência alemã, eles sabiam e nós também que não havia mais condições, inclusive topográficas, para eles estabelecerem um novo sistema defensivo. Então, quando chegamos a Zocca, começamos a programar o nosso baile lá no cinema da cidade, e, quando estávamos nessa preparação, recebi ordem de formar um comboio com as viaturas das peças e do restante da Bateria, para transportar um Batalhão do 1º RI que estava em Firenzuola D'Arda e ia para San Paolo. Conduzi então a Infantaria nessas viaturas, enquanto me deslocava numa Dodge ¾. A Artilharia precisou abrir mão de suas viaturas em proveito da Infantaria, de modo a permitir o deslocamento mais rápido dos Batalhões, que deveriam novamente buscar contato com o inimigo que retraía velozmente, depois que foram vencidas as suas resistências nos Apeninos, particularmente a de Castelo, com a participação da 10ª Divisão de Montanha, e, finalmente, a de Montese.

Soube-se que os alemães desejavam realizar um deslocamento pela costa oeste da Itália com o objetivo de tentar alcançar os Alpes e, através da Áustria, fugir para a Alemanha. Por isso, veio a ordem para que o 6º RI fosse para Collechio-Fornovo, na intenção de impedir o deslocamento das tropas inimigas em retirada.

Mais tarde, constatamos que, diante da vanguarda brasileira, existiam três Divisões: a 148ª Divisão de Infantaria alemã, uma Divisão de fuzileiros italiana (Bersaglieri Itália) e remanescentes da 90ª Divisão Panzer.

A 2ª Bateria, que havia ficado sem viaturas, acabou recebendo ordens para apoiar o 6º RI, que já estabelecia contato com o inimigo e a situação não estava clara. O deslocamento foi feito utilizando-se os tratores do IV Grupo de Obuses 155mm.

Quando terminei a minha missão lá em San Paolo, levando aquele Batalhão do 1º RI, pensei em voltar para Zocca, pois não sabia o que estava acontecendo. No meio do caminho, deparei-me com a PE americana interceptando os alemães que vinham pela estrada a pé. Ela os colocava dentro dos caminhões e mandava para Modena, onde havia um campo de prisioneiros. Não queria saber se havia disponibilidade nas viaturas; era ordem e estava acabado.

Olha, meu amigo, enchiam o caminhão de maneira impressionante; os alemães iam entrando, entrando e quando eles achavam que estava tudo prontinho, um PE daqueles pegava uma carabina, ameaçava e aí eles chegavam para trás, abrindo espaço para colocar mais gente. Aquilo era como sardinha em lata. E as viaturas que geralmente levavam vinte, vinte e poucos homens, estavam levando quarenta ou cinqüenta, sei lá; era alemão ali dentro que não acabava mais.

Eu, que estava voltando para Zocca, acabei participando desse transporte de prisioneiros para levá-los para Modena, que é completamente diferente do eixo que eu deveria seguir.

E, assim, ficamos dias e noites nessa tarefa, porque a gente ia lá e voltava, ia lá e voltava. A idéia era limpar a estrada, deixando o alemão somente no campo de prisioneiros em Modena, preparado para recebê-los. O campo de Modena era imenso, para dar vazão aos 14.700 homens que se renderam em Collechio-Fornovo.

Mas aí aconteceu uma coisa interessante: o meu cabo motorista, até hoje lembro-me de seu nome, o cabo Ponteli, estava exausto, não dormia há dias, e já titubeava na estrada, indo de um lado para o outro, e o alemão, atrás, com os olhos grandes, diante da possibilidade iminente de um desastre.

Pois bem, eu, que nunca tinha dirigido uma viatura na minha vida, um automóvel sequer, falei para o Ponteli: “Passa para cá que você vai arranjar um acidente já, já”; e assumi a direção da Dodge ¾; dirigi pela primeira vez na minha vida. Os alemães, naturalmente, não sabiam que era a primeira vez que eu estava dirigindo e ficaram mais tranqüilos. Foi essa a minha escola de motorista. Terminada a missão de transportar prisioneiros, fui para Collechio. Cheguei lá sozinho; algumas viaturas do comboio já haviam chegado, outras vieram depois, porque o pessoal, às voltas

com tanto prisioneiro, não podia ver viatura disponível sem empregá-la, de imediato, naquele transporte infindável.

O apoio logístico à tropa foi excelente. Quando ia a um Posto de Suprimento (P Sup) para receber, seja mantimento, seja munição, era tudo certinho, tudo já estava pronto; era só botar no caminhão e ir embora para a Unidade. Tudo funcionava dentro de uma organização excelente.

Em Nápoles, havia um grande P Sup, que chamávamos *Peninsular Base Section* (PBS)[1]. Era uma coisa extraordinária. Tive oportunidade depois de conhecê-lo bem, quando estava participando do embarque do material do Grupo para o Brasil. Mais moderno sempre tem esses “abacaxis”. Então, embarquei viatura, obuseiros, munição, todo o material de nossa Unidade.

Essa PBS tinha de tudo, certinho, no lugar certo: alimentos perecíveis, não perecíveis, estes em maioria. Experimentei lá, em 1945, um leite desidratado que agora está chegando aqui ao Brasil. Não é leite em pó; dele se retira grande parte da água e fica assim como um creme e, então, adiciona-se água e o retransforma em leite. Esse produto já existia naquela época, era uma coisa fabulosa. Não faltava nada.

No nosso Grupo, houve até uma Bateria que teve dois obuseiros incendiados. Foi a 1ª Bateria, e o problema se agravou pela presença de saquitéis das cargas de projeção amontoados na linha de fogo. Eram de tal ordem que alimentaram o incêndio. Quanto a esse aspecto precisava haver muito cuidado, porque eles eram altamente inflamáveis. Em 48 horas, os americanos puseram dois novos obuseiros no lugar, além de outros materiais consumidos no incêndio. O apoio logístico a cargo do americano foi realmente excepcional. Para ganhar a guerra temos que ter tudo.

Quando eu disse que o nosso soldado mostrou-se bastante inteligente, trabalhador, com muita iniciativa, poderia complementar afirmando que ele assumiu o papel que lhe cabia na guerra, tomou para si a parte que lhe tocava. A Bateria era uma equipe na qual pouco se precisava mandar; cada um já sabia o que tinha que fazer e fazia bem. Eram homens fáceis de comandar. O Cap Valmiki, Comandante do padrão do Coronel Souza Carvalho, mostrava-se amigo da tropa, tratava bem oficiais, graduados e soldados. Tinha na mão um punhado de tenentes, todos da turma de 1943, ou da turma na frente da minha, também de 1944, poréa de janeiro, e mais os dois aspirantes que chegaram depois, com seu batismo de fogo em Montese.

Era, portanto, gente jovem, que gosta de dar “palpite”, de contrariar, e ele levava isso tudo de uma maneira fabulosa; no final, estava todo mundo bem. Forma-

[1] Seção de Base Logística Peninsular – Instalação logística do Exército americano.

vam uma família, uma amostragem perfeita do que foi o Grupo. Nosso Cel Souza Carvalho a chamava de “Bateria Jóia”.

Nunca houve alguém que descansasse, quando devesse atuar. Nunca houve alguém que ficasse para trás. A minha Bateria foi um exemplo para mim.

Em toda a campanha da FEB, o que mais impressionou foi, sem dúvida, o soldado, a adaptação do soldado às novas funções e o seu brilhante desempenho numa atividade para a qual não estava suficientemente treinado. Eles se superaram, mas de uma maneira fabulosa, de forma espetacular.

Entre os integrantes da nossa Unidade que merecem um destaque especial, estão pessoas às quais já me referi: o Coronel Souza Carvalho, que era muito mais que um Comandante, era um amigo, que jogava voleibol com a gente, que participava das brincadeiras. Era respeitado e estava sempre pronto a ouvir. Um dos defeitos nossos é não gostar de ouvir os outros, a gente gosta muito de dar ordem, não de ouvir e ele era muito paciente, ouvia. O outro destaque era o Capitão Valmiki Erichsen, principal responsável pela nossa subunidade ser conhecida por “Bateria Jóia”.

Houve só um problema na Bateria, ocorrido após a guerra. Até o dia 8 de Maio, Dia da Vitória, tudo estava bem, todo mundo preocupado com as suas funções etc e tal. Terminada a guerra, pegar um velho combatente e dar ordem unida para ele... criou-se o problema. Foi aí que eu vi a primeira desobediência de um soldado, o Manuel, municiador que carregava duas granadas nos ombros, uma de cada lado. São cerca de trinta quilos. Sempre foi um sujeito formidável; um batuta.

Foi punido depois que a guerra acabou, ainda na Itália, porque, numa sessão de ordem unida, um tenente chamou-lhe a atenção e ele respondeu. O velho soldado, guerreiro, foi, então, punido. Ele não recebeu a Medalha de Campanha. Guarda, até hoje, uma grande mágoa disso, mas é o único, do Rio de Janeiro, que comparece a Barueri, à cerimônia de comemoração da última missão de tiro da Artilharia da FEB, cumprida em Collechio-Fornovo, pela nossa 2ª Bateria. Esse ano ele não foi, porque está doente.

Felizmente, os nossos chefes, na época, tiveram uma boa lembrança. Determinadas Unidades estacionadas em Francolise, perto do litoral, estavam esperando a volta para o Brasil. Pela manhã, a tropa era embarcada nos caminhões e levada para a praia. Lá, apelava-se para o esporte: jogava-mos futebol e handebol, banho de mar à vontade. Retornávamos na hora do almoço; após a refeição, os soldados iam tirar uma “tora”, uma sesta. À noite, havia sessão de cinema. Assim, voltamos novamente a controlar os homens até agosto, quando o Grupo embarcou de volta para o Brasil. Não era possível, como antes, pegar um veterano de guerra e tratá-lo como recruta, dando ordem unida. “Isso não é mais para mim”, era o pensamento dos velhos combatentes.

Voltando à Campanha, pude observar uma verdadeira guerra psicológica dirigida contra nós por parte dos alemães, porque, quando estávamo-nos preparando para a Ofensiva da Primavera, quase diariamente eles jogavam, sobre a nossa tropa, panfletos que diziam: "O que é que você está fazendo aqui? Você tem que ir para o Brasil... Você não tem nada que fazer aqui... Essa guerra não é sua, você não tem nada com isso... Você vai morrer... Pense na sua família" e assim por diante.

Havia também um programa diário de rádio no qual uma mulher, que falava em português – devia ser brasileira –, aconselhava a desistir da guerra e dava más notícias do Brasil: "Lá está faltando isso, faltando aquilo, sua família está com racionamento, não tem o que comer." E perguntava: "Você aqui está sendo bem tratado?" E ia por aí. Apesar dessa guerra psicológica, ela, na verdade, não exercia a menor influência sobre os nossos homens.

Houve um outro fato inusitado, completamente diferente. Estávamos acantonados numa casa, na localidade de Bibiano, antes da Ofensiva da Primavera e só podíamos tomar água com umas pílulas de cloro que a deixavam assim pastosa, sem sabor. Já começava a fazer um calorzinho naquela época. Na casa onde estávamos, havia um poço. Perguntamos ao italiano se dava para beber aquela água. "Dá disse ele, é água boa; pode beber, não há problema." Começamos a tomá-la. Jogava-se o balde lá embaixo e vinha a água, que era fresquinha, muito boa mesmo.

Um dia, o soldado jogou o balde e quando puxou estava pesado. Foi puxando, puxando, já com a ajuda de outros, e sabe o que é que veio no balde? Um subtenente alemão, que estava dentro do poço, morto, naquela água sem cloro. Ainda perplexos, encontramos, no bolso do subtenente, retratos da família, do filho. Foi um quadro horrível, que nunca esquecemos.

Tenho a impressão de que o italiano matou o alemão e o jogou ali dentro. Antes, já tínhamos achado um cadáver por perto e um capacete alemão escondido na lareira...

Para alguns, que andaram apertando o italiano a confessar, aquele subtenente era desertor e nossa tropa vinha avançando... O italiano deve ter dado ordem para ele ir embora, mas ele não quis ir. Não sabendo o que fazer com aquele homem, dentro de sua casa, quando chegassem as tropas aliadas, ele deve ter matado o alemão, jogando o seu corpo no poço e escondeu o capacete lá na lareira, achando que ninguém ia ver.

Há uma outra hipótese: o alemão desertou e acabou suicidando-se, uma vez que a sua situação era extremamente difícil.

Gostaria de dizer que a fase do Aproveitamento do Êxito foi uma coisa, assim, também espetacular, porque a gente entrava nas cidades imediatamente após o alemão

ter se retirado e a população dizia: “Eles acabaram de sair daqui.” Seguiu-se a fase de Perseguição, que culminou com o cerco de três Divisões,duas alemãs e uma italiana.

Após o término da guerra, quando entrei em Milão pela manhã, vi, numa rua central, os corpos de Mussolini e de sua amante Clara Pettacci, pendurados num poste, de cabeça para baixo...

Os dois foram caçados pelos “partisans”, quando fugiam pelos Alpes, e levados para Milão, mortos e pendurados num pórtico, mas depois alguém mandou tirar. Nem sei que destino deram aos corpos. Foi uma coisa também muito chocante aqueles corpos um ao lado do outro.

Com relação à nossa chegada ao Brasil, devo dizer que a recepção do povo foi apoteótica, inesquecível.

No entanto, pelo Exército, não foi o que eu esperava. Não sei se por ciúmes, inveja, ou por receio de que os companheiros da FEB fossem dar carona em todo mundo, promovidos a generais antes dos que não estiveram na Itália. Houve uma reação muito grande, uma vez que os que ficaram eram em número muito maior. Quiseram sufocar a minoria que voltava vitoriosa.

A outra Divisão que estava sendo formada não chegou a embarcar, porque a guerra acabou. Essa turma que não embarcou ficou muito magoada, sentimento que eles guardam até hoje. Porém, de um modo geral, a impressão que eu tinha era a seguinte: a ordem é falar o mínimo possível sobre a FEB; quanto menos falar, melhor. Fomos completamente relegados a um 2º plano. A palavra de ordem era esquecer a FEB, em vez de aproveitar ao máximo os ensinamentos e a experiência adquiridos em combate pelos que retornaram.

Como mensagem final, acho que o Exército, em muito boa hora, resolveu fazer esse programa de história oral, porque, veja bem, eu era o mais jovem oficial do III Grupo, fui para lá como Aspirante, era o porta-bandeira da Unidade, tinha 21 anos, hoje estou com 76. Se demora mais um pouco...

São passados 55 anos. Qualquer demora, não haveria mais ninguém para fazer isso, oralmente. Penso que foi uma oportunidade ótima de resgatar o passado. E vou dizer mais, acho que a escolha do General Nery, para fazer isso, foi outra nota dez, porque o Nery tem-se revelado um amigo da Força Expedicionária Brasileira.

O nosso Grupo foi formado em São Paulo, recebendo o contingente de Itu, Quitaúna e Jundiaí. Ressalte-se que a Bandeira do Grupo foi confeccionada por senhoras paulistas.

Posteriormente, o Monumento aos Veteranos erigido no interior do Grupo Bandeirante, denominação histórica do III Grupo da FEB, foi uma homenagem linda que nós, febianos, agradecemos de coração.

Não sei se é oportuna a referência a um discurso que fiz tempos atrás, em 1961, servindo na 6ª Região Militar. Todos os anos, no Dia da Vitória, 8 de Maio, a Universidade da Bahia fazia uma sessão cívica solene, em que falavam representantes da Marinha, da Aeronáutica e do Exército. Naquele ano, o Comandante da Região, o General João de Almeida Freitas, que esteve na FEB, designou-me para falar em nome do Exército. Os que já assistiram, em anos anteriores, a esta sessão cívica comemorativa do Dia da Vitória, acostumaram-se a ouvir a palavra do Exército, através da pessoa do nosso Comandante de Região, General João de Almeida Freitas, palavras sensatas, equilibradas, experimentadas, de um Chefe astuto, culto e ponderado, com uma existência toda dedicada ao serviço da Pátria e da legalidade, tanto dentro de nossas fronteiras, como fora delas. Quando recebi o honroso convite para ser intérprete do Exército naquela solenidade, só encontrei uma explicação para o mesmo; o General desejava que um Aspirante dissesse como viu a guerra.

Neste final de entrevista, relembro o trecho de minha alocução em que falei de nossa Bandeira, ao abordar a chegada ao Brasil:

– Estamos chegando ao porto; o ambiente era festivo, apito de navio, salva da Artilharia, alegria, gente se acotovelando no cais. Cidade embandeirada, coração aflito para rever entes queridos. O aspirante, já agora 2º tenente, descia a escada de bordo empunhando a Bandeira Brasileira, pois por ser o mais moderno cabia-lhe aquela distinção. Contido por cordões de isolamento e guardas, o povo era assim mantido para não perturbar a operação de desembarque e não retardar o desfile que deveria seguir-se.

Já em terra, uma mulher de semblante abatido, vestida de preto, ultrapassa os cordões de isolamento, burla a vigilância dos guardas e encaminha-se para o tenente, ajoelha-se pegando uma das pontas da Bandeira, beija-a carinhosamente, pronunciando palavras convulsivas com os olhos marejados de lágrimas.

A cena foi rápida e comovente. O inesperado do ato, a seqüência do desembarque e a necessidade de prosseguir impediram que o tenente identificasse aquela mulher. Seria uma mãe? Uma esposa? Uma noiva? Ou uma irmã? Pouco importa saber hoje quem era ela.

Interessa relembrar que aquele gesto puro, simples e sentimental partiu de um coração brasileiro que pulsava como os nossos, que tinha os mesmos anseios dos nossos e que vibrava como os nossos. Essa cena foi muito tocante para mim; foi rápida, mas ficou para sempre.

Agradeço essa oportunidade de transmitir algumas idéias do que eu vi na Itália e no meu regresso. Obrigado."

Coronel Sérgio Gomes Pereira*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 1942, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, onde realizou, também, o Curso de Infantaria (Reg 45), de 1946 a 1949. Na guerra, exerceu as funções de Comandante do 2º Pelotão da 8ª Companhia do III/11º Regimento de Infantaria (Regimento Tiradentes). Entre 1952 e 1954, foi instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo (CPOR/SP). De 1956 a 1958, da Escola Preparatória de Cadetes (EsPCEx) e, em 1960, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). No período de dezembro de 1960 a fevereiro de 1962, serviu no III/2º RI (Batalhão Suez), no Oriente Médio. Entre 1969 e 1971, foi Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria da EsAO. Comandou, nos anos de 1973 a 1975, o 14º Regimento de Infantaria (Regimento Guararapes), sediado em Jaboatão, PE, quando foi promovido ao posto de Coronel. Nos anos de 1976-77, exerceu as funções de Chefe do Estado-Maior do 1º Grupamento de Fronteiras, em Santo Ângelo, RS. De 1980 a 1982, foi membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG). Passou para a reserva em 1982. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; e Estrela de Bronze (Estados Unidos).

Presidente, desde 1989 até a presente data, da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB).

---

* Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III / 11º RI, da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 6 de abril de 2000.

A minha unidade, na guerra, foi o 11º Regimento de Infantaria (11º RI). Mas aqui, no Brasil, eu não pertencia ao seu efetivo; servia no Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em Caçapava, e só depois fui transferido para o Regimento. Inclusive, embarquei para a Itália no escalão que conduziu o Depósito.

O espaço de tempo, entre a minha apresentação à FEB e o embarque, foi de poucos dias, não havendo, portanto, oportunidade de participar dos exercícios preparatórios. No entanto, é bom lembrar que embora eu fosse oficial da reserva, já estava no serviço ativo desde novembro de 1942, e, por causa disso, tinha alguma noção do funcionamento do Exército, particularmente, na Infantaria. Quando cheguei ao Rio de Janeiro, pouco antes de embarcar para a Itália, havia uns simulacros de navio-transporte, no Campo de Instrução de Gericinó, que serviram para o treinamento de embarque e desembarque.

Ao contrário da maioria dos meus companheiros, não faço grandes restrições à viagem, sendo por isso criticado. Talvez, devido à tenra idade que tinha, na oportunidade – vinte anos, recém-feitos – tudo aquilo para mim, até aquele momento da viagem, era uma aventura. Pelo fato de estarmos em um navio-transporte, com mais de cinco mil pessoas, atravessando um oceano infestado de submarinos, com inúmeros problemas, tremenda falta de comodidade, alimentação completamente diferente, tudo isso já era esperado. Como conseqüência, não posso levantar qualquer ponto negativo quanto à essa viagem. Embora existisse o perigo – de fato, o comboio foi várias vezes, vamos dizer, perseguido e mesmo atacado – nós, a bordo, não tomamos conhecimento disso. Somente depois, é que ficamos sabendo, pelo relato de pessoas que tinham acesso a outros compartimentos do navio e presenciaram esses acontecimentos.

Para nós, portanto, a viagem de 15 dias transcorreu normalmente. Apenas, um único reparo a fazer: em face de ser muito moderno – 2º Tenente – o compartimento de embarque que me cabia cuidar, na escala de oficial-de-dia a que fôramos obrigados a concorrer, era o 404 L, localizado quatro níveis abaixo da linha d'água. Isso representava uma temperatura muito alta, e quase nos obrigava a permanecer completamente despidos; o que nos impedia, além do fato de estarmos de serviço, era a possibilidade de, a qualquer momento, ter que abandonar o navio. Nossa missão de oficial-de-dia era ordenar o abandono do navio, em caso de necessidade, controlando o movimento nas escadas que davam acesso ao tombadilho. Graças a Deus, não foi preciso executar a operação, que repetimos várias vezes, como exercício. Isso, realmente, me deixava preocupado, porque achava muito difícil poder manter aquele pessoal, lá embaixo, e só permitir a saída dos compartimentos, mediante ordem dos alto-falantes.

O primeiro contato com as tropas aliadas em ação na Itália foi muito tênue. Americanos e ingleses coordenaram a nossa transferência, em Nápoles, do navio-transporte, imenso, de um lado do cais, para o outro lado, onde estavam ancoradas as barcaças de invasão que iam nos levar até Livorno, no Norte da Itália.

Acho que essas barcaças – *Landing Craft Infantry* (LCI) – que nos levaram para Livorno, não são para "transportar gente; aquilo é coisa para animal", porque balançavam tremendamente; todo mundo, a bordo, enjoou. O pessoal me pediu para perguntar ao comandante da barcaça o que se devia fazer para não enjoar. Ele era Primeiro-Tenente, americano, e fiz-lhe a pergunta solicitada; respondeu-me, dizendo: "Não fazemos nada, enjoamos também." Foram dois dias e uma noite no Mar Tirreno.

Ao chegarmos ao porto, tivemos a primeira visão da guerra, propriamente dita, porque, em Nápoles – a visão foi muito rápida –, havia muita destruição, mas Livorno nos mostrou a guerra em sua verdadeira dimensão. O porto estava completamente destruído; não havia possibilidade das barcaças, que são navios de pequeno porte, chegarem até o cais; desembarcava-se numa espécie de balsa. O pessoal, saindo das barcaças, ligeiramente mareado e transportando o seu equipamento, vale dizer, no caso dos oficiais, a mala "A", a mala "B", o saco "C", o bornal, o cantil, o binóculo e... muito mais, tinha que ter cuidado para não cair n'água; "não foi um, nem dois" que sofreram essa queda.

De Livorno, fomos para uma região de quarentena, chamada *Tenuta di San Rossori*, perto de Pisa, para um período de observação quanto à eclosão de algum tipo de epidemia.

Depois que terminou o período de quarentena, fomos autorizados a nos ausentar do acampamento e pudemos, então, visitar as localidades das redondezas, ocasião em que estabelecemos contato com os moradores da região. A pobreza, a miséria e a fome eram generalizadas. Essas primeiras visões deixaram todos chocados. Obviamente, depois, nos acostumamos a isso. Em Staffolli, onde ficou o Depósito de Pessoal, após o período inicial no acampamento próximo de Pisa, vimos com mais crueza esse aspecto da pobreza da população. O drama vivido pelos italianos começava na ausência do chefe de família, que teria morrido na guerra, ou fora mandado para trabalho escravo, na Alemanha. Esses primeiros contatos com a população civil nos deixaram bastante chocados.

Permaneci em Staffolli, junto ao Depósito de Pessoal, até o momento em que fui designado para a frente de combate. Eu sou religioso e, em tudo, vejo a mão de Deus. Em vez de ir, diretamente, para as primeiras linhas, mandaram-me, antes, fazer um curso. Essa medida, de caráter geral, surgiu depois da realização de exercícios na Itália, dos quais não tomei parte, quando os comandos superiores

acharam que os tenentes, comandantes de pelotões, não estavam muito acostumados com o armamento nem com as táticas das pequenas frações. Com relação à primeira observação, não há dúvidas, era verdadeira. O armamento que recebemos na guerra era completamente diferente daquele a que estávamos acostumados, no Brasil, alguns de procedência francesa, exceto o fuzil Mauser 7mm. Assim, ficou decidido que era necessário, particularmente para os tenentes comandantes de pelotões de fuzileiros e de petrechos e, eventualmente, para os capitães comandantes de companhia, quando assumissem suas funções em combate, realizarem, antes, um estágio rápido, de 15 a 20 dias, na *Leadership and Battle Training School*, situada em Caserta, no Sul da Itália.

Enquanto eu realizava o curso, o pelotão para o qual fui designado entrou em ação, sendo esse o único combate no qual não tomei parte. Foi o terceiro ataque malsucedido ao Monte Castelo – os dois anteriores foram de pequena escala – realizado no dia 29 de novembro de 1944. Aqui cabe a crítica do infante, respaldada nos ensinamentos adquiridos, depois, nos cursos do Exército: jogaram dois batalhões, um do 1º e outro do 11º RI, numa situação dificílima. Mas a responsabilidade não foi do nosso comando, e, sim, do escalão superior, que desejava, a todo custo, terminar a guerra na Itália ou, pelos menos, chegar a Bolonha antes do Natal. Com esse objetivo, lançaram-se algumas ofensivas tremendamente cruentas. Inicialmente, em dois dias sucessivos – 24 e 25 de novembro de 1944 – com a participação do 6º RI, sem grandes perdas; mas, os dias 29 de novembro e 12 de dezembro foram extremamente custosos para a Força Expedicionária Brasileira, tanto que, depois disso, não se tentou mais conquistar Castelo – o alvo era o Monte Castelo – o que só foi possível em 21 de fevereiro de 1945.

Assim, quando assumi o comando, o pelotão estava muito marcado. O tenente que o comandava foi para a retaguarda e não voltou mais à linha de frente. A verdade é que nem todos têm a graça de Deus de poderem enfrentar as situações que aparecem e saírem indenes, não só física mas, principalmente, moral e psicologicamente.

Desvanecida a intenção do escalão superior, entramos naquela atividade de desgaste, durante o inverno, debaixo da neve, na fase de estabilização. A situação era muito precária, e rezávamos para que o inimigo não empreendesse nenhuma ação ofensiva de valor, porque não poderíamos contê-lo, de maneira nenhuma, visto que estávamos em total inferioridade quanto às posições. Elas estavam situadas num plano inferior em relação às do inimigo, sendo dominadas pelas vistas, com o alemão capaz de observar toda a nossa movimentação. Acresce-se a atividade constante e intensa de patrulhas, necessárias para o reconhecimento e manutenção da linha de contato.

Os pelotões que desempenhavam essas funções, inclusive o meu, sofreram ataques de surpresa. Num desses golpes de mão morreu um dos meus sargentos... Foi muito difícil... Muito difícil... porque eles assaltaram a minha posição, vale dizer, havia dois pelotões em primeiro escalão, separados por quase mil metros de distância; eu estava em Montilocco e, à minha direita, em Morandela, o pelotão do Tenente Marques Junior, já falecido. Esse foi o meu batismo de fogo.

Graças a Deus, ele foi sendo preparado, de forma paulatina, incrementando-se com as patrulhas que fazíamos e com os golpes de mão que a gente sofria, e, sob o tiro "amigável" da nossa artilharia e morteiros. Aliás, em matéria de morteiro, os alemães eram "os reis", porque acertavam "dentro de uma marmita"; essa é uma expressão forte, mas real, "acertavam numa marmita". Quando ocupamos as posições por eles defendidas, encontramos, nos locais dos morteiros, cartas de tiro, com tudo perfeitamente sinalizado como, por exemplo, os objetivos que não podiam ser alcançados pela Artilharia – somente por morteiro. Os alvos eram atingidos com uma precisão absoluta.

Nesse tempo, obviamente, começamos a entender melhor o nosso soldado. A meu ver, a característica principal que notei, e que, depois, se incrementou ao longo de toda a campanha, é a bonomia. Eu não encontro uma palavra melhor para descrever a maneira como ele encarou a situação. Parecia ser um veterano de guerra. Inventava "mil e uma soluções" para pequenos casos. No meu pelotão, não houve problemas disciplinares, muito ao contrário; sempre que era escalado para as patrulhas, missão que cabia ao Tenente, e onde poderia residir qualquer problema, o soldado aceitava sem contestar. Nessa época, a atividade de patrulha era constante, sendo muito grande a quantidade delas. Havia uma escala entre os tenentes, comandantes das patrulhas; os sargentos, comandantes dos grupos de combate; e os cabos, comandantes das esquadras de fuzileiros e de esclarecedores.

Todos estavam na mesma situação; se numa determinada oportunidade não estava junto com eles, haveria outras, justamente ao contrário: eu participava da ação e eles, não. Então, existia algo que nos irmanava e fortalecia a hierarquia, que era a chamada "disciplina de fogo" ou a "hierarquia de fogo": não poupava o soldado, o cabo, o sargento, seja lá quem for, ou o oficial. Isso tornava fácil o problema de comandar, o que acredito que tenha acontecido, também, com a maior parte dos meus companheiros.

O soldado alemão era bem adestrado. Possuía uma disciplina de movimento que nos enganava completamente e, mais tarde, tivemos prova disso. Pensávamos que em determinado local não havia ninguém, mas existia. Às vezes, recebíamos ordens para realizar uma patrulha para reconhecer determinado lugar, mas não con-

seguíamos chegar, porque o mesmo estava ocupado mas você não via, embora, com visada direta da nossa posição. Além da disciplina de movimento, acrescente-se o longo tempo de guerra que eles tinham. Enquanto estávamos, ainda, no primeiro ano, eles já eram veteranos, com cinco anos de campanha.

Aos poucos, fomos absorvendo essa condição de combatente veterano, de modo que no ataque ao Monte Castelo, de 21 de fevereiro de 1945, se, ainda, não tínhamos atingido essa posição, com certeza, estávamos muito próximos.

Meu Capitão Comandante de Companhia era um personagem, vamos dizer, inusitado. Chamava-se João Manoel de Faria Filho, de pouca estatura – ele era apelidado, por nós, de "Giovanni Píccolo" (Giovanni, o pequenino) –, era um homem de bravura pessoal a toda prova. Em diversas ocasiões, quando a presença do Comandante de Companhia não era esperada, ele aparecia. O Subcomandante era o Primeiro-Tenente Nicolau José de Seixas, que faleceu há dois meses. Em campanha, como é sabido, é o homem do apoio logístico, aquele que se desloca depois de recolher o material da companhia que vai ficando para a retaguarda. Eu vou me permitir contar este episódio, que é folclórico e absolutamente verdadeiro.

Relatórios de patrulhas, inclusive de algumas feitas por mim, e por companheiros meus, não conseguiam informar a localização exata de determinadas posições de metralhadoras e morteiros. Numa dada ocasião, o Seixas disse: "Eu vou lá, levantar onde estão essas posições", e repetiu, num tom decidido: "Eu vou lá." Então, ele fez uma coisa contra as leis de guerra. Nós usávamos um uniforme completamente heterodoxo: parte seguia nosso regulamento; parte o americano. Debaixo do capacete usávamos um "gorrinho" de lã, para proteção contra o frio. Ele tirou o capacete, vestiu paletó civil, colocou um chapéu na cabeça, apanhou um peru vivo, isso mesmo, um peru vivo, e, sob a ave, uma submetralhadora. Transmudou-se num *sfolatti*, italiano desalojado pela guerra, que migrava de um lado para outro – uma espécie de refugiado. Nessas condições, atravessou a linha de frente e foi conversar com os alemães.

Acontece que o italiano dele era "macarrônico", assim como o dos alemães, não dando a perceber que se tratava de um brasileiro. A verdade é que ele conseguiu descobrir o motivo dos erros nas localizações das armas alemãs, que era o seguinte: havia aqueles cones de feno – chamados "medas" – preparados para a alimentação dos animais na época do inverno. Os alemães cortavam o vértice do cone, de maneira que ficava uma abertura e, no interior, instalavam uma posição de morteiros. Atiravam e não se conseguia identificar as peças que realizavam o disparo.

Mais tarde, esse detalhe passou a nos chamar a atenção. Quem já viajou pela Europa, pode reparar que essas "medas", hoje, são enroladas. Não precisa dizer que

o Seixas teve que botar o "pé no mundo" e voltou para as nossas linhas, dando todas as informações. Recebeu, por essa ação, a *Silver Star* (Estrela de Prata), condecoração de guerra do Exército americano. Após a guerra, ele continuou sendo, vamos dizer, inédito. Quando passou para a reserva, no posto de General-de-Brigada, ele formou-se em Direito e, depois, em Medicina.

Em Montilocco, aconteceu um episódio que diz respeito à Cavalaria. Antes de sua ocupação, quando ainda estava nas mãos dos alemães, os americanos lançaram patrulhas nesse lugar, mas não conseguiram desalojar o inimigo, sendo que numa dessas patrulhas tiveram baixas. Desistiram, então, de tomar essa região de alturas que era Montilocco e Morandella. Nessa ocasião – novembro de 1944 – o Esquadrão tinha ocupado Gaggio-Montano, uma aldeia situada mais abaixo, e o Tenente Amaro foi incumbido de fazer uma patrulha, a pé, naquela região de alturas, já citada. Em Montilocco, foram alvejados por fogos de armas automáticas e o Tenente foi atingido por uma rajada e morreu. Amaro foi dado como desaparecido, porque os alemães não permitiram trazer seu corpo, alvejando todos os que dele se aproximassem. Passou-se algum tempo, a área foi ocupada e eu fui destacado para o comando do pelotão que a guarnecia. Muito tempo depois, fui chamado, particularmente, pelo Chefe da Segunda Seção (S2) do batalhão, que me acompanhou, por ordem do Major Cândido Alves da Silva – seu apelido era "Galo Cego", porque era vesgo das duas vistas – Comandante do Batalhão (III/11º RI), ao encontro do S2 do regimento – Tenente-Coronel Jurandir de Bizarria Mamede – para fazer um relato.

Ao chegar, tomei conhecimento do motivo de minha convocação: um prisioneiro alemão, capturado naquela área – Montilocco –, disse que dois oficiais aliados estavam enterrados lá. Diante dessa declaração, o comando da nossa Divisão levantou quem ocupou, na defensiva do inverno, aquela posição. Para isso, foram descendo de escalão: 11º RI; III Batalhão; 8ª Companhia; e Tenente Sérgio. Perguntaram-me: "O senhor sabe alguma coisa sobre isso?" Respondi que nunca tinha ouvido falar; que tinha passado o inverno todo naquela região e nunca ouvira falar que ali estaria enterrado um oficial. Segundo as informações existentes, haveria, também, um soldado negro americano enterrado mais abaixo; por cima estaria o Tenente Amaro.

Como era inverno, os dois cadáveres estavam, praticamente, incólumes e deu para reconhecer, sem precisar recorrer à placa de identificação. O Esquadrão, numa homenagem ao seu único oficial morto em campanha, passou a ter a denominação de Esquadrão Tenente Amaro.

Por trás dessa história há um detalhe, que é o seguinte: o habitante italiano da região, morador no campo – o *contadino* – tinha conhecimento, mas não falou.

Por causa disso ele foi julgado por não fornecer informações aos aliados; eu não sei o final do julgamento.

Depois da conquista de Monte Castelo, a Divisão brasileira enfrentou grandes combates, como Soprassasso, Castelnuovo, a tomada de Torre de Nerone; mas o meu batalhão não tomou parte. Classifico a vitória de Monte Castelo, segundo sua projeção militar, como a nossa grande vitória psicológica. Conseguimos conquistá-lo depois de cinco investidas, quando já estava se tornando, para nós, uma fortaleza inexpugnável. A vitória serviu para reafirmar o nosso valor combativo e, principalmente, moral.

O meu batalhão voltou a combater em ações posteriores e a maior delas foi em Montese, que classifico de grande importância pelas suas conseqüências táticas: rompeu as últimas linhas de defesa inimigas, encasteladas no divisor de águas entre os rios Panaro e Pó. Toda a força expedicionária foi empregada nessa operação, exceto o apoio da aviação, em face do ataque principal ter sido designado para a zona de ação da 10º Divisão de Montanha, quando, na realidade, o combate mais cruento aconteceu conosco. Não gostaria de descrevê-lo, porque possui muitas fases e seus detalhes são difíceis de relembrar, pois perdi, mortos, mais dois sargentos: sargento auxiliar Orlando Randi e o sargento Euclides. O dispositivo de ataque estava constituído pelo I Batalhão do 11º RI, encarregado de uma ação limitada sobre Montese e por meu Batalhão, o III/11º RI, que realizaria o esforço principal, de maior profundidade. O II Batalhão ficaria em reserva. Nós só conseguimos atingir, ao fim do primeiro dia, as elevações de Serreto e Paravento, um terço dos objetivos que haviam sido designados para o batalhão. Comandavam as três companhias de fuzileiros os capitães: Faria, meu comandante; Olegário de Abreu Memória; e Hugo de Andrade Abreu, este último, carinhosamente, chamado por nós de “Chupetinha”.

Fomos detidos na Cota 924, adiante de Serreto e Paravento, e substituídos, na noite de 15 para 16 de abril de 1945, pelo III do 6º RI, que, por sua vez, não conseguiu progredir. Esse Batalhão, por efeito dos bombardeios inimigos, sofreu enormes perdas. Finalmente, na madrugada do dia 18, o II do 11º RI foi lançado para fazer reconhecimento e não encontrou mais o inimigo, ocupando as alturas das Cotas 880, 888 e Montelo, que era o nosso objetivo inicial. Um detalhe: o americano não gosta muito do dia 13, principalmente quando é sexta-feira. A chamada Ofensiva da Primavera, na qual se insere a vitória de Montese, estava marcada para o dia 12 de abril; acontece que nesse dia morreu o Presidente Franklin Delano Roosevelt, dos Estados Unidos. Segundo conjecturas, que não são minhas – aparecem em vários livros –, o americano não quis lançar a ofensiva no dia 13 porque era sexta-feira, preferindo o dia seguinte, 14, que era sábado.

Eu já falei algo sobre o nosso soldado. Ele nos surpreendia, às vezes, quando, numa missão mais difícil, se oferecia como voluntário. Havia no meu pelotão um soldado chamado Humberto Cola – primo-irmão de um empresário muito rico, dono de uma grande companhia de transporte, chamado Camilo Cola, que chegou a senador e que, também, foi expedicionário. Durante o combate de Montese, recebemos o reforço de carros de combate americanos, para se contraporem aos blindados alemães. Em determinado momento da ação, quando estávamos detidos, levantou-se a escotilha de um carro e apareceu a cabeça de um tripulante que fez menção de querer falar comigo. Dirigi-me ao telefone existente na retaguarda dos carros de combate e ele me disse: "Enquanto vocês não silenciarem essa arma antitanque que está atuando aí, na frente, nós não vamos conseguir progredir." A melhor maneira para você descobrir uma arma desse tipo é apresentar um alvo para ela. Certamente, ela vai atirar nele. Mas, esse tipo de arma nunca está sozinho, a guarnição sempre a acompanha, e o canhão não iria atirar em cima de um soldado, mas, provavelmente, o servente da guarnição, quando visse um soldado sozinho, atiraria, denunciando a posição. Eu disse, então: "Tenho que descobrir onde está essa arma". Minha previsão estava correta. O Humberto Cola se mostrou... ele saiu de seu abrigo e "passeou" na frente dos carros inimigos... se mostrou... e atiraram nele... revelando o local da arma, que estava camuflada por um lençol. Um carro de combate que estava junto conosco, com canhão de 106mm, acabou com a posição inimiga. Esse era um dos aspectos do nosso soldado. Fato, aliás, que consta de uma Citação de Combate.

Um último registro sobre as operações de Montese é que a força combativa do 11º RI – I e III batalhões – ficou inoperante ao final do dia 17 de abril. Nós fomos reagrupados na retaguarda e recompletados, mas havia um receio de entrar em combate outra vez, caso houvesse o prosseguimento do ataque, porque quase 60 % das frações estavam constituídas de soldados sem experiência, oriundos do Depósito de Pessoal. Graças a Deus, não houve necessidade.

Sobre o apoio administrativo, minha observação é que não faltou, absolutamente, nada, pelo menos no meu escalão. Tenho lido algumas críticas, em livros, mas não as endosso. A restrição que poderia ser feita prende-se à nossa situação; embora possuíssemos rações de combate, o que desejávamos eram rações quentes, que sustentassem o corpo. Para isso, dependíamos dos mensageiros, soldados alpinos, italianos, muito bons companheiros, que, às vezes, nos deixavam sem a alimentação quente. Tratava-se de subir o morro com os muares, carregados com as marmitas térmicas, naquela situação inicial da Divisão, no inverno, de domínio das vistas das nossas posições pelo inimigo. Normalmente, a comida quente chegava ao amanhecer ou anoitecer; era impossível chegar durante o dia, pois o inimigo percebia o movimento que

era feito obrigatoriamente por trilhas, devido à neve. Por diversas vezes, esses muares foram atingidos pelos tiros de inquietação dos morteiros alemães.

Uma característica diferente existia entre brasileiros e americanos, ao fazer substituição na frente de combate. Enquanto nós éramos mais disciplinados, relacionando o material, a munição, o armamento que passava para a outra fração, o americano, quando substituído, não se importava, deixando tudo com a tropa substituta.

A única falha no aspecto administrativo que eu encontro e acho que muita gente confirma é na administração de pessoal. Não havia condições de realizar o descanso da tropa, pelo fato de ser uma Divisão, apenas. No Exército americano, não sei se vige até hoje, passados quarenta dias o combatente é retirado do *front;* isso, para nós, era uma utopia total. Mas, quem se destacasse, por um motivo ou outro, ganhava um descanso em determinadas cidades. Eu, por exemplo, tive um período de descanso de cinco dias, em Florença, graças a Deus, porque “ninguém é de ferro”; eles coincidiram, casualmente, com a semana santa.

No início da década de 1960, comandei uma Companhia, em Suez, na faixa de Gaza, em missão de paz. Algumas considerações poderiam ser feitas com relação às duas experiências. A mais importante refere-se à disciplina. Na missão de paz, os esforços, tanto físico como outro qualquer, eram diferenciados por postos e graduações: quanto maior a hierarquia, menor o esforço. A missão de vigilância era do soldado, que passava seis horas no seu posto de observação, olhando o deserto. Uma turma ia das seis ao meio-dia; outra, do meio-dia as seis; das seis da noite à meia-noite tinha patrulha, ao longo da frente, sempre com soldado e sargento; depois, da meia-noite até as seis, outra patrulha. A conseqüência repercutia na disciplina. Na operação de paz não existia a sanção do fogo. Outro detalhe: na guerra não havia, como foi o caso na missão de paz, “peixes”, soldados com patronos. Tudo isso dificultava a manutenção da disciplina.

Havia escalas de patrulhas para os oficiais, mas eram muito folgadas. Eu sempre achei que a disciplina na FEB era muito melhor do que naquela missão de paz em que tomei parte, que culminou, até, com o repatriamento de metade do batalhão, por indisciplina, inclusive oficiais.

Acerca da atitude psicológica do homem, podemos dizer, de um modo geral, que, à medida que a campanha foi se desenrolando, ela se fortaleceu através dos bons exemplos. No começo, o homem não sabia por que estava fazendo aquelas ações. Houve um nivelamento “por cima” do comportamento.

Permito-me, sobre esse aspecto, fazer uma digressão.

Ao tempo da guerra, os jovens nascidos em determinado ano, as chamadas classes, eram relacionados para sorteio daqueles que deveriam prestar o serviço

militar. Não havia a conscrição universal. Excluíam-se, dessas relações, os incorporados nos tiros de guerra (TG), que existiam nas principais cidades, e os que cursavam as escolas de instrução militar, que funcionavam em muitos colégios conceituados como, por exemplo, o São Bento, o São José e o Santo Inácio, de padres, do Rio de Janeiro, e o Grambery, de Juiz de Fora. Esses jovens, que cumpriam a obrigação do serviço militar nesses locais, eram considerados reservistas de segunda categoria.

Em conseqüência, o pessoal que servia na tropa propriamente dita era oriundo do interior, e, naquela época, possuía um nível de escolaridade, de pensamento, ou de qualquer outro aspecto que se considere, inclusive físico, muito inferior ao atingido nos dias atuais. Daí, quando se começou a organizar a Força Expedicionária, verificou-se que aquele pessoal da tropa, da ordem de 180 mil homens, não seria suficiente. Muitos, de início, foram cortados nas primeiras inspeções de saúde. A solução foi convocar os reservistas de segunda categoria, que modificaram o perfil da FEB.

No meu pelotão, por exemplo, em determinadas situações, eu confiaria mais nas decisões e atitudes que poderiam ser tomadas por alguns soldados, do que aquelas de certos cabos e um ou outro sargento. No caso dessa última graduação, o problema prendeu-se, também, à idade um pouco avançada. O sargento, num pelotão de Infantaria, à semelhança do tenente, tinha que ser jovem, caso contrário, já começava com um *handicap* negativo que influiria no seu estado psíquico. Várias vezes percebia-se que eles queriam fazer determinada ação, mas não conseguiam. Essa questão foi bem equacionada, quase ao fim da guerra.

Evidentemente, houve uma minoria que não se comportou, psicologicamente, dentro do contexto que eu acabei de apontar. No meu pelotão, por exemplo, havia dois soldados que destoavam do conjunto. Um deles chamava-se Pedro Pereira Pinto, que apresentava reações completamente anômalas, como aquela vez em que descansávamos e sobreveio um bombardeio de morteiros. Todos se abrigaram e ele permaneceu onde estava, de cócoras, fumando o seu "cigarrinho" de palha; às vezes se levantava. O capote, finda aquela saraivada de tiros, ficou todo perfurado e ele nada sofreu. Solicitei ao comandante da companhia sua troca por outro soldado. O outro tipo tinha o apelido de "manobreiro", devido à sua atividade na Estrada de Ferro Central do Brasil, antes da convocação para a guerra. Esse soldado, cujo nome não me recordo, foi encarregado, certa ocasião, de conduzir um prisioneiro para a retaguarda. Passado algum tempo, o capitão me chamou e disse: "Sérgio, o manobreiro chegou aqui sem o prisioneiro." Segundo o soldado, quando estava descendo o morro, cumprindo a missão recebida, sofrera um bombardeio de morteiros e, querendo

aproveitar-se da situação, o prisioneiro tentou fugir, obrigando-o a matá-lo. Foi organizada uma patrulha que encontrou o corpo do alemão. Na guerra não se faz inquérito, e ele ficou sob minha observação direta. Mais adiante, o fato se repetiu e levei-o ao capitão, recomendando tratamento psiquiátrico. A verdade é que não se sabe se os alemães tentaram fugir ou agredi-lo, mas era a segunda vez.

Quanto a assistir e confortar os meus subordinados, durante a campanha, sem dúvida, foi preciso, particularmente nas antevésperas dos combates. Inclusive, quando nós fomos escalados para o ataque principal, em Montese, meu pelotão recebeu o apoio espiritual do Capelão do Batalhão, Waldemar Settaro, que percorreu as companhias com esse objetivo e o realizou, num determinado nível, sem carolices. O capelão era uma pessoa que entendia bem esse aspecto. Exatamente após o combate, é outra ocasião em que esse conforto é necessário. Nesse momento, quando se levantam as baixas, surgem alguns problemas: Quem morreu?... Fulano... Como foi?... Estava junto dele e não pude socorrê-lo... Apesar de minha pouca idade, era o mais novo do pelotão, tinha que atuar nessas horas. Mas, por outro lado, havia, também, momentos de regozijo, como aqueles passados depois do término da guerra, quando todos foram liberados para visitar as cidades das redondezas.

Os êxitos obtidos eram levantados e explorados no âmbito do pelotão e, além disso, redigia-se uma parte de combate, ao comandante da companhia, relatando a atuação do militar. Nesse ponto, surgiu um problema muito sério, muito sério mesmo, e que teve tratamento desigual em todos os escalões da FEB. Alguns comandantes transcreveram tudo, com detalhes, identificando os diversos aspectos, e outros, que não eram muito dados a escrever, não fizeram isso, criando, com esse comportamento, muitas lacunas no histórico de sua organização militar. A unidade de infantaria da FEB com o registro mais completo é o 1º Regimento de Infantaria (1º RI), talvez por não ter sofrido descontinuidade no comando – seu Comandante chamava-se Aguinaldo Caiado de Castro, que chegou a senador. No 6º RI, houve substituição de comandante.

O Comandante do 11º RI não possuía o curso de Estado-Maior, e, hoje, eu tenho a clara impressão de que ele não recebia tratamento semelhante aos outros comandantes de regimento, recaindo os prejuízos sobre a Unidade. Para exemplificar, quando a guerra acabou, Portugal solicitou à FEB que designasse um contingente que a representaria, e, também, o Exército e o Brasil, para serem homenageados. Esse grupamento faria uma escala naquele país, quando do regresso. Bem, já na designação das Unidades para o retorno, ficou acertado que seria observada a ordem de chegada ao Teatro de Operações. Os primeiros a voltar foram o 6º RI e as demais unidades que tinham constituído o destacamento inicial da FEB. Depois, haviam

chegado juntos à Itália o 1º RI e o 11º RI, mas retornou, em primeiro lugar, o Regimento do Coronel Caiado de Castro, permanecendo o 11º RI na Itália. Não havia transporte suficiente para o regresso dos dois regimentos. Mas, aí, aconteceu o que reputo de pior. Para o desfile festivo, em Portugal, foi designado o Depósito de Pessoal, unidade não-combatente, que permaneceu na Itália, e era comandada pelo Coronel Mário Travassos, antigo comandante da Escola Militar do Realengo e oficial de escol. Eu faço alusão a esses fatos porque existem muitas pessoas que acham estranho o 11º RI, unidade combatente, que estava na Itália, ter sido preterido pelo Depósito – nessa ocasião denominava-se Centro de Recompletamento – para esta recepção em Portugal. Foi uma pena porque, embora estivéssemos bem representados por eles, seria uma recompensa justa para o 11º RI.

Não acho que tenha havido insucesso no meu Batalhão; o que houve foram não-sucessos, como em 29 de novembro, quando o Pelotão deveria ocupar determinada posição e foi obrigado a voltar à base de partida, em Abetaia e Malandrone e, em Montese, quando voltamos à Cota 824, aliás, à frente da posição de partida.

Insucesso aconteceu com o I/11º RI e seria difícil, hoje, abordar todos os aspectos desse problema. Mas, cabe ressaltar alguns pontos. Esse batalhão enfrentou, no seu deslocamento de vinte quilômetros, desde Silla, as piores condições climáticas possíveis, típicas do outono (novembro), estação de chuvas constantes e muita lama, na Itália. Não houve reconhecimentos, e os objetivos não estavam visíveis no terreno. A idéia era uma transposição, isto é, o I/11º RI ocuparia posições mais à frente daquelas onde estava o I/6º RI, unidade substituída, visando, se não estou enganado, à retificação da linha de contato. Em suma, era batismo de fogo; o inimigo havia pressentido a movimentação e desencadeou bombardeios de artilharia e morteiros, bem como lançou vários golpes de mão, que desarvoraram totalmente o batalhão.

Mas, de qualquer maneira, fica ressalvado que não houve covardia, muito ao contrário, ocorreram, até, atos de extremo heroísmo, como o do Tenente Aloysio Alves Borges, que, depois, foi Chefe do Estado-Maior da Brigada Pára-Quedista, e o do Tenente Ary Rauen, que morreu depois, em Montese, além de vários outros.

Meu Comandante de Companhia, nos combates em que tomamos parte, foi sempre claro, incisivo e detalhista nas informações de que precisávamos. Gostaria, inclusive, de registrar que assumiu a responsabilidade de um fato que resultou no seu afastamento do comando da companhia, quando parte da culpa deu-se por conta da falta de comunicação. Ele perdeu, em combate, o sargento, ferido gravemente na explosão de uma mina, e os dois mensageiros dos pelotões, um ferido e o outro morto. Os *hand talk* não funcionavam; o primeiro problema que acontecia era a quebra da antena de dois metros, atingida por granada.

A respeito da prestação do apoio de saúde, cada pelotão possuía, no seu efetivo, padioleiros. Eram homens de extrema dedicação, que arriscavam a vida no cumprimento de suas missões de apoio inicial aos feridos, realizando pequenos curativos, imobilizando em casos de fraturas, ou aplicando injeções de morfina para salvá-los da dor, tudo executado durante o combate. Os padioleiros dos Pelotões de Fuzileiros e do Pelotão de Petrechos foram condecorados com a Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual. Quando a situação era estática, eles cooperavam na remoção dos feridos para a retaguarda; se fosse de movimento, prestavam o primeiro atendimento e acompanhavam o pelotão, deixando o ferido no local para posterior evacuação pelo Posto de Saúde (PS) do Batalhão, que, por sua vez, seguia, muito de perto, o escalão avançado de combate.

Quando o Tenente Rauen, um dos heróis daquele malfadado acontecimento da transposição na frente de Monte Castelo, sofreu ferimento mortal, em Montese, fui a primeira pessoa que chegou junto ao seu corpo. O ferimento estava visível; houve o levantamento da parte superior do crânio, com perda de substância. Depois, foi verificado que havia perfurações de tiros de metralhadora pelo corpo. O Rauen era muito amigo do Capitão Médico Yvon de Miranda Azevedo Maia, Chefe do PS do I/11º RI, que, por força dessa amizade, dirigiu-se ao local, acompanhado do Tenente Dentista Ruy Lopes Ribeiro, cuja função era tratar de dentes, bem atrás das primeiras linhas, mas que estava próximo da frente de combate. Num dado momento, um dos padioleiros "chuta", a expressão é essa, uma mina que explode no rosto do Ruy, ferindo-o mortalmente. Nesse trágico episódio, pode-se observar a proximidade do apoio de saúde em relação ao combate, na "terra de ninguém". Sem dúvida, se dependesse, unicamente, do pessoal da saúde, o ferido sobreviveria.

O sargento Randi, já citado, morto em combate, não conseguiu se salvar porque a rajada fatal atingiu sua artéria femural e, nesses casos, o torniquete não consegue estancar a perda de sangue.

Considerando a guerra, no seu todo, o que mais me impressionou foi a destruição que provocou e as vicissitudes e carências que sofreram as populações diretamente envolvidas. A parte da Itália que vimos estava completamente destruída. Sobre esse aspecto, aliás, é inacreditável a rapidez da reconstrução do país, saído da guerra com marcas indeléveis – não há uma família italiana que não tenha sofrido a perda de um ente querido.

Outro aspecto imbricado, especificamente, com a guerra e o combate, é que, a partir de um certo momento, a pessoa fica anestesiada e começa a ver as coisas como corriqueiras, normais. Não se pode fugir desse estado de insensibilidade, que atinge a cada um de maneira completamente diferenciada. Eu me sinto, atualmente, muito

mais sensibilizado do que naquela época, que encarava os acontecimentos com muito mais frieza. Hoje, eu não consigo descrever essas lembranças sem me emocionar.

No âmbito da FEB, gostaria de destacar o companheirismo. Todos se consideravam irmãos, independente da fração em que estava lotado. Quando se encontrava um companheiro, em lugar diferente, lá na Itália, havia um interesse mútuo: Aonde você foi?... Qual é a sua unidade?... Onde você esteve?... Estive lá, também... Eu não estive lá... Havia algo que nos irmanava totalmente e nos mantinha unidos. Essa experiência conjunta, vivida na Itália, é que diferencia os veteranos da campanha dos chamados ex-combatentes.

Existe um aspecto, talvez fora do tema dessa entrevista, mas embutido, digamos assim, no assunto em pauta, que gostaria de abordar, e que se refere à sobrevivência da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB). Ela tem que continuar, apesar de os veteranos estarem morrendo, matematicamente, na razão de um e meio por dia, de acordo com nosso controle. Nós temos que abrir o corpo social, mas os veteranos estão resistindo. Na próxima reunião do Conselho da Associação serei enfático: se não admitirmos sócios, dentro de cinco anos não haverá pessoas em condições de prosseguir com a entidade. Eu vou fazer 77 anos, e sou o mais novo de todos. Minha sugestão é aproveitar os militares, descendentes diretos dos veteranos; alguns, inclusive, já se ofereceram. Para nós, não interessa se eles estão na ativa ou na reserva, mas numa faixa etária muito mais nova do que a nossa. Nosso objetivo é manter as tradições, e para tanto penso em solicitar apoio à Diretoria de Assuntos Culturais, agora que foi criada a Fundação Cultural do Exército. Acrescenta-se ao problema citado o destino que deverá ser dado ao grande patrimônio da Associação, como prédios e material, existentes na sede central, localizada numa edificação nova, na Rua das Marrecas, no centro do Rio de Janeiro, e nas diversas Seções Regionais distribuídas pelo Brasil, muitas com sede própria.

Nós não vemos saída fora do âmbito do Exército, e um caminho possível seria o nosso enquadramento numa fundação, com princípio, meio e fim, inclusive, contemplada em orçamento.

Retornando à campanha da FEB, tema dessa entrevista, devo dizer que teria muitas outras observações a fazer, de um modo geral. Lembro-me, por exemplo, que morreram quatro oficiais americanos durante o curso que mencionei, no início da entrevista, e onde, realmente, aprendi a combater. Para se ter uma idéia da excelência do curso, toda a figuração inimiga empregava uniforme e armamento alemão, para que nos acostumássemos com algumas características deles, inclusive o soar de suas metralhadoras, morteiros e artilharia. Funcionava, continuadamente, com vári-

as turmas. A minha foi a segunda, num total de 14, ao longo da campanha, cada uma com vinte oficiais brasileiros. Existe um livro, escrito pelo Coronel Wilson Teixeira Mendes quando era professor da Escola Preparatória de São Paulo (EPSP), que fez o curso e permaneceu, como intérprete, pelo conhecimento que possuía do inglês, intitulado *A Escola Americana de Treinamento e Comando de Pelotão de Santa Ágata Dei Gotti*. Na época, servia também na EPSP, e ajudei-o a escrever.

Mas, dou graças a Deus de ter voltado vivo, com saúde e sem traumas. Eu me considero um privilegiado.

Na chegada ao Brasil, após o término da guerra, tivemos uma recepção vibrante, formidável, principalmente para o primeiro escalão de desembarque, que foi o 6º RI. Eu não assisti, mas companheiros nos relataram. A mesma recepção entusiasmada aconteceu na chegada das unidades às guarnições de origem. Mas, houve um fato prejudicial aos integrantes da FEB. Ela foi, praticamente, desmobilizada ainda na Itália, e, por isso, muitos não acompanharam suas Unidades, como foi o caso do 11º RI, de São João Del Rei, Minas Gerais. Vale lembrar que estávamos em uma ditadura, de verdade, e havia o receio de que a FEB, ao chegar, propiciasse condições para a mudança do regime.

Passada essa fase inicial, logo depois da guerra, houve um longo período de quase esquecimento. Quando alguns companheiros da FEB começaram a ter posições de relevo, surgiram alguns benefícios, mas eram sempre pequenos. O benefício total, em termos de sobrevivência, só veio com a Constituição de 1988, quando foi outorgada uma pensão especial, equivalente à deixada por um 2º tenente – R$ 1.700,00 – para todos os ex-combatentes, inclusive os que não estiveram na Itália, exceto o pessoal que continuou no Exército, como foi o nosso caso, e aqueles que indo para a vida civil tornaram-se funcionários públicos federais, estaduais ou municipais. Embora o reconhecimento tenha demorado, chegou a tempo de propiciar um fim de vida mais digno e justo para aqueles que combateram na Itália.

Obviamente, houve uma série de benefícios específicos, que não atingiram a todos, pela seletividade que continham. Na Associação, recebemos muitas queixas e lamentações.

Várias pessoas me perguntam a quantidade atual dos veteranos, e a Associação, apesar das Seções Regionais, não sabe responder, porque tem muita gente espalhada no Brasil inteiro. Especula-se em torno de cinco a oito mil veteranos. Muitos deles ainda não tomaram conhecimento dos benefícios da Constituição promulgada em 1988. Foi iniciado, tempos atrás, um cadastramento, a partir do Amazonas, onde há menos expedicionários. Quando chegou ao Nordeste, que possui um numero razoável, os recursos terminaram e não se pôde levar a termo o trabalho.

Minha mensagem final é de esperança. Começando por nós mesmos, devemos ter confiança naqueles que nos cercam, os familiares; nos que convivem conosco, no trabalho diuturno; nos amigos; naqueles que são responsáveis por nós, de alguma maneira; e, dessa forma em diante. Para nós, militares, a nossa maior confiança deve estar depositada nas Forças Armadas: que continuem exercendo o seu papel e não deixem esta Nação tomar rumos errados, agindo, sempre, de forma democrática, evitando os descaminhos. Dentro desse contexto, a nossa confiança e a nossa esperança é total no Brasil atual, nos nossos governantes e nas Forças Armadas, particularmente o Exército.

Era o que eu tinha a dizer.

Glossário

AAAe – Artilharia Antiaérea
AD – Artilharia Divisionária
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
AWAC's – Auxiliary Women Army Corps (Corpo Auxiliar Feminino do Exército)
BC – Batalhão de Caçadores
BIBLIEX – Bibliotheca do Exercito
C Tir/Bia – Central de Tiro de Bateria
C6–140 – Manual de Campanha do Exército sobre o emprego das baterias do grupo
CATINAV – Comando Aerotático Naval
CATITER – Comando Aerotático Terrestre
CCR – Centro de Controle de Radar
CLF – Comandante da Linha de Fogo
COSINOR – Companhia Siderúrgica do Nordeste
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
DE – Divisão de Exército
DENTEL – Departamento Nacional de Telecomunicações
DEPT – Departamento de Estudos e Pesquisas Tecnológicas
DFC – Distinguished Flying Cross
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
ELO – Esquadrilha de Ligação e Observação
EPS – Estrada Principal de Suprimentos
EPSP – Escola Preparatória de São Paulo
EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

ESG – Escola Superior de Guerra
EsIE – Escola de Instrução Especializada
EsPCEx – Escola Preparatória de Cadetes
FAB – Força Aérea Brasileira
FAIBRÁS – Força Armada Interamericana do Brasil
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FRE – Ficha Registro de Entrevista
GAC – Grupo de Artilharia de Campanha
GADo – Grupo de Artilharia de Dorso
GMC – General Motors Corporation
HNO – Hora no Objetivo
HOESGM – História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial
IBC – Instituto Brasileiro do Café
IME – Instituto Militar de Engenharia
INCAER – Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica
L-4H – Aeronave tipo Piper Cule na versão militar
LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de Desembarque)
LV – Linha de Viaturas.
MP – Military Police (Polícia Militar)
NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral
NPOR – Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva
O Lig – Oficial de Ligação
OPEP – Organização dos Países Produtores e Exportadores de Petróleo
OS – Ordem de Serviço
P SUP – Postos de Suprimento
PBS – Peninsular Base Section (Seção de Base Logística Peninsular)
PC – Posto de Comando
PE – Polícia do Exército
PO – Posto de Observação
PS – Posto de Saúde
PUC – Pontifícia Universidade Católica
QG – Quartel-General
QOD – Quadros de Organização e Dotação
R REC MEC – Regimento de Reconhecimento Mecanizado
R/2 – Oficial da Reserva do Exército formado no CPOR
RAF – Royal Air Force (Força Aérea Real)
RAM – Regimento de Artilharia Montada

RAPC – Regimento de Artilharia Pesada Curta
RI – Regimento de Infantaria
RM – Região Militar
ROAuR – Regimento de Obuses Auto-Rebocado
S – Chefe de Seção de Estado-Maior, nível Unidade
SCR – Signal Corps Radio (Comunicação do Corpo de Exército)
SEPLAN/PR – Secretaria de Planejamento da Presidência da República
SESI – Serviço Social da Indústria
SNI – Serviço Nacional de Informações
TETAB – Vacina para Tétano, Tifo A e B
TG – Tiro de Guerra
TO – Teatro de Operações
TOT – Time on Target (Hora no Objetivo – HNO)
USAF – Força Aérea dos Estados Unidos
VHF – Very High Frequency (Freqüência muito alta)

Composição e diagramação	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Quantidade de páginas	*304*
Formato	*16 x 23cm*
Mancha	*29 x 43 paicas*
Tipologia	*ITC Officina Serif Book*
Papel de miolo	*Offset 75g*
Papel de capa	*Cartão Supremo 240g (plastificada)*
Impressão e acabamento	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Fotolito de miolo	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Fotolito de capa	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Tiragem	*3.000 exemplares*
Término da obra	*Junho de 2001*